

JESSICA GEORGE



TEM MUITOS SIGNIFICADOS EM
AXANTE, MAS NO MEU CASO
SIGNIFICA MULHER

**“ADOREI CADA PÁGINA DESTES LIVROS MARAVILHOSOS,
RECONFORTANTE E EMPODERADOR. UMA ESTREIA EXCEPCIONAL
DE UM NOVO TALENTO INCRIVELMENTE ENTUSIASMANTE.”**

BETH O'LEARY, AUTORA DOS BEST-SELLERS *TETO PARA DOIS* E *A TROCA*

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

JESSICA GEORGE



"ADDED: CADA PAGINA DESTA LINDA MARAVILHOSA, RECOMFORTANTE E EMPODERADOR, UMA ESTREIA EXCEPCIONAL DE UM NOVO TALENTO INCRIVELMENTE ENTUSIASMANTE."
BETH D'LEARY, AUTORA DOS BEST-SELLERS FIVE FIVE FIVE E A TROCA

JESSICA GEORGE

MAAME

MAAME
MAAME MAAME

MAAME

Sumário

Capa	
Folha de rosto	
Sumário	
Um	
Dois	
Três	
Quatro	
Cinco	
Seis	
Sete	
Oito	
Nove	
Dez	
Onze	
Doze	
Treze	
Catorze	
Quinze	
Dezesseis	
Dezessete	
Dezoito	
Dezenove	
Vinte	
Vinte e um	
Vinte e dois	
Vinte e três	

Vinte e quatro

Vinte e cinco

Vinte e seis

Vinte e sete

Vinte e oito

Vinte e nove

Trinta

Trinta e um

Trinta e dois

Trinta e três

Trinta e quatro

Trinta e cinco

Trinta e seis

Trinta e sete

Trinta e oito

Trinta e nove

Quarenta

Quarenta e um

Quarenta e dois

Quarenta e três

Epílogo

Agradecimentos

Sobre a autora

Créditos

Landmarks

Cover

Title Page

Dedication

Table of Contents

Epilogue

Acknowledgments

Copyright Page

Para papai

MAAME
(*Ma-meh*)

Um

Na cultura africana... Espera, não, eu não quero ser presunçosa nem tão nacionalista a ponto de presumir que certos costumes ganenses também acontecem em outros países africanos. Na verdade, posso até estar falando do que é tradição na *minha* família, mas independentemente de a quem os costumes pertencem, fui criada para manter privados os assuntos domésticos. Então, se meu pai tem o próprio quarto ou se minha mãe viaja ao exterior por períodos inexplicavelmente longos, é conhecimento geral dentro de casa que mantemos esse assunto, e todos os assuntos similares, em segredo. “Eles não vão entender, sabe? Somos ganenses, fazemos as coisas de maneira diferente.”

Na infância, as dinâmicas escolares, os livros e os programas de tv me disseram que melhores amigos compartilham tudo. Era quase a única exigência, mas tive que ignorar essa regra, sabendo que as informações que eu guardava para mim significavam que eu jamais poderia me qualificar de verdade como melhor amiga de alguém, não quando ninguém me *conhecia* pra valer.

Mesmo agora, nenhum dos meus amigos — por sorte, não tenho muitos — sabe que começo todo dia útil da mesma forma. Acordo cinco minutos antes do despertador e espero que ele toque às seis da manhã. Pisco para tirar a remela dos olhos e desço as escadas em silêncio, passando pelo quarto de meu pai — que agora fica no andar térreo — e entrando na cozinha. Fecho a porta para evitar fazer barulho e me sirvo uma tigela de cereal, comendo uma colherada por vez enquanto caminho pelo cômodo.

É uma área pequena e funcional com um fogão a gás (que precisa desesperadamente ser limpo, mas vou deixar essa tarefa para amanhã à tarde), um forno sem a porta, uma geladeira alta, um pequeno freezer cheio de sobras não identificadas (identificá-las fica para o sábado à tarde) e uma máquina de lavar roupas que sai dançando de debaixo da bancada quando ligada, mas quando vazia é leve o suficiente para que eu a empurre com o peso do meu corpo. Essa bancada é cinza-escura com manchas brancas e um leve brilho que acho que é para parecer mármore.

Pego um pote de almoço das porções que preparei no domingo para mim mesma, e então cozinho macarrão para o almoço do meu pai e o deixo coberto no micro-ondas. O arroz que faço para o jantar dele fica na prateleira dentro do forno frio. Corto laranjas para nossos lanches — *Devo guardar os morangos para amanhã?* Tamborilo minhas unhas na bancada da cozinha, pensando na data de validade. *Que nada, come agora* — e deixo a do meu pai em uma tigela, guardando a minha em outro pote.

Nenhum dos meus amigos sabe que ouço o cuidador do meu pai, Dawoud, entrar quando saio do banho. Hoje ele está falando no celular, provavelmente com a esposa no Iêmen, seu país de origem — ele me contou sobre ela uma vez. Ela pelo visto é linda.

Dawoud é meio que um gigante, com bem mais que um metro e oitenta e é só um pouquinho rechonchudo no meio, tem cabelo grisalho e vários fios escapando das orelhas. Fumante na casa dos sessenta, ele tem uma voz alta mas rouca. Meu pai tem cinquenta e sete, nunca fumou e faz anos que parou de beber. A idade é uma fera aterrorizantemente inconsistente.

Hidrato a pele e pego meu vestido da terça-feira, azul-escuro, de mangas curtas, largo e abaixo dos joelhos, porque ninguém no escritório usa jeans. Sintonizo em um canal de oração sobre o qual minha mãe gosta de me fazer perguntas aleatoriamente, enquanto visto meia-calça preta e coloco dois brincos dourados que herdei. Programo um lembrete para ligar durante o almoço para o dr. Appong, que é o clínico geral do meu pai há três anos,

para falar dos pés inchados dele, e descubro ao conferir meus e-mails que não nos qualificamos para a redução de impostos do conselho municipal.

Lá embaixo, Dawoud está na cozinha fazendo torradas, e amanhã será mingau porque os dois pratos se alternam durante a semana. Entro na sala de estar e digo ao meu pai:

— Vou fazer panquecas pra você no sábado.

— Ah, que bom — diz ele sorrindo, mas não se lembrará das panquecas até que eu as dê para ele no sábado de manhã. É assim que a doença de Parkinson funciona. Ele consegue se lembrar de coisas constantes e repetitivas, como a minha presença e a de Dawoud, mas detalhes de curto prazo não ficam em seu cérebro por muito tempo. Eles entram por um ouvido, ficam por tempo suficiente para que ele responda, e saem pelo outro. Em certos dias, a medicação ajuda, mas em outros acho que os remédios estão ocupados demais cuidando das juntas doloridas ou das mãos trêmulas, da pressão alta ou da dificuldade de fala, para ajudar nisso.

Tenho uma foto dos meus pais tirada em setembro de 1984 e nela meu pai é alto e bonito com um blackpower e um grosso bracelete de prata que ele usa até hoje. Quando olho para a imagem, penso no meu último dia de faculdade, há oito anos. Meus colegas estavam em uma festa em um bar, nosso equivalente a um baile de formatura, acho. Acabei não indo mesmo tendo sido convidada. Por Connor... não, Charlie, o cara quietinho da minha aula de matemática, que eu não fazia ideia de que gostava de mim. Aceitei; comprei um vestido e então tive que cancelar no dia. *Pobre Charlie*. Uma hora antes, mandei mensagem falando que não conseguiria ir, que meu pai tinha recebido seu diagnóstico: doença de Parkinson.

Tínhamos culpado a idade pela “falta de jeito” dele ou pela curta memória. Quero dizer, todo mundo deixa a chave na mesinha e perde dois minutos depois, então quem somos nós para julgar? Mas então, em uma noite, meu pai se perdeu.

Eu tinha voltado da faculdade e era a única em casa quando ele

ligou para o telefone fixo.

— Madeleine? Maddie — falou. — Acho que... não sei onde estou.

O que ele disse não foi o que me fez segurar o telefone com mais força; moramos em Londres: é fácil se perder, mas é fácil se encontrar. Não, foi o medo na voz dele que me pegou. Durante minha vida, meu pai se mostrou ser várias coisas, mas *amedrontado* não era uma delas.

Eu o fiz entregar o celular para uma mulher que estava por perto, a qual explicou que ele estava a dez minutos da nossa casa.

— Tem certeza? — perguntei a ela.

— Com certeza estamos na Spar Lane — disse ela. — Eu moro aqui.

Foi então que eu soube que meu pai não tinha apenas caído no sono no ônibus ou confundido uma rua que não conhecia com um atalho, mas que realmente não sabia encontrar seu caminho para casa seguindo a rota que usava fazia seis anos.

Corri até a Spar Lane e lá estava ele, na frente do portão da casa de um desconhecido, olhando da esquerda para a direita, da esquerda para a direita. *Tentando*. Me aproximei e joguei as mãos para o céu, de brincadeira.

— Você passa aqui todo dia!

Ele assentiu mas não sorriu, e enquanto caminhávamos para casa, sua testa ficou ainda mais franzida até passarmos pelo local onde ele comprava jornal aos domingos e sua postura relaxou.

Agora, marco esse dia como O Começo.



Google — A doença de Parkinson é genética?

Estudos demonstram que fatores genéticos podem influenciar no desenvolvimento da doença de Parkinson, como resultado de genes defeituosos.

A maioria dos casos de Parkinson não são hereditários, no entanto um recente estudo médico revelou que pacientes que sofrem com sintomas precoces da doença provavelmente a herdaram.

A doença de Parkinson pode ser engatilhada através de uma complexa combinação de suscetibilidade genética e exposição a fatores ambientais como toxinas e trauma. A genética

causa até 15% de todos os casos da doença.

Parkinson hereditário continua sendo raro. A maioria dos casos são “idiopáticos”. Idiopático significa que não há causa conhecida.

Acho que agora é um ótimo momento para dizer que tenho um irmão mais velho, James. Ele mora em Putney, então somos apenas meu pai e eu aqui em Croydon. Minha mãe passa a maior parte do tempo em Gana, administrando um hostel que meu avô deixou para ela e meu tio quando morreu. Ela volta para casa por um ano, depois retorna para Gana por outro ano, e então o ciclo se repete. Nem sempre foi esse esquema de um ano, ela costumava ir só por alguns meses a cada vez, mas as desculpas brotavam como pequenos cogumelos: “É um voo tão longo e caro, não faz sentido financeiramente ficar aqui por tão pouco tempo” ou “o clima britânico não combina com minha artrite” ou “meu irmão não presta; ele não tem cabeça de empresário como eu”.

Um ano depois do falecimento do meu avô, ouvi conversas sobre irmos todos para Accra, mas minha mãe não quis.

— Meu diploma de Gana não me ajudou nem um pouquinho aqui e Maddie é uma aluna nota dez. Isso não pode ser desperdiçado. Ela se sairá melhor do que nós aqui, então você, que é o pai deles, deve ficar.

E foi assim que o vaivém dela começou.

Meu irmão James basicamente foi embora ao mesmo tempo que minha mãe. Ela era o punho de ferro da casa e meu pai não soube o que fazer conosco quando ela partiu, então fez muito pouco. James também não sabia o que fazer consigo, então passava a maior parte das noites e dos finais de semana na casa de vários amigos. Eu mal o via. Ele frequentava uma escola diferente da minha e então ia direto para a casa de alguém; havia decidido cedo que os amigos eram sua família.

Minha mãe odiava isso; ela gritava no telefone, interrompida volta e meia por uma voz automatizada que a lembrava de quantos minutos faltavam no cartão telefônico.

— Fique em casa, James! Pare de comer na casa dos outros quando seu pai pôs comida na geladeira. Os pais deles vão achar que você não tem mãe!

James, aos quinze anos, gritava de volta:

— Eu não tenho!

Eu mentia para meus amigos e dizia que minha mãe tinha viajado por um mês ou dois, no máximo três, porque sabia que eles não iam entender. Eles perguntariam: “E você?”, mas eu estava bem. Tinha sido criada para ser independente, lavar minhas próprias roupas, comprar alimentos e cozinhar minhas próprias refeições, fazer meus deveres de casa no prazo, passar meu uniforme e montar meu almoço para a escola. Ninguém precisava cuidar de mim. Eu tinha orgulho por depositarem tanta confiança em mim. Achava que as coisas eram daquela forma.

Então perguntavam: “E o seu pai?”. E ele estava bem também, porque meus pais não são iguais aos seus e o casamento deles não é convencional. Eles fazem as coisas à sua própria maneira. Na época, eu achava que funcionava. Ignorava quando James dizia que não.

Meu pai está sentado em sua poltrona ao lado da janela, de frente para a tv. Ele sempre parece mais magro pela manhã, suas bochechas caídas pesando um pouco mais (a medicação devorou grande parte da gordura do corpo dele logo no início), mas tudo parece diferente pela manhã comparado com como parecia na noite anterior, não é? Ele ainda é bonito para mim; mantemos seu cabelo, que praticamente não tem fios brancos, bem curtinho, e seu rosto parece mais iluminado depois de ser lavado.

Se eu tivesse mais tempo, me sentaria com ele um pouquinho. Gosto da nossa sala de estar pela manhã. O piso pode ficar bem frio, já que é de madeira clara (fácil de perceber e limpar qualquer sujeira), mas programei os aquecedores para liguem

assim que meu pai sai com ajuda da cama. As paredes são pintadas de laranja-pêssego e temos xales e cobertores variados escondendo as rachaduras em nossos móveis de couro caramelo falso. Quando minha mãe volta de Gana, ela faz os protetores do sofá combinarem com os da poltrona, mas me esqueço de lavar os conjuntos ao mesmo tempo.

— Estou indo agora, pai — digo, alto o bastante para ele ouvir.
— Te vejo mais tarde, tá bem?

Seus olhos não me focam, e também não estão exatamente fixos na tv, mas quando ele ouve a palavra “tá bem”, seus olhos se arregalam e ele responde “Tá bem”, sorrindo de novo.

Me viro para ir e digo “Te amo” por sobre o ombro.

Minha mão está na maçaneta quando o ouço dizer tremulamente:

— Também te amo.

Me volto para ele e a palavra “Ama?” sai da minha boca antes que eu possa impedi-la.

Meu pai franze a testa como se não tivesse entendido minha pergunta; seus olhos tentam encontrar os meus enquanto ele luta para virar o pescoço. Então Dawoud entra na sala com o café da manhã.

Saio da frente.

— Tchau, Dawoud.

— Tchau, Madeline-y! — diz ele atrás de mim.

Estou repassando as palavras de meu pai na cabeça enquanto busco minhas chaves. Sei que me ama... só faz muito tempo desde a última vez que ele disse as palavras certinho. Faz muito tempo mesmo.

Fora de casa, percebo que uma raposa entrou na lata de lixo do vizinho e rasgou as sacolas, espalhando comida e lixo pelo pavimento. Foi sobre isso que David Attenborough tentou nos alertar quando decidimos adentrar ainda mais no habitat delas. Mas não demos ouvidos.

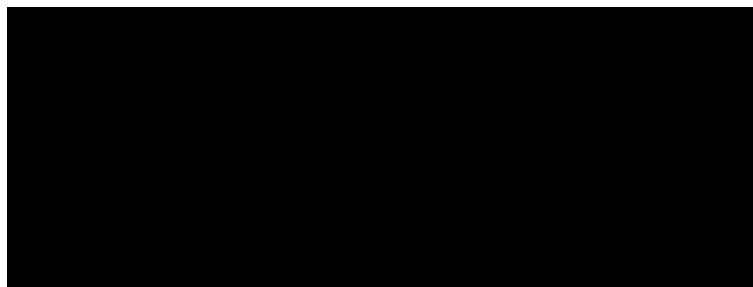
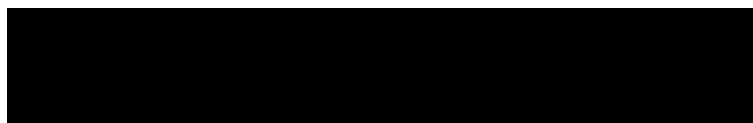
— Acontece — digo em solidariedade.

Vou escrever um bilhete para os vizinhos, explicando que o

trique é colocar alguns tijolos soltos nas rodinhas da lixeira à noite, e deixar na caixa de correios deles depois do trabalho. Faz poucas semanas que se mudaram e eu não os conheço ainda, então não vou assinar.

Tento ver o que posso descobrir sobre meus vizinhos novos a partir do lixo deles. Vejo que não fazem esforço para reciclar, então infelizmente eles também são lixo. É uma pena, porque um deles estava tocando música ontem à noite, que pude ouvir pelas paredes finas, e seu gosto por R&B dos anos 90 é bem bom.

O ônibus 250 está virando a esquina quando chego ao ponto, e já está cheio de crianças em idade escolar que vão descer daqui três paradas. Como sempre, fico de pé e vejo mais quinze delas se acotovelarem para entrar na minha frente, emperrando as portas que estão se fechando. Tiro uma foto da mochila de uma garota presa entre as portas e envio para Nia.



Sorrio com a resposta rápida de Nia, porque é uma da manhã onde ela está. Nia sempre foi uma pessoa noturna, e eu a imagino com os dreadlocks *ombré* presos no alto da cabeça, deitada na cama ouvindo música e com as pernas esticadas e apoiadas na parede.

Olho para o ônibus e para as garotas apertadas na frente, rindo juntas. Eu tinha muitos amigos na escola, até mesmo durante a faculdade, mas quando eles saíram de Londres para ir à universidade e eu continuei aqui para cuidar do meu pai, nos

afastamos. Na época, me dei conta de que nossas amizades não eram baseadas em lealdade ou amor, mas sim conveniência e proximidade. Passei de um grupo íntimo de sete para uma. Nia.

Nia tem sido minha melhor amiga há quase dez anos, mas atualmente está cursando administração em Utah. Ela tirou alguns anos para trabalhar quando todos fomos para a universidade, então só agora está no último ano. Vai voltar para casa no verão — com sorte, pra valer.

Espero quatro minutos pelo próximo ônibus e chego à estação Thornton Heath nove minutos antes do meu trem. Fico a três metros à esquerda do terceiro banco, assim serei uma das primeiras a embarcar. No caminho para casa, ficarei do lado direito dos painéis de embarque na estação Waterloo, esperando pelo trem das 17h53. De segunda a sexta, sempre a mesma coisa.

Meu trem chega e está cheio como sempre, sem assentos disponíveis, mas raramente caço um. Procuro um cantinho vazio, me aconcheço com minha bolsa entre as pernas, dobro meu livro no meio e leio.

Quando chegamos a Balham, fica muito cheio e faço o que logo se tornou um hábito meu. Espio por cima da página e observo as pessoas. Jogando meu jogo favorito, pergunto mentalmente: quem aqui ama seu emprego? Será a mulher loira no vestido de estampa chamativa? Quem aqui odeia seu trabalho, mas pode disfarçar esse sentimento pelo tempo necessário? O homem de terno azul-escuro com tranças curtas e fones de ouvido gigantescos? Quem não dá a mínima, desde que seja pago? O cara da cidade, de botas e terno, suspirando sem paciência quando o trem para no sinal vermelho e ficando perto demais da mulher à sua frente?

Enquanto estamos sob a terra na Clapham Junction, pego meu celular e ativo meus dados móveis.

Tem que ser mentira. Considerando que eu fui uma estudante não faz muito tempo, tenho propriedade para dizer, com um nível aceitável de certeza, que eles são algumas das pessoas mais maltratadas que existem.

2. Enfermagem
3. Terceiro setor
4. Gerenciamento de eventos

Em uma lista de empregos com os funcionários mais infelizes:

1. Atendimento ao cliente
2. Setor hoteleiro
3. Administração

Quando a estação Waterloo se aproxima, me preparo para outro dia de um trabalho que o próprio Google considerou merecedor da medalha de bronze na corrida para a infelicidade.

Há sempre uma confusão para sair do trem; ninguém quer ser o último, mas com certeza não tem nada a ver com um desejo irrepreensível de chegar ao trabalho onze segundos mais cedo.

Assim que me separo da multidão, recebo uma mensagem da minha mãe. Só de ver o nome dela me lembro da nossa ligação na noite passada.

— Maddie, você pode me transferir um dinheiro, por favor?

— Oi, mãe. Como você tá?

Ela dá uma risada escandalosa.

— Oi, querida. Me sinto abençoada. Agora, encontrei alguém com taxas de conversão melhores do que da última vez, então deixa eu te dar o endereço. Você tem caneta e papel?

— Não tenho dinheiro sobrando este mês.

— Por quê? Torrou tudo em bobagem?

— Não.

Hesito.

— O que foi, Maame? Você não parece bem. Conta para a sua

mãe.

Minha mãe me chama de uma de três coisas: meu nome e todas as suas variações incluídas, um apelido carinhoso e Maame. Maame tem muitos significados em axante, mas no meu caso, significa mulher. Tenho sido chamada de Maame desde que me entendo por gente e amava ser referida como mulher quando ainda era uma garotinha. Amava ser vista como adulta antes mesmo de ter menstruado. Mas agora eu...

— Maddie? — E ouço a impaciência no fim da sílaba como uma sombra permanente.

— Não estou me sentindo muito bem. — O sol fica no céu até mais tarde agora, então fechei as cortinas do meu quarto. Estou sentada no canto da cama com os joelhos encolhidos até o peito e penso sobre como melhor descrever o quão para baixo me senti sem conseguir listar qualquer motivo para isso. Quando acho que o tempo de me explicar está acabando, digo:

— Só estou triste e, acho, ansiosa.

— Com o quê?

— Só com tudo que estou fazendo em casa e no trabalho. Me sinto pesada e sem esperança e cansada e tipo não estou vivendo de verdade...

Minha mãe suspira.

— Maddie, por favor. — Ela estica cada palavra para enfatizar a exaustão por trás de sua súplica. — Você gosta de reclamar demais disso. Não está fazendo tanto assim, está? Devia ver como as crianças daqui vivem. Você não relaxa quando chega em casa do trabalho e nos finais de semana? É porque você nunca sai.

Sinto lágrimas surgirem nos meus olhos.

— Falei que você precisa sair mais porque nunca vai encontrar um marido ficando em casa — prossigue ela. — Seu pai não precisa de companhia o dia inteiro. É por isso que você está triste o tempo todo, porque não se diverte.

Quase digo a ela que diversão não significa felicidade; talvez *empreste* felicidade, e eu quero saber como mantê-la. Pesquisei no Google *Como ser feliz*; caminhei no parque e fiz longas listas de

gratidão; estou consumindo mais frutas e verduras e indo dormir cedo; fiz elogios e pratiquei respiração consciente. *Tentei* me sentir bem.

— Acho que eu devia ir no clínico geral e...

— Não. Nós não confiamos no clínico geral para esse tipo de coisa — diz minha mãe. — Ele vai te dar remédios; eles têm algum tipo de parceria com a indústria farmacêutica.

— Duvido muito que isso seja verdade.

— Sei mais do que você sobre como o mundo funciona, Maddie — diz ela. — Eles vão te dar remédios para dores que não existem e aí você vai ficar mais doente. Não é necessário. Com Deus, não há doença que Ele não possa curar, é por isso que confiamos Nele para todas as coisas.

Baixinho, pergunto:

— Então por que Ele não te dá dinheiro?

— Ele me abençoa através de você, minha filha — diz ela, decidida.

Me abraço com um pouquinho mais de força.

— Você tem rezado e lido sua Bíblia? — pergunta minha mãe.

— Você sabe que fica assim quando para, quando dá chance ao diabo. Tem ligado naquele canal de oração que te falei, aquele das cinco da manhã?

Depois que desligamos, começo a preparar o jantar do meu pai. Lágrimas caem até que eu sinta o gosto de sal.

— Algo está mesmo errado com você — sussurro, cortando pimentões. — Você é tão problemática. Quimicamente desequilibrada, talvez. Devia procurar isso no Google. Não pode ficar triste sem motivo; não é um estado humano natural. Na vida, você deve ser feliz ou contente, apenas experimentando *momentos* de tristeza, então se a tristeza é seu estado natural, o que isso diz sobre você? — Largo a faca e bato a palma da mão na minha testa. — Só para, porra.

Com certeza posso consertar meu cérebro se bater na minha cabeça com força o bastante.

Limpo meus olhos e continuo a cortar os pimentões.

Dois

Eu poderia pegar uma linha mais direta para o West End, mas as caminhadas matutinas aparecem bastante nos artigos sobre “como ser feliz” que leio — algo sobre se expor à luz do dia. Além disso, leva apenas vinte minutos para caminhar pelo rio Tâmsa, que hoje brilha quase azul na luz do sol. Conecto meus fones de ouvido e ouço uma banda que um colega apresentou ao escritório ao colocá-la para tocar no alto-falante na única tarde de sexta em que a gerência sênior não estava. Uma banda cujas canções me fazem pensar em verões que não me pertencem; em Converses novos e bebidas geladas, em vestidos curtos e churrasqueiras, em explosões passageiras de liberdade perene.

Trabalho no Covent Garden Theatre, mais conhecido como o CGT. Nomeado, sem muita inspiração, em homenagem à sua localização: é um prédio de concreto gigantesco, aleatoriamente geométrico e brutalista ao qual dá para chegar atravessando a Waterloo Bridge. Entro pela recepção dos fundos, o que significa que preciso interfonar, mas tentei as outras quatro entradas e me perdi todas as vezes. Os próprios funcionários descrevem o prédio como um labirinto, e há boatos de que o motivo de não existir nenhum mapa do teatro é porque ninguém sabe onde fica cada coisa.

Passo pelas portas do palco e pelos camarins e quando chego ao elevador pressiono o terceiro andar. Passando pelas portas duplas do meu departamento, vejo que a área da “cozinha” (aspas intencionais porque é só uma superfície plana com um bule e prateleiras cheias de vários saquinhos de chá, canecas e copos de plástico) não foi limpa. Sobrou para mim, então.

Ontem, usei os trocados para comprar prosecco e lanchinhos suficientes para todo mundo a fim de comemorar o aniversário da Freya do marketing; não era uma das noites em que Dawoud dá o jantar e coloca meu pai na cama, então não pude ficar, e já que minha chefe teve um dia de reuniões fora do escritório, consegui sair na hora certa para variar. Agora vejo que a festa se estendeu pelo andar, com copos deixados em um lado da sala e pacotes abertos de batatinha no outro.

Como departamento, estamos dispostos em forma de U, nossas mesas presas a três paredes, deixando a quarta para o escritório da diretoria. É um espaço até que legal, com uma atmosfera desprestenciosa, carpete bordô e paredes cor de creme, mas a melhor parte é que um lado (o lado para o qual fico virada) é feito todinho de janelas com uma vista incrível da Covent Garden Piazza.

Cumprimento Zoe, que trabalha em nossas brochuras, e Frederica, que ajuda a equipe do digital, e então limpo enquanto meu computador carrega.

Trabalho como assistente pessoal para Katherine Fellingham, diretora de marketing e publicidade no CGT, e minha rotina consiste principalmente em reorganizar sua agenda para evitar todos os conflitos de horário que ela adicionou durante a noite, gerenciar seus gastos, fazer xícaras de chá Earl Grey e depois lavá-las na pia da cozinha. Sim, é o emprego para o qual me candidatei, mas esse sempre foi o meu problema. Tenho dificuldade em permanecer em trabalhos corporativos por mais de nove meses porque não há alegria nenhuma neles e ninguém pode me convencer do contrário. Não consigo compreender a ideia de viver para trabalhar, mas também tenho medo de trabalhar só para viver.

Recebo vinte e quatro mil libras por ano sem descontar o imposto de renda, não gasto sem motivo e tenho uma poupança de pouco mais de quatro mil libras em que mal encosto porque nunca sei quando minha mãe vai precisar. Entro em sites de emprego todos os dias esperando que a vaga perfeita apareça,

mas não tenho certeza de em qual área seria e se minha experiência a essa altura seria mais do que apenas trabalho corporativo subalterno.

— Bom dia, Maddie.

Me viro em meu assento enquanto Katherine se aproxima de sua mesa, que fica atrás da porta da sala dela. Está usando seus óculos redondos hoje e tem o cabelo castanho recém-cortado em um corte Chanel. Combinando seus 1,58 metro de altura e suas bochechas coradas, ela parece ter menos que quarenta e sete anos.

— Bom dia, Katherine. Como foi seu final de semana?

— Foi bom, obrigada. David e eu assistimos à penúltima performance de *Closer Still* no Liceu. Você já viu?

— Não, ainda não. — Jamais verei; os ingressos que sobraram, da última vez que conferi, custavam três dígitos. — Vale a pena?

— Ah, com certeza. — Ela desabotoa o blazer e cruza os tornozelos, sapatos oxford nos pés. — Foi incrível. Você precisa mesmo tentar ir na última apresentação na quinta-feira.

Claire, a gerente geral, entra e pergunta:

— Estão falando de *Closer Still*? — O rabo de cavalo escuro dela balança como um pêndulo mesmo quando ela para, segurando os sapatos sociais, pronta para trocar os tênis por eles. — Incrível, não é?

Eu as deixo conversar e me volto para meus e-mails — que consistem em grande parte de pessoas pedindo espaço na agenda de Katherine. A resposta simples é que ela não tem disponibilidade e eles sabem disso, mas também sabem que Katherine morre de medo de estar por fora das coisas. No nível sênior, que ela só compartilha com mais outra mulher, sente que não pode dispensar nenhuma reunião, então me instrui a encontrar tempo, mesmo que seja durante seu horário de almoço.

Algumas semanas atrás, foi diagnosticada com depressão. Ela contou aos subordinados diretos, e então me contou pessoalmente depois que, por acidente, me copiou em um e-mail

ao RH explicando por que precisava de uns dias de folga. Apesar de ter recebido uma licença de um mês, voltou ao trabalho na semana seguinte e passou a sorrir na nossa frente e a chorar no banheiro, voltando com olhos vermelhos e bochechas inchadas.

Ninguém fez nada a respeito. Claire até me puxou de lado e me disse para não comentar com ninguém porque se até mesmo um dos onze (de treze) diretores homens descobrissem que “Katherine não dá conta”, eles a achariam fraca demais para o cargo.

— Isso realmente importa? — perguntei. — Quero dizer, o que eles acham dela? Katherine não está bem.

— Claro que importa — disse Claire. Ela mal controlou o revirar de olhos antes de cruzar os braços. — Ainda que ela faça mais e trabalhe mais do que qualquer um deles, seria substituída por mais um homem se descobrissem que está deprimida. Ela e eu já vimos isso acontecer duas vezes. Por que você não prepara uma xícara de chá para ela? — sugeriu. — Katherine vai estar bem daqui uma hora.

Claire estava errada.

— Bom dia, Maddie. — Ellie é a próxima a chegar. Ela também entra correndo, mas provavelmente é porque acordou atrasada; o cabelo loiro está preso para trás, falta um botão em seu suéter de veludo cotelê e o laço do cadarço de seus Converse se soltou. Ela se senta e suspira.

— Bom dia, Ellie.

Ellie é minha gestora, embora tenha começado na empresa depois de mim e seja apenas um ano mais velha. No início, éramos amigáveis uma com a outra, brincávamos mais, mas esse clima leve evaporou e não tenho certeza de quando isso aconteceu. Às vezes, me deito na cama à noite e por um instante me pergunto se fiz algo para ela, embora não me incomode tanto com isso durante o dia. Por algum motivo, à noite, quando deveríamos estar dormindo, nosso cérebro quer resposta para tudo.

Acho que Ellie apenas prefere outros membros da equipe

porque sabe que eles vão ficar, enquanto eu caminho pelos corredores com uma placa invisível ao redor do pescoço anunciando que logo pedirei demissão. Devo feder insatisfação no trabalho, o que é engraçado, porque comecei com olhos brilhantes e tênis gastos, e agora o inverso é verdadeiro.

Cheguei a este trabalho através do Acesse Todas as Áreas, uma empresa social dedicada a levar mais jovens sub-representados às indústrias criativas de Londres. Eles me informaram que a diretora de marketing no Covent Garden Theatre estava procurando por uma assistente pessoal e uma assistente de administração. Eu nunca tinha considerado trabalhar para um teatro porque nunca tinha ido ao teatro. Ou você é uma pessoa que gosta de cinema ou é uma pessoa que gosta de teatro, e isso depende muito de seu orçamento e de como você foi criado. No entanto, eu precisava de um emprego e tinha setenta por cento da experiência necessária. Pesquisei o máximo que pude e fiquei animada ao ler que haviam feito algumas mudanças na gerência sênior para focar “refletir diversidade” tanto nos espetáculos quanto no quadro de funcionários.

Eu tinha ido a uma entrevista, e embora os entrevistadores fossem todos brancos, pelo menos eram todas mulheres e, na saída, vi outras pessoas como eu. Ainda éramos a minoria, mas comparado aos meus outros empregos, era uma diferença considerável. Depois de algumas semanas, percebi que a maioria trabalhava no atendimento. Os departamentos com os quais eu interagia eram sufocantemente brancos, ao ponto de eu ser a única pessoa negra na sala em toda reunião a que ia.

Você não faz ideia (ou talvez faça?) do sentimento que isso pode provocar. É mentalmente exaustivo tentar descobrir se estou levando aquele comentário sobre meu cabelo ou meu almoço a sério demais. Saber que ninguém que eu conheço está lendo os autores negros que eu leio ou assistindo aos mesmos programas de tv a que eu assisto é algo que me isola. (Você devia ver a cara de paisagem deles quando falávamos da tv dos anos 90 e dos anos 2000, principalmente *Friends* e *Frasier*, e eu por um

acaso mencionava *Eu, a patroa e as crianças.*)

Quando você não gosta do seu emprego, mas precisa dele, deve ser bom ter alguém próximo para compartilhar os momentos leves. Tenho Avi (você vai conhecê-la mais tarde... prepare-se), que trabalha no andar abaixo do meu, mas, sinceramente, não temos muito em comum, e eu só a vejo por trinta minutos a cada semana. Então pelas trinta e sete horas semanais restantes meu silêncio é interrompido apenas por demandas de trabalho e conversas para as quais não sou convidada.

Eu queria sair do CGT antes que meu período de experiência terminasse, sete meses atrás, o que seria uma cuspidinha na cara da ética de trabalho dos meus pais e dos meus avós. Minha mãe disse que era um privilégio a oportunidade de ir direto de um trabalho para o outro, embora pagassem pouco. Posso agradecer ao meu diploma em literatura inglesa por isso, mas era o mínimo que uma dívida de quarenta mil libras de financiamento estudantil podia fazer.

— Por que você nunca está feliz, Maddie? — perguntou minha mãe. — Eu queria que você fosse advogada, médica ou veterinária, e qualquer uma dessas profissões seria mais emocionante, mas você escolheu isso. E tudo o que tem que fazer é se sentar na frente de um computador o dia inteiro, não? Você mal fica de pé. Sua geração não faz nem ideia.

Sei do que ela está falando porque minha mãe não vê um emprego como algo a ser desfrutado, mas sim suportado para pagar as contas — o que depois de feito deve provocar algo que lembra alegria. Para minha mãe, a alegria relacionada ao trabalho é diretamente proporcional a quanto você recebe. Mesmo assim, isso não muda o fato de que embora eu não achasse que ia ficar rica, esperava ser feliz, e falhar nisso me faz hiperventilar na maior parte do tempo.

Talvez o motivo de minha mãe ter dificuldade em me entender seja porque ela projeta sua própria experiência em mim; ninguém lhe falou que ela podia fazer o que quisesse. Meus pais foram imigrantes negros em Londres nos anos 80; não tinham

tempo para hobbies nem a habilidade de buscar oportunidades de trabalho satisfatórias.

Tenho que me lembrar de encarar as coisas através de uma visão semelhante, de lembrar que meu pai precisa que eu tenha um emprego estável o qual me permita ajudar com as contas e chegar em casa a tempo de lhe dar o jantar e colocá-lo na cama quatro noites por semana.

Ah, se a lógica e a razão dominassem a emoção...

Depois do almoço, vou para o andar de baixo me encontrar com Avi. Sempre divido minha hora de almoço em duas partes: vinte minutos para comer e quarenta minutos para caminhar e devanear. Geralmente estou sozinha, mas hoje Avi vem comigo, já que ela terá que cruzar a ponte para encontrar o namorado.

— Como o Jake tá? — pergunto enquanto caminhamos. Pegamos minha rota favorita, que é um pouco mais longa, mas significa que passaremos por uma rua cheia de floriculturas, padarias e pubs antes de chegar à ponte.

— Ele tá bem — diz ela. — Ele me disse ontem à noite que queria fazer anal, então fizemos.

Avi Jeeto, senhoras e senhores. Avi é meio inglesa, meio indiana, usa o cabelo escuro num corte Chanel que se enrola nas pontas e não tem filtro nenhum. Ela trabalhava na minha função antes de trocar de departamento, e nos tornamos amigas durante o período de transição. Acho Avi ótima, mas infelizmente para mim, muitos outros também acham. Ela trabalha no CGT há cinco anos e conseguiu acumular uma multidão de amigos, então nossa socialização é limitada a essas conversas ocasionais na hora do almoço.

O sol está forte, então tenho que proteger meu rosto com a mão quando olho para ela. E também porque contato visual não parece apropriado para uma conversa assim.

— Não sei como processar essa informação.

Ela tira os óculos escuros.

- Foi o que eu disse.
- Você falou do nada.
- De novo, foi o que eu disse.
- É muito para absorver.

Avi inclina a cabeça para trás e ri.

Decido que o melhor caminho é ficar em silêncio. Funciona, e Avi diz:

- Por sinal, não consigo superar seu cabelo.
- Você não gostou?

Ela dá de ombros e fica atrás de mim para deixar uma dupla de corredores passar.

— Estou acostumada com você usando tranças... Só está diferente, agora.

Deixei de usar tranças pela primeira vez em três anos depois que elas começaram a acabar com a raiz do meu cabelo; semana passada, fui a um salão especializado em cabelo crespo tipo quatro e tive meu cabelo tratado e escovado, então agora eu o prendo em um coque baixo para trabalhar.

— Mas aposto que você recebeu vários elogios no escritório — diz Avi.

Trocamos um sorriso.

— Claro — digo. — Antes, nem uma palavra.

Entramos na Waterloo Bridge cheia de ciclistas, compradores e trabalhadores no horário de almoço. Olho além da ponte e há um barco de turismo deslizando abaixo de nós.

— Por um acaso você vai se mudar em breve? — pergunta Avi.
— Tenho uma amiga com um quarto livre e você é a única pessoa que eu conheço que ainda mora com os pais.

Ótimo, agora posso adicionar Avi à minha lista.

**Lista de pessoas que acham que sou uma fracassada por ainda
morar na casa dos meus pais:**

Nia (embora ela tecnicamente more com os dela três meses por ano)

Shu (melhor amiga número 2)

Mamãe

Garoto no ponto de ônibus que riu depois de ouvir minha
conversa privada

Eu

Avi

— É *tão* estranho assim eu ainda morar lá?

— Não é que seja estranho, só não faz sentido — diz Avi. —
Você consegue se sustentar e não é como se estivesse guardando
dinheiro para uma hipoteca, então por que mora lá?

Avi não sabe sobre meu pai, então dou de ombros.

— Você nem se mudou para ir à universidade — prossegue
ela. — Não quer um pouco mais de... — Ela dá de ombros. —
Liberdade? Passar uma noite fora. Receber amigos em casa.
Homens.

— Não estou louca por um no momento — contraponho. —
Vou ter tempo de sobra para isso.

— A hora é agora, Maddie. — E ela bate o punho fechado na
palma aberta. — Você tem vinte e cinco anos. Era para estar
tendo o máximo de paus possível!

— Avi! — Lanço um olhar de desculpas para a mãe afastando
os filhos de nós.

— Relaxa — diz Avi, inclinando a cabeça para o sol. — Isso se
chama ter vinte anos, você só pode fazer isso por dez anos em
toda a sua vida, e adivinha? Você já está na metade.

Ai, Deus. Estou na metade. Cinco anos dos meus vinte viraram
fumaça e eu moro com meu pai, não tenho namorado nem
plano de carreira e ainda sou virgem.

— Onde fica esse quarto? — pergunto. — Só por curiosidade.

— Crouch End.

— Zona norte de Londres? É longe demais.

— Não é, não. Você pode pegar a linha norte até Waterloo. —
Avi me encara. — Quer dizer em relação aonde você mora agora?
— Ela revira os olhos. — Vou te passar o número dela. Ela vai te

mandar fotos do lugar mais tarde.

— Tá.

— E aí? — diz ela. — Não vai me perguntar como foi o anal?

Pisco.

— Sabe, Avi, eu nem pensei em terminar essa conversa.

Ela inclina a cabeça, desacreditada.

— Sério? Eu ia querer saber.

— Você e eu somos pessoas bem diferentes.

Mas ela não para por aí.

— Foi desconfortável no começo, mas não foi tão ruim assim. Sabe quando algo só não é feito para ser enfiado em um lugar?

— Ah, olha o Jake lá. — *Graças a Deus*. Aceno para ele freneticamente antes de lembrar *onde* estive na noite passada, então abaixo minha mão e meu olhar. — Vou deixar vocês sozinhos.

Dou meia-volta quando Avi grita:

— Você vai ao show esta noite? Vamos sair para beber antes se quiser vir.

— Não — grito de volta. — Tenho um compromisso hoje à noite.

Quando volto para o escritório, Katherine está na minha mesa, embora eu tenha ainda cinco minutos da minha hora de almoço. As bochechas dela estão vermelhas e manchadas, e ela solta o ar ao me ver.

— Ah, aí está você, Maddie. Enfim de volta, então? Tudo bem — diz. — Você pode imprimir algumas coisas para mim, ah, e ir lá embaixo e me trazer café? Eu precisava de um uma hora atrás, mas não consegui te encontrar.

Enquanto estou na fila da cafeteria, confiro meu celular em busca de algum novo alerta de emprego. Passo por duas páginas e não encontro nenhuma vaga para a qual eu me qualifique que não esteja relacionada a assistência pessoal, incluindo três vagas para as quais vou me inscrever mesmo assim.

Não era tudo mentira — o que contei a Avi. Tenho um compromisso esta noite, só não do tipo sociável.

Em casa novamente, aqueço o arroz que fiz mais cedo, mas cozinho peixe fresco. Adiciono um pouco de salada ao prato e um copo de água à bandeja e levo para a sala de estar. Me sento na cadeira do lado direito de meu pai enquanto assistimos à tv e eu o alimento.

Essa parte do meu pai, do Parkinson, aconteceu tão devagar no começo e então piorou tão rapidamente que quase não me lembro de perceber os sinais. Ele deixava o prato cair e eu o chamava de desajeitado; ele molhava a camisa e se secava. Aí passou a deixar cair os talheres enquanto comia, até que ficou impossível segurá-los com firmeza. Ele começou a pular refeições para evitar a verdade.

Meu pai come bem hoje, o que me deixa feliz. Eu costumava entrar em pânico e ouvir trovões imaginários quando ele não limpava o prato ou se dormisse bem antes do horário, convencida de que era o primeiro sinal de outra coisa. Quanto mais eu lia sobre Parkinson, mais descobria o quão incômoda e vaga era; uma árvore em forma de doença com cada galho detalhando um possível sintoma ou consequência. Eu ficava acordada imaginando se ele morreria durante o sono e como seria minha culpa por não chamar um médico e salvar a vida dele enquanto podia. Eu descia talvez às duas ou três da manhã e ficava ouvindo do lado de fora do quarto dele para ver se estava roncando, e só voltava para a cama quando escutava.

Estou mais consciente agora. Às vezes ele não está a fim e o que importa é que coma algo antes de tomar a medicação, mesmo que seja uma torrada. Cada dose tripla de comprimidos é separada em lotes e eu abro o da quinta à noite. Coloco um depois do outro na boca dele e levo o copo de água aos seus lábios. Ele precisa engolir duas vezes e tomar mais água. Sempre fecha os olhos um pouquinho depois.

Levo a bandeja de volta para a cozinha e começo a lavar a louça.

Quando é hora de dormir, enlaço meu braço no do meu pai, dobro os joelhos e o ajudo a sair da poltrona. Devagar, vamos para o quarto dele.

Escovo seus dentes, usando um copo como pia, troco sua camisa por uma de pijama, troco a bolsa de seu catéter, mas o mantenho vestido com suas calças de treino.

Coloco meu pai para dormir quatro vezes por semana, então já decorei a rotina, mas devo ter feito algo errado desta vez porque quando ergo as pernas dele na cama, uma dor parte minhas costas, como se uma linha solta da costura tivesse sido *puxada*. Solto os pés dele na grade metálica da cama.

— Desculpe, pai. — Eu não o machuquei; os remédios noturnos o deixam grogue demais, mas minhas costas estão gritando e preciso morder o lábio para manter a boca fechada.

Puxo o edredom até o pescoço dele, dou um beijo em sua testa e então apago as luzes.

Quando saio do quarto, permaneço com o corpo dobrado, aos poucos me erguendo para aliviar a dor até estar com a postura reta.

Caralho.

 Google — Dor nas costas aos vinte e poucos anos

zf: Mais alguém tá com uma dor forte na lombar? Tenho só 24 e quero saber se pode ser algo sério.

mt: kkkk dor nas costas aos 24? Que porra aconteceu com você?

ks: Fique sabendo, mt, que a quantidade de jovens com dores nas costas está aumentando, então não é engraçado. zf, tente tomar um banho quente ou colocar gelo na área.

tp: Você já tentou praticar ioga? Sou instrutor de ioga e há um monte de alongamentos úteis aqui no meu site...

cc: Está tudo relacionado ao governo, mas ninguém acredita em mim. Desde cedo, dizem que os empregos corporativos são a meta. Aí você fica sentado numa mesa com a postura errada das 9 às 5, cinco dias por semana por grande parte da sua juventude até que seja tarde demais para fazer qualquer outra coisa além de comprar uma cadeira “ergonômica”

lg: Por que o governo ia querer uma nação sofrendo com dores nas costas?

cc: Para não tomarmos o poder

Ligo para James esta noite, mas como sempre ele não atende e

em vez disso retorna a ligação horas depois. Tenho que acender a luz enquanto ele troca para a câmera. Vejo que está no carro.

— Ei, Mads! — Ele está com o cabelo trançado, e as tranças são longas o bastante para ficarem para baixo em vez de para cima. Quando ele sorri, seu dente de ouro reluz. Na infância, James e eu sempre ouvíamos que tínhamos lindos sorrisos — sorrisos que mostravam dentes perfeitos e suavizavam nossos rostos. É uma das poucas coisas que nós dois herdamos de nosso pai. — Papai está dormindo? — pergunta.

— Sim, foi por isso que liguei — digo a ele. — Você podia me ajudar com isso. Minhas costas estão doendo de tanto levantar o papai da poltrona e levá-lo para a cama. Talvez você possa fazer isso uma vez por semana?

James coça o que sei ser uma coceira fantasma na nuca.

— Ah, não posso vir lá de Putney só para pôr o papai na cama, Mads — diz ele. — E você sabe que minha escala de trabalho é complicada. Não é justo prometer um dia e não vir porque do nada tenho que estar em outro lugar.

O amigo de James fez sucesso na cena do Rap & Grime (estou falando de MOBO e BRIT Awards), então ele é parte desse time — motorista às vezes, gerente de redes sociais, companheiro de turnê. Minha mãe brinca que James é um fã glorificado, fica ali só para massagear o ego do cara. Eu acho que ele espera entrar na cena musical um dia.

— Tá.

— Mas posso te ajudar com alguma outra coisa? — pergunta ele.

— Os impostos chegaram.

Ele suspira e coça a barba por fazer no pescoço.

— Foi mal, Mads. Estou meio sem grana, mas me lembra mês que vem, pode ser?

— Tá... mas faz alguns meses que você está dizendo isso.

— Eu sei, eu sei — responde ele, desviando o olhar. — Estou meio apertado agora. Você sabe que acabei de voltar do Japão.

“Você está ouvindo o que está dizendo?” é o que quero

perguntar, mas em vez disso, digo baixinho: *Deve ser legal*. Então falo:

— Eles não deviam ter pagado sua passagem, já que é o seu trabalho?

— Sim, foi paga, mas gastei demais lá. Queria ser bom com dinheiro como você.

— Eu não tenho muita escolha. — Mantenho meu tom leve, mas não estou feliz. Não tanto por conta das promessas vazias de dinheiro, mas da lembrança de que ele sempre se safa. Se James diz que não tem grana, tenho que aceitar. Ele sabe que vou pagar o imposto porque moro aqui e não posso simplesmente não fazer nada enquanto as contas se acumulam.

— Sei disso — diz ele —, mas eu moro sozinho. Meu aluguel não é barato como o seu. A mamãe te faz pagar apenas quatrocentos e cinquenta. O meu é mais de mil porque é em Putney. Só use um pouco da sua poupança e me avise mês que vem que eu te devolvo. Mas você está bem, né? — pergunta ele. — Ficou sabendo que a mamãe volta em breve?

— Sim, ela me contou semana passada — digo. — Mas não comprou a passagem ainda.

— Me avise quando ela comprar. Não quero ir muito aí quando ela estiver.

Não deve ser tão difícil para você.

— Tá.

Ele ri, mas não é pra valer.

— Eu esqueço que você está do lado dela.

— Não estou do seu lado nem do dela. Sou neutra. Tipo...

— A Espanha. Eu sei, eu sei.

Sorrio.

— Suíça.

— Cheguei perto, não? — pergunta ele. — Mas sim, você sabe que eu não gosto da forma como ela trata o papai. O marido dela está aqui doente, então o que ela tá fazendo em Gana o tempo todo? A mamãe deixa você cuidando de tudo.

Algo que vocês dois têm em comum.

— Ela está cuidando do hostel do vovô — digo. — Você sabe que o tio não ajuda muito, então na verdade é só ela.

James pressiona os lábios em uma linha fina e balança a cabeça.

— O quê? — pergunto.

— Nada — diz ele. — Você não conhece a mamãe como eu, Mads. Quando fui a Gana ver como estavam as coisas, ela estava um pouco louca. — Desvio o olhar da câmera. — É — diz James —, sei que você não quer ouvir e é por isso que não digo nada. Enfim, olha, tenho que ir, mas passo aí em breve, tá? Tchau, Mads.

— Tchau, James. Te amo.

— Te amo também, irmã.

Largo meu celular e apago a luz.

James diz que conhece nossa mãe melhor que eu, mas fui eu quem viu as mensagens no celular dela da última vez que ela esteve aqui; mensagens sobre amar e sentir saudades de um número não salvo que começava com +233.

Talvez seja isso o que James viu em Gana. Que bom que eu tinha a desculpa de ter que cuidar do papai para não ir nessa viagem. É fácil só colocar o celular de volta na mesinha e fingir que nada aconteceu — talvez seja mais difícil ver com os próprios olhos.

Fico pensando no que minha mãe deve estar fazendo agora. Se está sozinha. Trair meu pai parece um ato cruel, mas embora eu nunca tenha sido uma daquelas filhas que beatifica os pais, não consigo pensar coisas ruins a respeito dela. Ainda é a mãe que me deixava subir na cama dela e faltar na escola quando eu tinha um pesadelo assustador; a mãe que vinha ao meu quarto e rezava por mim durante todo o tempo que minhas cólicas menstruais me deixavam de cama; a mãe que se gabava de ter um presente de Deus comportado, responsável e que só tirava nota dez.

Está tudo bem. Sério.

Só mais um segredo para guardar.

Três

Passo a manhã de domingo limpando o quarto do meu pai; levo o dobro do tempo por conta das minhas costas doloridas. Agora é menos que uma dor e mais um apertão constante; liguei para o clínico geral, mas o encaixe mais próximo era para terça-feira de tarde, então tomo paracetamol enquanto isso.

Passo pano no chão e troco os lençóis. Limpo as janelas do quarto, o vaso sanitário e lavo o balde que Dawoud usa para dar banho quando as pernas do meu pai estão fracas demais para que ele vá para o banheiro lá em cima. Meses atrás, enviei um pedido ao conselho municipal para construir um no andar de baixo, mas ainda estou esperando a resposta.

Vou para a igreja algumas horas depois e Shu me liga no caminho. O que é estranho porque Shu só aceita mensagens de texto e considera ligações espontâneas um ataque pessoal.

Conheci Shu na Universidade Birkbeck. Ela entrou atrasada na nossa turma (literatura inglesa, que por fim largou para cursar relações internacionais) e em vez de procurar seus amigos, se sentou na carteira vazia ao meu lado. Na época, o cabelo preto dela estava mais longo, mas ela ainda tem as mesmas maçãs do rosto altas e o mesmo espaço entre os dentes da frente, a mesma preferência por suéteres grandes demais, e ainda não consegue sair de casa sem colocar três colares, um sobre o outro.

— Ei, meu nome é Shu. Você tem uma caneta para me emprestar? — foi o estratagema dela.

— Maddie — falei, entregando uma para ela.

Shu olhou dentro da mochila, e então de volta para mim.

— Você tem papel para me emprestar também?

Logo me tornei a garota ao lado da qual ela se sentava nas aulas, quando esquecia o notebook. Eu era fácil de encontrar porque sempre me sentava na frente do bloco central, bem na ponta para poder ser a primeira a sair e evitar a multidão tagarela quando a aula terminava.

— Por que você sempre sai correndo? — Shu perguntou uma vez.

— Tento evitar ser engolida pela multidão.

— Para onde você vai?

— Se eu não tiver outra aula, vou para casa.

— Isso é triste.

— Não discordo.

— Você mora em Londres? — perguntou ela. — Seu sotaque é meio chique.

— Thornton Heath. E você?

— Hackney. Conhece a região?

— Não muito bem, mas é bom enfim te conhecer... Shu?

— É, apelido de Meixiang-Shu.

Depois de várias tentativas bem-intencionadas da minha parte, ela me encarou e disse:

— Agradeço o esforço, mas sua pronúncia é uma merda. Só me chama de Shu.

Shu e eu costumávamos ser bem mais próximas, mas agora ela tem uma namorada séria — Lydia — e um trabalho muito importante que exige mais horas do que aquelas no contrato. E com meu pai precisando de cuidado-constante-imposto-à-Maddie, não a vejo muito.

— Que bom que te liguei antes da igreja — diz Shu. — Estou indo ver outro lugar.

— Ah, é. — Tampo a outra orelha com um dedo enquanto sigo pela Tottenham Court Road. — Como está a busca por um apartamento?

Shu saiu da casa dos pais assim que fez dezoito anos, *literalmente*. Ela nasceu às 15h57, e nessa exata hora no dia 25 de julho se levantou no quarto, pegou suas coisas, disse “Que se

foda este lugar” e caiu fora. Shu pode ser um pouquinho dramática, mas ela teve seus motivos para ir embora. Quando saiu do armário para os pais, eles *disseram* que a amavam e aceitavam, mas as coisas nunca mais foram as mesmas entre eles. Isso é só o que Shu me conta. Agora, o contrato do apartamento dela na Hornsey está chegando ao fim e ela não quer renovar. Pode pagar por um aluguel sozinha, mas prefere guardar dinheiro para uma hipoteca e, da última vez que conferi, Lydia não estava pronta para dividir o aluguel.

— Tenho mais dois esta noite.

— E aquele em Camden de que você gostou? — pergunto.

— Tive que recusar. A garota que ia morar comigo era bonita demais.

Um homem com um papagaio falso incrivelmente realista empoleirado em seu ombro passa por mim, mas é a área central de Londres no final de semana, então eu nem pisco.

— Você vai ter que me explicar isso, Shu.

— Lydia não vai admitir, mas costuma... Como é que os britânicos dizem? Minha avó diria “molhar”.

— Você quer dizer “secar”?

— É, talvez. Enfim, não quero me sentir insegura na minha própria casa quando minha namorada está por perto — diz ela.

— Se você estivesse pronta para se mudar, poderíamos encontrar um lugar legal com dois quartos e nos divertir desde o dia um. Você sabe tirar os sapatos ao entrar e já sei por que seu cabelo fica cem vezes mais curto quando o lava.

Paro na rua.

— Está dizendo que não sou uma ameaça?

— Quando se esforce, sim, mas não tenho nada com que me preocupar porque você é muito inocente. Quando Lyd estava olhando para seus peitos, você contou para ela onde comprou o suéter.

— Achei que ela tinha gostado do estilo dos botões.

— Com certeza não.

— Talvez tenha gostado sim.

Shu suspira, o que significa que está revirando os olhos.

— Você está pronta para se mudar ou o quê?

Paro do lado de fora da igreja. Uma dor quente e invejosa atinge meu peito enquanto penso por um instante em como seria ser responsável apenas por mim mesma, por gastar meu tempo do jeito que eu quisesse. Imediatamente, me sinto culpada e balanço a cabeça; precisar de mim não é culpa do meu pai.

— Gosto de morar com meus pais. Acho que isso não vai mudar tão cedo — digo.

Shu sabe que meu pai tem Parkinson, mas não faz ideia de quão sério é. Ela costuma perguntar como ele está e sempre respondo “Bem”. Ouve o silencioso “... sabe, relativamente...”, mas não faz mais perguntas. Não porque não se importa, mas porque é tão reservada quanto eu — talvez até mais. Acho que ela se pergunta, caso estivesse no meu lugar, se ia querer alguém fazendo perguntas o tempo todo. A resposta é não.

Shu suspira de novo.

— Tá, justo. Aproveite a igreja.

— Obrigada. Te amo.

Ela ri e é uma explosão de energia.

— Você sempre tem que dizer — comenta. — Por que não consegue terminar uma conversa sem dizer isso?

— Só diz que me ama também e desliga.

— É, eu também.

Quando minha mãe está aqui, vou com ela a uma pequena igreja pentecostal em Croydon. Lá, do púlpito, o pastor pode facilmente fazer contato visual com qualquer um e todo mundo sabe muito um do outro. Quando minha mãe está em Gana, vou a uma igreja na parte central de Londres. Descobri sobre ela porque Shu a frequenta, não toda semana, mas “quando posso, né”.

Gosto que eles se chamem de uma igreja cristã contemporânea e que centenas vão a cada sermão, garantindo o anonimato. Fui

em um domingo, sozinha porque prefiro as manhãs enquanto Shu prefere ir à noite, e gostei o suficiente para continuar voltando. Os sermões são dados por pastores diferentes, então você nunca sabe quem vai ouvir, e eles são relativamente jovens. Falam do cristianismo na era das redes sociais e da pressão social crescente; falam de amor em um mundo que costuma mostrar estar cheio de ódio; encontram formas de fazer a Bíblia ser envolvente e não vou embora sentindo que não sou cristã *o bastante*. Cada culto leva noventa minutos e eles encorajam que as pessoas fiquem para se conhecerem — se quiserem. Prefiro voltar para casa, para meu pai.

Escolho um lugar no térreo, no fim da fileira, e me acomodo.

Ouçoo meu pai falando quando chego em casa depois da igreja e acho que talvez Dawoud tenha vindo mesmo que não seja seu dia, mas quando entro na sala de estar, não há ninguém além do meu pai ali.

Os olhos dele estão arregalados e ele fala twi. Não consigo entender o que está dizendo porque nada faz sentido. Espero que esteja falando comigo, mas não, está encarando um canto, uma parte vazia da parede da sala de estar, e falando com alguém que não está ali.

— Pai?

Ele continua encarando e não para de falar.

— Pai? Com quem você está falando?

Os cantos da boca dele se curvam para baixo. Ele pisca e aos poucos estende o braço, o máximo que pode, a fim de apontar para o espaço vazio.

— Minha... minha ir... mã — diz ele.

— Tia Mabel? Ela está aqui?

— Não. Não. Re... Rebecca.

Engulo em seco. Minha tia Rebecca morreu em Gana quando eu tinha três anos.

— Não, pai — digo baixinho. — Ela não está aqui. — Gesticulo pelo espaço e repito o que disse, mas ele continua a franzir a testa e apontar para a parede vazia.

Inclina a cabeça para trás e diz baixinho, ainda encarando:

— Minha irmã, Rebecca.

Vou até ele e gentilmente chacoalho seu braço.

— Pai?

Ele pisca e enfim olha para mim. Olha para a parede e então para mim outra vez. Fecha os olhos e uma lágrima desce por sua bochecha.

Seguro sua mão.

— Desculpe, pai — digo baixinho. — Eu... eu sinto muito. — Seco a bochecha dele com a manga do meu casaco e então beijo sua testa. Fico sentada ali, aninhando sua trêmula mão direita entre as minhas até que ele durma.

Saio da sala e tiro meu celular do bolso. Minhas mãos estão tremendo quando ligo para o número pessoal do dr. Appong. Conto sobre a alucinação e ele me garante que isso não é raro com a medicação que meu pai está tomando, mas, para me tranquilizar, virá de manhã para examiná-lo.

— Hoje não?

— Não estou no consultório hoje, infelizmente.

— Certo! Desculpe, é domingo. Me esqueci de novo. Desculpe. É só que... — Aperto o nariz para impedir novas lágrimas. — Amanhã será tarde demais?

— Maddie, está tudo bem. — O tom dele é paciente, reconfortante, com a confiança adquirida em décadas de prática médica. Ou podia ser pena. Ainda me lembro do franzir em sua testa quando ele veio ver meu pai e perguntou onde minha mãe estava. Eu lhe disse que era só eu no momento e foi aí que ele me passou seu número pessoal. Quando foi embora, jurei tê-lo visto balançar a cabeça enquanto se afastava. — Você disse que ele não está com outros sintomas?

— Não, mas está um pouco cansado.

— Isso é normal. Você não precisa se preocupar. Pode me ligar de novo se alguma outra coisa acontecer, mas ele deve ficar bem, tá certo?

Concordo com a cabeça e então me lembro de dizer:

— Sim, obrigada.

O dr. Appong estava certo. Quando meu pai acorda, não parece se lembrar de nada e está tão bem quanto no dia anterior. Mas a memória gruda em mim durante a tarde, o jantar e até a noite. Liguei para James, mas ele não atendeu, então mandei uma mensagem de WhatsApp para minha mãe, mas não tive resposta.

Fico deitada na cama pensando em como as coisas eram antes de meu pai adoecer. Faz oito anos, então levo um tempo para lembrar. Para lembrar que eu costumava deixá-lo sozinho aos fins de semana porque ele preferia assim, e passava os sábados e domingos com amigos da faculdade que não vejo mais.

Meu pai e eu nunca passamos muito tempo juntos, nem perto do tanto que passamos agora. Com minha mãe em Gana um ano sim, outro não, e James adotando outras famílias, eu cresci sozinha. Meu pai me deixou em paz porque sabia que podia. Eu era a filha comportada.

Mas se eu tivesse me dado conta do quanto aquela pressão cresceria dentro de mim, a vagarosa derrocada em uma existência tediosa, dias pincelados por preocupação com meu pai, me perguntando se estou cuidando dele da maneira certa — bem, teria ficado fora até tarde em algumas noites, perdido minha virgindade aos dezesseis em vez de ainda ser virgem, teria desenvolvido um gosto por álcool, entrado em bares, fumado maconha, dançado em baladas e transformado desconhecidos em amigos.

A verdade é que levei um tempo para ficar confortável com meu pai, sem minha mãe aqui servindo de amortecedor. Ele trabalhava como segurança em uma escola particular em Wandsworth, o que significava que estava em casa à noite, mas se sentava na escrivaninha para ler o jornal ou assistir à tv e eu ficava no meu quarto. Era o normal para nós. Não somos o tipo de família que se senta e janta juntos, exceto durante alguns Natais.

No Natal passado, minha mãe ficou em Gana e James viajou com os amigos, então éramos só meu pai e eu. Assistimos a *O Grinch* em um silêncio confortável. Meu pai também tem diabetes, mas mesmo assim desembrulhei um chocolate e o coloquei em sua boca. Minha mãe nos ligou à noite, e James, no dia seguinte. Pensei que fosse me importar de não estarmos todos juntos no Natal, mas, sério, pareceu só mais um dia normal.

Minha mãe não liga até terça-feira, quando estou sentada em um banco no South Bank, diante do rio.

— Querida, você foi à igreja no domingo? — pergunta ela. — Qual foi a mensagem?

— Teve algumas — respondo. — A da rainha Vasti foi sobre agradecer pessoas, a de Mordecai foi sobre se cercar de pessoas que são leais e honestas, e a de Ester sobre ter fé nos momentos mais difíceis.

— Ótimo. Gostei disso — diz ela, satisfeita. — Lembre-se de meditar sobre as passagens de Ester. São ótimas. Então...

— Já conheceu alguém? — digo as palavras familiares junto com ela. Uma conversa com minha mãe dificilmente termina sem essa pergunta. — Desde a semana passada? — Reviro os olhos. — Não, não conheci.

— Você não falou com ninguém novo na igreja?

— Não.

— Por que não? — pergunta ela. — Você disse que a maioria das pessoas no seu trabalho é mulher, mas não há homens na sua igreja?

— Não vou à igreja para encontrar homens, mãe.

— Talvez esse seja o problema — diz ela. — Onde mais você espera encontrar homens tementes a Deus senão na igreja? Sabe sua prima Glory, aqui em Gana?

— Não.

— Bem, ela acabou de se casar. Tem vinte e quatro anos, acho.

Mais nova que você.

— Sorte a dela.

— Sorte não tem nada a ver com isso, Maame.

— Tá. Mãe, por que você não me ligou de volta no domingo?

— Recebi sua mensagem, mas sabia que não era nada sério porque você não mandou outra — diz. — Seu pai está bem agora?

— Sim. O dr. Appong veio ontem para examiná-lo — respondo. — Ele disse que não é nada com que nos preocuparmos, mas foi assustador mesmo assim.

— Não deveria ser. O que você acabou de aprender sobre Ester e a fé? — Ela nem espera eu responder. — *Ter fé*, é isso o que você devia aprender com Ester — diz minha mãe. — Essas coisas vão acontecer por conta das várias medicações dele, então não precisa se estressar. Tá bem?

Não adianta dizer nada além de:

— Tá bem.

— Ótimo. O que você fez no sábado?

— Nada demais — respondo. — Limpei a casa, depois fiquei na sala de estar com papai e li um pouco.

— Sábado à noite?

— Você ia preferir que eu tivesse saído para beber?

— Claro que não! Não diga isso. Apenas mulheres perdidas bebem. Você é uma mulher perdida?

— Não, mãe.

— Exatamente. Mas não está cansada dessas quatro paredes? — pergunta ela. — Você é uma boa menina, Maddie, mas ficar em casa o tempo todo e cuidar do seu pai vai fazer você se ressentir. Não precisa cuidar dele vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana; pode sair por algumas horas de vez em quando. Como você disse, está cansada de tudo o que faz em casa, então saia, ou nunca encontrará alguém para se casar.

Não digo nada.

— Quando você for mais velha, vai querer ter aproveitado mais. Vai sim — continua ela. — Eu sei mais que você, Maddie.

Enfim, liguei para dizer que comprei minha passagem e vou estar em casa semana que vem. Seu tio quer passar mais tempo no hostel. Meio tarde para ele ajudar, mas enfim. Vou voltar para ficar um ano, talvez mais. Então agora você pode se mudar e viver sua vida um pouco.

Coloco meu almoço de lado.

— Me mudar?

— Sim, enquanto eu cuido do seu pai, pelo menos. Com certeza você está pensando nisso, né? Vai direto para casa esta noite?

Me divirto um pouquinho respondendo:

— Na verdade, não. Vou a uma peça.

— É um encontro?

Eu murcho.

— Não, vou a trabalho.

Ela fica em silêncio por alguns segundos, então diz:

— Vai ter homens na plateia. Talvez você se sente ao lado de um.

Quando ela desliga, encaro o rio.

Minha mãe *quer* mesmo que eu me mude? Nunca considereei que ela fosse querer estar sozinha em casa e ser responsável por meu pai. Acho que a prioridade ainda é eu encontrar um marido e ter filhos antes dos trinta anos.

Meus pais não estão juntos, mas estão. “Ainda somos casados”, disse minha mãe quando James perguntou, “mas estamos separados. Divórcio não é para nós”. Eu queria saber se “nós” se referia à nossa religião, à nossa cultura ou só a eles, mas fiquei de boca fechada. Sabia que não devia fazer muitas perguntas. O que é estranho quando penso no assunto agora; sabia que devia manter os assuntos domésticos em segredo, longe das outras pessoas, mas jamais considereei que os segredos possivelmente nos mantinham afastados uns dos outros. “Não é para sair espalhando isso por aí, tá?”, minha mãe adicionou depressa.

“Assunto de família.”

Será que eu podia enfim me mudar? Minha recusa em sair de casa se devia ao fato de que meu pai precisava de alguém mais constante que as visitas de Dawoud, mas minha mãe estaria presente. Eu teria que voltar quando ela por fim partisse de novo, mas enquanto tenho a chance...

Talvez eu pudesse sair mais. Conhecer pessoas. Conhecer *alguém*. Enfim ter uma resposta para a pergunta de sempre da minha mãe. Que mal faria ir a um encontro, sabendo que não teria que voltar correndo para casa depois? Convidar um homem para a minha casa, apresentá-lo aos meus amigos e ser apresentada aos dele? Que mal faria talvez até me apaixonar?

Baixo o aplicativo RentARoom antes de voltar ao escritório.

Katherine está de novo rondando a minha mesa, mas desta vez está com os punhos fechados ao lado do corpo e os ombros encolhidos como se tentasse conter o que está ameaçando escapar.

— Você viu o estado da minha agenda? — grita ela ao me ver. Está com o rosto vermelho, cuspe grudado no lábio inferior, e a voz aguda vacila uma sílaba sim, uma sílaba não. *Merda*. Ela costuma guardar suas lágrimas para qualquer cabine disponível no banheiro, mas parece não conseguir evitar. De repente, penso: *já era de esperar*.

Não sei como lidar com isso e ninguém no escritório corre para me resgatar, então estou tremendo quando ligo o computador e abro a agenda dela. Está cheia de convites aceitos e conflitos de horário que não estavam lá uma hora atrás.

— Eu não aceitei essas reuniões — digo a ela.

— Eu aceitei — diz Katherine. — Estavam na minha caixa de entrada e agora há conflitos por toda a parte e não posso ter nenhum conflito. — Ela pressiona os olhos com as palmas das mãos. — Não posso... não *consigo* fazer isso!

Estou virada para ela, mas sinto todo o escritório nos

observando. Meu coração está disparado e meus olhos doem quando digo baixinho:

— Não é culpa minha.

Katherine tira as mãos dos olhos e me encara, as pupilas disparando de um lado a outro.

— Olha a minha agenda, Maddie! É o seu *trabalho*!

— Tá — diz Claire, enfim se levantando. — Katherine, por que você não deixa a Maddie descobrir o que fazer com a sua agenda. Tenho certeza de que vai ser rapidinho. — Ela fala como se negociasse com uma criança de dois anos e conduz Katherine de volta à sala dela. — Enquanto ela faz isso, vou preparar uma xícara de chá para você, que tal?

— Sim, obrigada, Claire — diz Katherine, arfando. — Isso é muito gentil da sua parte.

Me volto para o computador, sentindo os olhares de todos ainda grudados em mim.

Não choro até que tempo o bastante tenha se passado para eu usar o banheiro discretamente. Lá, fico pensando se Katherine tem uma cabine favorita na qual chora, e se é onde estou agora.

Pelo menos não fico no escritório o dia todo. Saio às três da tarde para ir à consulta médica por conta das minhas costas. Embora eu tenha que retornar à noite para a peça, meus ombros relaxam quando saio do prédio e espero meu trem.

Estou deitada sobre meus seios, me mexendo desconfortavelmente no consultório iluminado demais da Clínica Geral Shazia Rana. Ela não é de conversar, então o silêncio, enquanto coloca um par de luvas bem devagar, faz meus ouvidos retinirem. Me pergunto se devo mencionar que tenho mamilos muito sensíveis, o que significa que não posso dormir de bruços e se isso é algo com que devo me preocupar.

A dra. Rana vai até a mesa e me pede para erguer o suéter para que ela possa examinar minhas costas. Isso é bem difícil de fazer quando se está deitada de bruços, mas dou o meu melhor.

Lembro um pouco tarde demais como a abertura do pescoço desse suéter é apertada e, para evitar que minhas pernas se debatam com o esforço, decido ficar deitada ali, com metade do meu rosto escondido por poliéster fingindo ser algodão.

Ela pressiona minhas costas com os dedos frios cobertos de látex e arrepios percorrem minha pele.

— Como você está se sentindo hoje, Maddie?

A voz dela é muito gentil, talvez porque esteja concentrada na tarefa, mas realmente paro para pensar na pergunta. A resposta sincera é: não estou bem. Minhas costas ainda doem e minhas quatro noites por semana pondo meu pai na cama não estão ajudando; espero nunca mais ver meu pai alucinando; não quero mais trabalhar para a minha chefe; minha mãe está voltando de Gana em breve; ainda choro de noite e essa talvez seja a única coisa que me faz dormir.

No entanto, não posso dizer nada disso porque às vezes essa pergunta serve apenas como conversa fiada e a única resposta aceitável é alguma variação de “Bem, obrigada. E você?”. Mas talvez... e se ela quiser mesmo saber como estou?

— Bem, eu...

— Vou pressionar só um pouquinho mais — diz a dra. Rana.

Pisco e concordo com a cabeça.

— Sim, está bem. Obrigada.

Provavelmente é melhor assim.

— Bem, não há nada que me preocupe, o que é bom — diz ela, voltando à mesa. — Você disse que machucou as costas erguendo caixas pesadas no trabalho?

Ergo a cabeça e minto:

— Sim.

— Mas na sua ficha consta que você trabalha como assistente pessoal.

— Ah, hã, eu estava só ajudando a equipe de palco. Estavam desfalcados.

— Mas isso não é parte das suas atribuições?

Atribuições.

— Não exatamente.

— É melhor evitar, então. — Ela se volta para a tela do computador e diz: — Vou te dar uma prescrição e, se você evitar mais atividades extenuantes, vai ficar bem.

Pressiono meus lábios em uma linha fina e concordo com a cabeça.

— Está bem.

A peça de hoje, aquela a que não assisti com Avi, é vagamente baseada nos julgamentos das bruxas de Salem; uma bruxa acusada deve provar que está grávida para evitar ser queimada viva. Estou aqui porque funcionários costumam receber ingressos de cortesia e Katherine quer que todo mundo compareça quando puder para estarmos sempre atualizados com as peças do CGT. Já que temos data e horário, raramente consigo ir porque as apresentações nem sempre caem nas noites de Dawoud.

Tento focar ler o resumo da peça, mas ainda estou pensando na minha tarde — no chiquete de Katherine, em como não quero voltar ao trabalho amanhã e na dra. Rana (*E se você tivesse dito mais? Por que mentiu sobre como se machucou?*). Estar sentada sozinha na entrada do teatro cheia de pessoas esperando o primeiro sinal não ajuda.

Com meu vestido de terça-feira ainda para lavar, estou razoavelmente vestida com calças cinza risca de giz, um suéter branco e um cardigã grande, mas para dar uma noção do resto da plateia, o CGT fica perto de uma cafeteria que cobra sem pudor seis libras por um café pequeno e um restaurante disfarçado de pub chamado *Gentri-Gelado*. Alguns patronos e membros da plateia — principalmente de uma certa idade e demografia — tendem a usar ternos, gravatas, vestidos e saltos.

Para explicar minha falta de guarda-roupa já mencionada, mantenho meu crachá da empresa pendurado no pescoço.

Fico feliz em encontrar meu assento pouco antes de as luzes

diminuírem e o espetáculo começar.

Durante o intervalo, uso o banheiro, e então vou para o segundo andar a fim de ver a exibição. É de graça para visitantes e consiste em pódios mostrando os melhores figurinos de peças anteriores.

Deslizo em meio à multidão e me inclino, lendo a placa de um vestido amarelo-dourado que arrasta no chão, feito de camadas emplumadas, junto a uma coroa dourada em forma de halo sarapintada com cada ponta coberta de cristais brilhantes. O conjunto é lindo e digo “Uau” em voz alta.

— Vou ter que contar para a Sophie que você gostou.

Me viro para a direita, onde um homem branco de terno e sapatos sociais me encara. Meu coração acelera porque sem dúvidas ele está falando comigo. É bonito, com um rosto alongado, cabelo escuro e covinhas que se esticam em suas bochechas quando ele sorri.

— Como é?

— Minha amiga Sophie ajudou a desenhar essa coleção — diz ele.

— Sério? — Olho de novo para os vestidos brilhantes e cristais que cintilam. Não penso em nada por um momento. — Que impressionante.

— É o que a gente fala para ela — responde ele. — Você conseguiu ver essa peça quando estava em cartaz?

— Não, perdi essa — era minha noite de pôr meu pai na cama —, mas ouvi dizer que era muito teatral, sabe, com cantoria e aplausos. A definição literal de um espetáculo. — *Você está falando demais? Sinto que está falando demais!*

Ele coça o queixo com uma mão e seu relógio prateado reflete luz tanto quanto o vestido amarelo e a coroa.

— Foi mesmo, até um pouco demais. A propósito, eu sou Ben.
— Ele estende a mão.

Ai, caralho. Estive mantendo meus braços cruzados para não

fazer os gestos expansivos e nervosos que costumo fazer. Eu os descruzo e aceito a mão dele gentilmente.

— Maddie — digo.

— Apelido de Madeleine?

— Sim.

— Um lindo clássico.

Ai, caralho. Isso é uma... cantada? Acho que é. Não surta e diga algo interessante.

— Eu costumava odiar.

— Por quê?

Sim, Maddie — por quê? Por que falei isso, para esse desconhecido chamado Ben? Principalmente porque não tenho certeza do motivo pelo qual costumava odiar meu nome; era algo vago sobre eu não combinar com ele. Só não sou a pessoa que você esperaria ver ao ouvir o nome Madeleine Wright.

— Eu me olhava no espelho e não sentia que combinava — respondo.

— Sei como é — diz Ben. — Eu costumava odiar ser chamado de Benjamin, ainda odeio. Cresci com amigos com nomes como Jared, Brick e Colson. Me sentia muito comum.

Sorrio e digo:

— Ah, as dificuldades e tribulações de Benjamin...?

— Featherstone. — Ergo uma sobrancelha e ele ri. — Justo — diz. — Você tem um sobrenome menos pretensioso?

— Wright — respondo. — Madeleine Wright. — Aperto os lábios e assinto. — Pais prudentes — adiciono. O sinal para o segundo ato da peça toca. — Ah, preciso voltar.

— Você está aqui para a peça? Vim ontem à noite, que pena.

— É? A segunda parte não é tão boa?

— Eu quis dizer, com sorte eu estaria sentado ao seu lado e agora perdi a chance.

Casa comigo?

Concordo com a cabeça e sorrio.

— Sim, que pena.

Ele me observa.

— Ou talvez não — diz por fim. — Posso pegar seu número?

Perco grande parte do segundo ato da peça porque só consigo pensar em Ben. Ele pediu meu número e eu dei. Ele disse que estava ansioso para conversar comigo de novo. O QUE ISSO SIGNIFICA? Eu procuraria no Google, mas celulares são proibidos durante as apresentações.

— Como você se declara? — pergunta um ator no palco.

— Inocente! — proclama a bruxa.

— Queime a verdade dela! — grita um membro do júri.

Acho que ele tem quase trinta anos. Ben Featherstone. E se ele me chamar para sair? Não posso ir. E se for meu dia com meu pai? O que acontece se não for e o encontro for bom? Cedo ou tarde, Ben vai querer saber onde eu moro. Ele esperaria que eu morasse sozinha ou dividisse apartamento, como a maioria das pessoas com vinte e poucos. Talvez eu não devesse ter dado meu número para ele, mas foi sem querer. Será que gritei os números ou os falei de maneira despreocupada? Por que sou tão ruim nisso?

Falta de prática.

Meu primeiro e último namorado (a não ser que você conte ter casado com Jeremiah Stephens durante o horário de almoço no terceiro ano, o que eu não conto, porque ele logo se divorciou de mim e se casou com Kerry Jennings no recreio) foi um garoto do meu ano quando eu tinha dezessete. Estive fora da pista por oito anos, e de qualquer forma aquilo dificilmente era algo que valia chamar de relacionamento. Por quase três meses a gente só deu as mãos e se beijou (sem língua) perto do ponto de ônibus depois da escola. Ele agarrou meu peito um total incrível de quatro vezes — e era sempre o esquerdo. Terminamos semanas antes do nosso último dia de aula porque ele queria estar solteiro para a semana de recepção dos calouros da universidade. Desde então, não tive outro namorado.

— Por quanto tempo devo proclamar minha inocência? —

clama a bruxa. — Afoguem-me e afundo, e então serei inocente mas morta. Afoguem-me e sobrevivo, e então vocês me queimam na fogueira!

E se Ben ligar na esperança de ter uma conversa de verdade? Odeio falar no telefone. Minha eloquência só se revela quando paro para pensar no que quero dizer, anoto e edito algumas vezes antes de apertar *enviar*.

Mesmo na idade desagradável e egoísta dos dezessete anos, meu “namorado” e eu não tínhamos muito a dizer um para o outro. Nossas ligações eram tão esquisitas, só muito silêncio, entrecortado por respirações. Tremo só de lembrar.

A plateia arfa.

— Como pode ser? — declara um ator, e percebo que perdi algo crucial na peça.

Tento prestar atenção.

Espero mesmo que Ben mande mensagem em vez de ligar.

Quatro

Ben não liga nem manda mensagem, e entro em uma espiral de alívio e decepção, até que algo bombástico acontece.

Talvez eu tenha encontrado o apartamento perfeito.

Com meu salário atual e minha falta atípica de vida social, espero alugar um quarto em Londres por no máximo oitocentas libras por mês com as contas inclusas, então passo minhas tardes livres e finais de semana inteiros procurando por um até conhecer Jo Bowen (cujo nome é na verdade Joseph porque a mãe dela acredita que um discurso livre não pode existir se qualquer palavra permanecer ligada a um gênero. Jo tem uma irmã chamada James, que se apresenta como Jamie, e um irmão chamado Elizabeth, que se apresenta como Eli). Jo tem um quarto disponível em um apartamento de três quartos em Wandsworth, a dez minutos de duas estações de metrô.

Oi, Maddie,

Sim, o quarto ainda está disponível! Você vai morar comigo e outra colega chamada Cam, que se mudou semana passada. Ela trabalha como assistente de professor do fundamental e eu trabalho numa ONG. Você está livre para visitar o quarto e nos conhecer no domingo à tarde?

Beijos

A pequena casa de dois andares é antiga, e a senhoria, Winnie (mãe de Jo, provavelmente apelido de Winston?), a comprou nos anos 70. A cozinha tem armários brancos, um forno antigo e chão de linóleo; a geladeira é o item mais moderno. O corredor é comprido, mas estreito, o quarto de Cam fica ao lado da cozinha, e a sala de estar é colorida e bem iluminada, com um sofá vermelho no meio e uma poltrona verde-azulada coberta com

uma manta xadrez no canto. Uma vila rural estampa a tapeçaria pendurada na parede e há duas estantes altas em cantos opostos. Como a cozinha, tem espaço suficiente para três pessoas, e há até um jardimzinho nos fundos. Lá em cima, Jo me mostra um banheiro separado. Me imagino na banheira, com luzes apagadas, velas acesas, bolhas, música, suco gaseificado em uma taça de vinho e sais de banho que mudam a cor da água para rosa.

Então entramos no que seria meu quarto. É maior que o meu atual, e por um instante fico pensando no que eu faria com o espaço extra se o tivesse.

O quarto vem com uma cama de casal, um guarda-roupa grande, janelas amplas e uma pequena escrivaninha com cadeira. O aluguel está acima do que eu esperava pagar, mas este é de longe o melhor apartamento — e com os melhores moradores — que encontrei até agora.

Antes de Jo, eu passava o dia inteiro desejando que a oportunidade de me mudar tivesse aparecido antes. Só um dia antes da minha busca começar, Shu me mandou mensagem dizendo que Lydia havia concordado em morar com ela, e agora estavam buscando um cantinho só para as duas. Desde então, eu tinha conhecido a pesadelo-de-banheiro-compartilhado chamada Carrie, que deixou dois absorventes usados flutuando no vaso sanitário; a quatro-moradores-na-casa-e-portanto-quatro-conjuntos-de-louça-cheia-de-restos-de-comida-deixados-na-pia chamada Jennifer, e como eu poderia deixar de fora o você-é-solteira-porque-esta-é-uma-casa-aberta chamado Tim? Claro, de vez em quando eu conhecia algumas pessoas normais também, mas, como era de esperar, os quartos eram alugados antes mesmo de eu pegar o trem de volta para casa.

Geralmente eu ficava no cantinho enquanto era entrevistada por potenciais colegas de apartamento, mas Jo me oferece uma xícara de chá e um assento em seu sofá macio, e quando Cam sai do telefone nós falamos sobre trabalho, livros e vida social (a delas é bem mais agitada que a minha).

Jo tem cabelo loiro escuro ondulado e olhos azuis brilhantes

que me fazem pensar que ela poderia chorar a qualquer momento, enquanto Cam é o oposto. Tem cabelo castanho curto (que costumava ser mais longo, acho, porque ela tem o hábito de erguer as mãos para prendê-lo em um rabo de cavalo antes de se dar conta de que não pode), olhos castanhos, um rosto magro, muito... irrepreensível. Uma vez, no fundamental, Ryan Fellows me chamou de comum. Ele ficou surpreso quando fiquei ofendida. Disse que era um elogio, que não havia nada de estranho no meu rosto, que eu ainda ficava bonita sem maquiagem. Olhando para Cam, entendo o que ele quis dizer.

— Ainda sou nova aqui — diz Cam —, mas é um bairro ótimo. É fácil de chegar e há lojas e bares por toda a parte.

— Minhas duas colegas de apartamento anteriores se mudaram para morar com os parceiros — adiciona Jo.

Cam revira os olhos e diz:

— As convenções sociais atacam novamente.

— Você não moraria com um parceiro? — pergunto a ela.

— Ah, eu moraria — responde ela —, mas gosto de me render à hipocrisia de vez em quando.

Cam sai pouco depois para jantar com um amigo, então fico apenas com Jo. De repente, me lembro do que Shu disse sobre colegas de apartamento ameaçadoramente bonitas. Enquanto Jo fala sobre o nosso governo indo ladeira abaixo e discute se o Eton College merece toda a aclamação que recebe já que continua fabricando políticos como esses, eu a observo com atenção. Ela tem olhos azuis grandes e pálidos, bochechas redondas e um sorriso fácil, com um espaço do tamanho de uma agulha entre os dentes da frente. Está usando um suéter azul gigante, leggings cinza, meias cor-de-rosa e balança os pés a centímetros do chão.

Me sinto ameaçada por ela? *Não*.

Não porque ela não seja bonita — é porque... Bem, por que eu me sentiria ameaçada quando não tenho uma Lydia, um parceiro a proteger? Por que deveria me sentir ameaçada quando não me vejo tendo que proteger alguém contra as difíceis variabilidades

da beleza feminina alheia?

Penso em Ben, que ainda precisa ligar ou mandar mensagem.

— Chega de falar de mim — diz Jo. — Cam, embora tenha se mudado só na semana passada, é ótima, você viu. Ela pode ser um pouquinho sarcástica, mas quem não é, né? Ela não é muito feminina, mas eu meio que gosto disso. Posso ser menininha o suficiente por nós três. Você é muito feminina?

— Ah. — Franzo a testa. — Na verdade, não sei.

Jo inclina a cabeça e me pergunto se falhei na entrevista. Ela sorri.

— Ainda está descobrindo quem você é? — pergunta.

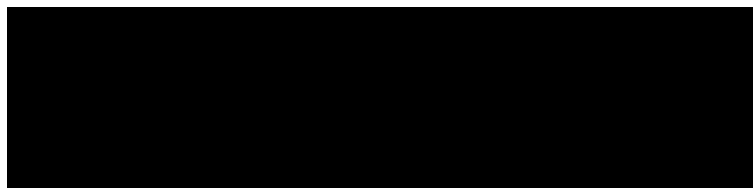
Penso sobre o assunto.

— Acho que estou começando a aprender, na verdade.

A caminho de casa, Jo me manda mensagem para dizer que, depois de ligar para Cam, elas decidiram que o quarto é meu se eu quiser.

E quero — o único problema é que elas precisam de alguém pra já.

Minhas opções são perder o quarto ou começar a pagar aluguel daqui a uma semana. Embora seja um ótimo apartamento, essa não é uma decisão para ser tomada sem pensar. Tenho mesmo que considerar se...



Envio o depósito para Jo direto das minhas economias.

Não é meu dia de dar o jantar e os remédios ao meu pai, mas mando mensagem para Dawoud avisando que farei isso esta

noite, embora, se ele puder vir mesmo assim para colocar meu pai na cama, seria ótimo. Mesmo com os remédios para dor, minhas costas ainda doem um pouco quando me abaixo.

Faço lasanha do zero, pegando a carne moída que preparei ontem e cobrindo a camada de massa com ela, alternando com molho branco a base de iogurte. Ponho um pedaço no prato e adiciono a salada de sempre.

— Hora do jantar, pai! — Chuto a porta com delicadeza já que estou com as mãos ocupadas. — Fiz lasanha.

— Ah, que bom — diz meu pai. Ele dá um sorriso, mas não está olhando diretamente para mim.

Eu o alimento pouco a pouco e assistimos a uma partida de futebol. Digo:

— Mamãe volta na quinta-feira. Tomara que ela cozinhe todos os seus pratos favoritos.

Eu dou a ele outra garfada e respiro fundo.

— Então, vou me mudar em breve.

Ele continua a mastigar a comida e assistir à tv.

— Vou sair de casa, pai — digo. — Para viver em outro lugar. *Tá bem?*

Então me sinto mal, como se estivesse enganando-o para me responder “está bem”.

Ele diz: “Hummm”, mas mastiga um pouco mais devagar.

Abaixo o garfo que ia lhe oferecer. Meu coração bate mais devagar.

— Posso? — pergunto baixinho. — Posso ir, pai?

Ele para de mastigar e franze a testa. Está tentando falar, mas como costuma acontecer antes de ele tomar os remédios, seu cérebro não lhe permite formar as palavras que devem estar na ponta de sua língua.

— É um apartamento em Wandsworth — digo, dando-lhe mais comida. Meus olhos de repente estão doendo e minha voz está um pouquinho mais embargada. — Você se lembra da nossa primeira casa em Battersea? Bem, dá pra ir andando até lá.

Dou a ele um pouco de salada e na tv um jogador faz um gol.

— Só vou embora depois que a mamãe chegar, mas você mal vai perceber que saí!

O rosto dele continua sem expressão.

— Vou vir te visitar o tempo todo, pra ver como você está, *tá bem?*

Ele concorda com a cabeça.

Há uma cobrança de pênalti, mas não faço ideia de para que time.

Encaro meu pai, ele fechou os olhos. Coloco a bandeja de lado. Gentilmente, cubro sua mão com a minha. Dou tapinhas suaves na dele e então me levanto para pegar os remédios da noite.

Cinco

— Maddie, podemos conversar rapidinho?

Mal passei pelas portas do escritório e quase dei de cara com Ellie. É óbvio que ela estava esperando por mim.

— Claro.

Vou até minha mesa, mas Ellie aperta seu coque bagunçado, ajusta os óculos e diz:

— Não. Erm, em uma sala de reuniões.

Franzo a testa.

— Aconteceu alguma coisa?

— Lá dentro a gente conversa.

De repente, sinto um frio na barriga que não consigo identificar. Naturalmente, penso em tudo o que já fiz de errado na minha vida até agora.

— Posso guardar minhas coisas? — pergunto.

Ellie olha para Claire, que acabou de se juntar a nós, o rabo de cavalo sempre balançando.

— Pode levar com você se quiser — diz Claire.

Em silêncio, eu as sigo para a sala de reuniões a duas portas de distância e me sento. Meu coração está disparado e estou começando a suar.

Claire fecha a porta e tenta sorrir. As duas se sentam diante de mim. Claire fala primeiro.

— Um incidente aconteceu ontem quando você estava fora.

— Sim — começo. — Eu... — Minha voz treme e eu tusso. Tirei o dia de folga para ficar com meu pai, mas não digo isso a elas. — Reservei o dia de folga com antecedência.

— Nós sabemos. O problema não é esse — diz Claire. —

Ontem de manhã, Katherine tinha um compromisso fora do escritório na agenda. Ela chegou ao suposto local, a duas horas de distância.

Olho de Claire para Ellie; não consigo nem imaginar aonde elas querem chegar.

— Acontece que a reunião havia sido remarçada — prossegue Claire —, mas você não mudou na agenda. Katherine voltou ao escritório de tarde muito... perturbada, e todos sabemos quão temperamental e delicada ela está no momento.

Suspiro, aliviada. *Houve* um erro, no fim das contas.

— Não coloquei nada na agenda dela para a manhã de ontem — explico. — Garanti que o dia dela estivesse em ordem antes do final de semana. Antes disso, ninguém me disse que qualquer horário havia mudado. Katherine aceitou um convite corrigido que foi diretamente para ela ou algo assim?

Claire desvia o olhar.

— Maddie, nem preciso dizer que Katherine não sente mais que você seja adequada para ser a assistente pessoal dela.

Pisco e balanço a cabeça.

— Você está me demitindo?

Claire se inclina à frente e posso sentir o cheiro cítrico de seu perfume.

— Não, *nós* não estamos, mas Katherine não sente mais que vocês são compatíveis, e ela decidiu que precisa de alguém... mais preparado. Alguém que tivesse previsto que algo assim poderia acontecer.

O que, uma vidente?

— Alguém que possa antecipar os pensamentos dela, em vez de esperar um comando. Que saiba quando ela precisa de café em vez de chá. Alguém que possa garantir que o local de trabalho dela esteja arrumado o tempo todo. Que destranque as portas do escritório antes que ela chegue. Todos sabemos que Katherine está frágil e passando por um período difícil, então se trata mesmo de cuidar das coisinhas sobre as quais ela não quer pensar, só para aliviar a pressão. Ela precisa...

— De uma babá?

Claire e Ellie coram ao mesmo tempo.

— Só achamos que você é mais adequada para um cargo com mais autonomia e isso é ótimo! — diz Claire.

Minha suposta gerente direta Ellie só fica sentada ali, inclinada à frente com as mãos no colo, olhando para todo o canto, exceto para mim.

Observo meu reflexo na janela, alivio a pressão na testa.

— Estou sendo demitida?

— Como é um súbito encerramento de contrato, pagaremos as semanas do mês que você trabalhou, incluindo hoje — diz Claire —, e te prometo, Maddie, caso precise de uma carta de recomendação, irei escrever uma excelente.

— Todos sabemos que esse período difícil da Katherine já dura um tempo — diz Ellie enfim. Ela limpa a garganta. — Não é nada pessoal.

Pressiono meus lábios em uma linha fina e por um instante considero cuspir no olho dela, mas decido que isso seria nojento e talvez um crime. Além disso, para a sorte dela, minha boca está completamente seca.

— Você não precisa ir agora — diz Claire. — Pode ficar aqui por um tempo, se quiser. — Mas ela se recosta na cadeira, terminando a apresentação. Perguntas?

De novo, olho de uma para a outra e a palavra *falsas* aparece na minha mente. Não fazia muito tempo que Katherine estava gritando comigo por conta de conflitos de agenda que *ela mesma* tinha causado. Assim que foi para sua reunião seguinte, as duas vieram correndo para o meu lado, me dizendo como era inaceitável, como Katherine tinha passado dos limites e perguntando se eu estava bem. “Tem certeza de que está bem, Maddie?” Senti que elas estavam do meu lado, e isso fez a tarde desaparecer mais depressa. Mal sabia eu que elas estavam cagando e andando para mim.

— Acho que vou agora.

As duas suspiram, aliviadas.

— *Cacete*. Acabei de ser demitida.

Ninguém presta atenção na mulher de olhos arregalados em pé debaixo de uma ponte, falando sozinha.

Olho na direção do teatro, para as portas das quais fui, para todos os efeitos, chutada para fora. Observo o fluxo de pedestres ao meu redor; todo mundo cuidando da própria vida.

Nunca estive desocupada em um dia de semana. Quando tiro dias de folga, não é para descansar, mas para fazer outras coisas: ir a consultas médicas, lavar meu cabelo, ir ao consulado quando percebemos que o visto do papai expirou. Até mesmo ontem eu estava limpando a casa e checando as contas enquanto meu pai dormia.

Deus, não posso contar para minha mãe que fui demitida. Na mente dela, não existe vergonha maior do que desemprego forçado. Ela vai pensar que é minha culpa porque sempre há uma razão para alguém ser demitido. Que motivo dou? Um convite perdido no calendário de Katherine que eu sequer aceitei? Ela nunca ia acreditar em mim.

E tem certa razão em não acreditar. Por que demissões não deveriam ser para atrocidades como dormir com seu chefe casado, desviar dinheiro da empresa ou, sabe, matar alguém? Tudo o que morreu naquele escritório foi minha vontade de viver; tudo o que fiz foi... ainda não tenho certeza do que fiz ou deixei de fazer, mas sei que não foi algo que justificasse ser demitida do nada. Meu lanche da manhã ainda estava na bolsa. Eu sequer havia tirado minha jaqueta desde que a vestira de manhã?

Ando de um lado para outro antes de voltar para a estação de trem. Me sento e espero pelo trem das 9h33. Nunca peguei o trem das 9h33. Pelo menos vai estar vazio.

 **Google** — O que fazer quando se é demitido

Merda! Você foi demitido! Eis o que fazer:

1. Comemore — você está livre da engrenagem perpétua, repressiva e opressiva do capitalismo

2. Busque um novo emprego — você pode querer voltar à engrenagem perpétua, repressiva e opressiva do capitalismo, e tudo bem. Nunca é tarde ou cedo demais para bater a poeira do velho currículo e começar a buscar novos trabalhos. Quanto antes, melhor.
3. Faça uma reclamação ao ministério do trabalho (p.s.: é uma bobagem e é improvável que você ganhe o caso) e/ou apresente uma reclamação — se foi demitido injustamente, essa é a melhor maneira de revidar a quem te demitiu.
4. Comece a economizar — porque, vamos ser sinceros, você está falido agora, ou pelo menos vai estar quando se der conta de que o próximo salário não cairá até depois das entrevistas, da admissão e de um mês inteiro de contrato.

Tento um resultado de busca diferente.

 Google — O que fazer depois de ser demitido

- Peça por uma declaração escrita e assinada explicando o motivo de sua demissão
- Busque benefícios sociais para desempregados
- Tenha fé em si e em seu futuro

Coloco uma mão suada na testa para esfriá-la.

Uma mensagem aparece na tela do meu celular, vinda de um número desconhecido.



Ben. Claro que ele decide me mandar mensagem *justo agora*. Então me lembro do apartamento pelo qual acabei de pagar o depósito e o primeiro mês de aluguel. Não posso lidar com nada disso nesse momento. Desligo meu celular e respiro fundo.

— *Cacete*. — Solto o ar.

O homem de terno com gordura na gravata a dois bancos de mim ergue o olhar do hambúrguer que está comento antes das dez da manhã e diz:

— Pois é.

Seis

Vamos fazer uma pausa aqui e tirar um momento para ver como minha vida está agora.

A vida da Maddie

Desempregada

Contratualmente obrigada a pagar £850 por mês pelo aluguel do novo apartamento

Minha mãe vem para casa amanhã

As economias foram afetadas por conta da caução, do aluguel do primeiro mês e da falta de salário

Estou solteira e minha mãe vem para casa amanhã

Decido começar com a primeira questão, que é a mais urgente. Abro meu currículo e digito “vagas para assistente pessoal” no Google. Mas... *tenho que* ser assistente pessoal? *Para o que mais sou qualificada?* Tenho graduação em literatura inglesa, obrigada por perguntar — isso tem que me servir para alguma coisa. Talvez seja a hora de tentar o mercado editorial de novo. Me inscrevi para muitas vagas editoriais antes do CGT porque... Bem, gosto de livros, mas fui rejeitada por todas sem explicação. Talvez com a experiência atual, eu tenha mais chances.

 Google — vagas para assistente editorial

Páginas e mais páginas de pesquisa aparecem e não apenas para empregos editoriais, mas também de marketing, vendas e áudio.

Há muitas vagas abertas. Não acredito. Talvez ser demitida tenha sido uma bênção disfarçada porque parece que a temporada de contratações no mercado editorial está... Vinte e três mil libras por ano? Pensei que eu devesse estar ganhando *mais* dinheiro conforme os anos passam. Esse era o acordo, certo?

A campainha toca e jogo meu notebook de lado para atendê-la.

— Tia Mabel?

— Baaba, achei que você não fosse estar em casa — diz ela. — Esperava ver o Dawoud.

Opa.

— Estou de folga hoje — digo, repetindo o que contei para o meu pai. — Feriado.

— Ah, sim. Então, como você está, Baaba? Seu pai está em casa?

Tia Mabel é o único membro da família a chamar James e eu exclusivamente pelos nossos nomes ganenses. Eu nasci numa terça-feira, então meu nome do meio é Baaba, enquanto James nasceu numa segunda-feira, então seu nome do meio é Jojo.

— Estou bem, obrigada — respondo, pegando a sacola pesada, que agora solta um cheiro auspicioso, do ombro dela. — E sim, ele está.

Quando minha tia pergunta se meu pai está em casa, o que quer dizer é: ele está acordado?

Abro a porta o suficiente para que, com a ajuda da bengala, ela possa entrar devagar.

— Como você está, titia?

— Bem, pela graça de Deus — responde ela. — Você já sabe das minhas costas e do meu pé. Sala de estar?

Concordo com a cabeça e então digo: “Sim”, porque quando eu tinha oito anos aprendi da maneira difícil o quão rude é, em nossa cultura, se dirigir aos mais velhos não verbalmente, mesmo para as respostas mais curtas. Nem vi o tapa na minha testa vindo, mas jamais me esqueci dele. O nome dela era — veja só — Tia Paciência. Ela tinha sobrancelhas curtas e palmas ásperas. Nem acho que era da família; era casada com um dos

“primos” da minha mãe ou algo assim.

Mas eu amo minha tia Mabel. Ela é direta e enérgica de uma maneira que não é ofensiva. É mais nova que meu pai, mas é igualzinha a ele, o que deve ser o motivo de eu ver um pouco de mim nela. Temos os mesmos lábios grossos e a mandíbula pronunciada.

Hoje, ela está usando seu turbante preto de algodão de sempre, suas calças de corrida, tênis e suéter antes do casaco, e para variar as marcas em suas bochechas atraem minha atenção primeiro. “Não são cicatrizes, Baaba. São marcas tribais.”

Tia Mabel mora no norte de Londres e tem a própria lista de problemas de saúde, bem mais do que apenas juntas doloridas, então ela só vem uma ou duas vezes por mês. Suas visitas quinzenais, porém, valem bem mais do que as de James. Ela traz para meu pai sopa de pimenta caseira, que eu coloco direto no fogo, e se senta com o irmão por horas falando em twi.

Meu pai entende mais de sua língua do que de inglês (talvez porque a esteja falando desde que tinha idade para falar) e, hoje em dia, acha mais fácil se comunicar assim. Entendo o que é dito, mesmo quando misturam twi e fante, mas queria poder falar a língua. Meus pais a falavam o tempo todo em casa, mas James e eu só compreendíamos, sempre respondendo em inglês. Éramos incentivados a aprender, mas nunca conseguimos dominá-la de verdade, e não considereei isso tão importante em meus anos de formação mais adaptáveis; todos os meus amigos falavam inglês, e eu ainda compreendia o que meus pais estavam dizendo, então por que me dar ao trabalho? Nunca pensei que fosse chegar o dia em que eu me sentiria excluída.

Se não deixei claro antes, permitam-me esclarecer agora. Meu pai não recebe muitas visitas. Ele nunca teve muitos amigos; costumava ser um tanto recluso, um eremita. Minha mãe costuma brincar que herdei dele minha natureza solitária. Ela faz soar como um defeito, não ter traquejo social. Eu, no entanto, o vejo pelo que ele é: um introvertido.

O mundo está cheio de dois tipos de pessoas: aquelas que

precisam estar cercadas de outras e aquelas que não precisam. Meu pai e eu somos simplesmente do segundo tipo, James e minha mãe são do primeiro. Quando tia Mabel vem visitar, me pergunto o que aconteceu com os poucos amigos de meu pai. Nunca perguntei e agora ele não vai lembrar.

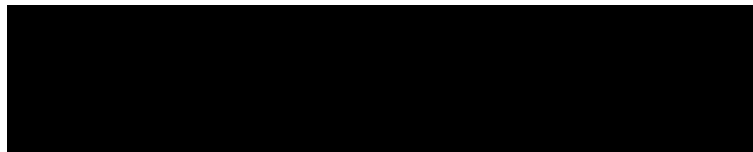
Havia um homem com quem meu pai costumava rir, assistir a futebol e beber. Um homem que eu chamava de tio (não era meu parente)... Richard? Albert? Caleb? Às vezes, me pergunto o que aconteceu com ele. É possível que o tio X tenha visto a saúde de meu pai se deteriorando e não deu conta do recado. Acontece. Quando as pessoas adoecem a ponto de não conseguirem se recuperar, voltar a ser a pessoa que eram, alguns não têm forças para ficar por perto. Não gostamos de ser lembrados da fraqueza de nosso corpo, de nossa falta de controle e inevitável mortalidade. Ou talvez nossa mudança de Battersea a Croydon tenha colocado distância demais entre eles, uma distância que o tio X não se deu ao trabalho de vencer.

Agora, meu pai não tem amigos que não sejam da família. O que não é exatamente a minha situação, mas não está muito longe de ser.

Se eu estivesse no lugar do meu pai, quais dos meus amigos veria todo mês? Quem viria me visitar trazendo uma refeição caseira? *Será que James sequer viria?*

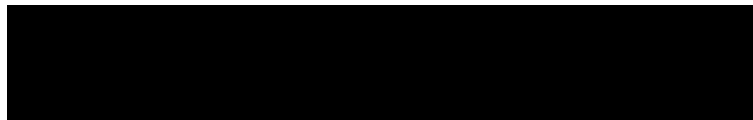
Fico por perto nos primeiros minutos, depois peço licença, deixando meu pai com sua irmã mais nova.

Então já menti para meu pai e minha tia. Não quero contar para ele que fui demitida. Não quero contar para ninguém e, a não ser que eu conte, ninguém vai descobrir.



Fecho os olhos por um momento.

Tá, talvez eu possa dizer que decidi me demitir porque sou uma mulher de princípios e não ia aguentar mais um dia de tirania sob o...



Suspiro e atendo quando ela liga. A notícia de que fui demitida ontem se espalhou pelo escritório, e quando conto o que aconteceu, Avi fica bem puta por mim.

— Funcionários seniores não podem continuar se safando assim — sussurra ela. — É como se fôssemos descartáveis! Você devia reclamar com o RH.

— Sabe, o Google disse algo parecido. Você acha que vale a pena?

— O que você tem a perder? — pergunta ela, e acho que pode estar certa. — O escritório está *tão* esquisito agora. Cheguei hoje de manhã e o clima tá muito sinistro. Katherine ainda chora no banheiro, mas depois fica sorrindo como uma maníaca para todo mundo, como se não tivesse te demitido sem motivo. — Avi faz uma pausa para diminuir o tom de voz. — Escuta... só para você saber, todo mundo está do seu lado, mas é óbvio que não queremos dizer nada pro caso de, sabe, sermos demitidos também.

Depois da ligação, abro meu notebook. Incentivada, escrevo um e-mail para o RH explicando a injustiça da situação. Escrevo sobre “a injustiça infestada de burocracia praticada por membros seniores da equipe que, auxiliados pelo RH, buscam dificultar ainda mais os blocos hierárquicos que constituem a base atual do teatro”. Termino com uma ameaça um pouco velada (está bem, *vazia*) de processo, mas com uma observação seguinte de que vou esperar uma carta de referência decente caso um futuro empregador a peça.

Tia Mabel fica por algumas horas e me chama quando está pronta para partir.

— Como está Jojo? — pergunta ela. — O garoto grande e forte.

Reviro os olhos por dentro. James dificilmente é um *garoto* aos vinte e oito anos. Fica óbvio quem é o favorito dela, mas não me importo, porque tia Mabel é a favorita de James também; ela cozinhava muito para nós quando minha mãe começou a viajar para Gana.

— Ele está bem, titia — respondo.

— Que bom, que bom. Sua mãe volta amanhã? — pergunta quando estamos no corredor.

Ela se apoia na bengala com força, mas sei que não devo oferecer uma cadeira — “É a casa do meu irmão, Baaba; sei que posso me sentar, e me sentarei quando quiser.” Tia Mabel é a mais nova de quatro filhos (tia Rebecca era a mais velha, seguida por tio Freddie, que quase nunca sai de Gana, e então meu pai) e tem uns cinquenta anos, mas faz duas décadas que tem problemas nas juntas. Ela conseguiu encontrar maneiras de superá-los, mas lembro que precisou ceder e como cuspiu xingamentos bíblicos para a bengala quando começou a usá-la.

— Sim — respondo. — Vou me mudar agora que ela vai voltar.

Observo minha tia com atenção, porque tenho tanto respeito e amor por ela que, se me dissesse para ficar, eu não ia querer decepcioná-la. Eu ficaria.

— Bem... — Ela franze a testa, e então suspira. — Já era hora. Isso nunca foi o certo: você aqui, a única responsável por seu pai — diz e, por dentro, solto o ar, aliviada. — Você é jovem demais e precisa viver sua vida britânica. Sabe, em Gana, é responsabilidade dos filhos serem os principais cuidadores de um pai doente, *mas apenas* se a esposa dele for falecida. — Ela funga e bate a bengala no chão. — Quando voltar, sua mãe pode cumprir o dever dela. Humm, preciso ir agora. Vou viajar para Gana semana que vem para visitar Freddie, então vejo você depois.

Eu a ajudo a descer o degrau.

- Tchau, titia. Te amo.
- Também te amo, Baaba.

Quando levo o jantar para meu pai, percebo que as unhas dos pés e das mãos dele foram cortadas e que tia Mabel colocou um par novo de botas grossas em seus pés inchados.

Empurro o banquinho de volta para o canto, já que ela deve ter se sentado nele enquanto cuidava das unhas do meu pai. Da última vez que estive em Gana, dez anos atrás, não consegui entender como as mulheres da minha família conseguiam: ficar inclinadas sobre bacias enquanto batiam inhame, pegar água e varrer com vassouras de cabo curto. Se eu me sentar curvada na minha mesa por quatro horas, minhas costas gritam até eu chegar em casa.

É um lembrete: as mulheres da minha família têm espinha de aço.

Sete

Ouço minha mãe antes de vê-la.

— Quarenta e cinco libras por uma corrida de táxi? — diz ela.

— Você é um ladrão. Deus não vai te abençoar.

Inspiro fundo e abro a porta.

— Meu bebê!

Minha mãe está usando calças pretas e uma blusa branca larga. Seu cabelo costumava ser mais longo, mas ela deve tê-lo cortado recentemente e o crespo está formando cachinhos apertados. A pele está impecável como sempre; rugas de expressão quase não despontam na superfície porque a dieta da minha mãe em Gana é diferente da minha aqui. Ela come apenas inhame, arroz, sopa, frango e vegetais. Bebe litros de água para compensar a exposição ao sol. É naturalmente mais clara que James e eu, mas sempre volta mais escura da viagem. Passa muito tempo do lado de fora, correndo entre os quartos do hostel, limpando o lugar e negociando com colaboradores. O bronzeado dela é um lembrete de que minha mãe é mais ativa, mais viva, quando está em Gana.

— Ah, senti tanta saudade do meu bebê! — Quando ela me abraça, apoio minha cabeça em seu ombro; é mais baixa que eu alguns centímetros, mas tem força no corpo, então o abraço ainda se parece com o meu. Ela tem cheiro de manteiga de cacau e um perfume fraco.

— Como você está, mãe? — pergunto quando minha mãe se afasta.

— Abençoada, minha querida. Minhas malas, por favor. — Levo-as para dentro e ela pergunta: — Como está o trabalho?

Foco arrastar a mala dela pela soleira da porta.

— Bem. Estou gastando uns dias de folga. Você cortou o cabelo?

Minha mãe passa a mão por seus cachinhos.

— Sim, estava tão danificado, e curto é mais fácil de lidar no calor. — Ela entra na sala de estar e chama alto: — Fiifi — o nome ganense de meu pai —, como você está?

Observo meu pai atentamente, mas ele apenas sorri para minha mãe.

— Bem — responde.

Ela dá um tapinha no braço dele.

— Sempre feliz em me ver, humm? Você tá bem? — Meu pai concorda com a cabeça devagar e minha mãe diz: — Ótimo, ótimo. Enfim.

Ela entra na cozinha e já quero que pare e se sente. Sua energia me deixa inquieta. Lembro que não é minha casa e que minha rotina vai ter que mudar para acomodar a presença dela.

— Seu pai já comeu? — pergunta minha mãe, abrindo a geladeira.

— Não está na hora do jantar dele ainda.

— Estou com fome. Você cozinhou alguma coisa?

— Tem lasanha na geladeira.

Ela analisa o pote.

— Espero que esteja bem temperada.

Pega dois pratos do armário acima da pia. Geralmente só como daqui uma hora, mas ela já está pegando duas porções. Entro na sala de estar.

— Ei, pai, você *tá bem*?

Ele sorri.

— Sim, estou bem.

O rosto e a aparência dele não mudaram desde esta manhã; primeiro, me pergunto se ele realmente percebe que minha mãe está de volta. Então, enquanto como na cozinha, equilibrando meu prato com uma mão e o garfo com a outra, e minha mãe me conta sobre a administração do hostel em Gana, me pergunto se o cérebro de meu pai o fez pensar que ela jamais partiu.

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

Oito

Inacreditável. Eu estava esperando abrir meus e-mails e encontrar uma proposta de entrevista de emprego, mas em vez disso dou de cara com uma resposta de duas linhas do RH do CGT.

De: rh@oteatro.com

Para: Mad.wright@gmail.com

Assunto: re: Injustiça, viu!

Agradecemos por seu e-mail, Maddie. Consideraremos este assunto no devido tempo.

Atenciosamente,

Equipe do RH

A maçaneta da porta do meu quarto chacoalha e minha mãe entra. Fecho meu notebook e franzo a testa para ela.

— Pode entrar — digo.

Minha mãe dá de ombros.

— A casa é minha — responde ela.

— Tecnicamente, é do papai. O nome dele está na escritura.

Ela balança a mão no ar, desdenhando.

— Não fui eu que carreguei os filhos pesados dele, humm? Você foi a mais pesada, sabe. James não tinha permissão para te carregar, para não se machucar. Venha me ajudar no jardim.

— ... E você não devia cozinhar almoço e jantar para ele todos os dias — diz minha mãe. — É para isso que serve o cuidador; não sei quantas vezes vou ter que te dizer isso.

Ela semicerra os olhos para o sol enquanto lhe entrego um

pregador e coloca um lençol limpo no varal do jardim. Isso é divertido, pendurar as roupas; uma atividade legal e normal entre mãe e filha. Só faltam os chapéus, a limonada e a conversa agradável.

— Vai ficar exausta — continua minha mãe. — É por isso que você parecia tão infeliz ao telefone nos últimos tempos. Está fazendo coisas demais. Seu pai não está bem e precisa de cuidado profissional, não de uma moça de vinte e três anos.

— Tenho vinte e cinco, mãe.

— Sim, é claro. — Ela ergue as sobrancelhas. — É porque você não é casada, então meu cérebro acha que é bem mais nova.

Uau.

— E como seu pai está? Tento conversar, mas ele não entende, acho.

— Está melhor — respondo, sincera. — Você estava certa sobre isso.

Ela me olha como se eu tivesse dito o óbvio.

— Nunca estou errada — diz. — Está tudo certo. Talvez agora você possa se sentir confortável vivendo sua vida no novo apartamento. Já tem namorado?

Eu me lembro da mensagem de Ben e do fato de que ainda não respondi. Quanto mais deixo para lá, mais sinto que é tarde demais.

— Não, mãe, não tenho.

Ela abaixa os braços.

— Isso é estranho, não é? — diz, me olhando. — Sabe, você é tão bonita. Sei que todas as mães dizem isso de suas filhas, mas muitas estão mentindo. Você é bonita de verdade, então não entendo. Vinte e cinco e nenhum namorado para contar a história. — Ela semicerra os olhos. — Você não gosta de mulheres, gosta?

— Não, mãe, não gosto.

— Hã, muito estranho então. — Ela torce a boca e arregaça as mangas da túnica. — Quando planeja se casar? — Antes que eu possa responder, minha mãe diz: — Você não tem muito tempo.

Sei que pode achar isso, porque tem vinte e cinco anos, mas só os homens podem ter filhos a qualquer momento. Para nós, mulheres, há um relógio. — Ela faz uma pinça com as mãos, então lhe entrego mais pregadores. — O tempo está se esgotando porque você ainda precisa conhecer o homem — prossegue —, namorar, depois esperar que ele te peça em casamento, noivar, depois casar antes de sequer pensar em filhos, principalmente se for ter mais de um. Quer ter mais de um?

— Talvez.

Ela suspira.

— Como você não sabe, Maame? Como não pensa nessas coisas?

— Eu penso, mas filhos é algo a se pensar *pra valer* — digo. — Cuidar de crianças da maneira certa... é difícil.

— Eu sei disso, sou mãe. — *Há mais na maternidade do que dar à luz...* — Não precisa pensar muito, porque bebês são algo natural para mulheres. São os homens que precisam de ajuda. Você será boa quando começar a tê-los. — Quer dizer: eu gostaria de ser mais do que uma “boa” mãe, mas isso não sai a tempo. — Além do mais, tem a mim para guiá-la, se estiver com medo.

Não digo nada a respeito disso.

— Está procurando nos lugares certos? — pergunta minha mãe. — Como eu já disse, a igreja é um bom lugar. Você vai querer garantir ter encontrado o parceiro certo; precisa rezar, rezar para que Deus te envie o homem correto. Veja só o que aconteceu comigo e seu pai. Não quero isso para você, minha única filha. — Segundos depois, ela adiciona: — Com quem você vai se casar? Ele será negro?

— Mãe, não sei. Não tenho bola de cristal.

Ela balança a cabeça.

— Espero que não. Bolas de cristal são feitiçaria. Enfim, não me importo se ele for branco. Com essa demora toda, não podemos nos dar ao luxo de desperdiçar qualquer candidato em potencial. Não, desde que ele seja temente a Deus, isso é o principal, e tenha estabilidade financeira, em segundo lugar.

Embora alguém de nossa própria cultura acabe sendo mais fácil para você.

— Você acabou de dizer que não se importa.

— Ainda tenho minhas preferências — diz minha mãe. — Namorar um homem negro, senão ganense, será mais fácil porque você terá que se explicar menos. Entende?

Estou prestes a dizer que sim, mas...

— Dessa forma, não vai ter que ouvir sempre “por que você faz isso” e “por que faz aquilo”. Ele já vai saber, porque já terá vivido isso. Quando alguém não te entende, quem você é, por que você é, você vai se ver perdendo batalhas todos os dias. No início, vão parecer pequenas, mas você passará a vida as vendo crescer, em tamanho e importância. Me escute, Maame. Sua mãe sabe das coisas.

Não tenho como discordar de partes do que ela diz, porque sei que está falando por experiência própria. Meu pai, embora ganense, não foi o melhor dos maridos, e James e eu entendemos isso bem cedo. Ainda é algo que bota em cheque muito do discurso de *seria mais fácil se ele...*, mas sei do que ela está falando. Os pontos fracos do meu pai são coisa dele, não coisa de ganenses. Quando estava bem, ele era muito reservado, ignorante na comunicação efetiva e relutante em gastar dinheiro, optando por economizar para emergências — não muito diferente de mim, percebo.

Casamento e paternidade para ele se tratava mais de dever do que qualquer outra coisa, então seria considerado bem-sucedido desde que houvesse um teto sobre nossa cabeça e comida suficiente na geladeira. O problema dos meus pais era que minha mãe precisava de mais. Nós a víamos tentar, principalmente fazendo comida caseira e dando abraços espontâneos, mas era quase como se meu pai não gostasse de ser tocado. Pensei que fosse apenas diante dos filhos, mas um dia me perguntei: e se for para além disso?

Se eles fossem duas pessoas que eu estivesse observando de longe, logo chegaria à conclusão de que não combinavam. Mas

porque são *meus* pais, me forcei a manter a ilusão de que eu seria mais feliz se estivessem juntos do que separados, e alternava entre qual deles estava deixando o outro na mão. Costumava ser meu pai, então minha mãe começou a viajar e ele ficou doente, então era ela quem o estava decepcionando, mas a essa altura era tarde demais para ele pedir tudo aquilo que minha mãe tinha tentado fazer antes. Ela já não estava mais disposta.

James me dizia que esse momento estava diretamente relacionado ao diagnóstico de meu pai, mas eu (em silêncio) argumentava que tinha acontecido bem antes, antes de ele adoecer, antes de meu avô morrer e deixar minha mãe com a responsabilidade.

Tudo o que sei é que o casamento deles me ensinou muitas coisas, mas, e é triste reconhecer isto, me ensinou principalmente o que evitar.

— Tudo bem, mãe.

Ela funga, pouco impressionada.

— Aposto que você fala de rapazes com seus amigos, mas não com sua própria mãe.

Entrego outro pregador.

— Uma vez você disse que mães e amigos não são a mesma coisa.

— Claro que não são.

Reviro os olhos quando ela não está olhando.

— Algumas mães e filhas são melhores amigas — observo.

— Essas mães não sabem o que estão fazendo.

— Mãe!

— É verdade. — Ela arfa para reforçar seu ponto. — Não temos a mesma idade, Maddie. Não somos colegas. Há um motivo para mãe ser uma palavra e amiga, outra. Você deve contar aos seus amigos algumas coisas e tudo para sua mãe.

— Fica meio difícil quando tenho que contar tudo uma vez a cada dois anos.

Ela não pestaneja.

— Então talvez você deva passar mais tempo em Gana.

— Esquece.

— Por que não? — Minha mãe pendura o último lençol do papai. — Por que nunca quer ir para casa?

— Estou em casa, mãe.

— Você nasceu aqui, é verdade, mas seu sangue e DNA estão em solo ganense. Faz uma década desde que você foi visitar. Me diga por que não ama sua terra natal.

— Não é que eu não goste. Só não sinto que meu lugar é lá.

— Como pode sentir que não pertence a um país onde todos se parecem com você? — pergunta ela.

Já sei que não posso explicar de uma forma que minha mãe ache aceitável. Para ela, se meu pensamento não fizer sentido, então é falso. Não posso explicar como eu não gostava do piso vermelho da nossa casa enquanto outros saltitavam por ele. Como não gostei que da última vez que estive lá meus primos zoaram meu sotaque e me chamaram de princesa pelas costas. E como não gostei que as meninas carregavam bacias e baldes pesados, obviamente desde que nasceram, e quando ofereci ajuda, meus braços foram comparados com pernas de galinha. Eu não era rápida o bastante para *trotos*, não comia o suficiente, minha dieta ocidental não me servia de nada e por isso minha bunda e meus quadris tinham crescido, mas não meus seios, não como os delas.

Eu estava acostumada com a chuva britânica e sofri sob o sol alaranjado de Gana; não conseguia equilibrar nada sobre minha cabeça; não conseguia varrer o chão porque falhei em encaixar o fim do cabo da vassoura africana na minha mão e usar a força necessária para fazer o feixe de galhos amarrados funcionar do jeito certo.

Olho para minha mãe, para como ela inclina a cabeça em direção ao sol, e me pergunto se minha relutância em voltar para Gana é comparável à relutância dela em estar aqui.

— Não falo twi nem qualquer outro dialeto — digo, por fim.

— E isso é culpa de quem?

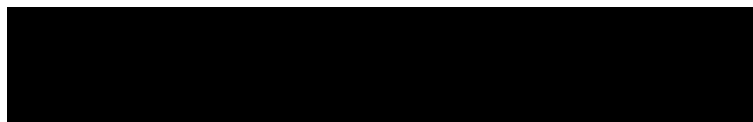
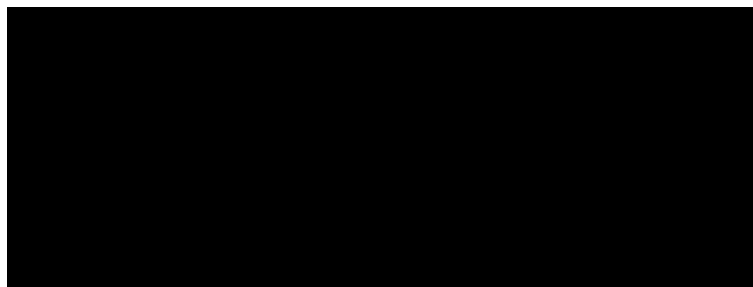
Suspiro.

— Não tem problema. Eu não poderia ir mesmo. Se você e eu não estivermos aqui, o que será de meu pai?

Minha mãe imita meu suspiro.

— Maddie, você pode deixá-lo por uma semana ou duas. Ele tem um cuidador e seu irmão mais velho. — Ela se vira para me encarar. — Você está afundando em culpa, mas se seu pai entendesse o que está acontecendo ao redor dele, imploraria para que você fosse embora, para que vivesse a própria vida. Ele e eu viemos para este país para que nossos filhos tivessem uma vida melhor; não para atrasar vocês. — Então acaricia minha bochecha com o dedão. — Quando você vir o que é a vida fora desta casa, vai entender e vai querer ter começado a viver antes.

Mais tarde, estou deitada na cama, mordiscando meu lábio e encarando a mensagem não respondida de Ben.



Nove

Agora que você conheceu minha mãe, entende pelo menos um pouquinho por que não posso contar para ela que estou desempregada. Mesmo que eu conseguisse convencê-la de que não foi culpa minha, ela me diria para processar a empresa por demissão sem justa causa. Como se tivéssemos o cacife para atacar o gigantesco conglomerado que é o CGT.

Não, melhor guardar segredo.

No entanto, conto a ela que estou procurando um novo emprego, “um novo *desafio*”, então quando conseguir um, minha decisão de sair não vai parecer ter acontecido do nada.

Em vez de ir trabalhar, vou à Biblioteca Britânica e passo o dia lá. Nunca estive desempregada, então não sei mais o que fazer. Quando eu estava na universidade, trabalhava meio período como livreira, depois trabalhei como recepcionista em várias empresas antes de conseguir um emprego no CGT, sem pausa entre eles. Só deixava um emprego para começar em outro porque eu sempre precisava estar fazendo algo para me aprimorar. Minha mãe uma vez disse que se eu tivesse dificuldade em encontrar um emprego relacionado à minha área, eu devia trabalhar no varejo no meio-tempo, porque pelo menos lá aprendemos habilidades de atendimento ao cliente e, não importando o trabalho, ter boas habilidades em atendimento ao cliente é sempre necessário.

Mal sabia ela que as pessoas no varejo tendem a odiar aqueles a quem atendem.

Encontro uma mesa no canto, abro meu notebook e me candidato a qualquer vaga no mercado editorial. Antes do meio-

dia, já me candidatei à maioria. Não posso ir embora por pelo menos mais quatro horas, não até o horário comercial ter acabado.

E sim, eu *poderia* dizer à minha mãe que o motivo de eu não ir trabalhar é que tenho folgas demais acumuladas porque sou uma trabalhadora incansável, mas aí teria que estar em casa.

Toda vez que minha mãe volta, percebo o quanto me acostumei a ficar sozinha. Agora, preciso esperar do lado de fora do banheiro, lutar por espaço na cozinha, sofrer julgamento por minhas refeições, críticas por minha vida social e invasão de privacidade. Estar na biblioteca na maior parte do dia evita tudo isso.

Depois do meu primeiro dia aqui, quando consegui me candidatar a todos os empregos disponíveis dentro de duas horas, desenvolvi uma rotina melhor. Leio um livro, me candidato a empregos, e então escrevo. Não revire os olhos, por favor. Sei que parece que a maioria das pessoas quer escrever algo, mas eu costumava escrever muito na escola. Não levei adiante porque minha mãe disse que um diploma em escrita criativa não me daria tantas opções quanto um em literatura inglesa (e eu tinha mesmo certeza de que não queria ser sensata e fazer direito?), então deixei para lá. Agora, tenho tempo livre de sobra. Além disso, me inscrever para todas as newsletters do mercado editorial em busca de oportunidades de trabalho significa que também fico sabendo dos editais de escrita que estão abertos. A Carrow Books está oferecendo um programa de desenvolvimento para escritores de ficção de grupos minoritários, com um prazo que termina daqui a semanas.

Amostras serão lidas por agentes literários associados e cinco autores selecionados receberão a oportunidade de desenvolver seu manuscrito através de exercícios e oficinas conduzidas por profissionais do mercado. Cada autor também receberá mentoria individual com um agente literário por até seis meses.

Só preciso de uma amostra de mil palavras de um trabalho em

andamento. Mil palavras é uma meta possível, e não é como se eu não *tivesse* ideias para livros.

A vida e as mentiras da esposa de Sherlock Holmes
Um romance adulto — A primeira rainha negra da Inglaterra
Mistério de assassinato numa universidade
Gangue feminina tomando Londres em 1960

Viu? Só não escrevi nada substancial ainda. Tenho anotações, os pontos principais e até um diagrama para o romance de mistério, mas é só. Eu escrevo cerca de duzentas palavras e depois não sei mais como continuar.

Que assunto é fácil de abordar?

Abro um documento em branco e escrevo sobre deixar meu pai. Sobre como me sinto culpada e triste, mas animada para começar minha própria vida, para descobrir quem sou e até ter uma pessoa ao meu lado. Escrevo sobre minha vida enfim estar começando aos vinte e cinco anos, quando meus colegas já têm parceiros com quem querem se casar e empregos estáveis com uma trajetória nítida. Parece um diário e fico bloqueada depois de 971 palavras. Não enviarei isso; tem fluxo de consciência demais e provavelmente não faz sentido para ninguém além de mim. Estou salvando no meu notebook com os outros trabalhos incompletos quando um e-mail aparece no canto da minha tela.

De: Maisie.Foster@editoraorangetree.com

Para: Mad.wright@gmail.com

Assunto: Assistente pessoal e editorial de livros de não ficção

Prezada Maddie,

Obrigada por se candidatar para a vaga de assistente pessoal da diretora de publicações e assistente editorial de livros de não ficção. Adoramos receber sua candidatura e gostaríamos de convidá-la para uma entrevista.

Isso! Finalmente. Uma entrevista, e para um trabalho no qual serei paga para ler o dia todo! Mas editora Orange Tree? Nunca ouvi falar deles; meu desespero fez com que eu me candidatasse para todos os empregos editoriais disponíveis.

Uma pesquisa rápida no Google me diz que eles são uma editora pequena que não publica tantos livros por ano quanto seus irmãos e suas irmãs gigantes. Perderam vários leilões de obras, sem conseguir competir com orçamentos maiores, e um artigo do ano passado me diz que a EOT provavelmente seria comprada pela Carrow Books só para continuar publicando. Ai. Mas estão contratando, então as coisas devem estar melhorando para eles. Além disso, editoras menores devem ter equipes menores? Seria legal fazer parte de uma equipe em vez de trabalhar para apenas uma pessoa.

Respondo Maisie, optando por fazer a entrevista amanhã. Beleza, hoje o dia foi um sucesso. Estava quase entrando em pânico. Meu aluguel começou oficialmente e eu me mudo amanhã. Ainda não fiz isso porque minha mãe quer que jantemos em família antes que eu vá e James só volta de Birmingham esta noite. Fiquei um pouco surpresa com isso, considerando, como falei mais cedo, que não somos o tipo de família que janta junto, mas ela disse que vai cozinhar meus pratos favoritos e James está trazendo um bolo.

Apesar de eu atrasar minha mudança por conta de James, ele não vem para o jantar. Compromissos inadiáveis de trabalho, ao que parece; faz tempo que parei de perguntar o que é tão “inadiável”. Pelo menos minha mãe meio que honra a própria palavra e faz arroz jollof, frango assado e salada de cenoura antes de passar a maior parte da noite no quarto ameaçando os “colaboradores corruptos” do hostel com “advogados britânicos”.

Assim, ficamos só meu pai e eu na sala de estar numa noite de quarta-feira.

— Típico — digo baixinho enquanto o alimento. Estou menos preocupada em deixá-lo agora que minha mãe aumentou os dias de trabalho de Dawoud, argumentando que, devido à idade e à saúde dela, ele terá que vir toda noite colocar meu pai na cama.

— Você devia ter pedido essas coisas — disse minha mãe. —

Assim não ficaria reclamando comigo o tempo todo. — Ela tem razão, apesar de ser direta demais, mas o único motivo de eu não ter pedido foi por nem sequer saber que era uma opção. Ele é meu pai e sou a única aqui, então é claro que preciso fazer minha parte. Eu não conseguia compreender como alguém poderia cuidar mais dele do que um membro da própria família.

Mesmo assim, estou mais satisfeita com a ideia de Dawoud cuidar do meu pai porque tive muitas dúvidas sobre confiar na minha mãe para isso. Às vezes, eu chegava em casa do “trabalho” quando era a noite de ela dar comida para ele, e ela chegava depois do horário do jantar, que é às 18h30. Mas Dawoud sempre chega mais cedo e gosta de se sentar e conversar com (ou melhor, falar para) meu pai. Não sei aonde minha mãe vai; ela diz que está visitando várias tias, mas nenhum nome me soa familiar.

— Você tem muitas tias — disse minha mãe. — Não espero que se lembre de todas.

Quando meu pai já comeu e tomou os remédios da noite, reaqueço minha comida e me junto a ele diante da tv.

— Meu último dia em casa — digo baixinho, mas meu pai já está quase dormindo.

Dez

Não tenho muito o que empacotar porque uso variações das mesmas roupas toda semana.

É estranho ver a pia sem minha escova de dentes ou o gancho sem minha toalha, ou ver minha vida cabendo em apenas duas malas.

Minha mãe ainda está dormindo quando eu as arrasto pela porta. Vou à sala de estar e dou um beijo na testa de meu pai. Falei outra vez noite passada que estou me mudando hoje, mas talvez ele não se dê conta até não me ver amanhã de manhã.

— Vejo você em breve, *tá bem?*

Ele sorri e tenta concordar com a cabeça, mas ainda está cedo e a medicação dele precisa de um pouco mais de tempo para fazer efeito.

O Uber chega e meu coração acelera. *Você está fazendo a coisa certa? Devia mesmo estar saindo de casa?*

Está tudo bem. Lembre-se, as horas de Dawoud aumentaram.

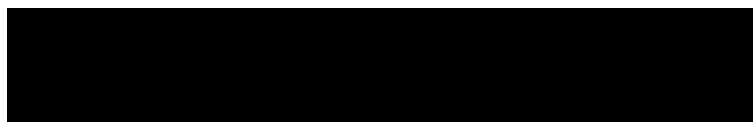
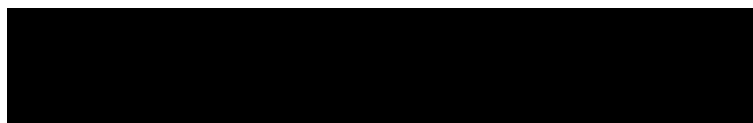
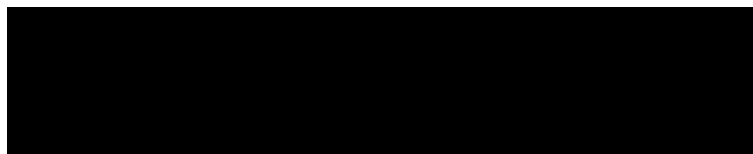
Minha mãe desce a escada de camisola, me beija e abraça na porta. Fechamos os olhos enquanto ela reza para que eu fique segura na nova casa; irá na semana que vem para salpicar água benta nos cantos. Terei que programar a visita dela para quando Cam e Jo estiverem fora.

O celular da minha mãe vibra.

— Se cuide, querida — diz ela antes de ir atender lá em cima, com a porta do quarto fechada.

Olho para a escada, e então me viro, fechando a porta da frente atrás de mim.

Fui adicionada ao grupo de mensagens da casa, onde Jo disse ter deixado minha chave debaixo do capacho. Estou aqui sozinha até minha entrevista na EOT esta tarde, mas tenho duas mensagens esperando por mim assim que conecto no Wi-Fi.



Antes de desfazer minhas malas, me aventuro no apartamento. A gaveta de utensílios emperra se for puxada demais para fora. Há espaços vagos nos armários e uma prateleira vazia na geladeira. Coloco ali as sobras que minha mãe guardou em potes para mim, e o laranja e o vermelho vibrantes se destacam entre o queijo amarelo, o pão branco e o vinho rosa pálido.

Me sento na sala de estar e olho ao redor, mas nada mudou desde minha primeira visita. Destranco a porta dos fundos e saio para o jardim. O portão se abre para o outro lado do quarteirão residencial. Os móveis do jardim são uma mesa de piquenique, três cadeiras que não combinam e uma minichurrasqueira no canto. Há uma pequena árvore ao lado dela e ervas-daninhas que saem das rachaduras no chão. Nossos vizinhos à esquerda têm um jardim oculto por uma parede de folhas, mas se eu ficar na ponta dos pés posso espiar o jardim à nossa direita — parece um santuário de plantas, com comedouro para pássaros e tudo.

Volto para dentro e vou fazer xixi no andar de cima; a tampa do vaso não encaixa direito, então tenho que tomar cuidado. Quando estendo a mão para pegar o papel higiênico, percebo uma cesta cheia de rolos extras. Suponho que dividiremos o

custo. Não vou precisar ficar na fila do supermercado toda semana me perguntando se temos o suficiente.

Jo deixou a porta do quarto escancarada, e dou uma espiada do corredor. O quarto dela é um pouquinho maior que o meu; tem vista para o jardim e vem com duas mesas e uma lâmpada de lava que estou tentada a ligar, mas não ligo (e se não conseguir desligar depois?!). Há uma pilha de livros no chão ao lado da cama dela, e no canto há uma arara cheia de vestidos coloridos.

Penso no meu próprio guarda-roupa escasso. E se formos sair e Jo usar um desses vestidos enquanto eu uso jeans e um suéter preto desbotado?

Faço compras na internet pelo resto da manhã, escolhendo coisas que jamais iria vestir e gastando um dinheiro que geralmente não gastaria porque posso me reinventar aqui. Jo e Cam não me conhecem e posso ser quem eu quiser.

Então... quem quero ser?

Alguém mais descolado, mais confiante. Sofisticada, até? Espontânea e meio que tipo “não vou até as coisas, elas vêm até mim”, sabe?

Caio numa página de terninhos; com certeza nada grita confiança mais que uma mulher usando um terno amarelo-gema. Mas onde eu usaria um terno assim?

Não pense demais, Maddie — manifeste.

Se você tiver o terno no guarda-roupa, a oportunidade de usá-lo vai aparecer. Sem dúvidas é assim que projeção funciona.

 Google — Onde usar um terno amarelo?

No trabalho

Em um encontro

Em um casamento

No teatro

Em casa, como a mulher fodona que você é

Certo. Vai pro carrinho de compras então.

Tá, vestidos. Já tive alguns, todos largos e abaixo do joelho, mas

lembro o que Shu me disse uma vez quando cheguei ao aniversário dela usando camisa polo e jeans: “Será que você pode usar umas roupas mais de piranha, Mads?”. Penso no que ela e as amigas estavam usando naquela noite e coloco alguns vestidos justos e saias curtas no carrinho. É como disseram, uma puta para um homem pode ser uma inspiração para outra mulher. Antes de fechar a compra, fico de cara com o total de três dígitos, mas passo meu cartão mesmo assim.

Me afasto da mesa de vime. Se eu quisesse, poderia colocar luzinhas atrás da minha cama, comprar plantas para a beirada da janela, uma estante de livros grande, que eu mesma vou montar (quando tiver comprado uma chave de fenda e uma daquelas ferramentas de nivelamento), no canto, e talvez até um pufe — rosa-choque. Nunca tive tanto espaço para preencher. Olhando no espelho, vejo que estou sorrindo. Pego meu celular e digito no aplicativo de notas:

A nova Maddie

Bebe álcool quando oferecido

Sempre aceita ir a eventos sociais

Usa roupas novas

Cozinha outras coisas

Tem experiências diferentes (Viagens? Brunch?)

Experimenta maconha ou cigarro ao menos uma vez (mas não se vicia!)

Usa maquiagem

Vai a encontros

Não é virgem

Não sei o que vai acontecer quando minha mãe voltar para Gana, mas tenho pelo menos um ano; um ano para descobrir do que todo mundo tanto fala.

Olho para os últimos dois itens da lista.

Ben e eu ainda estamos conversando por mensagem, batendo um papo que imagino ser normal entre pessoas que ainda estão

se conhecendo. Ele trabalha em um banco de investimentos. É uma empresa familiar, e o pai dele está no conselho executivo (falei que trabalho como assistente editorial, o que não é mentira, estou projetando). Ben mora no lado sul de Londres, seu trabalho é exaustivo, e ele é apaixonado por comida.

“Conversamos” quase todos os dias, então é estranho ele não ter me chamado para sair ainda, acho?

 **Google** — Quanto tempo os homens levam para chamar uma mulher pra sair?

Não tenho um tempo definido, mas gosto de fazer amizade com ela antes de chamá-la para sair. Às vezes, descobrir se você tem uma conexão com a pessoa leva tempo, mas vale a pena esperar, acho. Então que tal duas ou três semanas?

Passei quatro meses conhecendo minha namorada atual antes de chamá-la para sair.

Uma hora.

A entrevista na editora Orange Tree é nos escritórios em Farringdon. Há livros por toda a parte e o departamento de não ficção é em espaço aberto, grande, mas pequeno o bastante para que você possa ficar de pé, chamar alguém e ser ouvido em alto e bom som. De novo, não vejo ninguém de jeans, mas há pessoas com camisas listradas e calças casuais.

Sou a única pessoa negra na sala quando entro, mas não tenho como garantir que não há outros funcionários negros. Alguém pode estar doente ou de folga. Será que pergunto?

Não, claro que você não pode perguntar. O que acha que vão pensar? Você tem alguma dúvida, Maddie? Sim, vou ser a única pessoa negra que você já contratou? E se sim, por quê?

Não, preciso deste trabalho e, para ser sincera, parece que vou conseguir. Eles precisam de *mim*. Precisam de mim aqui para parecerem minimamente decentes para o mundo lá fora. É mais fácil falar sobre a importância da diversidade e da inclusão se puder gesticular para o escritório e eu estiver sentada lá.

Não, não pense assim — você vai conseguir o emprego porque é

qualificada.

Penny Reaser tem quarenta e poucos anos, pele bronzeada e olhos castanhos realçados por sombra azul. Seu cabelo loiro é curto e não parece ter um corte definido. Ela diz para eu me sentar, e penso no escritório de Katherine no CGT, no minimalismo do espaço e nas pilhas de papel organizadas. As estantes de Penny parecem pesadas, e cada superfície plana está coberta por livros coloridos. A mesa dela tem grandes pilhas de catálogos de livros, itens de papelaria e papéis soltos, apesar de haver um armário alto no canto. Acho bem provável que o armário esteja cheio. Katherine tinha um picador de papel debaixo da mesa. Talvez eu deva sugerir que Penny tenha um picador de papel.

Falamos sobre o catálogo da EOT (uma variedade de não ficção, mas meu foco principal será em comida e bebida) e minha experiência, antes de falar da minha função em si.

— É uma vaga que começa bem administrativa, com minha agenda, escrita da ata e preparação de reuniões, pedidos online. Basicamente coisas que você já fez e está acostumada a fazer — diz Penny. Quando ela estende a mão para tomar um gole do chá, vejo sua aliança simples e noto que suas unhas foram pintadas com um tom de rosa-choque por alguém que tem dificuldade em não borrar o esmalte. Me pergunto se ela tem filhos. — Você será treinada para mexer em nosso banco de dados MDX, onde todos os nossos dados ficam armazenados — prossegue —, e muita coisa vai aprender fazendo. Sempre juntamos nossos assistentes com um editor sênior, assim você terá logo de cara uma visão inestimável do papel de um editor.

Isso parece promissor. Não tanto a parte administrativa, principalmente porque sei que “preparação de reuniões” é chavão para fazer chá e café, mas se eu conseguir passar por esse período, vou aprender a realidade do mercado editorial. Talvez mude para o departamento de ficção em um ano ou dois. Olha só! Tenho plano de carreira.

Em seguida, tenho que completar duas tarefas de quinze minutos cada uma: fazer mudanças e marcar pontos de atenção na agenda impressa de Penny, depois revisar um conto.

Começo com o conto. Marco todos os erros ortográficos, assim como as inverossimilhanças (a garotinha foi chamada de três nomes diferentes dentro do primeiro parágrafo) e o uso indiscriminado de vírgulas.

Depois, pego a agenda de Penny. Essa parte é fácil: faz anos que lido com as agendas sobrecarregadas. Já sei que não dá para ter duas reuniões seguidas em prédios diferentes e que é importante reservar uma hora de almoço, mesmo que não seja utilizada para isso. Sinalizo conflitos de horário, mas sem acesso a outras agendas, só posso sugerir alterações. No papel, pergunto se ela anotou alguma dessas reuniões só para saber que vai acontecer, mas sem precisar ir, e quais delas vai presidir, se pode precisar levar material. Vejo algumas reuniões repetidas e as destaco. Os dias de Penny parecem começar e terminar em horários diferentes, então menciono o horário de trabalho e questiono sua falta de tempo para focar outras tarefas no escritório.

Estou conferindo o conto de novo quando Penny entra.

— E aí, como foi? — pergunta.

— Bem, acho.

Ainda de pé, ela pega as duas folhas de papel e abaixa os óculos para lê-las.

— Você parece ter se saído bem, principalmente com a agenda.

— Ela sorri; a boca está fechada, mas seus olhos se iluminam. — Obrigada por vir, Maddie. — Enquanto aperto a mão dela, Penny diz: — Entraremos em contato em breve.

Volto para casa uma hora antes de Cam, e a essa altura já guardei minhas coisas de cozinha e banheiro e metade das do quarto. Fico lá em cima porque Cam vai direto para o quarto dela e fecha a porta. Me pergunto se devo descer, mas talvez ela queira ficar sozinha um pouco e relaxar depois de um dia cheio

de crianças na escola.

 **Google** — Devo bater na porta do quarto de um novo colega de apartamento?

demi: Não, deixe que eu vá até vc. Você não sabe como foi meu dia e talvez eu queira ficar sozinha

margaret: Quartos são privados então só bata na porta se precisar de algo. Mantenha a socialização restrita às áreas comuns como a cozinha

tally: mds claro! Se você quer conversar isso é tão legal!

chris: Não me incomode. Estou aqui para fugir da família/estar mais perto do trabalho, não para fazer amigos

Decido deixar Cam em paz e continuo guardando minhas coisas até Jo chegar em casa, duas horas depois.

— Oi, meninas! — grita ela do andar de baixo.

A porta de Cam se abre e as duas vão para a cozinha.

Esperei tempo demais para gritar “Oi!”, então desço direto. Meu pulso está acelerado. Moro com essas pessoas e elas são basicamente desconhecidas. Eu devia ter procurado no Google: como fazer seus colegas de apartamento gostarem de você. Não sei fazer novos amigos.

— Eu estava pensando naquela pizzaria nova, talvez — ouço Jo dizer. — Aquela em... Ah, aí vem ela, acho. Maddie? — Ela abre um sorrisão quando entro na cozinha. — Bem-vinda!

Cam revira os olhos e diz:

— Por favor, não ache que não gostei da sua mudança só porque não sou tão entusiasmada quanto ela. Você vai perceber que Jo e eu somos meio diferentes.

— Tanto faz — canta Jo. Não daria para estragar o humor dessa garota nem se você tentasse. — Então! — diz ela. — Estávamos pensando em comer naquela pizzaria nova em Clapham Common. Você recebeu a mensagem falando para não jantar, certo?

— Sim. — *Pelo amor de Deus, diga alguma outra coisa. Como foi seu dia, talvez?*

— Ótimo. — Jo bate palmas. — Não é longe, mas Cam disse

que vai nos levar.

Diga literalmente qualquer outra coisa.

— Você dirige, Cam?

— Sim — responde ela. — Estacionar por aqui é uma merda, então meu carro está do outro lado da rua.

— Meia hora e a gente vai? — pergunta Jo. — Vou só tomar um banho e tirar o fedor do capitalismo de mim. — *Ela não trabalha numa ONG?* — O que me lembra... Maddie: chegou algum pacote da Amazon para mim?

Jantar fora com minhas colegas de apartamento, com as meninas...

Voltando para casa do CGT, eu costumava passar pelos restaurantes do West End e ver mesas de amigas rindo, conversando, comendo e bebendo. Daqui uma hora, serei uma delas!

Controle a animação, Maddie.

— Não vou usar salto! — grita Cam lá de baixo.

— Tudo bem! — diz Jo. — Vou deixar passar hoje, é só pizza!

Fico feliz com o diálogo. Deixo de lado meu único par de botas com salto e as troco por tênis. Jeans e um suéter vermelho largo depois, estou sentada no banco do carona no carro de Cam.

Carros parecem ser a síntese da liberdade. Tenho essa fantasia de dirigir meu próprio carro à noite sob estrelas infinitas, ouvindo minha música preferida. Talvez eu esteja indo encontrar uma amiga ou só indo tomar sorvete em um lugar que faz gelato como nenhum outro; às vezes estou a caminho de um encontro e quando ele me pergunta o que vou beber, digo: “Nada com álcool, estou dirigindo”.

— Então, como foi seu primeiro dia na casa? — pergunta Jo, do banco de trás.

— Foi bom — respondo. — Basicamente fiquei guardando minhas coisas.

— Foi difícil sair de casa pela primeira vez ou você fez

faculdade?

— Fiz faculdade, mas em Londres — respondo —, então eu só ia e voltava de trem.

Silêncio. *Vai, continua.*

— Foi triste sair essa manhã, mas a casa não vai a lugar nenhum. Posso visitar quando quiser.

— Exatamente — diz Jo. — Você sempre pode aparecer lá quando sentir saudade da família.

Uma música que nunca ouvi começa a tocar no rádio, e Jo, vendo seus stories do Instagram, canta a plenos pulmões. Não sei dizer se ela é boa ou só muito escandalosa.

Cam ri e diz para mim:

— Ela sempre faz isso, você se acostuma.

Tem pessoas demais na rua para uma quinta-feira aleatória, mas talvez a noite quente e seca precise ser aproveitada. Clapham Common é cheia de bares, pubs e restaurantes, um prédio após o outro, como uma fileira de dominós. Algumas pessoas estão vestidas de modo casual, segurando cervejas em áreas externas, e há outras que parecem prontas para o que claramente será uma longa noite.

Saindo do estacionamento, caminhamos ao lado de três garotas de braços dados, em vestidos de cetim e saltos altos; elas até deixam uma nuvem de perfume ao passar. “Obrigada, queridas!”, uma delas diz, enquanto outra nos assopra um beijo. As três continuam andando em meio a risadinhas e o humor delas é contagiante.

Joe Public é um pequeno restaurante e do lado de dentro só há lugares disponíveis no bar. Na área externa, um trecho da calçada delimitado por uma cerquinha branca, Jo escolhe uma mesa no meio.

— Maddie, olha. — Ela aponta para uma lousa do outro lado da nossa mesa. — Estão oferecendo dois drinques pelo preço de um. Cam vai dirigir, então quer dividir comigo?

Estou prestes a dizer que não bebo (mais pela falta de oportunidade do que por um princípio), mas então me lembro da minha lista, da lista da nova Maddie.

— Pode ser — digo.

As opções são fatias ou uma pizza grande, e já que não conseguimos chegar a um consenso sobre o sabor, cada uma pega uma fatia. Primeiro, escolho a de cebola e pepperoni, Jo escolhe a de cogumelo e trufa enquanto Cam opta pela “carnívora”.

— Que apropriado — diz ela, e Jo ri. Rio também, embora não saiba qual é a graça. Talvez ela seja uma carnívora infame. Ou pode ser uma referência a... pênis. Obviamente, fazer um palpite em voz alta pode ser prejudicial.

Quando nossas bebidas chegam (Cam vai tomar uma coca-cola diet), são cor-de-rosa, servidas em copos com canudos e um morango cortado ao meio na borda. Dou um gole. É doce e desce como mel meio congelado. Sinto o sabor do álcool, mas bem pouco. Dou um gole maior.

— Ai meu Deus — diz Cam de repente. — Tá, não olha, mas... Jo começa a se virar no assento.

— Onde? Não olhar para onde?

Cam suspira.

— Tá, *Maddie*, não olha ainda. Jo, à nossa direita, segunda cadeira, cabelo castanho.

— O cara de suéter cinza?

— Sim. Agora, *Maddie*, você pode olhar.

Ajo como se estivesse olhando ao redor e foco a mesa à nossa direita. O homem de suéter cinza parece ter a nossa idade e está com um grupo de seis pessoas, mas passa a mão no cabelo ruivo de uma garota à sua esquerda.

— O que tem ele? — pergunta Jo.

— O nome dele é Callum e ele parou de responder a uma amiga minha depois de três encontros — diz Cam. — Agora sabemos por quê.

Jo finge estar enjoada enquanto olho para a garota de costas para mim.

— Homens — diz Jo. — Eles estavam transando?

— Só transaram uma vez, depois do terceiro encontro.

Jo olha para o céu e diz:

— Típico.

— Aparentemente ele fez de tudo — diz Cam. — Buscou Kirsten de carro, comprou flores para ela, eles foram jantar, ele pagou et cetera. Ela o convidou para a casa dela, transaram, e na manhã seguinte ele diz que vai ligar, que está atrasado para o trabalho ou algo assim, e aí some. Ela pensou que ele tinha morrido até ele ter a “decência” de mandar mensagem dizendo que não ia rolar. Ela ficou bem mal.

Jo dá uma mordida na pizza.

— Inacreditável.

— Que babaca! — exclamo.

Jo tosse “Babaca!” alto, mas por sorte Callum e seus amigos não a escutam.

Li muitas histórias na internet sobre “desaparecimentos” assim, mas geralmente acontece depois do primeiro encontro ou de alguns dias conversando por mensagem, então desaparecer depois do terceiro encontro é novidade para mim. Meu primeiro pensamento é: o que ela fez de errado? Então balanço a cabeça e me repreendo por ser uma má feminista.

— Não acredito que tem gente por aí que some depois de uma transa — digo.

— Homens somem — diz Cam.

— Não deixam nem um bilhetinho do lado da cama? — pergunto.

Cam ri.

— Ele nem é tão bonito assim — diz Jo. — Não tô dizendo que caras bonitos podem fazer isso, mas ele é... tão básico!

— Esse tipo é sempre o mais cara de pau — observa Cam.

— Você vai falar alguma coisa? — pergunta Jo.

— Não — responde Cam. — Kirsten não ia gostar disso. E ela já está conversando com outra pessoa.

— Onde ela anda encontrando todos esses homens solteiros,

mas de caráter duvidoso? — pergunta Jo. — Tenho uma amiga que está solteira, mas não encontrou nenhum cara ainda.

Eu provavelmente devia contribuir com algo significativo nessa conversa; é como fazer uma apresentação em grupo: as duas meninas populares dominam, mas logo o professor vai olhar para mim e dizer: “Você não falou muito, Maddie”, e então me fazer uma pergunta que não tenho como responder.

Cam faz uma careta.

— Em aplicativos.

— Você não gosta? — pergunto, curiosa.

— Não sei como dá pra gostar — responde ela. — Com algoritmos de merda que te apresentam perfis que se orgulham de só querer ir direto ao ponto? É difícil ficar animada.

Assinto em apoio enquanto decido buscar “ir direto ao ponto” no Google depois. Acho que quer dizer transar, mas gostaria de ter certeza.

— Cam é meio das antigas — sussurra Jo, zombando. — Já eu sou um pouco menos.

Fico surpresa com isso, pois achei que seria o contrário. Cam dá a impressão de comer machos escrotos no café da manhã, enquanto Jo tem cara de que espera flores e uma caixa de chocolates em forma de coração no primeiro encontro.

— Você pode se dar ao luxo de ser um pouco menos — diz Cam. — Já tem o Sam.

— Não tenho o Sam — corrige Jo.

— Quem é Sam?

— Só um cara com quem tô saindo — responde Jo, passando o dedo pela borda do copo. — Não é nada sério.

Se eu perguntar por quê, vou ser intrometida?

— Eles só estão transando — explica Cam.

Jo concorda com a cabeça de um jeito bem despreocupado, estilo “sabe como é”. Mas eu não sei.

— Ele não serve para namorar? — pergunto.

Jo fica com o olhar distante.

— Não me entenda mal, ele é lindo. Alto, pele escura e bonito.

— Literalmente — adiciona Cam. — Ele tem um metro e noventa, é negro e muito bem apessoado.

— Também é artista — prossegue Jo. — Somos parte de um grande grupo de amigos da universidade, então sempre saímos juntos, e uma noite há uns... dois meses? Aconteceu. Às vezes ele aparece lá no apartamento, então cedo ou tarde você vai conhecê-lo. — Ela junta as mãos sob o queixo e sorri consigo mesma. — Ele é ótimo, mas nenhum de nós dois quer algo sério, sabe? Não estou pronta para ser responsável por outra pessoa. E comecei a conversar com esse cara do trabalho, Conrad.

— Sam é melhor — diz Cam e Jo revira os olhos. — Para ser justa, só o encontrei duas vezes, mas ele tem uma energia ótima.

— Sou jovem — rebate Jo, balançando a mão no ar. — Tenho que manter minhas opções em aberto antes que seja tarde demais. Sério, um dia você vai pensar, tá, vamos namorar um pouquinho, não vai durar, mas então dura porque vocês estão muito acostumados um com o outro, e encontrar outra pessoa dá trabalho, e você não vai querer sair quando tá frio lá fora. Então, de repente vocês estão casados, tem dois filhos, um cachorro e uma casa fora de Londres. Por isso, vou manter as coisas casuais por enquanto.

Sexo casual. Amizade colorida? Isso ainda existe? Sem apego ou com um pouco de apego? Sexo sem envolvimento é possível? Bem, preciso transar primeiro para descobrir.

— E você, Maddie? — pergunta Jo. — Cam é uma conservadora dos anos cinquenta e eu nem tanto. Onde você se encaixa no assunto namoro?

Penso a respeito.

— Talvez no meio? Não saio muito, é difícil ter encontros morando com os pais. — *E só de pensar nisso já me dá ansiedade.*

— Mas você vai começar a sair em breve?

— Estou conversando com uma pessoa. Ben, eu o conheci no teatro.

— *É assim* que se conhece uma pessoa nova — diz Cam.

— Mas é só por mensagem. Ele não me chamou pra sair nem

nada.

— Por que você não convida ele pra sair? — pergunta Jo.

— *Ou* — diz Cam — ela poderia arrastar a vagina por uma cama de pregos.

— Mas você é mesmo muito leonina — diz Jo. — Rainha do drama. Estamos no século xxi! E a igualdade entre os sexos?

— Então por que absorventes ainda não são de graça? — Cam se vira para mim. — Não, espera que *ele* te convide.

Onze

No dia seguinte, me oferecem o emprego na EOT, e começo a trabalhar na próxima segunda.

Meus primeiros dias focam apenas a parte administrativa. Agora sei por que precisavam de alguém com tanta urgência. Minha predecessora saiu meses atrás e o trabalho se acumulou desde então. Reuniões precisam de um sistema de organização melhor do que o atual “preciso ir pra tal lugar agora”. Atas precisam ser feitas, os e-mails de Penny precisam ser organizados, títulos têm que ser escolhidos, e royalties, computados (se você achou que podia escapar da matemática seguindo uma carreira nos livros, pensa de novo, porra). Cheguei a me perguntar quando vou conseguir ir a reuniões, discutir aquisições e trabalhar em ambientes fotogênicos, mas não posso esperar nada disso tão cedo. Talvez seja algo que eu precise fazer por merecer.

Sou assistente pessoal apenas de Penny, mas minha supervisora e mentora é Kristina Dorval (cabelo na altura dos ombros, curvado nas pontas no estilo dos anos 90, lembra Avi; tem trinta e poucos anos e olhos verde-escuros). Estou ajudando na lista de comidas e bebidas dela, e seu método de mentoria é bem focado no administrativo, mas gosto dela. Ela insiste que eu a chame de Kris, e nosso primeiro encontro dura bem mais do que os trinta minutos planejados porque é fácil ela se afastar do computador e falar comigo sobre a vida.

Kris tem um parceiro chamado Bruce e um gato chamado Alfred. Não tem filhos, e tenho a impressão de que é por escolha. Ela faz aulas de salsa toda quinta à noite e vai ao teatro

pelo menos duas vezes por mês. Ama comer, mas odeia cozinhar.

— Nas quintas temos a reunião criativa— diz Kris —, e você vai precisar priorizar isso na agenda da Penny porque é quando discutimos as aquisições que queremos compartilhar com o resto da equipe e nossos títulos futuros.

— Eu preciso ir nisso? — pergunto, esperançosa.

— Não, isso é só para editores assistentes e efetivos — diz ela —, mas toda terça o departamento inteiro se encontra para a reunião de não ficção, a reunião de publicação, onde falamos de propostas e novos projetos, autores, ilustradores e fotógrafos em potencial, nossa lista de tarefas e coisas assim. Você vai fazer a ata.

Logo depois, eu tinha uma reunião com Penny. Fui inocente em pensar que a parte da assistência pessoal deste trabalho seria mínima, já que no teatro era um trabalho de tempo integral e me pagava mil libras a mais que este.

— Preciso adicionar três novas reuniões no meu calendário esta semana — diz Penny. — Com Thom, Gabby e Sabrina, e uma reunião de acompanhamento mais para a frente, mas não na sexta à tarde, com Thom e Gabby, e depois preciso de uma reunião separada com Marie, Levi e Chrissy do escritório americano. Cuidado com o fuso horário. — Ela não respira nem ergue o olhar da mesa. — A reunião de acompanhamento pode ser de meia hora, mas as outras duas precisam durar uma hora inteira. Se nenhuma sala de reuniões estiver disponível, podemos fazer as presenciais no meu escritório, com café, chá, biscoitos et cetera.

Olho para o calendário impresso dela. Está cheio até o limite. Me pergunto se Penny tem mesmo tempo de fazer xixi ou se funciona à base de desidratação crônica.

— Eu sei — diz ela, entendendo meu pensamento. — Está bem cheio agora, mas preciso mesmo que essas reuniões sejam marcadas.

— Certo — concordo empaticamente. — Claro.

Algo que aprendi no meu terceiro dia? Sugerir uma reunião no horário de almoço é o equivalente a cuspir no olho do primogênito do rei.

Pelos próximos noventa minutos, reviso a agenda de Penny para ver se alguma das reuniões de acompanhamento dela é fora do escritório esta semana. Ótimo, Laura está de folga, então posso cancelar seus trinta minutos. Pergunto à assistente de Gabby se ela vai estar livre nesse horário e ela concorda em reorganizar as coisas para que esteja. Agradeço-a o máximo possível em um e-mail sem exaurir os pontos de exclamação, porém sei que vou precisar retribuir a generosidade em algum momento ou vou arriscar perder qualquer favor futuro.

Percebo que Thom e Penny tem duas reuniões marcadas esta semana e peço que a hora seja reduzida para trinta minutos, deixando outros trinta livres às onze da manhã, mas Sabrina está ocupada. Onze e meia? Sim, Sabrina consegue, mas Penny tem que estar em uma cafeteria na Leicester Square às 12h30, então preciso remarcar a reunião de acompanhamento de Bridgette. Entro em contato com a assistente pessoal dela, que responde com “Talvez... Pode conferir se a Susanna não vai se incomodar?”. Por sorte ela não se incomoda e, no fim, todas as três reuniões estão marcadas.

Saio da mesa para usar o banheiro quando...

— Maddie? — Penny sai do escritório. — Pode fazer um relatório com o valor total das vendas dos títulos do Morgan Taylor conosco e um separado com o valor total em outras editoras? Também preciso de nosso calendário de publicação dos próximos dois anos impresso em folha A3, e por favor separe em meses para incluir autor, ilustrador, ISBN, preço, tipo de produto e editor. Também acabei de te enviar um e-mail com uma carta, pode imprimir nove cópias em papel timbrado, deve estar em algum lugar no almoxarifado, dá uma olhada lá, para a reunião das dez de amanhã? Também preciso da agenda da reunião e das atas anteriores. — Ela sorri. — Preciso repetir alguma coisa?

Olho para meu bloquinho e é como se eu tivesse desenhado

uma teia de aranha pela página.

— Não, entendi tudo.

— Obrigada. — Ela sai.

Olho ao redor e a garota diante de mim sorri de lado e arregala os olhos. Sei que se chama Eliza. Ela dá uma risadinha que pode ser falsa, mas seu rosto sugere o contrário. É redondo com bochechas permanentemente rosadas, e ela tem um cabelo rafaelita castanho que chega ao final das costas. Sorrio e Eliza retribui antes de voltar para detrás do computador.

Valor das vendas do MT na EOT

Carta no papel timbrado da EOT 9x

Calendário de publicações em A3

No almoço, como arroz jollof e salada. Fico feliz em comer às duas da tarde porque o refeitório está esvaziando depois da correria da uma hora. No CGT, uma vez cometi o erro de me sentar com meus colegas no almoço.

— Ah, o que você tem aí, Maddie? — perguntou Claire. — Isto é arroz africano?

Expliquei o que era arroz jollof o melhor que pude enquanto olhava para o almoço deles. Batata recheada. Sopa. Batata recheada. Sanduíche. Sanduíche.

— Aposto que é bom. — Ela sorriu. — Tem cheiro de ser bem temperado.

Tentei rir (afinal de contas, o que mais eu poderia fazer?), mas saiu como bufada pelo meu nariz.

Depois de caminhar na hora do almoço, vejo uma ligação perdida de Dawoud. Ele geralmente não me liga, por isso meu coração acelera. Não, se houvesse algo errado com meu pai, minha mãe também teria tentado falar comigo. Ligo para Dawoud, que apenas me pede para comprar mais cateter.

Ele poderia pedir para minha mãe fazer isso, mas em vez disso,

digo: “Sim, claro. Vou comprar agora”. Só porque me mudei não significa que não devo fazer algo por meu pai. Só leva dois minutos para logar no site e fazer o pedido.

Estou prestes a avisar minha mãe que fiz isso, mas uma mensagem dela já está a minha espera. Ah, ela me enviou uma mensagem de áudio. Ela nunca faz isso. Nem sabia que ela sabia como. Pressiono para ouvir.

— MADELEINE!

Claro que ela está gritando. Abaixo o volume do meu fone de ouvido.

— MADELEINE! ACABEI DE DESCOBRIR AS MENSAGENS DE ÁUDIO NO WHATSAPP. OLHA SÓ COMO A SUA MÃE...

A mensagem termina aí.

Volto para a minha mesa e priorizo a lista de Penny. Só há alguns problemas pontuais, em especial com a impressora porque são todas filhas da puta e provavelmente vão liderar a revolta tecnológica na inevitável guerra contra os humanos, mas termino tudo antes que Penny volte de sua última reunião do dia. Ela entra no escritório, pega a pilha de papéis que deixei em sua mesa e os folheia.

— Isso é tudo — diz.

Fico esperando, caso seja uma pergunta.

Ela parece surpresa.

— Obrigada, Maddie.

— De nada.

Penny fecha a porta e Eliza aparece de novo.

— Muito bem — diz ela baixinho, fazendo um joinha.

De brincadeira, seco minha testa e sussurro:

— Obrigada!

As semanas seguintes seguem basicamente o mesmo padrão. Tento ver se posso ajudar nos livros, mas Penny e a parte

administrativa do escritório tomam muito do meu tempo. Só tentar entender o banco de dados leva horas. Estou preenchendo alguns registros eletrônicos quando os editores assistentes e efetivos entram no escritório de Penny para uma reunião criativa improvisada. Me pergunto o que eles estão discutindo lá... Talvez a nova edição de *Comendo com liberdade*.

Comendo com liberdade é um livro de receitas à base de plantas que foi lançado quando ser vegano era pedir demais das pessoas. Agora, esperamos que uma capa nova, material extra e a presença crescente do autor nas redes sociais dê ao livro uma vida nova. A marca do autor é que ele era vegano antes que isso se tornasse popular (palavras dele, não minhas), e o cara (julgando pelas respostas dele) parece ser meio babaca, para ser sincera. Ele assina todo e-mail com:

Gratidão,

Jim Carper,

Vegano original.

A porta de Penny se abre.

— Maddie?

Me levanto. *Ela vai pedir que eu me junte à reunião?*

— Pode fazer chá para mim e Thea, por favor, e trazer aqui?

— Ah, claro.

Eu costumava odiar fazer chá até que Avi me disse uma vez: “Se alguém te pede para fazer uma xícara de chá sem te dar maiores informações, essa pessoa vai receber o que merece — principalmente considerando que nem estão pagando”. Esse tem sido meu novo lema desde então.

Entro no escritório de Penny e percebo que a mesa dela está cheia de fotografias de comida. Estico o pescoço para olhar antes de depositar as duas xícaras de chá. Me viro para ir embora quando Penny diz:

— Thea, você quer mais leite?

Thea, uma mulher de cabelos escuros pequenininha, diz:

— Não, obrigada. Está ótimo.

Concordo com a cabeça e estendo a mão para a porta de novo.

— Maddie — diz Penny. — Quero mais leite. — Olho para a xícara dela e me pergunto se Penny está dizendo isso para referência futura. — Sobrou um pouco?

— Sim, vou pegar.

Acho que devia ter trazido a xícara dela comigo, mas já que não sei a quantidade correta de leite, levo a caixa até ela. Meu plano é colocá-la na mesa e ir embora, mas Penny estende a xícara para mim.

— Te digo quando parar — diz ela.

Thea a encara por um momento, enquanto os outros se ocupam com as fotografias. Minha garganta se aperta com a reação dela.

Desenrosco a tampa do leite, me sentindo estranha, e o despejo na xícara de Penny.

— Pare — diz ela. — Muito obrigada, Maddie.

Não consigo encará-la, então aceno com a cabeça e saio da sala. Sinto meus olhos queimarem, mas não sei por quê. Uma parte do meu cérebro está dizendo que não é nada demais, só leite na xícara, mas outra parte, a reação de Thea, me diz que Penny não devia ter me pedido para fazer aquilo.

Doze

Ben me liga quando volto para minha mesa.

Atendo sem pensar e então paro de repente.

— Merda — digo baixinho.

Eliza olha para mim; aponto para o celular e sussurro “emergência”. Deixo a sala e vou para o corredor.

— Alô.

— Oi, Maddie. É o Ben.

— Oi, Ben.

— Por que você está sussurrando?

— Ah, estou no trabalho.

— Certo, tá bem — ele sussurra também. — Queria saber se você quer jantar sábado à noite na minha casa.

— Jantar? No sábado?

Um encontro de verdade? Só vocês dois? Conversando sem parar por pelo menos duas horas? Acha que ele vai te beijar no fim da noite?

Repasso mentalmente uma lista de desculpas que eu poderia dar.

Cólicas? Pessoal demais.

Já tenho planos? É mentira e ele poderia querer remarcar.

Mercúrio está retrógrado? Não sei o que significa, mas todo mundo vive dizendo isso.

Saí ontem à noite e ainda estou um pouco de ressaca? Sinais de uma possível alcoólatra.

Eu não quero ir não porque não gosto de você, mas porque faz quase uma década desde o meu último encontro e só de pensar já fico enjoada? Não faz sentido para ninguém além de mim.

— Sim, amanhã — repete ele.

— Ben, por que *você* está sussurrando?
— Não sei — diz ele. — É estranho falar em voz alta com alguém que está sussurrando do outro lado.
Sorrio. Do escritório, ouço Penny perguntar:
— Cadê a Maddie?
— Tá, jantar na noite de sábado na sua casa. Parece ótimo.
— Legal. Vou te mandar o endereço. Te vejo amanhã, Maddie.
— Tchau, Ben.
Ele ri, provavelmente porque ainda estou sussurrando, antes de desligar.

Assim que saio do escritório, pego meu celular. Durante o horário de pico, a Farringdon não é uma rua que dê para andar sem prestar atenção, mas estou desesperada. Não terei sinal quando estiver no trem.

 Google — Como se preparar para um primeiro encontro

Minhas quatro dicas principais para um primeiro encontro — artigo escrito por Lisa Fiener
Já estive em tantos primeiros encontros que já perdi a conta.

Quando leio isso, jogo a cabeça para trás.

Então, se você encontrou este artigo, está no lugar certo. Siga minhas principais dicas para garantir o sucesso do seu primeiro encontro.

Rolo a página para baixo a fim de ver se Lisa Fiener colocou quaisquer links para artigos que escreveu sobre segundos encontros. Ela não colocou.

Nervosismo: se este é o seu primeiro encontro em muito tempo ou até mesmo o primeiro encontro com alguém de quem você gosta muito, provavelmente está suando frio só de pensar no assunto. Jogue fora esse nervosismo ao se manter ocupada até o dia D. Que tal fazer um treino intenso na academia ou até marcar uma sessão de bronzamento para te dar aquela confiança extra? Distraia-se para evitar pensar demais; minha escolha de distração é uma massagem agendada, para que eu fique relaxada e calma logo antes do grande

Esses rituais pré-encontro não se aplicam muito ao meu caso. Não tenho matrícula numa academia nem preciso de um bronzado...

Também parece caro. É por isso que o costume é os homens pagarem pelos encontros? Gastamos todo o nosso dinheiro só nos preparando...

Local: isso é bem óbvio, mas você vai querer escolher um local familiar e público para se sentir segura. Você sabe o preço da comida, caso ele não seja cavalheiro, sabe o que vestir e o ambiente do lugar. E, como medida extra, garanta que pelo menos um amigo ou membro da família saiba com quem você está se encontrando, aonde vai e que horas planeja voltar — sabe, melhor prevenir!

— Olha por onde anda! — Um homem com uma maleta me empurra e me olha feio (o homem, não a maleta) antes de se afastar. A culpa é minha por parar no meio do fluxo de pedestres, mas em minha defesa — não que alguém tenha perguntado — eu tinha acabado de descobrir que Ben poderia ser um assassino em série em potencial e eu sua próxima vítima.

Me movo para o lado e paro na entrada de um banco fechado.

 Google — É normal ter o primeiro encontro na casa do cara?

nicole91: Conheci um cara numa cafeteria e nos demos muito bem. Depois que trocamos contatos, ele me mandou uma mensagem perguntando se eu gostaria de jantar na casa dele. Só o encontrei uma vez e nos demos bem, mas não o conheço de verdade. Mas gosto dele e ele parece um cara legal de verdade. Devo ir jantar na casa dele?

sarahkt: Ted Bundy também parecia um cara legal de verdade.

kathy78: Acho que tudo bem ir na casa de um cara no primeiro encontro, mas só se você confiar nele.

anôn: Confiar nele não quer dizer nada. Todos já fomos enganados alguma vez. E se as pessoas que o conhecem são tipo, “é, ele tem primeiros encontros em casa o tempo todo, é completamente normal para ele”, e você é a garota sem sorte n. 8 que ele acaba matando? Mas todo mundo vai apoiar o sujeito porque, em primeiro lugar, ele é homem, e em segundo lugar, que mulher idiota vai à casa de alguém no primeiro encontro, não é culpa dele ela ter dado a oportunidade de ser assassinada, certo? E em terceiro lugar, as outras mulheres com quem ele se encontrou vão ficar tipo “é, fui à casa dele, ele foi um cavalheiro e ainda estou viva”.

Se eu fosse um assassino sociopata, faria assim.

#tosofalando #salvemasbaleias #seriogenteoplanetaestamorrendo

simone_g: Acho que o primeiro encontro na casa dele é sinal de maturidade porque ele não tem medo de te mostrar onde mora. Significa que quer algo a longo prazo. Só diga a ele que seus amigos sabem onde você está.

leela: Corre, garota. Corre pra longe e bem rápido.

Que útil. De volta a Lisa Fiener.

Conversa: ser pega de surpresa ou ficar presa num silêncio desconfortável é a maldição de todo primeiro encontro. É natural que aconteça isso se vocês não se conhecem tão bem, ou mesmo se já tiverem gastado todas as perguntas para quebrar o gelo. Para combater isso, é bom ter uma lista de coisas sobre as quais podem falar para manter a conversa fluindo. Aqui estão meus três assuntos principais para começar uma conversa:

1. Considerando quatro pessoas no mundo, vivas ou mortas, quem você convidaria para um jantar?
2. Qual sua memória favorita?
3. O que torna um dia perfeito para você?

Mas essas perguntas não parecem de entrevista de emprego?
Os encontros são basicamente entrevistas agora?

Você também vai querer manter a conversa leve. Evite falar de ex-namoradas, membros problemáticos da família e política no primeiro encontro. O objetivo é se divertir! Se achar que pode ter dificuldade com isso, leia meu outro artigo aqui sobre como ser interessante num encontro.

Que merda. A Lisa está preparada para tudo.

Linguagem corporal: subestimada, mas tão crucial! Contato visual pode ser uma ótima forma de demonstrar interesse, mas também desconcertante e intensa num primeiro encontro, principalmente se você não é muito de piscar. Meu conselho é: vá com calma. Imitar, encarar e se inclinar à frente são sinais claros de interesse, mas faça tudo com cuidado.

 Google — Existe exaustão pré-encontro?

Tenho um encontro com um homem amanhã à noite. Será meu primeiro encontro em *oito* anos, e imagino que as regras do flerte tenham mudado drasticamente desde então.

Naquela época, quando um garoto dizia: “Ei, quer sair comigo?” e você dizia “Sim”, isso significava que vocês estavam oficialmente em um relacionamento. Mas com o mundo do

namoro adulto vem a outra palavra: sério. Um encontro não significa que vocês estão ficando a sério, e só porque concordei em sair com ele não significa que é meu namorado. Pode ser que eu nem seja o único encontro de Ben esta semana.

Quando entro no apartamento, minha cabeça está zumbindo com informações e dicas de sobrevivência.

— Maddie?

Eu quase passei reto pela cozinha sem ver que Jo estava lá... e é meio difícil não reparar nela. Está usando uma bandana grossa, vermelha e cheia de pedrarias, um vestido azul-bebê com babados brancos que arrasta no chão, uma variedade de braceletes e pantufas de *rena*.

— Oi, desculpa. Estou distraída.

— Reparei — diz ela. — Você parecia um pouco fora do ar.

Jo está usando a frigideira que eu trouxe, o que é um pouco irritante porque é a única antiaderente que temos no armário e ela nunca lava logo depois de usar. Eu estava planejando fritar peixe para o jantar, mas agora não vai rolar.

Ela se afasta das cenouras que está cortando.

— Antes que eu me esqueça, chamei alguns amigos para vir aqui amanhã à noite. Você quer participar?

— Ah, não posso. Eu... tenho um encontro.

Jo joga as mãos para o alto e dá um gritinho animado. Uma pena que eu a interrompi enquanto ela cortava legumes e estava com a faca na mão, porque agora parece tão feliz quanto ameaçadora.

A porta de Cam se abre.

— Ouvi um grito — diz Cam, dando a volta no corredor usando samba-canção e uma camiseta lisa. — Quem tá morrendo, e será que essa pessoa pode fazer menos barulho? — Ela repara na faca de Jo e para de repente. — Ah, merda. Alguém tá *mesmo* morrendo?

— Não! Maddie tem um encontro!

— Ah, legal — diz Cam, pegando o bule. — O tal do Ben?

Faço que sim com a cabeça.

— Ele me ligou esta tarde e me convidou para jantar na casa dele. — Decido trocar as máscaras sem rosto do Google por pessoas tridimensionais que existem e pergunto: — Isso é estranho?

— Sim — diz Cam.

— Nem um pouco — diz Jo.

Cam ergue sua caneca.

— Foi bom te conhecer, Maddie.

Com a faca na mão, Jo gesticula para Cam.

— Cala a boca. Maddie, não dê ouvidos a ela. Ele ter te dado o endereço é um ótimo sinal! — diz ela para mim. — E se tiver planos para de repente te largar? Se você quisesse respostas, poderia aparecer na casa dele, e ele sabe disso. — Jo semicerra os olhos para Cam e diz: — Maturidade.

Cam também semicerra os olhos.

— Assassino.

— Você falou em assassinato três vezes desde que entrou nesta cozinha — observa Jo. — Então chega. Maddie, se está preocupada, me manda o endereço dele e diga que suas colegas de casa sabem onde você está.

— Mas não conta pra ele onde a gente mora — adiciona Cam.
— Caso ele venha aqui para terminar o serviço.

Jo faz *tsctsc*.

— Qual o endereço dele?

Eu encaminho para ela no WhatsApp.

— sw-cinco — diz ela. — Chique!

— É? — pergunto.

— Aham. É um bairro rico com certeza.

— Ele trabalha em um banco de investimentos, e o pai dele é o não sei o quê executivo, e o avô dele fundou a empresa.

— Não assine um acordo pré-nupcial — diz Cam.

— Ai, Deus. — De repente, tiro minha jaqueta porque estou suando. — Sou uma assistente editorial que ganha menos de mil e seiscentas libras por mês.

— Isso é provavelmente um terço do aluguel dele.

Mordo meu lábio.

— Talvez seja melhor eu não ir.

— Maddie, não escuta a Cam! — diz Jo. — Ela só está brincando com você.

— Então você não acha que o aluguel dele é mais alto que o meu salário?

Jo olha para Cam e então de volta para mim. Ela abaixa a faca.

— Mostre pra gente o que você vai vestir!

Jo acaba escolhendo minha roupa. Ela não fica muito impressionada com o que tenho no armário, mesmo quando mostro as que comprei online.

— Por que você se cobre tanto? — pergunta ela. — Tem alguma coisa a ver com religião?

— Não — respondo, mas então penso no assunto. — Talvez. Acho que cresci ouvindo que boas garotas não...

— Se divertem — termina Jo.

— Disse a serpente para Eva — complementa Cam.

— Apenas apoio e encorajamento neste quarto, por favor!

Cam ergue as mãos em sinal de rendição e se joga na minha cama. Nunca tive amigas no meu quarto. Espero que esteja cheirando bem e não esteja bagunçado demais.

Jo me faz provar três combinações diferentes (ela e Cam reviram os olhos quando peço que não olhem enquanto visto cada uma) antes de enfim decidir por um vestido preto e verde-cáqui com corpete e saia ampla, de mangas longas, que mal cobre minha bunda. Eu o comprei faz um ano, em um site que o chamou de “o vestido da amante recatada”, e ele só ficou no meu guarda-roupa porque perdi a data de devolução.

— Vocês não acham que é um pouco curto? — pergunto.

— Sim — responde Jo, segurando minhas botas pretas. — E daí?

— Em defesa do vestido — diz Cam —, se sua bunda fosse menor, ele cobriria mais uns dois centímetros.

— Não gosto dessas botas com o vestido. — Jo junta os dois para analisar. — São os únicos saltos que você tem?

Faço que sim com a cabeça.

— Talvez seja melhor eu trocar o vestido?

O olhar de Jo se ilumina.

— Ou... — Ela confere a sola das minhas botas. — Tamanho 38, isso! Tenho a bota perfeita!

— Você disse nada de botas.

— Eu disse nada das *suas* botas. Espera aqui.

Jo volta do quarto dela com botas de veludo altas que chegam na altura das coxas.

Cam assobia.

— Fala para ele pagar adiantado, Maddie.

— Mais uma dessas e você cai fora — avisa Jo.

— Não posso usar isto *e* o vestido, Jo.

— Por que não?

— Juntos... fica... — Gesticulo para a bota. — *Sexy*.

Ela me observa.

— Você vai num encontro com um homem rico — diz. — Não quer parecer sexy?

Aos dezessete anos, eu vivia de tênis, jeans e camisetas simples no verão e adicionava um dos suéteres de James no inverno. Minha maquiagem do dia a dia consistia apenas em rímel barato e um gloss rosa demais para meu tom de pele.

Pego as botas de Jo. Talvez sexy seja uma boa mudança.

Mas só debaixo de um casaco preto, decido antes de sair na noite de sábado.

Quando saio da estação de trem (porque o Uber teve a audácia de querer me cobrar trinta e cinco libras por uma viagem só de ida) e viro na rua de Ben, fecho meu casaco.

— É assim que vive a outra metade — sussurro. *E é outra vida.*

Caminho sob postes altos e passo por homens usando suéteres de gola longa e mulheres com roupas de corrida. Ben mora num

quarteirão com uma fileira de casas com pilares de pedra de verdade, aldrabas polidas e carros descolados estacionados do lado de fora. Quando subo os degraus de pedra da casa dele, tropeço no meu salto — na porra do salto de Jo — e fico parada diante da grande porta escura. Ouço um jazz suave atrás dela.

— Está bem, Maddie — digo baixinho. — Fica tranquila. Lembra o que você praticou. Oi, Ben. Oi, Maddie. Você pergunta como ele está, e ele vai te perguntar o mesmo e você vai dizer que teve uma tarde tranquila assistindo à tv porque suas colegas de casa não estavam. Aí ele vai perguntar: “Ah, me conte sobre suas colegas” e...

Pensando bem, será que isso é um pouco triste? Porque Ben ia ficar sabendo que se não fosse por este encontro, eu não teria planos para o sábado. Devo mentir? O que mais posso dizer que estava fazendo? Comendo brunch? Sim, fui num brunch com Cam e Jo.

Bato na porta.

Na verdade, não, diga que você tomou brunch com Nia e Shu — amplie seu círculo social.

Quando Ben abre a porta, eu congelo. Quase me esqueci da aparência dele, e as memórias daquela noite no teatro voltam com tudo. Nesta luz, seu cabelo, penteado para trás com os dedos, passa de castanho para quase preto, e seus olhos azuis ficam mais intensos por isso. E, olha só, lá estão as covinhas.

— Maddie, que bom que você veio.

Não consigo pensar em nada quando entro, e Ben me conduz pela cintura e pega meu casaco. Ele está usando calças cinza e uma blusa azul-marinho com as mangas arregaçadas. Puxo meu vestido para baixo porque é muito curto.

— Você está incrível — diz ele.

Fale algo sobre brunch.

— Tem gente que sabe que estou aqui!

Cacete.

Por sorte, Ben ri.

— Maddie, eu te garanto, eu não sou uma ameaça. Prometo

que só estou cozinhando o jantar para você. Aqui — ele me oferece o braço —, deixa eu te levar para a cozinha.

Esta noite, descubro que não é preciso muito para me impressionar — faço uma anotação mental para trabalhar nisso.

A casa de Ben é tão chique quanto o código postal dele. Tem dois andares e se estende o suficiente para que eu veja o jardim do outro lado. O chão do corredor é de madeira cinza-prateada e na parede lateral da escadaria há um espelho de moldura dourada ao lado de um cabideiro de carvalho escuro. Ele me conduz a um espaço amplo de conceito aberto no qual dois terços são ocupados pela cozinha, feita de balcões de mármore com banquinhos de bar acolchoados e armários pintados de azul-escuro. O terço restante é a sala de jantar onde, sob luzes penduradas, há uma mesa coberta de linho com jogos americanos, talheres e copos em cima.

— O jantar está quase pronto — diz ele. — Senta comigo enquanto eu cozinho. Você pode provar tudo.

Ben puxa um banquinho detrás do outro lado da bancada para que eu me sente a centímetros de onde ele está cuidando de várias panelas. Há uma vulnerabilidade em se sentar em um banquinho de bar e acho que se trata da falta de apoio para os braços. Se você não estiver totalmente centrada, pode perder o equilíbrio. Tento não me mexer muito, já que Ben está tão concentrado em suas panelas, frigideiras e assadeiras.

A música — não consigo ver sua origem — viaja o suficiente para que fiquemos em um silêncio confortável e eu observe Ben cozinhar. Encontros têm um conceito estranho, não? Mal conheço este homem, ele mal me conhece, mas aqui estou eu, na casa dele, sentada num banquinho vendo-o fazer o jantar. Mas tudo bem, porque é um encontro?

Ben abotoou a camisa o suficiente para que eu não visse nada quando o encontrei, mas agora, quando ele se estica à frente, posso ver os pelos em seu peito. Sofro de uma necessidade esmagadora de tocá-lo, em um lugar específico ou onde eu puder. É tão repentino que preciso respirar devagar.

— Ah — diz ele, e me recosto. Quando foi que me aproximei tanto? — Deixa eu pegar algo para você beber. — Por um instante, Ben toca minha coxa. Meu vestido com certeza é curto demais porque acho que a intenção dele era tocar meu joelho. — Tinto ou branco?

Eu o encaro; acho que ele se barbeou hoje. *Maddie, escolha um vinho.*

— Tinto, por favor. — *Você odeia vinho tinto.*

— Ótima escolha — diz Ben. — Sei exatamente qual tinto pegar. — Ele escolhe uma garrafa de uma adega bem abastecida e serve duas taças. Me entrega uma, e então ergue a dele para bater na minha. Não quebra o contato visual. Esqueço o vinho quando o aperto no meu estômago retorna. Ele sorri e diz: — Você está bem quieta hoje.

Me lembro do vinho e bebo.

— Hummm. — *Que tal usar palavras de verdade?*

— Será que eu te conto o que tem para o jantar?

Faço que sim com a cabeça, engolindo devagar o vinho amargo, e gesticulo em direção ao fogão.

— Parece trabalhoso.

— Como você já sabe, amo cozinhar — diz Ben. *A voz dele está mais grave que antes?* — Então fazer esse menu de três pratos está sendo bem divertido.

Três pratos? Merda. Nunca comi uma refeição de três pratos. Já comi três coisas diferentes uma atrás da outra, mas não acho que seja a mesma coisa.

— Para começar, beringela assada, queijo feta e tabule.

— Parece delicioso. — *O que é tabule?*

— Depois, no prato principal teremos risoto de cogumelo.

Ao menos você sabe que é arroz.

— E por fim, para a sobremesa, temos... — Ben desvia o olhar, de repente tímido. — Talvez você ache que é meio infantil.

Posso tocar a bochecha dele ou isso seria demais, esquisito demais e cedo demais? Continuo segurando a taça de vinho.

— Manda ver.

— Para a sobremesa, sundaes. — Ele dá de ombros como se dissesse “taí o meu segredo”. Sorrimos juntos, mas na verdade gostaria de fazê-lo rir.

— Ben?

— Sim, Maddie?

— Por que você ainda tá solteiro?

Quando rio alto, meu instinto é cobrir a boca caso esteja mostrando gengiva ou língua demais. Enquanto isso, Ben ri com confiança, talvez porque saiba que pode.

— Eu poderia te fazer a mesma pergunta.

Não respondo porque não sei por onde começar.

— Seu jantar de três pratos parece impressionante. Você é um adulto de verdade.

— Bem, tenho trinta e quatro anos.

Me ajeito no banquinho.

— Sério?

— Sério. — Ben me encara. — Velho demais?

Sim?

— Não. — Quando o vi pela primeira vez, pensei que ele tinha vinte e tantos, então é uma diferença de idade e tanto. Como eu deveria me sentir em relação a isso? Será que minha mãe vai aprovar ou vai querer alguém mais da minha idade? *Não é só isso.* Trinta e quatro significa experiência, e até agora, Ben parece ter bastante. Percebo que não estou nervosa só porque gosto dele e quero que ele goste de mim, mas porque está tão calmo, a ponto de conseguir mexer o risoto com uma mão e beber vinho com a outra, enquanto estou furiosamente tentando não cair nem ficar torta no banquinho.

Estou nervosa porque essa não é a minha praia. Tento me lembrar das quatro regras da Lisa, mas em vez disso olho ao redor e reparo na geladeira de portas duplas prateada e na *despensa*. Nunca estive em uma cozinha assim, nunca me deram uma taça de vinho escolhida especialmente para a noite, e a última pessoa a cozinhar para mim foi minha mãe.

— Então, quantos anos você tem? — pergunta Ben.

— Tenho vinte e cinco.

— Ah, ótimo — diz ele. — Você se importa em mexer isso aqui por um segundinho?

— Claro. — Deixo a taça de lado e me inclino para pegar a colher de pau do risoto.

— Obrigado. — Ben segura o rosto com as mãos. — Caralho. Rio, mas continuo mexendo.

— Jovem demais?

Ele pega a colher de volta e vejo que suas bochechas estão vermelhas.

— Nove anos de diferença é... Você é muito jovem e provavelmente tem mais opções.

Nunca pensei nisso. Ben é o primeiro encontro de verdade que tenho na vida adulta; espero ter muitos mais? Quantos homens seria demais considerando minha mãe, a fúria de Deus e minha relutância a contrair uma IST?

— Quantos anos você achou que eu tinha quando a gente se conheceu?

— Eu sabia que você era jovem — responde ele —, mas não me aguentei quando te vi, então estava na esperança de que você tivesse vinte e sete, talvez vinte e oito.

Pisco.

— Como assim você não se aguentou?

Ben me observa.

— Por favor, não vai me dizer que você é uma daquelas mulheres que é claramente linda, mas finge que não é.

Abaixo a cabeça. *Claramente linda*. Ninguém nunca me chamou de “claramente linda”. Ele está falando sério? Como posso ser tão linda que ele *precisou* parar pra falar comigo?

Fico em silêncio por tanto tempo que Ben ergue meu queixo com o dedo. Queria olhá-lo nos olhos, talvez dar de ombros e dizer: “Já ouvi isso algumas vezes”, mas seria mentira.

— Ninguém nunca te disse isso? — pergunta ele baixinho. — Acho difícil de acreditar. — Gentilmente, Ben acaricia minha bochecha com o dedão e enfim olho para ele. Estou respirando

com dificuldade e meu peito torna isso visível. Ben sorri devagar e segura meu rosto com as duas mãos. O calor da pele dele me faz fechar os olhos.

Seus lábios são suaves nos meus e sinto minha pele formigar. Ele inspira fundo e eu me inclino à frente. Quando ele se afasta, eu digo:

— Isso foi bom, Ben.

— Que bom que não fui o único a achar isso. — Ele aperta minha coxa. — Vamos jantar.

Na mesa, Ben completa minha taça e me dá um copo de água antes de servir a entrada em cima do que achei que já era meu prato. (Mais tarde, pesquiso no Google e descubro que é um *sousplat*, feito para “adicionar ao efeito visual da mesa”. De novo, *chique*.) O tabule tem gosto de arroz, mas é mais leve e fresco.

— Ben, que delícia!

Ele sorri.

— Você acha mesmo?

Dou mais uma garfada.

— Sim. — *Calma, Maddie. Tenta não ir de beijo lento a comida caindo da sua boca.* — Nunca comi algo assim.

— Você cozinha muito?

— Quando eu morava com meu pai, fazia toda a comida no final de semana. Não era nada muito complicado, mas eu tentava variar o suficiente para ele não comer a mesma coisa a semana toda.

— Você cozinhava para o seu pai?

Calma lá, Maddie. Coloco a taça de vinho na mesa.

— Você deve ser a melhor filha do mundo.

Tento sorrir, mas de repente sinto uma queimação no meu peito porque não pensei muito no meu pai esta semana. Eu deveria ligar, só para saber como ele está.

— Agora que me mudei, talvez eu deva experimentar um pouco mais. Principalmente se conseguir cozinhar algo assim! —

Espero não soar como uma maníaca e uma pessoa desesperada para mudar de assunto.

— Nesse caso... — Ben se levanta da mesa e abre uma gaveta ao lado da geladeira. Lá dentro, há fileiras de livros de culinária de autores como Yotam Ottolenghi, Tom Kerridge, Sabrina Ghayour e Jamie Oliver. Ele pega um chamado *Jantares simples* e me entrega antes de se sentar de novo.

Começo a folhear as páginas modestas, com listas de ingredientes simples e fotografias coloridas. É organizado e fácil, meu tipo de livro de receitas.

— Esse aí é ótimo — diz Ben. — Não é um livro da EOT, mas ninguém precisa saber. Todas as receitas são simples, mas deliciosas. Meu presente pra você.

— Você está me dando isto?

— Sim. — Ele ergue o olhar. — Talvez um dia você cozinhe um prato dele pra mim.

Sorrio.

— Combinado. — Folheio o livro de novo. — Sabe qual seria o livro de receitas ideal? — pergunto. — Um focado em combinação de sabores.

— Muitos livros fazem isso.

— Não, quero dizer, só focado em combinações de sabores, talvez algumas receitas, mas principalmente... não sei. Tipo, um índice que eu consiga seguir até a seção sobre tomates e aquele capítulo me diz com o que combiná-los e o que realça melhor o sabor natural deles. Tipo, por que tomates frescos e muçarela combinam tão bem? Ou o livro diz para combinar manjerição e tomatinhos para fazer um ótimo molho para macarrão. Combinações simples que talvez não sejam tão óbvias, mas que juntas dão água na boca.

Ben pensa no assunto.

— Você precisa trabalhar na sua apresentação, mas não é uma má ideia.

— Apresentação? — repito. — Não, não posso apresentar essa ideia. Não estou nesse estágio ainda. Eu sirvo chá.

— Talvez se fizer isso pare de servir chá. — Ele me dá uma piscadela. — Que mal vai fazer organizar a ideia e enviar um e-mail? Apenas um “ei, estou fazendo o meu trabalho, mas tenho esta ideia, é só uma ideia, provavelmente não é nada demais, mas pensei em comentar”. Gerentes adoram essa coisa da autodepreciação.

Nego com a cabeça, mas já estou pensando no assunto. Ben tem razão. Que mal pode fazer? Eu poderia até brincar com aliterações no título, algo como *Somando sabores* ou *Cozinhando combinações*... Definitivamente preciso trabalhar na ideia.

Passamos para o prato principal e o risoto é igualmente delicioso, com um sabor tão delicado que eu só quero comer mais e mais. Ben serve vinho branco porque “este aqui combina que é uma maravilha”. Por mais que isso seja verdade (eu realmente não saberia dizer), o vinho está indo direto para a minha bexiga e eu peço para usar o banheiro. Ben coloca a mão nas minhas costas enquanto aponta escada acima e diz:

— Primeira porta à direita.

Tento não desviar do caminho, embora queira muito fazer isso, e quando entro no banheiro dele, considero não fazer xixi nenhum.

— Ai meu...

O banheiro de Ben é maior que a sala de estar do meu apartamento. Ouço meus saltos no piso de mármore, que são da mesma cor caramelo das paredes. Há um grande espelho circular sobre a pia, na qual dá para dar banho num bebê de seis meses, e pilhas de toalhas perfeitamente dobradas sob a bancada (por que ele tem oito toalhas?). A porta do box do chuveiro tem moldura cromada e as paredes, o piso e o banco (sim, *banco*) são do mesmo mármore que o resto do banheiro.

Será que ele vai notar se eu abrir a porta do armário?

Abro mesmo assim, e está meticulosamente organizado. Fico com vergonha porque jogo todos os meus produtos de banheiro numa cesta de plástico sob a pia. Dispostos em fileiras metódicas, Ben tem diferentes loções de barbear, cremes para o rosto,

cremes para os olhos, produtos de cabelo e, ah, *camisinhas*. Luto contra a vontade de dar risada, como se fosse uma menina de sete anos ouvindo a palavra “piu-piu”. Fecho as portas do armário.

Vou até o vaso sanitário e faço xixi enquanto encaro as prateleiras embutidas que abrigam toalhas de mão, plantas e produtos de higiene que parecem caros. Alguns nem têm rótulo.

— Porra — arfo. — Ele é herdeiro, né?

Puxo minha calcinha sem graça em comparação a tudo e procuro a descarga. Claro que não há uma porque tudo tem sensor de movimento. Lavo as mãos com sabão perfumado e as seco em uma toalha.

Quando volto para a cozinha, Ben diz: “Ta-da” e ergue orgulhosamente dois *sundaes* em copos altos e com colheres.

— *Sundae* de *banoffe* — anuncia ele. — Tem bananas caramelizadas, biscoitos amanteigados triturados, calda de caramelo e o bom e velho sorvete de baunilha.

Sorrio diante do entusiasmo dele.

— Sabe, Ben, quanto mais a noite avança, menos acredito que você está solteiro. — Pego o *sundae* que ele me oferece. — Em algum lugar lá em cima, atrás de uma das muitas portas, há um harém a todo vapor.

— Você tá muito errada — diz ele. — Dá pra imaginar fazer esse jantar mais cinco ou seis vezes?

Desta vez, quando Ben se senta à mesa, puxa a cadeira ao seu lado. Quando me sento, ele usa a perna para arrastá-la para mais perto de si, mas eu só enfio minha colher no *sundae*. Penso na amiga de Cam que levou um chá de sumiço do homem que comprou flores para ela e pouco tempo depois estava passando a mão no cabelo de outra.

Tenho que perguntar.

— Você está solteiro, Ben?

Ele não hesita.

— Estou. E você?

— Claro que sim. Não estaria aqui se não estivesse.

Ben inclina a cabeça.

— Você tem esse ar muito... inocente.

Não sei se é uma coisa boa ou não; não sei se quero que ele pense que sou inocente ou não. Então só continuo sentada e como meu sorvete.

— Penso o contrário de você — admito por fim. — Não que você não seja inocente, mas tem... experiência. — Aponto para a cozinha. — Já fez isso antes. A noite está sendo tão tranquila, você com certeza já fez isso antes.

— Não nego — diz Ben. Tenho que esperar ele engolir o sorvete antes de continuar. — Ano passado, terminei um relacionamento de quatro anos.

Quatro anos?

— O que aconteceu? Se não se importar com a pergunta.

— A gente se afastou — diz ele. — Levei um tempo para aceitar que, às vezes, nada dá errado. — Ben parece calmo enquanto diz isso, talvez até um pouco triste. — Crescer e se distanciar... acontece.

“Crescer” me surpreende porque ele tem trinta e quatro anos. Já cresceu, mas então percebo que estou sendo ingênua. Não acho que fazer trinta anos torna alguém imune a cometer erros ou a aprender lições. Ficamos mais sábios (supostamente), mas nunca oniscientes. Temos sempre algo para aprender, então continuamos aprendendo e crescendo — até morrer.

Mas não conheço essa sensação e estou com dificuldade de imaginá-la. Ben já sentiu amor de verdade, já teve uma parceira, uma cara metade. Ele cresceu com alguém, experimentou a vida com ela, anos, conquistas, celebrações, assim como adversidades. No fim de tudo isso, é uma resposta madura depois de quatro anos com alguém que você não tem mais contato.

— Você vai a muitos encontros, Maddie?

Não quero contar para ele que meu último encontro foi há oito anos no Nando's e que meu ex levou os amigos para que pudéssemos dividir o prato. Mas a resposta de Ben foi tão sincera que não consigo mentir.

— Não, nem um pouco — admito. — Sou... ou *era* bem caseira. Ele abaixa a colher e me ouve; me sinto encurralada por seu olhar caloroso.

— Passei muito tempo com meu pai. Minha mãe viaja...

Ouçó a voz dela antes que consiga dizer qualquer outra coisa. *Nossos assuntos são privados, lembra? Você conta para uma pessoa, ela conta para outra, e de repente gente importante está fazendo todo tipo de pergunta.*

— Minha mãe viaja muito, então fomos só meu pai e eu por um tempo — digo devagar. — Ela voltou agora, então eu saí de casa e... — Dou de ombros, sem saber aonde quero chegar com isso, se *devo* chegar a algum lugar com isso. — Acho que enfim estou vivendo um pouco.

Ben sorri suavemente, primeiro para si e então para mim. Ele ergue o copo do sundae.

— Um brinde a viver um pouco — diz.

Bato o meu contra o dele e sussurro:

— Um brinde.

Ben me beija outra vez no fim da noite. Ele chama um táxi para mim e me beija na porta até que o carro chegue. Usa a língua e, por ser vagaroso e gentil, me dá tempo para aprender a usar a minha. Sei que estou fazendo direito porque Ben suspira profundamente e sinto as batidas de seu coração; bate forte e rápido como se eu fosse o motivo de estar acelerado.

Quando chego em casa, a porta de Cam está fechada e ela está ouvindo música. Ela raramente ouve música. Passo pela porta dela na ponta dos pés e subo a escada, mas paro no topo do primeiro lance quando ouço vozes vindo do quarto de Jo, cuja porta não está completamente fechada.

Quando garanto que o “Ai, caralho, Sam... caralhoouoo” não é porque ela está sendo assassinada em uma cama que não é feita para isso, concluo que é porque está transando com o Sam Casual.

Os gemidos de Jo fazem minhas orelhas queimarem, e não sei se posso me mexer sem que os dois me ouçam. De alguma forma, se for descoberta, sou eu quem vai morrer de vergonha.

Dou outro passo e a escada range, mas eles não param. Aproveito a oportunidade para correr para o meu quarto e fechar a porta atrás de mim.

Ótimo.

Preciso usar o banheiro.

Treze

Estou batendo meu pé no chão, nervosa, quando, durante nosso acompanhamento na terça-feira, pergunto a Kris:

— Como foi a reunião criativa da semana passada?

— Foi tranquila. — Ela empurra o cabelo para trás com uma faixa. — Foi uma merda, na verdade.

— O que aconteceu?

— Acho que estamos todos meio mal criativamente — diz ela.

— Não temos nenhuma ideia nova e estamos deixando muita coisa passar.

— Ideias? — repito. — Então a equipe pode pensar em ideias em vez de esperar que agentes nos tragam títulos?

— A Penny começou com isso quando não íamos bem — responde Kris. — Em vez de continuar tentando dar um lance maior que as outras editoras nos leilões, focamos autores de culinária que já estão no nosso catálogo e encontramos ideias interessantes para eles desenvolverem. Por exemplo, fazer Carmen escrever sobre o tempo que ela passou na Itália foi ideia de Penny.

Uau. *Sardenha*, de Carmen Loremo, é um dos livros mais vendidos da EOT.

— Não sabia que isso era uma opção. — Anoto: *O que queremos e quais dos nossos autores podem escrever?* — É uma boa ideia.

— É uma boa ideia quando temos boas ideias — diz Kris. — Não é fácil conseguir um livro sobre cozinha internacional da nossa lista de escritores, porque eles são... bem, limitados em experiência internacional.

Em outras palavras, homogêneos em cultura.

Concordo com a cabeça.

— Claro.

— Só funcionou com a Carmen porque o marido dela é da Sardenha, então eles viajam muito pra lá. Vamos pensar em algo.

— Ela fecha seu bloco de notas. — Conseguiu colocar aquela lista de títulos no MDX?

— Sim, mas, na verdade, tive uma ideia. — Apresento para ela meu parágrafo ensaiado de *Cozinhando combinações*, um livro focado em combinações clássicas e únicas, o que é possível fazer com elas e por quê. O ponto principal seria a ciência por trás da combinação de sabores, já que livros de receitas informativos e com muito texto são populares agora, e como cozinhar pratos clássicos ou inesperados com o que você tem em casa.

Kris escuta pacientemente e no fim diz que vai pensar no assunto, mas me parabeniza por já trazer ideias.

Sorrio e, depois, imprimo uma lista de nossos autores dos últimos dez anos. Como Kris indicou, temos um monte de homens brancos de meia-idade escrevendo sobre tortas, batatas e pães. A maioria de nossas autoras se especializou em comida de conforto e refeições para a família. Tento não fazer uma careta.

No trem a caminho de casa, penso naquela lista. Precisamos de algo diferente, uma culinária silenciosa e pouco discutida; precisamos de receitas em que não teríamos pensado em tentar ou pesquisar, mas nenhum dos nossos autores parece qualificado.

Chego em casa e, enquanto cozinho meu macarrão, pesquiso no Google o restante dos autores de culinária da EOT. No Instagram de um homem há uma foto de uma bela mesa de alimentos coloridos, bem diferente das imagens de comida nos livros dele. Na legenda, ele agradece à esposa, Afra, e clico na página dela. Seu perfil é cheio de pratos coloridos: arroz com sementes, pães quase explodindo de tanto recheio e bandejas de carnes assadas. Não há descrição das receitas nas legendas, e sei que não devo julgar comida com base na aparência, mas os títulos dos pratos soam promissores porque nunca ouvi falar da maioria deles. Estou salvando a página dela quando Jo entra

correndo na cozinha.

— Cadê a Cam?

— Estou aqui — diz ela, saindo do quarto. — Que foi?

— Vocês duas vão me amar — diz Jo. — Cam, sei que você vai estar livre por conta das férias escolares, então, Maddie, pode tirar uma semana de folga do trabalho em agosto?

— Uma semana inteira? Não sei não, vai ser só meu segundo mês.

— E pra quê? — pergunta Cam.

Jo tira o casaco e para no meio da cozinha.

— Imaginem o seguinte. — O olhar dela fica distante. — O sol na pele, drinques à tarde, churrasco de noite no verão. Estou falando de pizza, macarrão, gelato, sexo casual e cultura italiana. Sim, nessa ordem. — Ela gesticula no ar. — Florença — suspira.

— Itália?

— Sim, Maddie! Itália! Por uma semana inteira! — Jo respira fundo. — Uma amiga minha, Emma, os pais dela têm uma casa lá e ela diz que pode chamar amigos já que os pais vão estar na Grécia durante o verão. — Ela ergue uma mão. — Eu sei. Sim, ela é uma amiga incrivelmente mimada, mas essa amiga incrivelmente mimada disse que posso levar vocês duas comigo! Só temos que pagar pelos voos.

Sempre quis ir à Itália e viajar *está* na minha lista da nova Maddie (não achei que fosse conseguir riscar esse antes do brunch). Faz anos que quero conhecer Roma. O Coliseu, a Basílica de São Pedro, o Panteão. Imagino que Florença vá ser igualmente incrível. Mas mesmo com a hospedagem de graça, não posso pagar. Comprar roupas, comida, ir e voltar do centro todos os dias e passar de quatrocentos e cinquenta libras de aluguel para quase o dobro disso significa que não tenho grana este mês.

Mas você pode mesmo recusar uma viagem quase de graça para a Itália?

Cam aperta os olhos para Jo.

— Então você pode levar duas pessoas para uma estadia

gratuita na Itália e nós somos sua primeira opção?

Jo dá de ombros.

— Em e eu temos amigas em comum que ela já convidou.

— E?

Jo suspira.

— E minhas outras amigas já têm viagens marcadas.

— Aí está.

— Mas e daí? — diz Jo. — Vocês não foram minha *última* opção, e são *sete* noites de estadia grátis em Florença! De 1º a 8 de agosto! Achei que vocês fossem ficar mais empolgadas.

— Primeiro de agosto? O voo de ida seria no aniversário do meu pai — digo a elas. — Não posso perder o aniversário dele.

— E se você for depois? — pergunta Jo. — Venha uns dias depois, principalmente se está tão nervosa por tirar uns dias de folga do trabalho tão cedo assim.

Acho que eu posso usar minhas economias — só um pouquinho.

Quero dizer, para que mais elas servem?

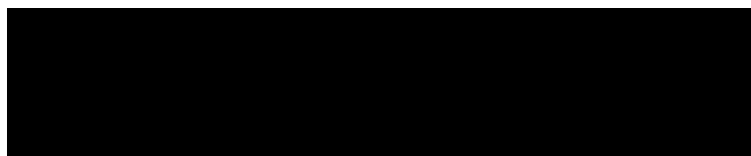
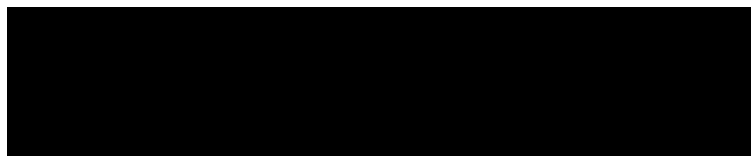
— Foda-se — diz Cam. — Tô dentro.

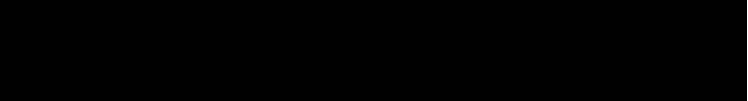
Prestes a gritar, Jo se vira para mim.

De repente, estou concordando.

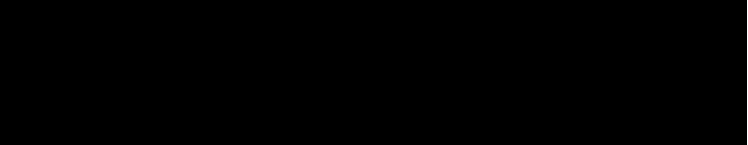
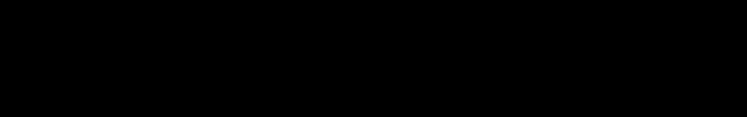
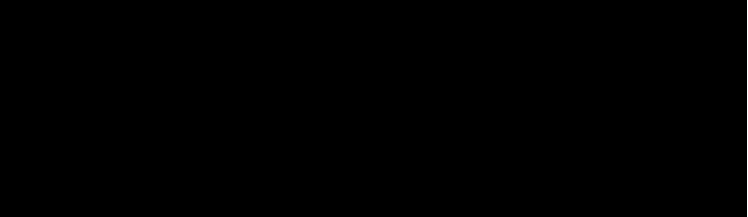
— Eu também!

— Isso! — Jo pega seu MacBook da bolsa, se senta na mesa e busca assentos livres no voo de Emma. — Maddie, podemos comprar o seu amanhã quando tiver conferido no trabalho, caso eles digam não, mas não vão fazer isso. Nem podem.





Sorrio para a tela do celular. Ben tem estado muito animado desde que comprou sua máquina de fazer macarrão. Tem me enviado fotos do macarrão e das refeições que fez com a massa nos últimos três dias.



Suspiro. Não porque não quero vê-lo de novo, quero muito, mas — e sei o que você vai pensar, *Maddie*, não entendo qual é o

problema — preciso lavar meu cabelo.

Eu ia esperar até sábado, mas e se Ben decidir beijar o topo da minha cabeça e sentir o cheiro de suor e pó acumulado por correr de um lado para o outro no escritório da EOT e do meu couro cabeludo cozinhando no metrô?

Chamo de *Dia da lavagem* porque realmente é um processo de vinte e quatro horas que agora tenho que fazer caber em doze ou menos.

Termino o jantar e começo. Existe um método menos prejudicial para lavar meu cabelo 4C. É uma ciência. Só desembaraçar o cabelo leva quase uma hora, e eu poderia parar depois do passo cinco e secar meu cabelo com o secador, mas prefiro minimizar o dano, e tenho certeza de que esse é um dos motivos de, quando esticado, meu cabelo chegar na altura do ombro.

Todo mundo tem o próprio método de lavagem, mas aqui está a versão simplificada do meu:

1. Lavar o cabelo com xampu até a água ficar limpa
2. Passar condicionador, desembaraçar com pente de dentes largos e deixar na touca por vinte minutos
3. Enxaguar o condicionador e secar o cabelo delicadamente com toalha de microfibra
4. Dividir o cabelo, em geral em dez mechas, e passar óleo no couro cabeludo
5. Passar spray hidratante em uma mecha, cobri-la com um creme sem sulfato à minha escolha e então aplicar uma mistura de óleos naturais (atualmente óleo de rícino com óleo de jojoba). Trançar a mecha e repetir mais nove vezes
6. Quando todo o cabelo estiver trançado, deixá-lo secar naturalmente durante a noite
7. Desfazer as tranças e fazer o penteado que quiser

Eu sei. Até para mim, que faço essa exata rotina há cinco anos, é exaustivo. Acabei de chegar à mecha número cinco quando desço para a cozinha a fim de fazer um lanche. Jo ainda está lá e sorri quando me vê.

— Uau — diz ela. — Está colocando um aplique?

Franzo a testa olhando dentro da geladeira.

— Não, só lavando meu cabelo.

— Metade do seu cabelo está longa e a outra metade está curta. Você cortou assim?

— É o fator encolhimento.

Ela aperta os olhos para mim.

— Quê?

Aponto para o lado mais curto do meu cabelo.

— Quando meu cabelo está molhado, ele encolhe. — Aponto para o outro lado. — E quando está trançado, estica.

— Ah. — Ela estende a mão e pega um cacho molhado. — *Boing* — diz. Estende a mão para fazer de novo, mas Cam aparece do nada e bate na mão dela com gentileza.

Em sua voz de professora, diz:

— Você nunca pode tocar no cabelo de uma mulher negra, Jo. Não sem permissão.

Eu ia dizer que não se deve tocar no cabelo de ninguém sem permissão, assim como você não ia tocar, ou pelo menos não deveria tocar, no peito de alguém, mas Jo apenas ri para Cam.

— Maddie não liga. Moramos juntas.

Forço um sorriso e pego um pacote de salgadinho em vez de fazer um sanduíche.

De volta ao quarto, desfaço as tranças e seco meu cabelo com o secador.

Catorze

A contragosto, admito que é o melhor macarrão que já comi, em grande parte porque em vez de tomate, Ben fez um molho suave de nozes e manteiga de sálvia. Enquanto limpo minha tigela, ele me olha de modo convencido até que eu diga:

— Só comi macarrão seco vindo de um pacote, então a régua era bem baixa.

Ele segura meu queixo com gentileza e me beija.

Quando se afasta, pergunto:

— Não tem sobremesa?

— Infelizmente não. O jantar levou horas.

— Ah! O que aconteceu com os setecentos gramas em minutos?

— Setecentos e *cinquenta* gramas. Esses cinquenta gramas extras é do que mais gosto. — Ele me beija de novo. — Mas se você insiste, deixa eu ver se encontro alguma coisa. — E ele se levanta e serve duas taças de vinho.

— Longe de mim julgar, mas não acho que isso conta como sobremesa.

Ben ri.

— Vinho de sobremesa. — Ele me entrega uma taça. — Um meio-termo.

— Mas será mesmo?

— E se você escolher o que vamos assistir? Tenho todas as assinaturas, então o mundo da tv e dos filmes está ao seu dispor.

— Podemos assistir ao documentário *New Worlds*, do David Attenborough? Acho que vai passar às oito.

Ben sorri e aperta meu ombro.

— Quero muito ver desde que a BBC anunciou. Você é fã do David Attenborough?

— Todo mundo é fã do David Attenborough — digo. — Ele é o avô da Terra.

Levamos o vinho para a sala de estar e faço um esforço consciente para não derrubar nada no carpete. A sala é decorada em um tom de cinza quase preto suave, com detalhes cromados e verde-azulados. Uma pintura gigante com cara de Jackson Pollock está pendurada na parede dos fundos, e há uma tv grande do lado oposto. Há uma estante embutida ao lado do piano (“É só decorativo, eu quase não toco”) e uma lareira na parede.

Ben fecha as cortinas, pega um cobertor da poltrona e nos cobre enquanto nos aconchegamos no sofá.

O vinho é muito doce, diferentemente do tinto do nosso primeiro encontro, e logo deixo uma taça vazia na mesa (em cima do porta-copos, é claro).

O documentário desta noite é sobre grandes felinos e a dificuldade crescente deles na busca por comida. Estou tão concentrada que não percebo Ben se aproximando até a mão dele se apoiar na minha coxa. Acontece. É coisa de adulto ter a mão de um homem na sua coxa e eu *sou* adulta, então tudo bem. Agora, ele está acariciando o lado interno da minha coxa com o dedão. Meu pulso acelera quando a mão dele entra mais no meu vestido e me pergunto se deveria tocá-lo também. Onde eu poderia tocá-lo sem parecer estranho?

Me viro para encará-lo e nossos olhares se encontram. Quero sorrir e desviar o olhar, mas Ben se inclina à frente e me beija, me puxando para seu colo. Faço um esforço consciente para retribuir e é quase como um jogo de quem pode beijar o outro com mais vontade.

— Para ser muito sincero, estou meio que obcecado por você.
— E ele me beija de novo. É uma coisa boa para se dizer e é

ainda melhor de ouvir.

De repente, se torna um beijo diferente dos outros. Só consigo sentir a língua dele e a pressão de suas mãos apertando minhas coxas, meus quadris, massageando minhas costas, mas sempre voltando para as coxas. Ben me puxa para mais perto e dou um pulo quando sinto sua ereção.

— Você está bem? — pergunta ele.

Merda.

— Uhum.

Ben está de pau duro.

Bom, é claro que está. Está pensando em sexo. É assim que funciona.

Atrás de mim, o documentário ainda está passando na tv:

— Com uma velocidade impressionante, o leão faminto encurrala sua presa.

Contra todo o instinto no meu corpo, olho para baixo e desta vez não consigo segurar.

— Maddie, você está rindo?

— Desculpa, desculpa! Não estou rindo de você — me apresso em dizer. — Só estou nervosa, juro.

— Nervosa? — pergunta ele.

— Só um pouco.

— Isso é muito fofo.

— É só que... eu sou... não é nada.

Quando pressiono meus lábios, Ben fica tenso — bom, o resto dele também fica tenso.

— Maddie, você é virgem?

— Acho que é assim que os jovens estão chamando hoje em dia. Ai, meu Deus, desculpa. — Cubro meu rosto. — Era para ser engraçado, mas nem sei se fez sentido. Sim, sou virgem. Sem sexo. Não! Não quero dizer, tipo, nunca. Não é um cinto de castidade nem nada. Eu... só nunca aconteceu.

Abaixo minhas mãos e Ben está sorrindo enquanto acaricia meus braços.

— Como isso é *possível*? Olha só pra você.

Quero perguntar se ele está falando sério, mas acabo cobrindo

meu rosto com as mãos de novo.

— Para com isso. — Gentilmente, ele segura meus pulsos. Continuo de olhos fechados e Ben suspira. — Então imagino que não vai ser hoje.

Atrás de mim, ossos estalam e suponho que o leão ganhou.

— Com certeza não é o melhor clima — adiciona ele.

— Desculpa.

— Não se desculpe. — Ben me tira do colo dele, mas se deita e me puxa também. Apoio minha cabeça sob seu queixo, feliz por ter lavado o cabelo ontem.

Depois de um momento, digo:

— Sou uma pessoa ruim por ter torcido para o leão?

— Em vez de torcer para o Bambi?

— Leões precisam comer.

— E os planos do Bambi para o futuro?

— Bambi *tinha* planos para o futuro. Agora não tem mais.

Ben hesita.

— Então você tem um lado sombrio? — Ele aperta minha bunda. — Bom saber.

Quinze

A EOT vai seguir com a minha ideia, mas ninguém sabe que foi ideia minha.

Kris está levando todo o crédito porque, de acordo com a ata da última reunião criativa, em vez de *Cozinhando combinações*, ela propôs *Misturando sabores*. O que é mais refinado, acho, mas trocar as palavras por sinônimos não torna a ideia dela! Ou torna?

No nosso acompanhamento, digo:

— Boas notícias sobre o *Misturando sabores*.

— Sim — diz Kris, olhando diretamente para mim. — Penny amou a ideia, então bom trabalho, mas nós temos muito a fazer para transformar o conceito em um livro de verdade. Nós ainda precisamos definir quais escritores queremos abordar.

Sorrio. Ela disse “nós” duas vezes. Ainda estou dentro.

— Tenho algumas ideias — digo, abrindo meu laptop. — Até algumas ideias de “mistos” para a capa.

Kris inclina a cabeça quando faço meu gesto de aspas.

— Achei que seria engraçado — explico — ter na capa um misto quente com um recheio clássico, como queijo, uma fatia de queijo, sabe. Ou queijo ralado, mas pode parecer coco, então talvez a fatia...

— Ah, bem, o pessoal da arte cuida das capas, mas com certeza posso mencionar sua ideia esta tarde.

— Posso fazer a ata da reunião — ofereço.

— A assistente deles, Kelsey, faz a ata de todas as reuniões conduzidas pela arte, mas não se preocupe — diz Kris —, há várias etapas importantes nas quais vai querer se envolver, confia

em mim. Aqui.

Ela me entrega uma lista de tarefas administrativas, algumas das quais não tem nada a ver com o *Misturando sabores*.

— Ótimo. — Dou um sorrisinho. — Vou começar por elas.

Eles seguiram com minha ideia do misto!

Não de misto quente exatamente, mas queijo com banana. Fiquei sabendo que a banana foi ideia de Georgina (uma das designers seniores), então é claro que a ideia de misturando/misto foi dela também. É óbvio que minhas ideias são boas e isso me serve de consolo, mas só um pouquinho, porque ninguém sabe ou reconhece que elas são minhas. Ainda nem sequer posso participar das reuniões criativas, que agora acontecem duas vezes por semanas. Essa teria sido a oportunidade perfeita para aprender o processo, testemunhar os estágios da concepção à finalização de um livro em primeira mão, mas sigo sem ter acesso.

Talvez eu não mereça ter acesso. É meio como recontar uma piada e levar o crédito — eu não teria falado nada se não fosse por Ben. Mas tenho uma ideia que é completamente minha, a descoberta de Afra, e vou direto para o topo com essa.

— Tá bem, preciso de reuniões com... — E Penny lista os nomes dos colegas enquanto digita no teclado. — Certo, mais alguma coisa? Está tudo indo bem? — Ela continua encarando a tela do computador; hoje, sua sombra é de um tom forte de roxo, e Penny empurra os óculos nariz acima para manter os fiozinhos de cabelo que estão crescendo longe de seus olhos. — Kris me disse que está satisfeita com seu trabalho duro.

É agora ou nunca.

— Sim, está tudo bem — respondo. — Falando na Kris, eu queria contar sobre essa ideia que tive, mas ela não está aqui esta tarde.

— Ah — diz Penny.

Merda, ela está olhando diretamente para mim agora, os dedos pairando acima do teclado.

— Kris mencionou que precisávamos de ideias novas, de preferência para nossos próprios autores, e eu estava conferindo... pesquisando... Bem, na verdade olhei no Google, não, no Instagram...

Resuma, Maddie.

— Encontrei Afra Yazden-Blake, esposa do confeitiro Stephen Blake — digo. — Ela tem um blog de comida que não atualiza muito, mas eu imprimi algumas receitas. O Instagram dela está cheio de pratos deliciosos e caseiros do Oriente Médio. Sei que ela não está na nossa lista, mas temos uma ponte por meio do marido e ela pode estar aberta se *nós* a abordarmos, em vez de pedir que se inscreva. Ela não tem agente, nem qualquer experiência profissional na cozinha, acho, mas pode valer a pena conferir.

Penny se levanta para ver as receitas e os prints do Instagram de Afra que coloquei na mesa.

— Humm — diz ela. — Talvez. — E me dá um sorriso amigável, deixando os papéis e voltando para sua mesa. Rapidinho, volta a digitar.

Ai. Talvez eu devesse ter procurado a Kris; alguns membros da gerência não levam ideias a sério se não vierem de um colega no mesmo nível.

Me levanto e começo a juntar os papéis.

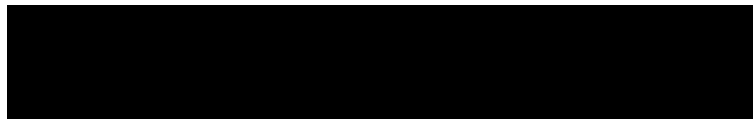
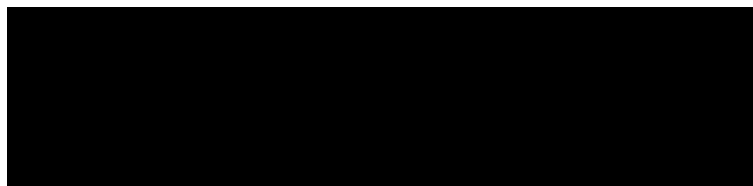
— Não, pode deixá-los aí, Maddie — diz Penny. — Vou dar uma olhada mais tarde.

Olho para ela, consternada.

— Ah, está bem, ótimo.

Saio da sala triunfante.

Dezesseis



Mas algo na mensagem dele me agita. É a menção ao nosso terceiro encontro.



Google — Um terceiro encontro significa sexo?

A dinâmica dos encontros

A regra dos três encontros é mais uma convenção estadunidense, então será que se aplica a outros lugares? Bem, se for uma regra que você quer seguir, significa que para não ser considerada uma puta/vadia/contatinho, precisa esperar pelo menos três encontros *pagos* (então uma volta no parque não conta) antes de transar. Claro, essa regra se aplica somente a mulheres.

A vizinha

Só existe uma maneira errada de transar em um encontro, e é quando se é pressionada a

isso. A única “regra” que você precisa seguir é a de transar quando *quiser*.

 Google — Como sei se estou pronta para transar?

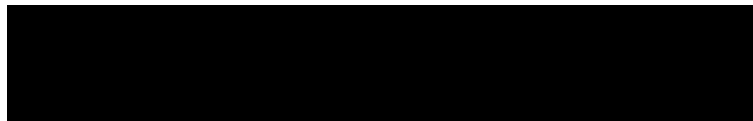
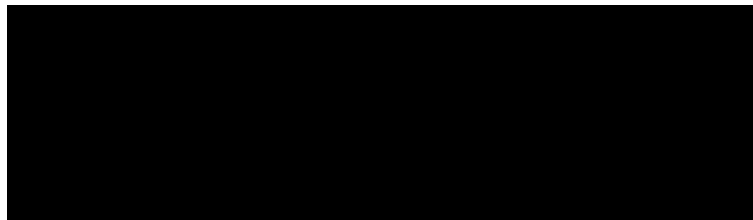
carmen: Você apenas sabe

tiffany: Infelizmente tende a descobrir depois de transar

Acho que estou pronta para transar. Estou oficialmente mais perto dos trinta que dos vinte anos, então devo estar pronta. É provável que eu esteja pelo menos uma década atrasada em comparação com a maioria das mulheres. Mas nós só vamos ao cinema; não vamos transar no cinema. Talvez eu deva sugerir casualmente ir à casa dele depois. Qual é o código para isso: saideira?

É estranho haver uma parte de mim que quer acabar logo com isso? Provavelmente sim, mas é melhor deixar essas rumações para quando eu puder pagar uma psicóloga.

Talvez não seja tão estranho assim. Talvez essa época da minha vida — as pétalas de rosa na cama e as velas acesas no chão — tenha acabado, ou só não seja para mim. Mas vou me arrepender? Ben sabe que sou virgem, então se acontecer no nosso terceiro encontro, será que ele planejou algo *especial*? Como vou me sentir se ele não tiver planejado nada?



Saio da fila aliviada, porque os preços são de chorar. Estamos — ou melhor, eu estou — no Electric Cinema, na Portobello Road. Nunca estive aqui e depois de uma pesquisa rápida no

Google, descubro o porquê.

Com fileiras de poltronas, banquinhos, mesas laterais, camas de casal, mantas de caxemira e uma tela gigante, o Electric Cinema promete uma experiência cinematográfica única. Máximo conforto combinado com uma experiência cinéfila e gastronômica especial, disponível no próprio bar totalmente licenciado, que dispõe de uma seleção de coquetéis, vinhos, cervejas e champanhes, com um extenso menu de comida para combinar.

Com decoração em vermelho e creme, arcos decorativos e luminárias retrô, o Electric Cinema com certeza fará você se sentir nos anos 20. De fato, não existe nenhuma experiência cinematográfica como essa. No entanto, você paga por aquilo que recebe, com ingressos a partir de 22 libras.

Devo dormir com Ben só se ele for meu namorado? Ben é meu namorado? Como consigo essa informação? Ele vai me pedir em namoro ou o sexo tem que vir primeiro por motivos de compatibilidade?

Encontro nossos lugares: um sofá de veludo com cobertores e uma grande mesa no fundo. Me acomodo e suspiro, confortável.

O sexo é doloroso na primeira vez — disso eu sei. O que mais sei sobre o assunto? Bem, vamos considerar minhas três principais fontes de educação sexual — ironicamente ou não, a escola não entra nessa lista:

Igreja (não tivemos o papo da cegonha em casa. Foi mais a aula sobre o fogo e o enxofre do inferno na igreja. Com certeza tudo o que aprendi sobre sexo é que fazê-lo fora do casamento devia ser evitado a todo o custo porque tinha a pior das consequências).

Avi (coisas menos básicas, mais avançadas e relacionadas a sexo anal).

A mídia (livros e tv, sem grande ajuda, mostrando um casal intrinsicamente sabendo o que fazer a fim de destacar a compatibilidade deles para a audiência).

Devo perguntar a Jo? Ou é estranho mandar mensagem para alguém perguntando: como é que se transa?

Como faço *a coisa*? Posso só ficar deitada? Eu deveria ter assistido a um pornô? Posso assistir a um pornô e ir à igreja sem entrar em combustão espontânea?

Não seja tão infantil, Maddie. Todo mundo vê pornô.

Será que veem mesmo?

 Google — Como perder a virgindade?

Nota mental para mim mesma: deletar todo o histórico de pesquisa caso eu morra misteriosamente e a polícia busque pistas no meu celular.

Coisas a saber sobre sexo antes de perder a virgindade

Não há como negar que para muitas de nós, garotas, nossos pais e as aulas da escola foram uma decepção quando o assunto era aprender a realidade do sexo. Já que há tanto que não nos contaram, algumas de nós (tenho lugar de fala) aprenderam da maneira difícil. Aqui está uma lista de coisas que gostaria de ter sabido antes de começar a “mandar ver”.

1. Então, aquelas piadas hilárias sobre homens gozando em minutos não são apenas um clichê. Na verdade, é comum que um homem ejacule mais rápido que você ou eles mesmos esperam.
2. Aqui está uma que eu queria muito que alguém tivesse me dito. Mesmo que ele vá com calma, você provavelmente não vai gozar na primeira vez que transar. Ótimo se conseguir (!), mas existem muitas razões para isso não acontecer, desde condições médicas reais, como endometriose, por exemplo (e nesse caso você deve consultar um médico), até seu estado mental na noite.

Vou conseguir me lembrar de tudo isso? Eu devia estar anotando?

Como está seu estado mental, Maddie? A palavra “questionável” aparece na minha mente.

3. É completamente normal sentir desconforto físico na primeira vez que você transar. Tem muito a ver com nossa velha amiga, a ciência da fricção. A facilidade da penetração depende da lubrificação. Vaginas tendem a produzir lubrificação natural ao ficarem “molhadas”, mas se não for suficiente, usar lubrificante vai ajudar e é totalmente necessário para o anal, pois o ânus...

Já chega disso.

 Google — Com que idade você perdeu sua virgindade?

Reddit: Quando você perdeu o cabaço e o que aconteceu?

Eu tinha dezesseis anos e meu namorado mentiu sobre não ser mais virgem. Ele não sabia o que estava fazendo e eu sangrei na cama dele toda. Tive que ajudar a lavar o lençol porque ele também não sabia como fazer isso — Davina

Eu tinha quinze e foi horrível. A gente estava saindo fazia só algumas semanas mas pensei que era amor. O sexo durou dez segundos — eu contei. Ele pediu desculpas, e então chorou por meia hora — Poppy

Isso é brutal.

Eu tinha dezesseis anos e foi ótimo. Ele tocou a trilha sonora de Senhor dos anéis, o que me deixou bem a fim — Hallie

Era verão, e eu tinha dezesseis anos. Meus pais foram viajar no final de semana, então eu estava sozinha em casa e minha linda vizinha, 10/10, tinha acabado de terminar com o namorado e precisava de um ombro para chorar, então eu a convidei para ver um filme.

Que isso, o Wattpad?

Eu tinha quinze anos e foi com meu namorado, estávamos juntos havia seis meses. Fizemos coisas antes disso tipo punheta e boquetes e ele me dedando às vezes.

Quinze? O que eu estava fazendo aos quinze? Ainda tinha um Tamagotchi? O que aconteceu com esse negócio?

Foi no fim do ano escolar, primavera, e me lembro de estar fazendo sol. Estava mais calor que o normal.

Eu tinha acabado de sair da detenção.

Ah, me poupe.

— Desculpe o atraso.

— Ben! — Largo meu celular e por sorte ele cai com a tela para baixo.

— Você está com cara de culpada — diz ele, me entregando meu celular sem olhar para a tela. Ben parece preocupado

demais para ter prestado atenção. Noto olheiras suaves sob os olhos dele, e me pergunto se ele teria preferido estar em casa com uma taça de vinho e ido dormir cedo, mas escolheu me ver em vez disso.

— Ah. Rá. Não, eu estava só lendo resenhas do filme.

— E?

— São boas!

— Que agitação. — Ele belisca minha coxa. — Você estava me esperando, né? E não algum outro cara com quem você tá saindo.

— Será que estava? Não, não estou esperando mais ninguém!

Ben me beija.

— Bom saber. — E então apoia o queixo no meu ombro por um instante. — Você tá cheirosa.

— Ah, bom, tomei banho hoje, então de nada.

Você pode achar que estou dando bandeira demais por quase ter sido pega no flagra, mas Ben dá risada.

— Que consideração — diz ele. — Gosto de mulheres que tomam banho. A comida já deve estar vindo. — Ben está sussurrando, embora as luzes não tenham se apagado por completo, algumas pessoas ainda estejam entrando e aquelas que já estão sentadas conversem em voz alta. A mulher atrás de mim pergunta à amiga se a poligamia tem a ver com transar ou namorar com outras pessoas, porque “o Darren sempre volta nesse assunto”, e quando tento pegar meu cobertor, a moça sentada à minha frente está digitando KKKKKK no celular sem demonstrar nenhuma expressão no rosto enquanto conversa sobre economizar papel higiênico com seu ficante/colega de casa. Aparentemente, “não vai rolar, Connor. Folha dupla é o mínimo. Não vou falar de novo”.

— O que você pediu de comida? — pergunto a Ben.

— Praticamente tudo no cardápio — responde ele. — Meu jeito de pedir desculpas por te deixar sozinha por tanto tempo. — Ben me puxa até que eu me deite sob seu braço, e então recosta a cabeça.

— As coisas estão malucas no trabalho? — pergunto baixinho caso ele prefira ficar em silêncio.

— Pra variar — diz Ben. — Mas nos últimos tempos, não sei o que tá acontecendo. É sempre “só mais um e-mail”, e aí se passam duas horas. — Ele beija o topo da minha cabeça. — Não vai acontecer de novo.

— Por mim tudo bem.

Um homem chega com nossa comida e a coloca sobre a mesa: mini-hambúrgueres, nachos e pipoca. Até doces variados em saquinhos de papel que me fazem lembrar de quando eu roubava doces nos potes da Woolworths e de que acabei acreditando que minhas mãos leves eram o motivo de eles terem falido. (Não deviam ter deixado os doces tão à mostra se não quisessem que fossem furtados; se estavam confiando na ética de adolescentes, o resultado não podia ser outro.)

Depois, o homem traz duas taças de champanhe. Ben aperta meu braço e diz “Fica à vontade” logo que o filme começa.

Fui eu que escolhi, é sobre a Primeira Guerra Mundial: durante a Operação Alberich, dois jovens soldados precisam cruzar as linhas inimigas para entregar uma mensagem para os ingleses do outro lado e se falharem, incontáveis vidas britânicas serão perdidas. Fiquei interessada assim que vi o trailer.

— Está começando — diz a folha-dupla-ou-nada. — Depois a gente conversa sobre isso.

No meio do filme, dou uma olhada e Ben está completamente absorto. Noto como os cílios dele são longos e a mandíbula é definida. Ele é lindo e estou atraída por ele, mas o quero dentro de mim? Quero me referir a ele para sempre como o homem que tirou minha virgindade?

Você se lembra da série *Lizzie McGuire*, do início da década de 2000, e de como o subconsciente da protagonista era uma versão pequena e animada dela mesma? Bem, também tenho isso. Uma eu em miniatura morando, respirando e se mexendo na minha

cabeça, sempre com tranças na altura da cintura e sendo muito mais mandona. Às vezes, ela é meio grossa, na verdade. Pergunto se quer dormir com Ben e ela dá de ombros.

Quero dizer... A gente não se importa, né? Você leu aquelas histórias sobre perder a virgindade, e algumas eram sombrias pra caralho. Ela se recosta em seu divã de veludo. Aqui está Ben, bom emprego, muito bem pago e experiente. Sim, talvez a gente devesse se importar um pouco mais, mas sabe... Ela dá batidinhas em seu relógio. Levamos todo esse tempo para chegar aqui — não dá pra esperar mais oito anos. Ela se levanta e gira em seus saltos plataforma. Você é a nova Maddie agora. O objetivo é se divertir, lembra?

Os créditos rolam pelo telão e aperto os olhos quando as luzes se acendem; estou um pouco tonta por causa do champanhe quando estico o pescoço.

— Você acha que é que nem os filmes da Marvel e vai ter uma cena pós-créditos?

Ben para de se desembrulhar do cobertor.

— Você gosta da Marvel?

— Sim, deles e da DC. Amo aqueles caras. Mas principalmente os filmes.

Ele me observa.

— Super-herói favorito?

— Pantera Negra ou Homem-Aranha.

— Por essa eu não esperava — diz ele. — Não achei que você fosse escolher esse filme para a gente ver. Não achei que gostasse de história.

— Não muito, mas ouvi falar tanto desse aí que pensei, por que não tentar algo novo, sabe?

— Sim, sei. — Ben sorri. — Querida Maddie, você gostaria de uma saideira?

Um alarme dispara na sala da Maddie do subconsciente. ALERTA DE PALAVRA-CÓDIGO.

Tento não desviar o olhar.

— Na sua casa?

— Sim. — Ele me encara e aperta minha mão gentilmente.

Vai com tudo.

Respiro um pouco.

— Seria legal.

— Você tem um bar de verdade? — pergunto enquanto Ben abre um armário na cozinha. Meu coração está disparado e minhas pernas estão bambas. O clique da fechadura da porta da frente foi retumbante. *Só não para de falar.* — Como eu não percebi isso antes?

— Tem um motivo para eu ter planejado incluir muitos armários nesta cozinha — diz ele. — O que você quer beber?

— Bom, é sexta à noite, então vou tomar um mojito virgem, por favor.

Ben dá risada.

— Claro — diz ele, despejando um licor escuro no fundo de um copo e deslizando-o para mim. — Um mojito virgem.

Olho para ele.

— Acredite você ou não, mas sei qual é a cara de um mojito virgem e não é essa. — Ergo o copo. — Pra começar, não tem nem dois dedos aqui. — Dou um gole e minha garganta arde de repente. — Ben — arfo. — Que porra é essa?

Ele ri.

— Bem-vinda ao maravilhoso mundo do uísque. É melhor beber aos poucos.

— Tarde demais, já tomei tudo. Ah, meus olhos estão lacrimejando.

Ben dá a volta no bar para me beijar e segura meu rosto com as mãos.

— Você é maravilhosa — diz ele. — Tão... *diferente.*

— Obrigada. — *Não para de falar.* — O filme foi...

Ben segura meu rosto até que eu o olhe nos olhos; raramente faço isso porque contato visual por muito tempo é demais para

mim. Tem gente que valoriza bastante, mas não consigo — ou quero — imaginar o que as pessoas veem (ou o que estou revelando) quando me encaram com tanta intensidade.

A testa de Ben é grande e talvez um terço do motivo de o rosto dele parecer tão longo. Seu cabelo está penteado para trás hoje, as sobrancelhas estão aparadas e pés de galinha surgem nos cantos dos olhos quando ele sorri, como está fazendo agora. Seu nariz fica bem no meio do rosto; os lábios são mais finos que os meus, mas o de baixo é mais grosso que o de cima. Não faz a barba há alguns dias, ou talvez tenha feito, mas não com muito cuidado. Sigo o desenho dos fios e o imagino entre minhas pernas enquanto estou sentada na pia, gilete em mãos, tentando barbeá-lo. Estamos rindo porque sou muito ruim nisso.

Agora estou com as mãos no rosto de Ben e ele beija meus dedos e então minha palma, meu pescoço, minha bochecha e meus lábios. A sensação é boa e é algo com o qual consigo lidar.

Ele me ergue para que eu o abrace com as pernas. Estou nervosa, mas deve ser aquele nervosismo de uma primeira vez que nunca passa, não importa quantos anos você tenha, não importa o quanto saiba que já deveria ter feito isso a essa altura. Mas por que só estou ficando mais nervosa? Por que meu estômago pulou a calmaria e foi direto para a tempestade? Não tenho certeza se eu...

Estamos no andar de cima agora, então foca isso.

Mas a sensação é boa, os beijos e a urgência de Ben.

A cama dele é muito macia, então foca isso.

Sinto frio assim que fico nua e me sinto exposta quando minha roupa íntima é retirada. Tudo está acontecendo tão rápido. Fecho minhas pernas — não, só relaxa — e Ben as separa gentilmente.

As mãos dele estão quentes, então foca isso.

É mais pesado do que pensei, fico sem ar quando ele se deita sobre mim.

Acho que deveríamos parar, mas não consigo falar nada e então ele entra em mim e mordo minha língua. Ele arfa e eu começo a tremer.

Caralho, caralho, caralho, não, ai, Deus, ai, ai. É demais. Quero que acabe. Quero que acabe.

Não é o prazer que ouvi através de paredes finas ou sobre o qual li nos livros; nem sequer é “apenas ok”, é uma dor aguda que me faz travar a mandíbula, mas há sempre um ponto de alívio na dor, e espero por ele, o ponto em que me deixo levar por completo, mas as lágrimas escorrem pelo meu rosto e minha mandíbula dói. Fico tensa quando ele para e goza e sai de dentro de mim.

Dá para respirar agora, então foca isso.

Ben arfa ao meu lado, as bochechas vermelhas e os olhos fechados.

Aperto os dedos dos pés e cravo minhas unhas na palma das mãos. Encaro o teto, pensando em como posso secar meus olhos sem chamar atenção. Posso mentir e atribuir as lágrimas a uma transa ótima? As pessoas choram de prazer? Decido ir ao banheiro para fazer xixi quando Ben pega minha mão. Ele não diz nada.

Fico deitada até que ele pegue no sono. Tenho mesmo que usar o banheiro — li isso em algum lugar anos atrás.

Não acendo a luz caso seja como a da minha casa e faça um zumbido alto — não consigo lembrar se fez isso quando usei o banheiro pela primeira vez. Meu peito dói e eu choro baixinho, então engasgo, mas cubro a boca com a mão. Não sei o que há de errado comigo.

Quase escorrego na tampa do vaso sanitário quando noto a ejaculação de Ben escorrendo pela minha coxa.

— Ele não usou camisinha — sussurro.

Seco meus olhos. Me sinto adulta agora? Me sinto uma mulher do mundo, com uma história que posso compartilhar com outras mulheres; uma história que servirá como uma experiência de conexão? Imediatamente, sei que não quero contar isso a

ninguém, o que não faz sentido. Qual é o motivo de perder a virgindade se não para se encaixar? Tem que *acontecer*, da mesma forma que a puberdade tem que passar, da mesma forma que devemos envelhecer. *Tem que acontecer, não é?*

Cutuco meu corpo, esperando sentir algo diferente. Pensei que fosse me sentir mais evoluída, mais no controle, meu corpo se tornando sua própria coisa, mas em vez disso me sinto pequena e irregular, como se pudesse tropeçar a qualquer momento. Essa era a última peça do quebra-cabeças do meu corpo. Meus peitos pararam de crescer e essa vai ser a minha altura por um bom tempo. Estou tão decepcionada quanto esgotada.

Vai ficar tudo bem já que estou tomando pílula anticoncepcional? Vai ser mais fácil usar absorvente interno agora? Minha mãe vai ficar puta se eu engravidar — o que Deus acha de mim agora?

Para de agir como uma idiota.

Ben é religioso? Sabe que eu sou, como gosto de chamar, uma cristã moderna, que quer entrar no Céu sem abrir mão de nada, porque certamente acreditar Nele basta para ter entrada garantida, e acha muito difícil ir à igreja todo domingo e ler a Bíblia todo dia e não beber, fumar, ter tatuagens, fofocar, mentir e ver tv e ouvir música sem nenhuma dessas coisas? “Moderna”, nesse contexto, é também meu próprio sinônimo para “de merda”.

Eu devia pesquisar no Google se vou engravidar, mas meu celular está... Eu estava usando um vestido sem bolsos, então... Está na minha bolsa. Lá embaixo — na cozinha, mas estou nua. Olho para baixo e minha barriga formou pneuzinhos. *Merda*. Mas fica reta quando estou deitada, né?

Quem se importa? Seja feminista, Maddie!

Dá para ser feminista vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana?

Me enrolo em uma toalha e desço na ponta dos pés para buscar meu celular. Sem luz, esbarro no canto pontiagudo do balcão e seguro minha costela dolorida. De repente penso: *você*

está na casa de um estranho.

Pego meu celular e volto para o banheiro.

 Google — dá para engravidar tomando pílula?

- Se tomada da forma correta, no mesmo horário todos os dias, você tem 97% de proteção contra gravidez
- Aproximadamente 7 a cada 100 mulheres engravidam apesar de tomarem pílula
- Fatores como seus níveis de estrogênio e progesterona devem ser considerados, junto a qualquer medicação que você possa estar tomando e quaisquer episódios de vômito e/ou diarreia
- A pílula contraceptiva tem 99,6% de eficácia

Tá, acho que não vai dar em nada. Qual a chance de eu fazer parte do 0,4%? *Bem, engravidar no dia em que perdeu a virgindade soa como algo que aconteceria com você.*

Posso... eliminar o espermatozoide dele no xixi? É por isso que devemos urinar depois? Não, o Google diz que é para prevenir ISTs.

Neste momento, o sexo tem mais contras que prós.

Por fim, volto para a cama e Ben se mexe antes de me puxar para seu peito, beijando o topo da minha cabeça.

— Porra, eu não usei camisinha, usei?

— Tudo bem. Eu tomo pílula.

— Há quanto tempo?

— Desde os dezesseis anos.

— Saquei — sussurra ele, e posso sentir seu sorriso contra a minha têmpora.

— O que foi?

— Esquece. — Ele me beija de novo e pega no sono.

Na manhã seguinte, há uma dor fantasma entre minhas coxas quando vou até a cozinha.

Ben, usando moletom, está de costas para mim e fala ao telefone.

— Todos temos que ir? — pergunta ele para seja lá quem for.

— É melhor você me dizer a data de novo então. Sim, estarei lá, me coloca com um acompanhante. Sim, ela vai querer ir. Obrigado, Mike. Tchau.

— Oi.

Ele se vira e sorri.

— Bom dia, Maddie. — Com o peso da noite passada em seus olhos e o cabelo despenteado, Ben parece mais gentil que ontem.

— Vem cá.

— Parecia uma ligação importante — digo, me aproximando.

— Aquilo? Não, não de verdade. — Ben beija o topo da minha cabeça e eu me sento em um dos banquinhos de bar. Ele volta a fazer café e diz: — Não tinha certeza se devia falar disso com você. O aniversário do presidente da empresa é logo mais e ele decidiu fazer uma festinha no escritório.

Que horror.

— Que legal.

— Legal nada. Vai ser exagerado e extravagante, e ele negou dois pedidos de aumento de salário só neste mês. — Ben me puxa mais para perto. — Peguei um convite para você, mas não vou ficar chateado se decidir não o usar. Nesse caso, talvez eu comece a tossir uns dois dias antes e não consiga ir porque vou estar doente demais.

— Não, eu vou. — Eu não iria, mas comparecer a eventos de trabalho é coisa de relacionamento, não é? *E isto é um relacionamento agora, certo?* — Vai ser divertido.

Ben sorri.

— Na sua cabeça vai ser. Eu estava indo correr, mas queria te dar uma coisa antes.

Ele me entrega uma caixa retangular rosa embrulhada com uma fita preta. De repente, eu queria estar usando qualquer outra coisa que não a camiseta dele.

— O que é? — pergunto.

— Abra.

Dentro da caixa, aninhados espaçosamente em papel de seda rosa, estão três macarons — um rosa pálido, um violeta e um

verde.

— Macarons?

— Os melhores macarons de Londres — diz Ben. — Eu vi na vitrine e pensei em você. — Ele afasta minhas pernas e fica de pé entre elas. — Experimenta?

— O quê? Agora?

— Eu queria ter te dado noite passada, mas a gente acabou se distraindo. — Ben se inclina na minha direção para morder meu lábio inferior. O cheiro dele está diferente hoje e me pergunto se está cheirando a mim. — Coma um — diz.

Olho para ele.

— Ben, são oito da manhã.

— E? — Ele me beija.

Se tudo isso estivesse acontecendo numa tela de cinema, eu perguntaria se os macarons estão envenenados. Ben me encara e não consigo decidir se os olhos dele escureceram ou se estou vendo coisas.

— Tá bom então. — Não quero um, mas não parece ser nada demais.

Ben começa a acariciar minhas coxas e diz:

— O rosa.

Movo meus dedos para longe do violeta e tiro o macaron rosa do lugar. Dou uma mordida. A casca é crocante e faz barulho entre meus dentes. É muito doce.

Ben tamborila os dedos nas minhas coxas e eu o olho. Ele sorri e me observa mastigar.

— O que achou? — pergunta.

Estou ouvindo um tom que não está lá. A voz de Ben é, como sempre, gentil e coloquial.

Faço que sim com a cabeça e engulo. Apenas por um instante, penso em colocar a outra metade do macaron de volta na caixa, mas Ben começa a tamborilar na minha coxa de novo. Me sinto fraca e quero chorar. *O que há de errado com você?* Como a outra metade. Está seca e tenho dificuldade em engolir. O tamborilar dele não para até que eu o olhe outra vez. Quase sussurro:

“Desculpa”.

— Café da manhã decadente — digo.

Ele beija meu ombro através da camiseta e eu rapidamente fecho a caixa.

Dezessete

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

Estou pensando em enfim tomar um banho de banheira quando Jo diz da cozinha:

— Vou encontrar uns amigos no bar às oito e vocês duas vêm comigo.

Comecei a reparar na necessidade constante de Jo de nos incluir nas coisas, de não ficar sozinha. No início, pensei que nos convidasse sem parar porque é uma pessoa amigável, mas agora me pergunto se sente a necessidade de sempre estar cercada de gente.

— De jeito nenhum — diz Cam. — Nosso voo para Florença é amanhã à tarde.

— Vou fazer um bolo de aniversário pro meu pai hoje à noite, lembra — digo, apontando para os ingredientes na bancada. Não o vejo desde que me mudei, então, mesmo que eu não seja uma grande confeitadeira, pensei em fazer um bolo, ir para casa de manhã e passar o dia com ele lá.

— Ah, vamos, gente. — Jo murcha. — Vocês sabem que sair à noite me faria bem. Ainda tô chateada com a coisa do Sam.

Ontem, Jo nos contou que ela e Sam brigaram e que ele não queria mais continuar o lance deles. Pesquisei no Google o que fazer quando sua colega de casa é chutada por alguém com quem estava ficando, mas o Google pareceu bem confuso com pelo menos metade dessa frase.

— De manhã você falou que estava bem — diz Cam. — Já que ainda tá saindo com o Conrad.

— Ele é legal e tal, mas estar com o Sam era diferente. Nós temos história, e talvez eu... — Ela balança a cabeça. — Não quero pensar nisso. Não quero pensar em nada.

Quase pergunto se isso é possível.

Jo vê que Cam está hesitando e adiciona:

— Não acredito que preciso convencer duas mulheres de *vinte e poucos anos* a se divertir. Cam, não vou ficar bêbada, principalmente se você estiver lá para me impedir, e Maddie, faça o bolo agora e decora amanhã. Pronto!

Eu acho melhor não fazer isso, mas então Jo convence Cam e não quero ficar ainda mais por fora; elas já vão ter dois dias de vantagem em Florença sem mim. Jo está certa; posso fazer o bolo agora e ele vai estar pronto para ser decorado de manhã.

Para minha primeira “noite fora” oficial, pego um vestido preto de comprimento médio do meu guarda-roupa. Me viro para lá e para cá. Caiu bem, então fico com ele. Adiciono brincos e pego uma bolsa pequena em que mal cabem meu celular e as

chaves. Me sento no chão diante do espelho e recrio a mesma maquiagem suave do meu primeiro encontro com Ben, e penteio meu cabelo no coque baixo de sempre.

Fico aliviada em saber que sou um meio-termo entre as duas garotas. Jo não mediu esforços; cacheou seu cabelo loiro escuro, usou sombra prata de glitter e seus lábios e suas bochechas estão no mesmo tom de rosa. Embora seu vestido prateado não seja tão apertado quanto o meu, é bem mais curto e os saltos dela são mais altos. Ela arfa ao me ver.

— Você está tão bonita!

Embora Jo esteja ótima, não sei como responder com o mesmo nível de entusiasmo sem soar falsa e como alguém que só falou da boca para fora. Estou pensando em como devolver o elogio e então falar algo sobre os brincos dela para deixar mais elaborado, quando Jo resmunga. Cam sai do quarto usando camisa, jeans skinny escuros e...

— Botas Doc Martens? — pergunta Jo. — Sério?

— Você falou para eu me arrumar — diz Cam. — Estou *arrumada*. Minhas meias até combinam.

— Você nem está usando maquiagem.

Cam aponta para os olhos.

— Rímel. — Ela cruza os braços. — É pegar ou largar.

Eu acho que a palavra “bar” está fora de contexto. Entramos em um espaço com dois andares e teto bem alto. Há uma imagem colorida de uma mulher dançando em uma parede e no patamar do segundo andar há uma placa neon que diz NO AR. O piso é escuro dos dois lados, mas bem no meio tem um padrão de zigue-zague.

— Oi! — Jo acena para o outro lado da sala e nos conduz até quatro pessoas sentadas em uma cabine de veludo azul ao redor de uma mesa com tinta espirrada. Ela nos apresenta e não entendo dois nomes porque a música está muito alta. Uma garota negra (Jennifer), talvez com a minha idade, tem box

braids loiras e piercing no septo, enquanto a garota branca ao lado dela (Cariad) tem cabelo preto num corte chanel bem cortado, delineador preto e um sotaque irlandês. Os dois rapazes, cujos nomes não entendi (talvez um deles se chame Daniel), tem cabelos e olhos castanhos e estão sentados um de cada lado das garotas. Eles abrem espaço para nós a pedido de Jo e acabo sentada entre ela e o cara que talvez se chame Daniel.

Observo Jo largar a bolsa e então se contorcer entre a multidão de pessoas para chegar ao bar. Ela volta com um jarro de margaritas e três copos e serve um para Cam e outro para mim antes de se sentar de novo. Imediatamente começa a conversar com Cariad sobre uma cliente do trabalho que apelidaram de Cruella, e fico satisfeita em apenas beber meu drinque e ouvir. Fico feliz por Cam também ser nova aqui, porque a atenção de todos não está só em mim.

— Então, você trabalha com o quê, Maddie? — pergunta Jennifer.

Falei cedo demais.

— Comecei a trabalhar na editora Orange Tree faz pouco tempo.

Todos me encaram até que Jo diz:

— É uma editora de livros.

— Ah — diz Cariad. — O que você faz lá?

— Acabei de começar, então basicamente administração. — Dou um gole na minha bebida com a esperança de que seja informação suficiente, mas o silêncio deles dura até depois de eu engolir. — Sou assistente editorial. — Tento fazer meu trabalho soar o mais interessante possível roubando características de outras profissões. Por sorte, a menção a fotos nos leva brevemente de volta a Cruella e suas ideias para anúncios impossíveis de executar com o orçamento que ela dá.

As margaritas que Jo trouxe devem ser fortes porque depois de um copo e meio a temperatura parece ter subido e posso ver os arrepios nos meus braços.

— Finalmente! — anuncia Jo de repente. — Amo essa música!

Vem dançar comigo. — E ela agarra a *minha* mão.

— Ah, não sei dançar — digo enquanto ela me arrasta detrás de nossa mesa até o meio do lugar.

— O quê? Claro que você sabe dançar! Você é negra!

— Ela tá certa — diz Jennifer, passando por nós com Cariatíde logo atrás.

Estamos no meio da pista de dança (a parte com zigue-zague), cercadas de desconhecidos. Alguém chega por trás de mim e pode ser o cara que talvez se chame Daniel, mas está muito escuro; não dá para ver mais do que alguns vislumbres de quem está por perto pela forma que as luzes rodopiam.

Deve ter um monte de aproveitadores por aqui.

Balanço a cabeça.

— Está tudo bem. — Sei que ninguém consegue me ouvir por cima da música e da própria cantoria, então digo mais alto: — Maddie, está tudo bem! Segue o fluxo!

Eu não danço em público. Acho que danço bem quando estou sozinha, mas talvez seja porque não consigo ver o que estou fazendo. No entanto, devo ser muito boa porque estamos na segunda música e me sinto imortal. Todo mundo está cantando junto. Só consigo cantar o refrão, mas uso o resto da música para brilhar, e tô falando do brilho estilo show solo no chuveiro. Não sei se estou cantando no ritmo certo, mas estou me divertindo. As garotas ficam mais animadas por minha causa ou talvez seja o contrário. Uma está alimentando a outra, e gosto de pensar que sou eu quem está dando energia a elas.

Quando a quarta música termina, abro caminho até o bar para tomar outro drinque porque álcool é o segredo para eu estar me divertindo tanto. Peço outra jarra e também para o barman me fazer um drinque surpresa.

Não entendi o nome do drinque, mas quando chega tem camadas laranja e amarelas. Dou um gole que atinge direto o fundo da minha garganta antes de descer queimando. Já tomei um terço quando o cara que talvez se chame Daniel aparece ao meu lado.

— Você é nova nisso, não é?

— Como?

— Você está se divertindo tanto, dá pra ver.

Olho para ele; minha visão está um tanto embaçada e percebo que fechei meu olho direito.

— Seu nome é Daniel? — pergunto. Posso estar gritando na cara dele, mas o cara não parece se importar.

Ele concorda com a cabeça.

— Pode me chamar de Danny. Posso te pagar outra bebida?

— Na verdade, comprei uma jarra para a mesa. — *Ofereça para pagar um drinque para ele. Isso é ousado e memorável, né?* — Posso pagar um pra você?

Dá licença — Ben! Eu devia mesmo estar pagando drinque para outro homem?

Estou prestes a retirar minha oferta quando o Pode-me-chamar-de-Danny arfa e sorri.

— Opa — diz ele. — Obrigado, direitos iguais.

Reviro os olhos por dentro e penso *Até parece*, mas pago a cerveja dele mesmo assim porque para que serve a poupança se não para comprar jarras de margaritas e cervejas para estranhos?

Jo vem até o bar e gesticula com o celular na minha cara.

— Uma amiga acabou de mandar mensagem. Vamos.

— Vamos? — Termino meu drinque, apressada. — Acabamos de chegar!

— Conheço um lugar melhor — diz Jo. — Vocês vão ficar? — pergunta ela para Pode-me-chamar-de-Danny.

— Sim — diz ele. — Tom está vindo, então manda mensagem e talvez a gente encontre vocês depois.

— Legal. — Jo vai em direção à porta, agarrando Cam no caminho e deixando a jarra com Pode-me-chamar-de-Danny. Com relutância, eu as sigo.

Lá fora, o ar frio me atinge como se eu tivesse cheirado amônia.

— Na verdade — digo. — Talvez eu deva ir pra casa. Tava pensando que se deixar para fazer a decoração do bolo de manhã,

vou precisar esperar que gele antes de ir e quero chegar cedo lá.

— Se você ficar — diz Jo, implorando com os olhos —, eu te ajudo a decorar o bolo. Posso até levantar mais cedo que você e começar o trabalho.

Inclino minha cabeça para Jo. Uau, ela quer mesmo que eu fique; deve gostar muito de me ter por perto. Talvez minha contagem de melhores amigas vá passar de dois nomes para três antes do fim da noite...

Olho para Cam, que concorda enfaticamente com a cabeça. *De duas melhores amigas para quatro, então?*

Mas algo me diz para ir para casa, que eu devo escolher meu pai acima de Jo e que não sou uma filha muito boa se não conseguir tomar essa decisão sem nem pensar. De repente, lembro de mim na universidade, passando por grupos de amigos e indo me sentar sozinha, mais perto da porta.

É só um bolo, Maddie. Se tudo der errado, eu compro um. O que mais importa é estar em casa no aniversário do meu pai, certo? E eu vou estar lá.

— Tá! — digo, e as meninas comemoram. — E agora?

Nós (com Cariad a reboque) caminhamos menos de um quilômetro até uma balada localizada no porão de uma padaria; os degraus levam a uma caverna cheia de fumaça que exala um cheiro inconfundível de chocolate. Está escuro, mas vejo pessoas sentadas nas mesas, um zumbido musical e doce no ar enquanto elas bebem e fumam narguilé.

Quando nos sentamos, Jo chega por trás de nós e diz:

— Querem brownie?

Olho para o prato que ela oferece.

— Você é uma bruxa? — pergunto, pegando dois antes que todos acabem. — Onde você arranjou brownies?

— Da padaria lá em cima. — Ela dá uma piscadela e, sei lá por que, eu retribuo e dou uma mordida. Eles têm um gosto estranho, mas talvez tenham sido feitos esta manhã e deixados na vitrine por um tempo. Além disso, estou morrendo de fome, então começo a comer o segundo.

Jo ri.

— Calma, Maddie.

Franzo a testa para ela.

— É chocolate, Jo. Sei o que estou fazendo.

Querido leitor, na verdade eu não fazia ideia do que estava fazendo. Cam me informa pouco tempo depois que são brownies de maconha.

Olho ao redor da mesa e percebo que todos já fizeram isso antes. É por isso que vêm *aqui*. Termino o segundo brownie devagar — largá-lo seria o mesmo que gritar “novata” — enquanto Cariad conta para a gente (e mais três amigos de Jo que se sentaram à mesa) sobre um casal com quem está saindo.

— Casal? — pergunto. — Os dois?

— Sim, não gosto dessas coisas tradicionais — diz ela, dando uma puxada no narguilé da mesa, soprando fumaça fragrante no ar. — É tudo fabricado para que a gente preencha caixinhas nos nossos questionários sociais.

Uau. Isso foi profundo.

— Preciso fazer xixi — anuncio de repente.

Tropeço um pouco para sair da mesa, mas logo estou de pé. No banheiro, dou risada assim que começo a fazer xixi; tento cobrir a boca e acabo soltando um ronco. Vou lavar as mãos e vejo no espelho que estou sorrindo como uma maníaca. Tento agir como uma pessoa normal, mas não consigo. Toco o espelho.

— Bobinha. — Meu reflexo ri e me faz rir com ele. Uma mulher entra no banheiro e eu continuo a rir, apontando para o espelho e tentando fazê-la se juntar a mim, mas ela não está interessada. — Tem gente que não tem senso de humor — digo ao meu reflexo.

— Cai fora — diz ela de dentro da cabine.

Volto para a mesa.

— Você está bem? — pergunta Cam. Quando faço que sim com a cabeça, ela me olha de cima a baixo e diz: — Bateu meio

rápido demais.

— Talvez bata diferente em novatos — diz Jo.

— Awn, corrompemos uma purista? — pergunta Cariad. — É virgem também?

Arfo, fingindo estar ofendida.

— Sua boca — digo a ela — precisa ser lavada com sabão. — E então rio histericamente e todos riem comigo.

Esse é o clima agora, sentar e fumar e beber e conversar até vermos o sol nascer. Compartilhamos segredos. Conto a elas sobre Ben e digo que sexo dói.

— Ou talvez ele seja um merda e você não estava molhada — diz Cariad, e não consigo entender direito o que ela quer dizer.

Não sei o que aconteceu com o tempo, mas sinto como se pulsos de energia estivessem vazando de mim, me deixando solta e serena. Estou feliz em apenas me sentar aqui entre conversas tortas e fumaça colorida e perfumada. Quando não é minha vez de falar, penso em memórias antigas, coisas nas quais não pensava havia anos. Tipo quando menstruei pela primeira vez e minha mãe estava em Gana e teve que pedir a alguém que eu não conhecia muito bem para me ajudar. Ou entrar no quarto de James quando ele avisou que ia dormir na casa de um amigo e ficar olhando para fora da janela do quarto dele. Meu pai balançando a cabeça para professores em uma reunião de pais cheia de mães de outros alunos. Assistir a Serena Williams jogar Wimbledon, enquanto meu pai ergue o olhar do jornal e pergunta: “Você gosta de tênis, Maddie?”. Penso no bolo de limão que Nia fez para o meu aniversário de quinze anos; tinha cara de que ela tinha deixado cair, mas estava uma delícia.

Então há luzes embaçadas e o toque frio de vidro na minha testa. Estamos em um táxi, só Jo, Cam e eu, saindo da Trafalgar Square. O mundo gira devagar esta noite, mas brilha intensamente.

— Agora sei do que todo mundo está falando — digo baixinho. — *Saia de casa, Maddie. Vai viver um pouco, Maddie.* Eu nunca quis admitir, mas estou tão feliz de estar fora de casa e vivendo minha

vida. Espero não ser uma pessoa ruim por isso. Quase não dá pra culpar James por me abandonar, por que há tanta coisa aqui fora, sabe? Tenho um namorado, um emprego melhor e vou viajar com minhas novas amigas. Não choro mais de noite. — Abro os braços. — Estou livre.

— É uma vida boa — diz Jo com a voz arrastada. Cam solta uma risada irônica do outro lado do táxi.

Fecho os olhos e cantarolo uma música que acabei de inventar.

Dezoito

Na manhã seguinte, não consigo erguer minha cabeça.

Meu celular vibra e minhas têmporas pulsam. Minha boca está seca demais para abrir. Estendo a mão para o celular e percebo que meus olhos ainda estão fechados. A luz do sol me cega e eu o amaldiçoo.

Já é meio-dia e eu devia estar na casa do meu pai para o aniversário dele.

Me sento com um grunhido ininteligível e acho que vou vomitar. Tropeço pelo quarto ainda usando o vestido da noite passada e tomo dois comprimidos de paracetamol sem água e então engasgo. Minha garganta dói e meu estômago está queimando. Eu pesquisaria no Google *sintomas de ressaca*, porque sinto que tenho só mais alguns minutos de vida, mas não consigo enxergar direito — minha cabeça está *tão* pesada.

Não estou tão atrasada assim e meu pai não vai a lugar nenhum.

Nem vou me dar ao luxo de voltar totalmente para a cama. Não, só vou apoiar a cabeça no travesseiro... só por um minuto... dez minutos, talvez.

Meia hora no máximo.

Acordo com uma vibração persistente.

Meu celular está tocando. MÃE LONDRES e, abaixo, a hora: 14h47.

Caralho. Pulo para fora da cama e atendo. Está tudo bem; vou só levar o bolo para casa e decorá-lo lá.

— Oi, mãe. Desculpa eu chegar mais tarde do que falei. Estou saindo daqui em dez minutos. — Cheiro minha axila. — Vinte minutos. — Pego uma toalha e procuro minha touca de banho. — Fui dormir tarde — explico quando ela não diz nada. — Então é por isso que eu...

— Maddie?

Paro de falar porque a voz de minha mãe está rouca e pesada e ela está chorando o suficiente para gaguejar as outras duas sílabas do meu nome.

— Mãe, o que foi?

— Maddie, seu pai, ele... ele morreu. Ele morreu.

Fico paralisada, ainda meio enfiada no vestido da noite anterior. *O que foi que ela disse?*

— Seu pai morreu — repete ela, e começa a engasgar e chorar.

Franzo a testa porque consigo imaginar com clareza meu pai sentado diante da tv, sorrindo. Balanço a cabeça.

— Mas é o aniversário dele — digo.

— Eu sei! — diz minha mãe. — Ai, Deus. Ai, Deus. Levá-lo no aniversário. E também bem agora, não faz nem trinta minutos. Eu estava tentando te ligar. Mas ele morreu. Maddie, ele morreu.

Meu corpo enfim a escuta e então tudo acontece de uma vez: o soco no meu coração, o afrouxar no meu estômago, a queimação no meu peito, que sobe e desce, trêmulo.

— Maddie, seu pai...

— Para de dizer isso! — grito. — Eu ouvi da primeira vez. — Afasto meu celular da orelha e encaro o botão vermelho de encerrar a chamada.

— Sinto muito, Maddie. — Minha mãe continua a chorar na linha.

Quero dizer a ela para não ser tão dramática. Que não é o que parece. Ele não pode morrer hoje. Ninguém morre no dia do próprio aniversário. Meu pai não está morto. Houve algum engano.

— Você precisa conferir de novo — digo.

— Os paramédicos já anunciaram, Maddie — responde minha

mãe. — Eu sinto muito mesmo.

Encerro a chamada e seguro meu celular contra o peito. A única coisa em que consigo pensar é na minha mãe dizendo que faz trinta minutos que ele morreu, o que significa que eu teria estado lá se tivesse acordado na hora certa. Eu o teria visto uma última vez, desejado feliz aniversário e beijado sua testa.

Fico de pé e paro no lugar, um pouco tonta, antes de confiar nas minhas mãos para voltar a me cobrir com o vestido. Estou no piloto automático quando saio do meu quarto e desço as escadas.

Ouçó rodinhas de malas e pedaços de conversa. Estão falando de Florença. Tropeço no último degrau e caio de quatro no chão. As duas vêm correndo me ajudar e Jo ri.

— Ainda de ressaca, hein?

Me levanto devagar.

— Foi uma má ideia sair ontem à noite — diz Cam. — A gente precisa sair daqui quinze minutos. Você tem muita sorte por não ter que pegar esse voo com... Maddie?

— Meu pai acabou de morrer.

Por alguns segundos, ninguém diz nada.

— Merda — arfa Jo.

Cam gentilmente pega meu braço e me leva para a cozinha. Ela faz eu me sentar à mesa. Meus olhos estão embaçados, mas consigo ouvir a chaleira sendo colocada no fogo. Cam está fazendo uma xícara de chá para mim.

— Que merda, Maddie — diz Jo, balançando a cabeça. — O que aconteceu?

Quando repito algumas coisas que minha mãe falou, elas ficam ao meu redor e dizem que sentem muito e choramingam até Jo dizer:

— Merda, não acredito que temos que ir daqui a pouco.

— Não podemos ir agora.

— O quê? — Jo se vira tão rápido que o cabelo dela bate no rosto de Cam. — As passagens não têm reembolso — sussurra ela.

Olho para Jo, reorganizando as características de seu rosto até que ele esteja irreconhecível. Meu peito se enche de ar. Estou tentando expeli-lo o mais rápido possível porque não é que ela seja cruel, e não é que eu prefira que elas fiquem, é...

Me levanto.

— Você me pediu... você me fez sair ontem.

Jo fica tensa.

— Quê?

— Depois do primeiro bar, eu disse que devia ir para casa. — Não sei por que estou dizendo isso, mas não consigo aguentar o peso dessa culpa que estou sentindo, como se ela fosse me sufocar. Tentei fazer a coisa certa, voltar para casa. E por um breve momento, não é mais minha culpa. — Eu nem queria ter saído ontem à noite. Se tivesse ficado em casa, teria passado a noite fazendo o bolo, ido dormir na hora certa e acordado cedo com a cabeça no lugar. Jo, se não fosse por você, eu teria visto meu pai hoje, antes que ele morresse.

— Maddie. — Ela inspira devagar, olhando nos meus olhos. De repente seus olhos não são mais de um azul claro como safiras, mas de um azul profundo como um mar revolto. — Sinto muito mesmo por você ter perdido seu pai, mas eu não te *obriguei* a fazer nada. Você toma suas próprias decisões e decidiu ir com a gente.

— Não é verdade! — grito, porque a culpa está a todo vapor, voltando para o lugar de onde saiu, e de alguma forma o chá escorrega da minha mão ou eu o arremesso, porque a xícara se estilhaça contra a parede. Quando pisco, Jo se afastou de mim até encostar na pia e Cam está usando metade do próprio corpo para protegê-la. Não me lembro de como fui da mesa até o meio da cozinha. Devo parecer estar prestes a surtar. — Não precisam se preocupar com o reembolso das passagens — digo baixinho. — Prefiro que vocês duas caiam fora. Até porque não vou ficar muito pelo apartamento, né? Tenho um funeral pra planejar.

Corro escada acima, me sento no canto do meu quarto e espero elas irem embora. Ouço Jo andando de um lado para o

outro pela casa.

— Ainda vou... não podemos ficar aqui com ela assim... Precisamos de espaço... ela disse que a culpa foi minha... ridículo pra caralho da parte dela colocar algo assim nas minhas costas... nem conheço o pai dela.

Tapo meus ouvidos até escutar a porta da frente bater. Volto para a cozinha a fim de limpar minha bagunça, mas alguém já fez isso. *Provavelmente foi a Cam.* O que eu faço agora? Vou para casa... mas se eu ficar aqui mais um pouquinho, não vou ter que lidar com nada disso. O “processo” não vai começar até eu pôr o pé para dentro daquele lugar. Então vejo o bolo sem decoração, e a cobertura, e o melaço, e a manteiga, e meu peito se aperta de novo. Soco o bolo até que ele exploda e respingue. Jogo pedaços enormes dele na lixeira. Depois jogo o açúcar, a baunilha, a manteiga. Jogo os ingredientes um por um com tanta força que a lixeira estremece a cada vez.

— O que você tá fazendo?

Me viro e Jo está na porta.

— Não estou decorando o bolo — respondo. — E o que você tá fazendo aqui?

A cabeça de Jo some de novo, e sei que eu devia me desculpar agora antes que seja tarde demais, porque não é culpa dela que meu pai morreu e não é culpa dela eu ter perdido as últimas horas de vida dele. A raiva que me cegava começa a se dissipar, me deixando um pouco zozza.

— Jo — começo.

— Só esqueci minha bolsa. — Ela tira a bolsa de ombro do gancho atrás da porta. — É claro que eu sinto muito pelo que aconteceu com seu pai. — E os lábios dela tremem antes que diga: — Mas foi muito injusto da sua parte me culpar. Eu não te forcei a sair. Ninguém te forçou, e se você queria mesmo ter passado a noite de sexta decorando o bolo, deveria ter ficado e feito isso. Sabe?

Jo não espera por uma resposta, mas dá meia-volta e bate a porta atrás de si. Fico parada no lugar, ignorando as lágrimas

escorrendo pelo meu rosto e o muco pegajoso saindo pelo meu nariz.

Minha mãe liga de novo e atendo do chão. Ela me conta como tudo aconteceu, arfando entre soluços. Estava fora de casa e Dawoud o encontrou na poltrona com a camisa toda vomitada. Ele tentou ligar, mas ela não atendeu. Só chegou em casa dez minutos depois.

— Juro que foram só dez minutos depois; não ouvi meu celular tocando. Minha bolsa é tão funda. — A ambulância chegou e constataram a morte dele. Simples assim. — Não fique triste, Maame — diz minha mãe. — Ele está com Deus agora.

— Ele estava sozinho no dia do aniversário? — pergunto baixinho. — Ele morreu sozinho?

Minha mãe começa a chorar. Desligo.

Me levanto do chão, caminhando devagar até a geladeira, e pego um pote de sorvete. Me sento de novo e como tudo de uma só vez. A parte inferior direita da minha barriga começa a doer. Em seguida, como uma barra de chocolate, mordendo as camadas de biscoito e caramelo.

Às vezes, quando eu estava no ensino fundamental, meu pai me trazia uma barra de chocolate. Era sempre tão aleatório, mas eu ficava *muito* feliz nesses dias. Me perguntava se ele tinha entrado na loja para comprar outra coisa e de repente pensado em mim. Uma vez, meu pai me trouxe uma fruta e uma barra de cereais com nozes, embora eu tenha alergia a nozes. Falei que ele era o melhor pai do mundo e, no meu quarto, comi tudo menos as nozes.

Fico com dor de dente por conta de tanto açúcar e acabo me deitando no chão da sala de estar para esperar a dor de barriga passar.

James me liga logo depois e a voz dele está mais grave que o normal.

— Sinto muito, Mads.

Estou com a cara encostada no chão quando digo:

- Também sinto muito.
- Eu sei que o papai te amava muito.
- Obrigada. — Parece a resposta mais apropriada.
- Você está bem? — pergunta ele. Digo que estou bem porque não tenho outra resposta.
- As garotas que moram com você foram embora?

Tento não fechar meus olhos.

- Sim.
- Não quer ir para casa?
- Não, não quero.
- Eu entendo, mas você não devia ficar sozinha — diz ele. — Tem alguma amiga que possa ficar aí?

Penso em Nia imediatamente.

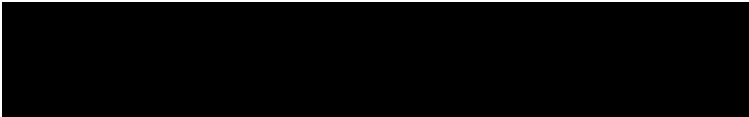
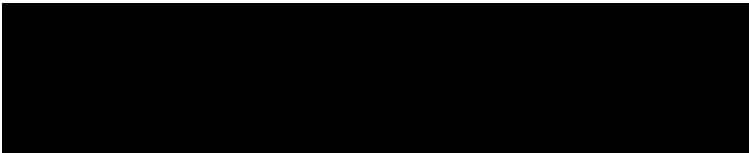
- Sim, mas talvez ela esteja ocupada.
- Ligue e veja se ela pode ficar com você. Por favor. Por mim, tá bom?

- Tá.
- Legal. Talvez amanhã a gente se veja então.
- Te amo — digo.

Ele hesita.

- Também te amo, irmã.

Algumas horas se passam e a dor de barriga melhora, mas ainda está aqui. Estou encarando o número de Nia quando chega uma mensagem.



Me levanto do chão, limpo o banheiro, lavo meu rosto e espero. Penso em como contar para Ben, se devia, na verdade, contar para ele, ou se posso fingir por mais um tempinho que meu pai ainda está vivo.

Quando Ben bate na porta, ainda não me decidi, mas mal destranco a fechadura e ele entra de uma vez, afrouxando a gravata.

— Eles tinham que me ligar no domingo, dá para acreditar? Só tem gente incompetente naquela empresa, vai por mim — diz Ben.

Imediatamente quero me encolher na presença dele. Botá-lo numa sacola e mandá-lo para casa.

— Que bom te ver. — Ele me beija, batendo a porta e me pressionando contra a parede. Ben é pesado e eu não tenho forças para me afastar. Ele teve um dia difícil e está feliz em me ver. Igualzinho ao nosso encontro no cinema. Ben sempre está feliz em me ver.

Fecho os olhos e tento me deixar levar por sua atenção. Embora seja difícil, gosto dele em parte, ou ao menos há algo nele do qual preciso.

É doloroso e Ben mete com força e rapidez. Há uma pequena rachadura no teto do corredor que eu nunca tinha percebido. Por um instante, me pergunto se ela vai se abrir de repente e nos soterrar.

Prendo a respiração enquanto Ben se alivia em grunhidos guturais.

Estou dolorida, de novo.

Uso o banheiro, de novo.

Me sento no chão, nauseada, mas gosto da sensação dos azulejos frios na minha pele. Ben deve ter me ouvido porque bate na porta e entra. Estou abraçando os joelhos e com os olhos molhados enquanto me balanço suavemente, a cabeça vazia sobre ombros tensos, o estômago vazio e uma pressão crescente no peito.

No chão do banheiro de um apartamento alugado é onde

conto a Ben que meu pai se foi para sempre, e ele reage como esperado: clama a um Deus no qual provavelmente não acredita (ainda não descobri se sim ou se não) e muda o foco — eu devia ter contado antes (talvez eu devesse mesmo ter feito isso). De qualquer forma, acho que a notícia o surpreendeu também. Mas Ben sente muito. Ele sente muito, muito mesmo, Maddie.

Ben é muito doce, gentil e delicado quando precisa ser, e essas são qualidades pelas quais eu deveria ser grata. Ele me abraça no chão do banheiro pelo que parecem horas enquanto explico que, embora meu pai estivesse doente, a morte dele foi inesperada. Ben beija minha testa e diz: “Sempre vai ser inesperado”. Visto sua camisa e ele fica comigo até eu estar pronta para me levantar do chão e ir para a cama. Fico acordada sobre o peito dele enquanto Ben dorme.

Na manhã seguinte, ele pede o café da manhã no delivery — croissants, doces dinamarqueses, frutas e chá. Compra também um sanduíche e uma fatia de bolo para que eu coma de almoço. Nós nos sentamos à mesa e comemos em silêncio. Tudo tem gosto de papelão. Mastigo e me forço a engolir.

Digo a ele que não estou pronta para ir para casa e Ben responde que consegue entender o porquê. Eu como até que meu estômago esteja cheio e fantasio sobre me levantar da mesa, ajoelhar de frente para o vaso sanitário e enfiar dois dedos na garganta.

— Você quer ir para a minha casa?

Balanço a cabeça.

— Tá tudo bem. Nia vai vir pra cá enquanto Jo e Cam estão viajando e vou ficar em casa para... administrar tudo.

Ben vai embora de tarde porque tem que trabalhar. Ignoro o alívio que sinto por estar sozinha no apartamento.

— Preciso mandar um e-mail para a Kris — digo para a

cozinha vazia. — Devem estar se perguntando o que aconteceu comigo.

Passo mais algumas horas sentada na mesa, encarando uma migalha de croissant quase invisível sobre o pano de prato.

De: Mad.Wright@gmail.com

Para: Kristina@editoraorangetree.com

Assunto: Minha ausência

Oi, Kris,

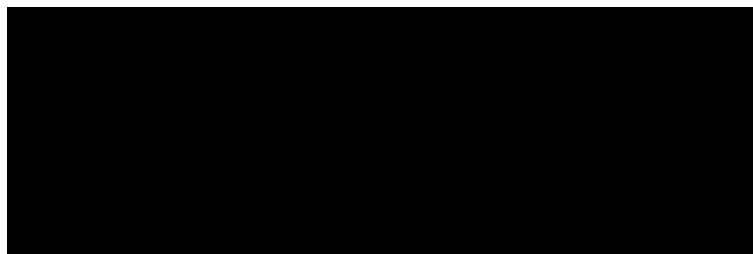
Infelizmente meu pai faleceu ontem. Não tenho certeza de qual é o protocolo no trabalho; nem sei o que escrever agora.

Meu pai tinha Parkinson e uma gama de questões de saúde relacionadas à doença por anos, mas a notícia ainda assim foi um choque. Não irei ao escritório esta semana, talvez nem pela primeira metade da semana que vem. Sinto muito, e sinceramente não sei. Só queria te avisar.

Atenciosamente,

Maddie

Aperto *enviar* e fecho meu notebook. Chega uma mensagem de Cam.



Me enrolo em um cobertor e me sento no sofá, encarando o jardim.

— Que dia sem graça. O mínimo que você poderia fazer é chover. — Busco uma nuvem no céu, mas não encontro nem um fiapinho branco. — Que insensível.

Enfim ligo para Nia e pergunto se ela pode vir ficar comigo. Espero que diga que fará o possível para chegar aqui amanhã, já que não vê a família há quase um ano, mas em vez disso Nia me diz que vai comprar comida para mim e pegar o próximo ônibus.

— Você vem mesmo?

— Tá de brincadeira? Claro que vou.

Faço uma careta quando meu nariz começa a doer.

— Obrigada.

— Para de ser besta. Eu faria qualquer coisa por você.

Ela diz essa última parte não para parecer solidária ou porque sente que é obrigação dela como minha amiga, mas como se fosse óbvio. É tipo a forma como eu encerro quase toda ligação com “te amo” — ela não diz por reflexo, mas porque é verdade.

Quando Nia entra pela porta, traz uma leveza com ela; afasta a escuridão um centímetro por vez a cada passo que dá. Penso na sorte que dei por ela ter voltado a Londres logo esta semana.

— Você tá bonita — digo. Nia refez seus dreads da frente e usa um batom vermelho que realça sua pele marrom.

— Sério? — Ela dá de ombros. — Só estava na casa da minha avó. É bom te ver, Maddie. Sinto muito pelo seu pai.

Nia leva quase um minuto para dizer quatro frases curtas, mas é assim que ela fala, devagar e com cuidado, incapaz de apressar as palavras, de se expressar antes de pensar sobre o que diz. É a coisa da qual mais gosto nela.

Nia me dá um longo abraço, e seu cheiro é doce e me lembra dos nossos tempos de escola. Não tocamos mais no assunto. Ela não pergunta por que ou como; guarda a comida que trouxe na geladeira, um pote após o outro. Então assistimos a filmes pelo resto do dia.

Quando Nia está no chuveiro, me ajoelho ao lado da minha cama e inclino o rosto na direção da janela para que Deus possa me ver. Faço minha oração noturna de sempre, na qual peço para que Ele cuide de minha mãe, meu irmão e...

— Eu devia dizer “pai” — digo a Ele —, mas e agora? Por favor, cuide da alma dele? Devo continuar rezando por ele ou não precisa? Desde quando faço essa oração? Há mais de dez anos, as mesmas palavras. Acho que não preciso mais repetir.

Me deito na cama e, depois que Nia se deita também, apago a luz.

Não chorei hoje e fico acordada por horas me perguntando se isso é um sinal de que tenho tendências sociopatas.

Dezenove

De: Kristina@editoraorangetree.com

Para: Mad.Wright@gmail.com

Assunto: RE: Minha ausência

Ai meu Deus, Maddie, que coisa horrível. Sinto muito mesmo. Por favor, coloque o aviso de ausência temporária e não se preocupe com o trabalho. Perdi meu pai ano passado, então vá dando notícias e diga se pudermos te ajudar com alguma coisa.

Para deixar claro, não esperamos que você venha trabalhar esta semana (nem na próxima — só mantenha contato).

Meus pêsames para você e sua família,

Bjs

Kris

Na terça de manhã, depois que Nia me ajudou a cancelar o voo para Florença, pergunto:

— É esquisito eu não ter chorado desde domingo?

— Não muito. Cada um é cada um.

Estamos sentadas no sofá, vendo o sol subir mais alto no céu. Vai ser outro lindo dia.

— Sei disso, mas é meio estranho. Eu só... não consigo chorar mais.

— Você está triste?

— O tempo todo.

Algo na minha voz deve ter soado diferente, porque Nia se volta para mim e diz:

— Não precisa guardar tudo para si. Você faz muito isso.

— Isso o quê?

— Fingir sentir o oposto do que está sentindo, só pros outros não ficarem mal. Você pode chorar na minha frente.

— Não gosto de chorar na frente das pessoas.

— É, eu percebi. — Ela se recosta e diz: — Me fala do seu pai. Dou de ombros.

— Não sei o que dizer. — *O que você deve dizer?* — Meu pai sem dúvidas é um produto de sua geração e criação. Ele não fala muito; é... quero dizer, era naturalmente discreto e introvertido, mesmo com os filhos. A gente não era uma família muito unida; cada um tomava conta da própria vida; de certa forma, só morávamos na mesma casa. — Olho para Nia e digo de repente: — A gente teve muitos problemas financeiros na minha infância. Antes de vender a casa.

Nia inclina a cabeça.

— Tiveram? Você sempre pareceu que tinha dinheiro!

— Não, eu só sempre cuidei do meu dinheiro. Minha mãe foi para Gana pela primeira vez quando eu tinha doze anos, e depois de um tempo passei a dizer pra vocês na escola que ela ia e voltava com frequência, mas na verdade ficava lá às vezes até por um ano. — O rosto de Nia não indica surpresa nem julgamento. Ela está só ouvindo. — Antes eu queria que ela voltasse no inverno, para o Natal e o meu aniversário, mas ela raramente conseguia. Minha mãe não se dá bem com o frio, sabe?

Nia assente.

— Eu não me importava se ela estava em casa ou não, pra falar a verdade — prossigo. — Eu tinha a minha vida e estava acostumada com isso, mas pensava: “Perder meu aniversário de novo, tudo bem, mas o Natal? A gente devia pelo menos tentar manter as aparências”. — Não sei aonde quero chegar com essas confissões desconexas, mas há tanto para contar a Nia, tanto que ninguém além da minha família sabe, e quero falar sobre tudo, enfim compartilhar esse pedaço de mim. Enquanto me abro, percebo que uma parte de mim sempre quis contar essas coisas para Nia. — Meus pais estavam juntos, mas não para valer. Meu pai não era muito bom em cuidar da gente, então meu irmão confiava nos amigos e eu meio que me virava sozinha. Minha mãe me mandava um pouco de dinheiro quando meu pai gastava tudo com o básico, então eu comprava o que fosse mais barato,

absorvente normal em vez do interno, roupas em brechós, e economizava onde dava, só para garantir.

— Só para garantir o quê?

Dou de ombros.

— Uma vez, eu estava numa palestra na universidade e minha mãe ligou chorando porque os oficiais de justiça estavam na porta de casa, ameaçando pegar a tv. Devíamos quase mil libras em contas vencidas. Meu salário tinha caído naquele dia, eu trabalhava na livraria, e tive que gastar tudo e mais um pouco do dinheiro do meu empréstimo estudantil pra pagar. Lembro do alívio na voz da minha mãe quando dei os dados do meu cartão pelo telefone para o cobrador.

Nia franze a testa e se inclina à frente.

— Mads, tá falando sério?

Faço que sim com a cabeça.

— Minha mãe deixou meu pai cuidando das contas e ele não era muito bom nisso. A gente teve que vender a casa em Battersea e se mudar por esse motivo, não porque minha mãe “queria morar num lugar diferente”. Por sinal, desculpa mentir sobre isso.

Nia pega minha mão e a aperta.

— E aí meu pai ficou doente — digo a ela. — Mas... sabe, quanto mais ele piorava, mais feliz ficava em me ver. — Fungo. — Sei que parece estranho, mas ele sempre sorria para mim. Mesmo se tivesse me visto dois minutos antes, sorria de novo! Lembro a primeira vez que meu pai disse que me amava, eu tinha mais ou menos catorze anos e ele estava meio bêbado. A segunda vez foi antes de eu me mudar. Eu disse: “Ama?”, e foi tão estranho porque a expressão dele... ele me olhava tipo, Maddie, claro que amo. — Imito a expressão confusa que fez naquele momento. — Agora acho que talvez meu pai só não conseguia se expressar antes — digo —, antes que os remédios o fizessem esquecer suas manias. Sempre que eu dizia eu te amo, ele respondia “obrigado”, mas dava pra ver que algo queria sair; era como se ele não *conhecesse* aquelas três palavras ou estivesse

tentando falar em uma língua que não dominava ou talvez não entendesse. Me pergunto se ele escutou isso do pai dele alguma vez. — Olho para Nia. — Eu só... — Limpo a garganta. — Só não quero que meu pai esteja morto. Só isso.

Ela faz carinho no meu braço antes de me entregar um lenço de papel.

— Para quê? — pergunto.

Nia me dá um sorriso triste e quando fungo de novo, minhas bochechas estão molhadas e meu nariz está escorrendo. Encaro o lenço, com a mão tremendo.

— Não posso... — Minha voz falha. — Eu só... — Fecho os olhos e as lágrimas caem. — Por que não posso vê-lo uma última vez?

Choro no ombro de Nia pelo resto da manhã.

Enfim vou para casa de tarde. Sinto um aperto desconfortável no peito e parece que não há ar suficiente no mundo.

No trem, coloco fones de ouvido que engolem e absorvem qualquer som externo e conto as paradas até chegar à estação Thornton Heath.

James está em casa. Ele me abraça e amassa meu rosto contra seu peito. James é alto e forte, graças aos pesos da academia e às proteínas em pó em suas vitaminas. Seu cabelo ainda está trançado, mas usa um boné. Ele me pergunta como estou. Sinto uma pontada de irritação e é bom sentir outra coisa por um instante. Quando foi a última vez que vi James ao vivo? Qual foi a última vez que ele veio até esta casa? Me afasto e respondo:

— Bem.

Lá em cima, minha mãe imediatamente me abraça e começa a chorar, e eu começo a chorar porque ela tem o cheiro da minha mãe e da última vez que senti seu cheiro meu pai estava na poltrona no andar de baixo.

Fico no andar de cima; não quero ir para a sala de estar nem ao quarto dele. Minha mãe conta mais uma vez o que aconteceu.

Fico deitada na cama e encaro o teto enquanto ela recebe ligações de pesar de pessoas próximas e conhecidos, e tenho que ouvir a história de novo, e de novo, e de novo.

Quando minha mãe estava em Gana, pensei em trocar meu quarto por este; ele é bem maior que o meu, só que não parecia certo. Mas o espaço fez falta.

Minha mãe está gritando agora, porque uma de suas amigas disse que ela devia parar de chorar; acho que a intenção do comentário era boa, mas minha mãe desligou na cara dela.

— Como ela pode me dizer para parar de chorar? — Minha mãe me olha, secando as lágrimas. — Como pode dizer isso? Fui eu que o vi. Me lembro do saco que colocaram no corpo dele! Então como posso parar, hein?

A maioria das filhas — aposto que pelo menos uns noventa por cento delas — reagiria ao ver a mãe chorando, a abraçaria, a confortaria, mas ver a minha nesse estado só me estressa. Me sento num canto e assisto à pequena tv. Quando minha mãe sai do quarto, eu sussurro:

— Não estou aqui de verdade. Não estou aqui de verdade. Está tudo bem porque não estou aqui de verdade.

O pastor pentecostal da minha mãe liga e pede para falar comigo. Me pergunto se ele tem alguma mágoa por eu ter escolhido outra igreja ou se todos os pastores estão satisfeitos desde que você vá a uma. Ele me pergunta como estou. Bem. Diz que está aqui se eu precisar de alguma coisa. Obrigada. Deus está comigo. Claro.

Minha mãe só atende a ligações no viva-voz, então quando é sua vez de falar com ele, ela chora de novo e, como a amiga dela, eu queria que parasse com isso. O pastor lhe diz para ser forte, porque os filhos precisam dela.

Desde quando minha mãe se importa com isso?

Que coisa cruel de pensar, Maddie.

— Você precisa comer — diz ele —, mesmo se não tiver fome. Por favor, coma algo, não pule refeições. — O pastor reza e diz que vai ligar de novo. Me pergunto se seria tão solidário se

soubesse da existência do homem cujo número começa com +233 no celular de minha mãe.

Ela vai lá para baixo fazer o almoço; eu a ouço falando com James na cozinha. Não é uma conversa civilizada, mas a essa altura já dá pra imaginar que raramente é. O engraçado, na verdade, é que o que minha mãe não gosta no meu irmão é o que meu irmão não gosta nela, mas nenhum deles percebe que está discutindo consigo mesmo.

Coloco a cabeça para fora do quarto da minha mãe.

— Papai estava bem quando Maddie morava aqui — diz James.
— Nenhum problema até você voltar. Então Maddie teve que ir embora e ele piorou.

— E onde é que você estava, hein? — pergunta minha mãe, batendo palmas. — Vagabundeando pelo mundo com um dinheiro que podia ter me ajudado. Quando foi a última vez que estive aqui, cuidando do seu pai? Vocês dois são filhos dele, e Maddie fez tudo sozinha.

— Da última vez que estive aqui, você estava em Gana e meu pai estava vivo — retruca James. — Então não venha falar de mim.

— Sua irmã nunca falou assim comigo — diz minha mãe. Dá pra ouvir o tremor na voz dela, e sei que está olhando para o céu, falando com Deus. — Pelo menos tenho uma filha que me ama.

— Maddie não te conhece, é por isso — diz James. — Acha que eu não sei que ele veio para Londres com você desta vez? Ele tentou me seguir no Facebook. Kwaku, não é? Por isso você queria Maddie fora de casa, para que ela não te pegasse no flagra. Se aquele homem pôr os pés aqui, vou...

Fecho a porta do quarto e aumento o volume da tv.

Kwaku. O número não salvo deve ser dele. Estive em Londres. Veio com minha mãe para cá, então está aqui desde então.

Onde ela estava quando meu pai morreu?

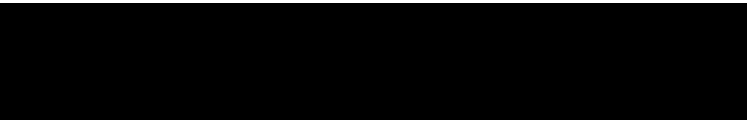
Papai estava bem quando Maddie morava aqui.

Continuo no andar de cima, me perguntando quanto tempo preciso ficar. Meu pai não está mais aqui, o que me faz odiar esta casa. A casa em que o deixei sozinho.

Não estou aqui de verdade. Não estou aqui de verdade. Tudo está bem porque não estou aqui de verdade.

O sol entra pela janela e tenho que proteger meus olhos antes de fechar as cortinas.

Vinte



É uma semana como qualquer outra apesar das circunstâncias tão extraordinárias, já que aparentemente — e é isso o que ninguém fala sobre o processo do luto — ainda tenho que viver.

Nia tem alguns trabalhos finais para entregar, algo que ela pode fazer online, então durante o dia fica pela sala de estar.

Na quarta-feira, ela faz panquecas e assistimos à tv. Nia abre o notebook para terminar um projeto e eu digo que preciso ir ao banheiro, mas acabo fechando a porta do meu quarto. Me deito na cama e assisto a uma série no celular. De tarde, já perdi a conta de quantos episódios eu vi. Nia me chama para almoçar, mas digo que ainda estou sem fome.

Minha mãe me liga.

— A funerária disse que precisamos ir lá preencher uns formulários.

— Ah, tudo bem.

— Não, vou fazer o irmão do seu pai ir lá quando chegar, já que Mabel ainda está em Gana tentando mudar a data do voo — diz ela. — Você é muito jovem. Já está enterrando seu pai e tem só vinte e cinco anos, isso não é responsabilidade sua. Vou garantir que o Freddie resolva. Não quero colocar esse peso nos seus ombros.

— Obrigada, mãe.

— É para isso que estou aqui, querida.

— Eu te amo.

— Também te amo, Maame.

Nia e eu saímos para caminhar pela Battersea Riverside enquanto Nia me conta sobre um de seus professores — para resumir, ela não gosta nem um pouco dele. Depois, falamos da escola; concordamos que nos sentimos nostálgicas, mas jamais voltaríamos no tempo.

Nia retorna ao notebook e eu tento ler, mas as palavras não significam nada e fico exausta só de tentar compreender, então me deito na cama até o jantar. Nia fez batata-doce e vegetais assados. Comemos juntas e começamos a ver uma série de suspense chamada *The Cabin Plan*. Assistimos a quatro episódios antes de ir dormir.

Na quinta-feira, Nia dorme até mais tarde e eu me sento no sofá, encarando o jardim. Procuro no meu celular pela última foto do meu pai. Quando não a encontro, entro em pânico porque é a única que tenho.

— Ai Deus, ai Deus, por favor não.

Passo por uma foto atrás da outra de prédios e comida. Por fim, encontro e a favorito para que seja mais fácil encontrá-la da próxima vez. Nela, James arrastou uma cadeira para a porta da frente para que papai pudesse se sentar lá fora. Fazia muito tempo que ele não tinha estado ao ar livre; eu diria meses, mas se pensasse bem, poderiam ser anos. É um pensamento aterrorizante, que até os maiores introvertidos teriam medo de imaginar.

— Pobrezinho.

Uma lágrima cai na tela e logo desliza. Meu pai está sorrindo na foto — um sorriso bem amplo. Mas ele está bem magro, quase raquítico.

— Todos os remédios — sussurro.

Mas está sorrindo. Fez xixi na calça, mas está sorrindo. As unhas dele precisam ser cortadas, mas está sorrindo.

Me pergunto no que está pensando e se está sentindo dor.

Confiro três vezes se a foto está na pasta de favoritos.

Digo a Nia que já tomei café da manhã. Leio enquanto ela estuda, mas não estou entendendo nada, então de vez em quando viro a página para parecer que li alguns capítulos.

Depois é hora do almoço e eu penso: já? *Você comia com essa regularidade antes?* Não consigo me lembrar.

Quando Nia volta para casa a fim de pegar um livro de que precisa, vou fazer xixi no andar de cima e acabo chorando no vaso sanitário, pedindo ao chão e ao espaço vazio ao meu redor para ter meu pai de volta.

Uma voz responde:

— Pra quê? Você nem estava por perto mesmo.

Shu me visita de tarde. Quando abro a porta, ela me encara com olhos escuros, me abraça e então ergue uma sacola de mercado.

— Comprei umas porcarias para a sua tristeza — diz.

— Você devia ser poeta.

— Suas colegas ainda estão viajando?

Faço que sim com a cabeça.

— Cadê a Nia?

— Foi buscar uns livros em casa.

Shu tira os sapatos quando entra.

— Tá sozinha? Não foi com ela?

Balanço a cabeça.

— Eu não queria ir. Não queria... falar com pessoas.

— Nem eu — diz Shu, indo para a cozinha. — Nunca.

Da sacola, ela tira um pote enorme de sopa, um pote de um quilo de Nutella, dois sacos de pipoca, um monte de flores coloridas, três barras grandes de chocolate e duas garrafas de cidra.

— Também encontrei... isto. — Por fim, tira duas garrafas de cerveja sem álcool Supermalt.

Sorrio e digo:

— Obrigada, Shu. — E procuro o abridor de garrafas, guardando as outras coisas na minha parte do armário.

— Como você tá, Mads?

— Bem, eu tô um caco — digo. — Tô parecendo um caco e tô cheirando como alguém que está um caco e não toma banho. E você?

Shu sorri.

— Então esse cheiro vem de você? — Ela relaxa a postura. — Sinto muito, Maddie, tipo pra caralho.

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

— Quem é? — pergunta Shu, apontando para o meu celular.
— Minha mãe.
— Ela está bem?
— Está ótima. — Jogo meu celular na mesa do jardim, com cuidado para não derramar nossas bebidas. — Sempre está.

Shu sinaliza que entende de um jeito muito esquisito.

— Quase esqueci, trouxe o que você pediu. — Ela pega dois baseados do bolso e me entrega um. — Fiquei meio surpresa, não vou mentir. Não sabia que você curtia.

— Não curto, na verdade — admito —, mas provei uma vez e lembro de me sentir... — Penso nos brownies daquela noite. — Foi legal.

Shu acende os baseados e eu puxo. Tusso duas vezes, mas bate mais rápido que os brownies, dando uma sensação de leveza, uma tranquilidade que eu estive desesperada para sentir.

Me recosto na cadeira, dou mais uma tragada e coloco a cabeça sob o sol.

— Você sabia que a licença funeral é de apenas um ou dois dias? — digo a ela. — As empresas não têm obrigação de dar mais tempo que isso.

Shu tira os óculos de sol do cabelo. São Ray-Bans. Lembro que ela ganha cinquenta mil libras no ano. Às vezes me esqueço disso porque Shu não gosta de gastar muito dinheiro agora que está economizando para a hipoteca.

Cinquenta mil libras por ano.

Ela é cinco meses mais nova que eu e ganha quase o dobro. Mas tem um diploma em administração. E daí? Eu tenho um em

literatura inglesa. Ler e analisar *Middlemarch* e *Ulysses* não foi nada fácil. Shu trabalha muito. Eu dificilmente estou na praia tomando Mai Tais. E o que é um Mai Tai, pra começo de conversa?

— Só dois dias? — repete Shu. — Vai tomar no cu.

— Né? Dá para imaginar uma mãe que perde um filho tendo que voltar ao trabalho na terça e ouvir um tal de Steve reclamar sem parar sobre o trânsito?

— O Steve que se foda. Quanto tempo a EOT te deu?

— Duas semanas — respondo. — Depois posso ir voltando aos poucos e trabalhar meio período até conseguir fazer o período integral, quando começar a me sentir melhor.

— Nunca vai melhorar completamente, Mads. Alguns dias só vão ser menos piores que outros.

Abaixo meus óculos sem marca e olho para ela.

— Nem começa — diz Shu.

— Você nunca fala da sua avó — digo baixinho. — Mas sei que a amava mais que qualquer pessoa.

— Não faz muito meu estilo — diz ela. — Entendo que tem gente que gosta de falar sobre essas coisas; minha irmã não cala a boca sobre isso e já faz três anos, mas eu não sou assim.

Deixo para lá.

— Vou mudar essa lei — anuncio. — O lance da licença funeral. É uma lei? Seja lá o que for. Vou mudar.

— Como?

— Me tornando primeira-ministra? Mesmo eu sendo uma mulher negra, filha de imigrantes de classe trabalhadora, que frequentou escola pública e não consiga votos. Talvez eu possa me casar com um homem rico que estudou em Eton e depois manipulá-lo, aí ganho a simpatia dos eleitores antes de assumir?

— Isso não foi o final da série *Politician, Corrupted*?

— Ah é, foi mesmo. — Dou de ombros. — Mas a esposa do advogado conseguiu se livrar das acusações de assassinato, então ainda vale a pena considerar como plano B.

— Mads, a esposa foi condenada à prisão perpétua e depois

teve um ataque cardíaco na cadeia.

— Plano C então. — Recosto minha cabeça e inspiro de novo.

— Você é cristã, Shu. Acredita em Deus o tempo todo?

— Sim, é claro. Preciso acreditar.

— Por quê?

— Porque — diz ela —, não posso viver acreditando que os seres humanos são a espécie mais avançada. — Então me encara.

— Somos péssimos.

O apartamento fica muito silencioso quando Shu vai embora. Estou sentada na sala de estar, encarando a tv e pensando em mandar uma mensagem pedindo para Nia se apressar. O silêncio se torna ensurdecedor. Cubro a minha boca com o suéter e grito.

Quando Nia volta horas depois, pergunta:

— Ficou tudo bem?

— Sim — respondo.

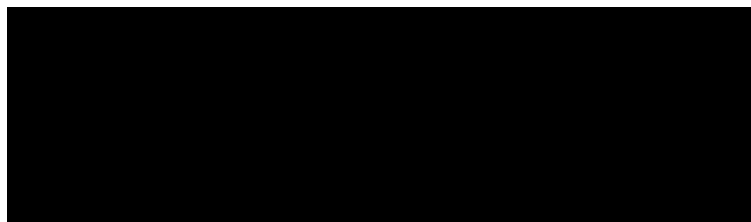
Ela me olha.

— Tem certeza?

Faço que sim com a cabeça e tento dar um sorriso autêntico.

— Sim, tenho certeza.

Fazemos uma breve caminhada até o supermercado. Lá, classificamos as barras de chocolate da loja; discordamos em muitas coisas, mas amamos chocolate branco. Em casa, fazemos omeletes para o jantar e terminamos a primeira temporada de *The Cabin Plan*.



Na sexta temos cereal para o café da manhã. Eu durmo até a hora do almoço, depois decido que não estou com fome ainda, então não como. Só chorei duas... três... quatro vezes desde que

meu pai morreu? Isso não é o suficiente. Ontem mesmo Nia me fez rir; esta manhã, olhei pela janela para mais um céu azul sem nuvens e pensei: *que dia lindo*.

Nia abre a porta e enfia a cabeça dentro do meu quarto.

— Venha, vamos ao Sainsbury, aquele grande.

Ergo a cabeça do travesseiro.

— É muito longe.

— Mas o dia tá bonito — diz ela, como se isso diminuísse a distância. — E estou com vontade de comer Twisters.

— O sorvete?

— Sim. Vamos comprar uma caixa.

— Tá, vou ver o horário do ônibus.

— É uma caminhada de vinte minutos.

Só de pensar, sinto meu corpo pesado.

— Estou muito cansada, Nia. Você não pode ir sozinha?

Ela apenas sorri.

— Quero que você venha comigo.

— Tá com medo de voltar e me encontrar pendurada no teto?

— *Agora* estou com medo.

— Não se preocupa. Não tenho energia pra isso.

— Bom saber — diz ela.

— Overdose é mais fácil.

Nia bate palmas duas vezes.

— Chega. Vamos.

Prendo meu cabelo para trás e visto um sutiã. Minhas meias não combinam, mas o mundo tem problemas maiores. Preciso proteger meus olhos quando saímos e começamos a caminhar.

— Por favor, saiba que você pode falar sobre o seu pai se quiser — diz Nia de repente. — Mas saiba também que não é uma obrigação.

— Não dá pra fazer os dois, então sobra... o silêncio?

— Só tô dizendo, sinta-se à vontade para dizer o que está sentindo *quando* sentir. Só agora que consigo falar sobre o meu

pai sem me sentir estranha.

— Mas faz dez anos!

Ela ri.

— Não me olha com essa cara, cada pessoa é diferente.

— Sabe, só agora parei pra pensar que era porque eu nunca tinha perguntado.

Nia dá de ombros.

— Se tivesse perguntado, eu teria trocado de assunto rapidinho.

— Eu queria ter ligado para o meu pai ou ido visitá-lo antes que ele morresse — confesso. A rua está bem vazia hoje e paramos em um sinal vermelho. — Era para eu ter estado lá naquela manhã, mas saí para beber na noite anterior, e eu nem bebo. Não queria sair naquela noite também, mas tomei essas duas decisões e a culpa está acabando comigo. Nunca sofri de um arrependimento irreversível antes, um arrependimento sem um lado positivo, e ele me faz querer bloquear qualquer barulho ou pensamento e me arrasta para baixo até que eu esteja cansada demais de não fazer nada além de tentar evitar como me sinto.

Atravessamos quando não há carro, em vez de esperar pelo sinal verde.

— Sei como é — diz Nia. — Alguns dias antes de o meu pai morrer, ele enviou para mim e minha irmã essa mensagem melosa. Falando sobre o quanto amava suas duas meninas. Foi tão aleatório, lembro de revirar os olhos e nem responder. Ainda não sei por que fiz isso. Acho que pensei que fosse vê-lo em breve ou sei lá o quê. Sempre vai haver algo para se arrepender ou se sentir culpado, porque ninguém é um filho perfeito.

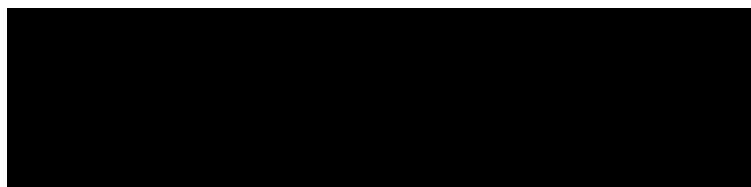
— E a perfeição é subjetiva.

— Exatamente. Então você pode achar que não é perfeita, mas talvez seu pai achasse que sim. — Nia engancha o braço no meu.

— E tenho certeza de que você o amava e fez tudo o que podia por ele quando estava em casa. Isso não vai te fazer se sentir melhor do nada, é óbvio, mas com o tempo você vai começar a acreditar nisso. Cesta ou carrinho?

— Quê? — Ergo o olhar e chegamos ao supermercado. — Carrinho. — Escolho um e procuro uma moeda de uma libra. — Vamos pegar suco de laranja também — digo. — Ah, não esqueça o Twisters.

Vinte e um



Mais tarde, me despeço de Nia na porta.

— Você sabe que...

— É só ligar que você vem — termino a frase. — Eu sei. Vou ficar bem.

Dou tchau e a observo caminhar e virar na esquina. Quando fecho a porta, respiro fundo. O corredor, que já é estreito, parece se esticar ao infinito. A pressão do silêncio enche meus ouvidos.

Ligo a tv e coloco uma comédia pastelão com risadas no fundo. Aumento o volume. Pego meu celular e rolo a linha do tempo. Quando confiro o relógio, só passou uma hora, quando eu esperava que tivessem passado várias. A tarde não termina e só posso preenchê-la com tv.

Quando meus olhos não aguentam mais a tela, pego meu livro, mas apesar de tentar, e juro por Deus que estou tentando, ou não consigo focar ou essa página inteira é a mesma linha repetida. Por fim, começa a anoitecer e meu coração acelera em antecipação.

Meu celular pisca com o lembrete do aniversário do presidente da empresa de Ben. *Ben*. Meu dedo paira sobre o botão de deletar. *Mas e se você fosse?* Ninguém lá, a não ser Ben, vai saber o que aconteceu. Vai ser como ir a outra cidade, onde a única impressão que alguém terá de você é aquela que escolher dar a

eles. Posso me divertir sem pesar esta noite. Ligo para Ben, mas ele não atende. Tudo bem, porque o endereço está salvo no convite do calendário.

Saio do chão.

A comemoração é em um dos muitos arranha-céus de vidro na Liverpool Street. Do lado de fora, há pilares de pedra decorativos e, do lado de dentro, dou de cara com uma ampla área de espera com flores, sofás e um aquário de parede cheio de peixes vivos.

— Uau — arfo.

A recepcionista sorri; ela é muito bonita, e me pergunto se eu poderia usar a mesma cor de batom com o meu tom de pele.

— Lindo, não é? — diz a recepcionista. — Setenta mil litros e quase mil peixes.

— Deve dar um trabalhão para manter.

A risada dela ecoa.

— Você está aqui para a festa, senhorita...

— Ah, srta. Wright. Madeleine Wright. Talvez só Maddie?

A mulher foca a tela.

— Infelizmente não... ah, sim, achei você. Por favor, use a última catraca à direita, só empurrar com força. Seguindo reto pelo corredor, à esquerda. Chegando lá, vai ouvir o barulho.

— Obrigada.

— Tenha uma boa noite, senhorita.

Sigo as instruções dela e entro em uma sala grande, mas não muito cheia. Tentar encontrar Ben é basicamente a versão preto e branco de *Onde está o Wally?*, só que Wally também está de preto e branco, então talvez não seja nada parecido. Sou a única pessoa negra, com exceção de alguns funcionários do buffet. Não sou a única pessoa não branca, mas... estico o pescoço e olho ao redor... Sim, definitivamente a única negra. Primeiro, penso: *Ainda? Nesta altura do campeonato?* Então penso: *Bem, não é a primeira vez.* Aconteceu no CGT. Acontece das nove às cinco no trabalho. Sei o que fazer, como não atrair atenção. Sei como

passar despercebida, embora meu subconsciente logo me lembre de que não devo me orgulhar disso. Passei toda a minha vida profissional em espaços predominantemente brancos. Como livreira, recepcionista, no teatro e agora na editora. Com o passar dos anos, meu primeiro instinto se tornou o de me encolher, garantir que não falo alto demais, apenas dar opinião sobre assuntos que domino. Ser uma grande leitora ajudou. Ter frequentado a universidade também.

Essa maneira de pensar é muito errada, Maddie.

Todo mundo fala sobre a importância de se destacar, mas nunca sobre os benefícios de pertencer.

Mas você não pertence a esse lugar.

Vejo Ben e meus dedos começam a formigar; *senti falta dele*. Quando seus olhos encontram os meus, sua expressão murcha; ele olha para a mulher ao seu lado e vem rápido até mim.

— Maddie, o que você está fazendo aqui?

— Você me convidou, lembra? — Balanço a cabeça até ele concordar. — Desculpe estar tão atrasada.

— Maddie, não achei que você fosse vir. Seu pai...

Um tilintar e alguém o chama: um homem em cima de um pódio do outro lado da sala.

— Ben — grita ele. — Discurso!

Os olhos de Ben estão agitados quando olha para mim.

— Tá, Maddie, fica aqui, prometa. Só fica aqui.

Ele vai até o palco e endireita o terno. Era para eu dizer que ele está bonito e então Ben responderia dizendo que eu estou linda. Era para ele dizer que está feliz em me ver. Meu cérebro está funcionando mais devagar que o normal, e sei que tem algo de errado, mas não consigo enxergar, embora esteja bem diante do meu nariz; de repente, penso nos dedos do meu pai... *tentando*.

— O que posso dizer sobre Eric Harrold? — Ben gesticula para um homem grisalho, que se vira para as pessoas e sorri. Elas aplaudem, o que parece meio exagerado para uma festa de aniversário. Pelo que entendi do que Ben tinha me dito, poucas pessoas gostam dele.

— Lembro de conhecer Eric quando eu tinha só oito anos — prossegue Ben. — Ele é o meu pai...

Enquanto o discurso continua, Ben me perde de vista e a mulher que antes estava ao lado dele se aproxima. O cabelo castanho dela vai até a cintura e seus olhos são de um azul inquietante sob uma massa escura de cílios. Ela tem preenchimento nos lábios; dá pra ver pelo contorno deles.

— Oi, eu sou a Sophie — diz a mulher baixinho.

— Maddie — sussurro de volta. Não quero arriscar atrapalhar o discurso de Ben, mas também quero perguntar por que o nome dela soa tão familiar.

— De onde você conhece o Ben? — pergunta ela.

Sua voz me faz estremecer e penso na palavra *melosa*.

— Ah, hã, ele é meu namorado. Faz um tempo que estamos namorando.

Ela tosse, surpresa, colocando a mão no peito.

— Tem certeza? — pergunta.

Me viro para ela, de testa franzida.

— Seria estranho se eu não tivesse certeza.

Sophie sorri e eu não gosto. Um alarme dispara no meu cérebro e eu pergunto:

— De onde você conhece o Ben?

— Também estamos namorando.

Abro a boca, mas nenhuma palavra sai.

Ela sorri de novo.

— Bem, acho que ainda não conversamos sobre namorar *sério* — diz —, mas presumi que era, porque conheci os pais dele no final de semana passado.

— No final de semana? — Hesito. — Então no... no sábado?

Ela faz que sim com a cabeça, franzindo a testa.

— Então ele dormiu comigo no domingo... — Estou piscando muito e sinto minha garganta apertada — ... depois de ter te apresentado aos pais no dia anterior?

— Você tá brincando. — Sophie me olha de cima a baixo e percebo pelo vestido apertado que ela tem um corpo violão. Me

pergunto quanta massa e sorvete ela come, se é que come. — Ou esse é o lance de vocês? — pergunta. — Estavam mesmo namorando?

— *Estavam?*

— Ou estavam só transando?

Não sei o que dizer e me sinto muito pequena. Eu devia ter outro par de saltos, bem mais altos.

Dou um passo para trás.

— Não... quero dizer, estamos namorando; nós namoramos e jantamos. Ele faz macarrão para mim.

Ela faz uma careta e vejo o contorno da maquiagem.

— Fomos ao cinema uma vez.

— Uma vez? Ah.

Fico furiosa quando percebo que ela me rebaixou de ameaça a um mero obstáculo.

— Suponho que vocês dois... fizeram mais que isso?

Há um silêncio ensurdecedor. O discurso parou bem no meio. Todos olham para Ben, que só olha para nós duas.

Eric pigarreia.

— Ben?

Ele pisca.

— Desculpe, onde é que eu estava? Sim, a fundação desta empresa... — Ben prossegue, mas continua a nos encarar.

— Sim — diz Sophie. — Mas além de conhecer a família dele, nada sério. Ele me apresentou a alguns amigos, saímos para jantar e caminhar no meio da noite. Ai, Deus. Ele te levou para andar de barco no canal também?

Eu apenas pisco e ela revira os olhos.

— E eu aqui pensando que era especial — diz.

Ela sabe que é.

— Agora estou furiosa por ter cedido e dormido com ele noite passada. — Sophie não parece furiosa. — Culpa minha. Minhas amigas vivem dizendo que não dá para confiar em um homem que quer “esperar até a gente se conhecer melhor”. Espero que você o faça pagar por isso. — Ela endireita a postura e levanta o

queixo. — Eu com certeza vou fazer. Sem ofensa, Maggie, mas eu não sou de dividir.

— Com licença.

Saio da sala com os ouvidos zumbindo. Minha visão está embaçada, então não consigo ver o caminho e em vez disso sigo por um longo corredor. Meu estômago dói e sinto um aperto no peito; preciso me deitar. Há um espaço escuro entre duas portas e eu desabo ali. É apertado, então me sento no chão com os joelhos contra o peito e fecho os olhos.

Ouço Ben passar por mim, chamando meu nome baixinho, e então:

— Soph, o que você disse para ela?

— Você estava namorando nós duas? — *Agora* ela parece furiosa. — Me diga que não era nada sério. Não achei que ela era o seu tipo.

— Agora não — diz Ben. — Preciso encontrá-la.

— Por quê? — pergunta Sophie. — É óbvio que ela foi embora. Pode ir vê-la amanhã, dizer que acabou, mas todo mundo naquela sala vai começar a achar estranho se a gente não voltar — Ela estala os dedos e estende a mão. Está usando unhas postiças tão longas que se enrolam na ponta. Ben hesita, mas por fim a aceita. De mãos dadas, eles se afastam.

Ouço Ben dizer: “Desculpa por isso” antes que as portas se fechem. Ele poderia estar falando com a sala ou com Sophie. Jamais vou saber.

Espero na escuridão um pouco mais antes de sair.

A recepcionista ainda está lá.

— Senhorita Wright, já está indo embora? Está tudo bem?

Pelo menos *ela* lembra meu nome.

Faço que sim com a cabeça, embora o rímel tenha secado nas minhas bochechas e eu esteja segurando meus saltos. As solas dos meus pés vão ficar incrustadas de sujeira, mas isso é o de menos esta semana. Saio pelas portas de vidro e observo a multidão entrar e sair da estação de trem antes de chamar um Uber.

Por sorte, o motorista não é tagarela, o que explica sua nota alta no aplicativo. Ele bate o olho em mim, diz: “Noite difícil, hein?”, e então aumenta o volume da música.

Sento com minha cabeça apoiada na janela, observo as luzes da cidade e os carros na rua e o povo de Londres, e choro em silêncio.

Vinte e dois

Querida Maddie,

Flores e um cartãozinho para que saiba o quanto estamos todos pensando em você e em sua família durante este período difícil. Fiquei muito triste em ouvir as notícias e lhe desejo muito amor enquanto se lembra de seu pai e aprende a viver com a perda.

Penny e a equipe da EOT, bjs

Ben não mandou mensagem naquela noite. Melhor assim. Me deitei na cama e repassei tudo o que aconteceu entre nós. Se eu estivesse vendo nosso relacionamento na tela, teria revirado os olhos para a Maddie na tv, a chamado de idiota e alegado que teria feito diferente, que era tão óbvio. Mas eu não tinha todas as informações. E será que era tão óbvio assim?

Adiciono isso à lista de coisas que a escola não nos ensina: como declarar o imposto de renda, como comprar imóveis e como saber se está sendo feita de trouxa.

Na manhã seguinte, um exagero de flores e presentes é entregue. Ficam na mesa de jantar, ocupando espaço como um chá da tarde esquecido em um jardim espalhafatoso, mas fico fora da cozinha o máximo possível a fim de evitar olhar para eles.

Sempre quis receber flores, e no fim das contas para isso meu pai só tinha que morrer e meu aparentemente tudo-menos-namorado precisava ser pego dormindo com outra pessoa.

Ser pego apaixonado por outra pessoa?

Conto a Shu e Nia o que aconteceu e as duas vêm até o

apartamento. É estranho vê-las juntas porque não são exatamente amigas. Só se conhecem por minha causa.

— Banho, por favor.

Faço o que Shu manda; escovo os dentes, lavo meu rosto e prendo o cabelo para cima. Quando termino, Nia trocou minhas roupas de cama e encheu a máquina de lavar. Shu esvaziou as lixeiras lotadas e jogou fora os chocolates que Ben enviou. Enquanto limpa o chão da cozinha, eu a observo. Ela cortou o cabelo; agora, está na altura da clavícula e é tão brilhante que fios grisalhos individuais brilham quando atingem a luz. Está usando seus muitos colares e adicionou um piercing na orelha à sua coleção. Está usando um suéter largo e shorts de academia. A extensão dos cílios dela é tamanha que, se visto bem de perto, estão apoiados nas bochechas ou quase tocando as sobrancelhas.

Eu a amo muito.

Nia trouxe mais comida e um monte de verduras e frutas. Nos sentamos na sala de estar e comemos no chão.

Shu estala a língua.

— Nunca fui com a cara dele, sabe.

— Você o conheceu? — pergunta Nia.

— Não, mas procurei no Facebook e a conta dele ainda estava ativa, o que é um sinal de alerta — explica Shu. — O Facebook só serve para stalkear, ou para manter contato com parentes distantes de fora do país. Ele nem é bonito — adiciona ela, comendo mais uma uva. — Olhos pequenos e lábios finos. Sabia que você ia acabar tendo dedo podre para homens.

— Talvez a Maddie esteja mais interessada em beleza interior? — sugere Nia.

— Duvido muito — diz Shu. — Ele claramente é um merda.

— Ela se vira para mim. — Ficou com esse cara porque ele é rico?

Levanto minha cabeça, que estava apoiada no ombro de Nia.

— Obrigada por basicamente me chamar de interesseira, Shu. Ela franze a testa.

— Não sei por que você tá tão ofendida. As interesseiras são as

maiores trabalhadoras da nossa nação; sabe quanto trabalho dá fingir se importar com um cara só por causa do dinheiro dele? Muito. As vadias são as heroínas não aclamadas da Inglaterra.

— Vamos deixar isso pra lá. Como você está se sentindo? — pergunta Nia. — Todo esse lance com o Ben veio na hora errada.

— Eu não o amava — admito —, não da forma como deveria e sei disso, mas amava me sentir amada e... desejada. Só não entendo como isso aconteceu.

— Não é culpa sua, Mads — diz Shu, olhando o celular mais de perto. — Acho que encontrei. Essa vadia? — Ela mostra o celular para mim e é uma foto de Sophie fazendo biquinho e usando outro vestido apertado. Na legenda, ela agradece a “meu amor” pelo bracelete brilhante em seu pulso. A imagem foi postada há dois dias.

— Sim, é ela mesma. — Encaro a foto e tento achar algum defeito, mas não importa se vou encontrar ou não. Ben ainda a escolheu. *Talvez ele te escolhesse se você usasse vestidos mais apertados...* — Como você a encontrou?

— Ela está marcada no Instagram dele — diz Shu, ampliando a imagem. — Ah, olha só. Preenchimento labial e bundão.

Nia faz *tsctsc* com a boca.

— Típico.

Olho de uma para a outra.

— O que eu perdi?

Nia continua a acariciar meu cabelo.

— O Ben faz o perfil de um certo tipo de homem — diz ela gentilmente.

— Ele gosta das suas características, só não em você — diz Shu sem rodeios. — Agora que estou olhando de perto, ele tem aquela vibe de racista.

Dou um pulo.

— Racista? Isso é um pouco forte. Ben não é... ele não me odeia.

— Maddie. — Nia me olha com pena. — Uma pessoa branca pode namorar uma pessoa negra e ainda assim ser racista.

— Porque essa merda tem camadas. Tipo uma lasanha. — Franzo a testa, mas Shu continua: — Me escuta. Por cima, tem aquela primeira camada de queijo, que são os sinais mais claros. Discurso de ódio, olhares atravessados e violência. Coisas óbvias que não dá pra ignorar. Mas todas as camadas por baixo, aquelas que são mais difíceis de ver, microagressões e preconceito inconsciente? Dar à namorada branca joias, levá-la a passeios de barco e encontros com a família, mas só cozinhar macarrão caseiro para a namorada negra? Racismo, querida.

Ainda não estou totalmente convencida — talvez Ben seja uma má pessoa com todas as mulheres —, mas então Nia diz:

— Sei que pode parecer coisa pouca para categorizar dessa forma, mas a simples noção de que a garota branca com quem ele está saindo vale o investimento sugere que você vale menos que ela, e isso não é verdade. Você vale tanto quanto, está me ouvindo? Você não é o problema.

Olho para Nia e pergunto baixinho:

— Não sou?

— Não é — responde ela, sem hesitar. — Maddie, você vai aprender que nem todo mundo é capaz de namorar uma mulher negra. Não que...

Shu tossa.

— Ou uma mulher asiática — complementa Nia, e Shu concorda com a cabeça. — Não que os homens que namoram mulheres não brancas sejam de alguma forma superiores, mas é preciso certo nível de disposição e empatia. O cara não namora só a mulher, mas a história dela também. Tem muita coisa acontecendo e ficando às claras para você continuar achando que o amor supera tudo. Ele estuda, acompanha as notícias, se posiciona em situações desconfortáveis? Questiona um sistema que funciona muito bem para ele, mas faz o oposto por você? Ele não precisa pegar um megafone, mas precisa tomar alguma atitude. Você não quer um namorado que não seja racista, Maddie. E sim precisa de um namorado que seja ativamente antirracista.

“É provável que Ben nem saiba que está projetando essas microagressões”, continua Nia. “Ei, gosto de transar com uma garota negra, então, tipo, não posso ser racista!” Na cabeça de Ben, ele escolheu Sophie porque a conhece há mais tempo ou talvez os dois atuem em áreas similares, sei lá, mas tipo, um homem que claramente só circula em um certo ambiente talvez ache que contar aos pais ou ‘explicar’ você aos amigos dê trabalho demais.”

Trabalho demais. A simples ideia de que isso tudo pode ser verdade parte o meu coração. Por que ele não me levou para jantar ou para passear de barco? Por que não me apresentou a ninguém? Eu tinha sido mesmo convidada ou Ben pretendia levar Sophie o tempo todo? Fico buscando justificativas. Talvez ela seja uma grande fã de filmes da Marvel, talvez ame comer macarrão e assistir a documentários sobre a vida selvagem; eu só a encontrei uma vez então talvez em noventa e nove por cento do tempo Sophie seja muito, muito legal. Mas também sei que todas essas coisas e desculpas não explicam o nítido tratamento preferencial.

Penso nos macarrons, e nos beliscões na coxa, e no contato visual, e na minha submissão. Não consigo imaginar Sophie passando pela mesma coisa. De novo, eu não a conheço, mas suponho que ela teria dito algo como “macarrons às oito da manhã? Cai fora, Ben”.

Ele sequer teria tentado fazer isso com ela, mas sabia que poderia tentar comigo.

Percebo que só quero arranjar desculpas porque realmente tentei fazer dar certo com Ben e pouca coisa dói mais do que ser considerada indigna do esforço.

— Odiei transar com ele — confesso —, mas transei mesmo assim.

Nia congela e Shu diz:

— Vou matar esse cara.

— Maddie — diz Nia. — Ele te *obrigou*?

— Não! — Me afasto dela. — Eu... não estava a fim de verdade,

mas também não disse não. Tipo, eu gostava de ser desejada. Pensei que significava algo, que... que talvez ele me amasse.

— Usar você pra sexo não é amor, Maddie — diz Nia gentilmente. — E aguentar isso também não é sinônimo de ser amada.

Me sinto boba por perguntar, mas pergunto mesmo assim:

— Como é ser amada?

— É a melhor coisa do mundo? — propõe Nia.

— Ela não é uma criança de sete anos — diz Shu. — Nem sempre se trata da sensação, Mads, porque às vezes é difícil definir. É mais sobre o que o amor é. Amor é confiança, comprometimento, empatia e respeito. Significa se importar de verdade com a outra pessoa.

Nia concorda com a cabeça.

— Como vocês sabem tudo isso?

Nia e Shu se entreolham, e então respondem juntas:

— Prática.

— Eu queria saber disso antes de conhecer Ben.

— Não dá pra ser poupada de certas coisas — diz Nia. — Algumas lições precisam ser aprendidas.

— E você não se abre muito — diz Shu —, sobre nada. Meio que mantém as coisas para si. Mas agora isso vai mudar, então vamos discutir os próximos passos. Acho que você devia comprar o livro *O Alquimista*.

— Eu já li esse...

— Não é para ler — explica Shu. — Vamos usá-lo para botar fogo na casa do Ben. — Ela faz uma pausa dramática. — Brincadeira.

— Tenho quase certeza de que isso é crime — digo a ela.

— Só é crime se você for pega. — Shu me dá as costas. — Você ainda tem o endereço dele, né?

Antes que eu responda, alguém toca a campainha, e enquanto Shu vai atender, Nia me oferece uma garfada de espinafre.

Viro a cabeça para longe.

— Comer salada no café da manhã é muito esquisito.

Ela ri e diz:

— Para de ser criança. — E enfia o garfo na minha boca.

— Ei, Mads — grita Shu do corredor. — É o cara que te comeu, mas não quis te assumir. Devo chutar a bunda dele?

Corro até a porta, que está escancarada.

— Shu, os vizinhos.

— O filho da puta tá aqui — diz ela.

— Por favor, me chame de Ben. — Ele tenta sorrir, mas talvez tivesse mais sorte com Nia. Shu faz uma careta. Ben olha para mim. — Ah, você mudou o cabelo.

— Sim, ela é negra — diz Shu. — Ela muda de cabelo o tempo todo. O que você quer?

Ele se encolhe.

— Podemos conversar, Maddie?

Penso no que Shu disse sobre os lábios e olhos de Ben, e de repente não consigo enxergar o que exatamente achei atraente nele para começo de conversa. Seu rosto é muito longo, até meio fantasmagórico na luz errada.

— O nome dela é Madeleine — diz Shu. — Vocês não têm mais essa intimidade.

— Shu, tá tudo bem. — Respondo que sim com a cabeça para Ben. Vamos para a cozinha e ele fecha a porta.

— Ela é bem assustadora — diz ele. — Achei que fosse diferente pelo que você me contou.

— Shu só é grossa com quem ela não vai com a cara.

Ben lança um olhar triste para a mesa, para as caixas não abertas e flores morrendo. As que Penny enviou estão ótimas, os caules na água ao lado da janela.

— Você gostou dos chocolates, pelo menos?

— Shu adorou.

— Ah.

Cruzo os braços.

— O que é que você ainda quer me dizer, Ben? Depois de tudo o que aconteceu?

— Sei que não há mais volta — diz ele —, mas preciso me

desculpar por...

— Ser pego no flagra?

Ben se encolhe de novo.

— Sinto muito, Maddie. Gosto tanto de você, você não faz ideia.

— Ben, você está aqui pra pedir desculpas e ir embora ou pra se desculpar e pedir uma segunda chance?

Ele desvia o olhar.

— Não esperava que você fosse me perdoar, é claro.

— Porque a gente não era para durar, né? — pergunto a ele. — O objetivo era ficar com a Sophie.

— Não era para durar é... Maddie, eu adorei nosso tempo juntos...

— A gente só jantou e transou.

— Mas somos muito diferen...

— Eu nem curti transar com você.

Ben murcha.

— Porra, Maddie, isso é golpe baixo.

— Desculpa. Na verdade, não, não me desculpo, mas acho que dá pra reformular. Eu sentia muita dor quando a gente transava, e eu devia ter te contado, mas também, talvez você percebesse se tivesse colocado tanto esforço em me dar prazer quanto colocou em levar a Sophie pra sair. — Faço uma pausa antes de adicionar: — Eu também teria gostado de jantar fora e passear de barco, e descobri que você é um babaca por achar que só uma de nós duas valia o investimento, ainda que agora esteja bem claro o motivo de você ter feito isso.

Ele joga as mãos para o alto.

— Ah não, Maddie! Nem começa com essa besteira. Acha mesmo que sou esse tipo de pessoa?

— Com certeza, porque se eu sou tão incrível e você *adorou* nosso tempo juntos, como a gente veio parar aqui? Por que está se livrando de mim e não de Sophie? Ela nem come macarrão, come? Aposto que odeia sorvete também.

— Ela tem dentes sensíveis. — Ben logo percebe que é uma

resposta idiota e começa a massagear a testa.

— Ben, só é “besteira” para quem não leva a sério. — Empino meu nariz. — Agora, por favor, cai fora da minha casa.

Ele hesita.

— Eu *realmente* sinto muito, sabe.

Quando Ben se vira para ir embora, digo:

— Você sabia que comecei a tomar pílula aos dezesseis anos porque tinha cólicas muito fortes?

— O quê?

— Pensei muito sobre o tempo que passamos juntos, e quando te contei que comecei a tomar pílula nessa idade, qual você achou que era o motivo?

— Pensei o que qualquer pessoa pensaria, Maddie. Pensei... — Ele não termina a frase e eu concordo com a cabeça.

— Foi por isso que você disse “saquei” depois da nossa primeira vez — digo. — Pensou que eu tinha mentido sobre a minha virgindade.

Ben suspira.

— Maddie, me desculpa. Não sei mais o que dizer.

Concordo com a cabeça de novo.

— Só vai embora.

— Que babaca — diz Shu quando Ben vai embora.

— Deu pra ouvir a conversa?

Ela nega com a cabeça.

— Só tô dizendo um fato.

— É *mesmo* um fato. Ele também é um... um completo...

— Vai lá, diz como você se sente — encoraja Nia.

— Um...

— Bota pra fora, Mads.

— Pulha!

— Quê?

— Significa canalha — explico. — Um cretino.

Shu revira os olhos.

— Em que século?

Nia dá um passo à frente.

— Você quer que eu fique de novo?

— Vai te atraparlar? Jo e Cam voltam amanhã, então é só por uma noite.

— Claro que não vai me atraparlar — diz ela.

Tenho uma consulta marcada no dentista para esta tarde, o que, considerando as circunstâncias atuais, parece algo muito sem graça. Quando recebo o lembrete, acho que é brincadeira, só que não é, e cancelar apenas algumas horas antes me faria pagar uma multa que não está no orçamento deste mês.

Estou pensando qual linha do trem vai me deixar mais perto do dentista quando meu coração começa a bater muito rápido, fico enjoada e, de repente, estou tonta. Tiro minha blusa para respirar melhor. Acabo de quatro respirando com dificuldade. Talvez eu desmaie. Acho que vou morrer. Não quero que Nia me encontre morta e com os peitos de fora. O que as pessoas vão pensar sobre um pai e uma filha morrendo com uma semana de diferença? Vão pensar que tínhamos algum tipo de pacto macabro.

Tento me levantar, mas ainda estou tremendo, então fico de quatro mais um pouco. Meu coração está batendo tão forte — batidas curtas, rápidas e aceleradas. O suor escorre pelas minhas costas e sinto dor de barriga, então preciso correr para a privada. Enquanto estou sentada fazendo cocô, tento não hiperventilar.

Ouçõ Nia no telefone lá embaixo.

— É o Jem no canto? — diz ela. Deve estar fazendo uma chamada de vídeo.

— É, ele veio depois do trabalho. — Com a mãe dela.

No fundo, o padrasto de Nia diz:

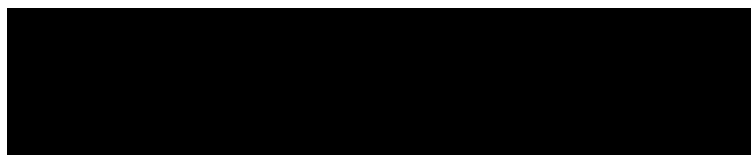
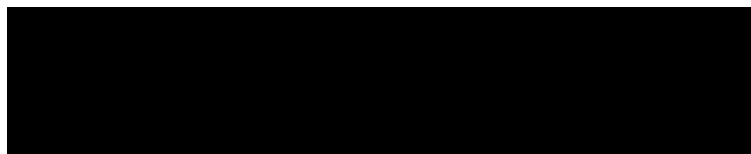
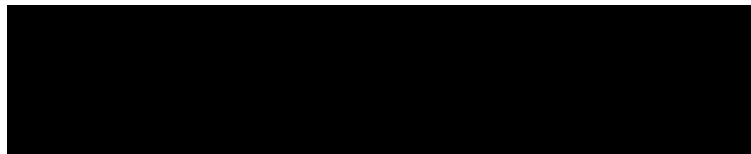
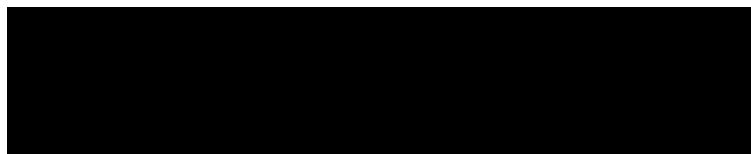
— Larga isso, Zach. — Zach é o sobrinho de Nia. Típica conversa de família. Eles estão planejando fazer um churrasco, já que o tempo está tão bom.

Fecho meus olhos e, alguns minutos depois, voltei ao normal.

Isso foi um ataque de pânico?

Balanço a cabeça. Eu não sofro de ataques de pânico.

Me visto e espero o próximo trem.



No dia seguinte, Nia diz:

— Vamos andar de bicicleta.

— Acabei de chegar.

— Ah é?

— Você me viu levando o lixo para fora.

Ela revira os olhos.

— A bicicleta debaixo da escada é sua ou das suas colegas?

— É da Cam, mas uma vez ela disse que eu posso usar numa boa.

— Tá, então pega aquela que eu pego uma das bicicletas da cidade; tem uma estação delas na esquina. Vamos.

Está fazendo trinta e dois graus, mas no sol parece mais trinta e oito. Coloco um top e nós saímos. Faz meses que não ando de bicicleta, e a de Cam é pesada, e meus braços doem, mas gostei

de tirá-la do cantinho e conduzi-la pelo corredor estreito.

Pedalamos pela margem do rio sem nenhum destino em mente. A cada curva ou cruzamento, decidimos seguir em frente sem trocar uma palavra. Não há ninguém na ciclovia, mas o Battersea Park está cheio de pessoas ouvindo música, fazendo piqueniques, passeando com os cachorros, e passamos por barraquinhas de comida, bares ao ar livre e marinas para barcos, sempre pedalando ao longo do rio até não podermos mais e só haver asfalto.

No começo, não seguro o guidão com muita firmeza e preciso me concentrar para não atropelar pessoas e manobrar por espaços apertados, viradas súbitas e ladeiras, mas há algo libertador nisso, que não é oferecido em caminhos retos. Quando decidimos voltar depois de pedalar por uma hora, Nia aponta para uma loja.

— Vamos tomar sorvete?

— Mas temos sorvete em casa.

Ela dá risada.

— Tá bom, mãe.

Pedalamos para casa; Nia está queimada de sol e eu me sinto enjoada. Ela corta fatias de melancia para a gente e comemos perto da pia.

Depois disso, estou exausta; meus músculos doem e não consigo evitar me inclinar à frente enquanto caminho, como se lutasse contra a gravidade. Na hora do jantar, dou uma olhada nas sobras: macarrão com queijo e um pedaço de frango, com sorvete de sobremesa. Sentamos no sofá e voltamos a assistir *The Cabin Plan*.

Sinto meu corpo pesado quando me arrasto até o chuveiro e, quando saio, meu quarto está bem quente. Me lembro do ataque de pânico.

cindyko: Oi gente. Então, algumas horas atrás, do nada, eu caí. Não desmaiei, mas não conseguia respirar e estava suando um monte e meu peito doía bastante. Passou depois de uns minutos e não aconteceu de novo, mas desde então estou me sentindo muito cansada. Isso já aconteceu com alguém? É sério ou não é nada demais?

jonah91: A mesma coisa aconteceu comigo e fiquei bem depois de uma boa noite de sono. Provavelmente é alguma coisa que você comeu. Beba um pouco de água, toma paracetamol e vai dormir. Vai acordar melhor de manhã!

genevieve mac: Uma vez tive sintomas parecidos, 24 horas depois eu estava no pronto-socorro com o médico me dizendo que eu quase morri.

Então, deu pra entender que é por minha conta e risco.

Antes de me deitar, ajoelho ao lado da cama e fecho os olhos.

— Deus — digo —, por favor, não me deixe morrer. Não acho que minha mãe aguentaria. Por favor, se lembre de todas as vezes que fui à igreja mesmo querendo não ir. Amém.

Vinte e três

Jo e Cam estão de volta.

Preciso pedir desculpas para Jo, e realmente preciso articular as palavras desta vez. Mesmo assim, uma parte de mim esperava que elas voltassem e Jo agisse como se nada tivesse acontecido, mas quando ouço o barulho da porta, já sei que ignorar o assunto não é uma opção. Respiro fundo. Quanto antes eu fizer isso, mais cedo vai estar resolvido.

Entro na cozinha e elas param de conversar. Aconteceu bastante coisa na minha vida desde que viajaram, mas o bronzeado na pele delas é tudo que vejo de diferente nas duas.

— Oi — digo. — Bem-vindas de volta.

Jo vai cuidar das malas, mas Cam me abraça e pergunta:

— Como você está?

— Bem — respondo. — Melhor do que estava quando... você sabe.

Cam concorda com a cabeça.

Jo diz:

— Hummm.

— Quero pedir desculpas, Jo.

Ela me encara, surpresa.

— As coisas que eu falei pra você — continuo — foram desnecessárias e claramente injustas. Não falei sério e sinto muito.

Jo empina o nariz.

— Você estava em choque, então vamos esquecer o que aconteceu e seguir em frente.

— Ótimo — digo. — Obrigada.

Não dá pra dizer que seguimos em frente. Jo e eu não conversamos muito depois disso e no geral só deixamos uma à outra desconfortável. Interagimos quando é preciso, principalmente no grupo de mensagens, e nos cumprimentamos com sorrisos tímidos ao nos encontrar na cozinha. Cam e Jo passam tempo juntas na sala de estar quase toda noite. Cam me convidou para assistir a um filme com elas uma noite e eu aceitei, achando que poderia ajudar. O clima foi tenso o tempo todo. Elas estavam conversando sobre Florença antes de me ouvirem descendo a escada e pararam de falar depois disso. Agora, fico escutando do lado de fora do meu quarto para evitá-las na cozinha ou a caminho do banheiro. Jo deve fazer o mesmo porque raramente nos esbarramos, o que significa que passo muito tempo sozinha no meu quarto. Não é tão ruim assim.

Me sinto só, mas não é tão ruim assim.

De tarde, estou a caminho de uma cerimônia ganense tradicional sobre a qual eu nunca ouvi falar antes até minha mãe mencioná-la noite passada.

Nas duas semanas após o falecimento de alguém, os parentes visitam a casa do falecido para fazer uma cerimônia de libação. Aparentemente, acreditamos que durante esse tempo a alma da pessoa que morreu ainda está por perto, chamando os espíritos dos membros da família que já faleceram, nesse caso, os pais e a irmã mais velha do meu pai. Servimos um copo de bebida forte no chão do lado de fora da casa como uma maneira de convidá-los a entrar, para que possamos informá-los de que meu pai também fez a passagem.

Me lembro vagamente da irmã de meu pai, tia Rebecca; devo tê-la conhecido em Gana porque a associo com terra e poeira vermelha. Ela tinha marcas tribais profundas na bochecha direita ou nas duas e usava um turbante Kente que combinava com o tecido amarrado ao redor da cintura para formar uma saia. Isso é tudo que me lembro dela.

Esse é o lance sobre parentes distantes que você mal conhece; eles são como o gato de Schrödinger — a pessoa pode estar viva ou morta, mas em geral isso é meio irrelevante para você.

James está aqui com o irmão de meu pai, Freddie, e a esposa dele, tia Felicity — eles chegaram ontem, mas tia Mabel ainda está em Gana. Ela deixou Londres logo antes da morte do meu pai e tem tentado remarcar o voo de volta. O filho dela, David, que é retinto, magro e anda de forma estranha, veio em nome dela; ele parece familiar, embora definitivamente não tenha visitado meu pai desde que ele adoeceu. Os outros que compareceram são o pastor de minha mãe, junto com um casal da igreja dela cujos nomes não consegui guardar.

Tio Freddie coloca a bebida no chão e completa com água. Estou atrasada, chegando no meio da cerimônia, e ele está falando em fante, que, quando pronunciado rápido demais, é bem difícil de acompanhar. Preciso de um momento para traduzir uma palavra, mas no instante seguinte já tenho que traduzir outra.

Voltando para dentro de casa, ele se aproxima e aperta minha mão gentilmente. Não consigo me lembrar da última vez que o vi. Faz talvez seis anos? Ele não gosta de viajar e Gana sempre será sua casa. Tio Freddie precisa se inclinar à frente quando caminha, então acabamos tendo a mesma altura; ele usa uma boina de couro desgastada.

Por um instante, me pergunto se é mais difícil perder um pai ou um irmão.

Em fante, ele diz:

— Sinto muito pela morte do seu pai.

Em inglês, respondo:

— Obrigada. Sinto muito pela morte do seu irmão.

— Humm — diz ele, mas percebo algo diferente na tristeza do meu tio. Ele parece já ter aceitado o fato. Há algo nos olhos baixos, no peso em suas costas, na tristeza de seu sorriso que me diz: *este é o seu tio Freddie agora*. Ele já foi mudado pelo luto, não de uma maneira drástica, mas nítida. Será que Nia, Shu, Jo ou

Cam perceberam alguma coisa parecida em mim?

Ainda sou a Maddie. Só com um vazio maior no peito.

— Muito bem. — Tio Freddie solta minha mão. — Compre alguma coisa legal para você. — Ele coloca uma moeda de uma libra na minha palma e sorri.

— Uau. — Sorrio de volta. — Obrigada. Enfim posso largar meu emprego de limpadora de chaminés.

Ele solta uma gargalhada; não acho que entendeu a piada e isso só faz eu amá-lo mais.

Olho para a moeda e de repente estou de novo no meu uniforme do ensino fundamental. Uma vez eu roubei dez libras da carteira do meu pai enquanto ele estava no chuveiro. Comprei para mim e meus amigos muito chocolate da lojinha da esquina — era barato na época. O caixa me deu apenas uma única libra de troco por um pesado saco com listras brancas e azuis. Eu me lembro de ficar impressionada que, na época em que barras de chocolate custavam trinta e nove centavos e latas de refrigerante, quarenta e cinco centavos, eu tinha conseguido alcançar um número inteiro.

De alguma forma, meu pai soube que eu tinha pegado o dinheiro e quando voltou para casa do trabalho naquela noite, não disse nada, só... ignorou a minha presença. As coisas voltaram ao normal na manhã seguinte e nenhum de nós tocou no assunto, mas de vez em quando penso nisso. Percebo agora que nunca mais pedi dinheiro ao meu pai, comecei a esperar que ele me oferecesse.

No corredor, minha mãe me cumprimenta com um abraço. A procissão entra na sala de estar, mas paro antes da porta, deixando que minha mãe me alcance.

— Maddie? — pergunta ela.

Não respondo e entro na sala. A poltrona do meu pai sumiu. Tudo que costumava ficar no aparador no canto, papéis, sacolas e a medicação dele, também sumiu. Em cima, há uma variedade de aperitivos; minha mãe assou biscoitos e fez bolinhos de chuva ganenses, colocando-os em saquinhos individuais para a viagem.

Há bebidas em lata, água em garrafa e um fardo de cerveja Carlsberg.

Me lembro dessa cerveja por conta da nossa primeira casa, em Battersea.

Eu tinha onze, talvez doze anos, e abri a geladeira para beber alguma coisa. Reparei na cerveja aberta do meu pai ao lado do leite e a peguei. Meu pai, perto do fogão, ficou olhando por sobre o ombro enquanto eu dava um gole. Ele ia me dar uma bronca, mas antes que pudesse fazer isso, eu cuspi tudo na pia. Meu pai riu.

— Agora você sabe qual o gosto. Não desperdice minha cerveja de novo, tá?

Esfrego meus olhos com força porque nunca tinha me lembrado disso, até agora.

Quando estamos todos reunidos na sala, fazemos um círculo para recontar a história de como descobrimos que meu pai tinha morrido. James e tia Mabel (que participa via chamada de vídeo) tinham ligado para o meu pai de manhã para desejar feliz aniversário, sabendo que não o visitariam. Há uma conexão entre os dois por isso e sinto ciúme misturado com raiva. Tia Mabel eu entendo, mas por que James recebeu a oportunidade de conversar com meu pai antes que ele morresse e eu não?

— Ele parecia bem — diz tia Mabel, os lábios curvados para baixo. — Um pouco aéreo, um pouco lento e cansado, mas às vezes ele ficava assim. Como íamos saber? Como ele parecia estar para você, Baaba?

Meu coração pula e abro minha boca até que ela fique seca. É uma pergunta inocente, sei que é, porque é claro que eu estaria com meu pai no aniversário dele. Se tivéssemos apostado dinheiro em quem estaria a seu lado quando ele morresse, até eu teria apostado em mim. Sinto meus olhos arderem e minha mãe coloca a mão no meu joelho.

— Maddie estava em casa quando dei a notícia — diz ela. — O

plano era estar aqui com o pai no aniversário dele.

Tia Mabel dá uma risadinha com uma pena carinhosa, mas eu não mereço.

— De fato, foi um dia triste — conclui ela.

Eles deviam saber que havia algo de errado com ele. Pisco com força diante desse pensamento acusatório. Mas ninguém parece bem num instante e morre horas depois. Você teria percebido, não é? Belisco meu braço até marcar a pele. Você teria estranhado e ligado para o médico, como sempre fazia.

Abaixo a cabeça e choro em silêncio.

Em seguida, falamos dos custos do funeral, mas estamos longe de chegar a um consenso. Meu tio diz que tinha dinheiro guardado em Gana, mas de alguma forma, devido ou à economia ou a membros pouco confiáveis da família — meu entendimento de fante está pior do que pensei —, agora não tem mais. Olho para James e ele parece estar entendendo a conversa melhor do que eu. Talvez o fato de ser três anos mais velho do que eu tenha lhe dado mais tempo para aprender. A questão (e todos concordamos nisso) é que precisamos de dinheiro, mas estamos falidos. Todo mundo promete ajudar como puder, mas o que isso significa é deixado em aberto.

Quando todo mundo começa a ir embora, pego o que sobrou na sala de estar e levo para a pia da cozinha. Um homem (o marido do casal cujo nome eu ainda não sei) aparece ao meu lado. Sorrio educadamente, esperando que ele tenha errado o caminho do banheiro.

— Você não se lembra de mim, não é?

Ele é um homem gordo, com uma barriga redonda e uma cabeça que lembra uma bola de futebol.

— Desculpe, não.

— Sou seu tio Kojo — diz o homem. — Era amigo do seu pai, anos atrás.

E por onde andou desde então?

— Da última vez que te vi, você era bem pequetita — diz ele.
— Criança. Talvez uns dez anos?

— Ah. — Não sei como reagir a essa revelação. Faz um bom tempo desde que eu era “pequetita”. — Bem, bom te ver de novo.

— Você não se lembra de mim mesmo?

— Já faz quinze anos.

Ele concorda com a cabeça.

— Claro. Meus pêsames.

Minha mão pinga sabão quando digo:

— Obrigada.

O homem balança a cabeça de novo.

Me volto para a pia.

— Sinto muito por sua perda, mas você vai vê-lo de novo, sabe?

Suspiro.

— Sim.

— Não chore demais, tá bom?

— Tá.

— A tristeza é apenas uma oportunidade de renovar sua confiança e fé em Deus, sabe?

Eu o encaro. Os cantos dos seus olhos se enrugam sem que ele sorria e dá para ver fios grisalhos dentro de seu nariz. Não conheço este homem. Ele não manteve contato, então é claro que eu não o conheço. Me dou conta de que as designações “tia” e “tio” perderam todo o significado. Qualquer um na rua pode me dizer que é minha tia/meu tio de anos atrás e ficar pessoalmente decepcionado por eu não me lembrar da pessoa, que eu mesmo assim receberia bem na minha casa.

— Vou te deixar sozinha agora — diz o homem.

— Está bem. Bom te ver.

Tio Kojo. Provavelmente não o verei de novo.

No entanto, um rosto familiar que não tinha certeza se veria de novo aparece dez minutos depois.

— Madeleine-y!

Me viro e lá está Dawoud, com todos os seus um metro e oitenta, bloqueando a porta. Está usando calças pretas, uma camiseta e uma jaqueta corta-vento caramelo. Eu quase me esqueci de Dawoud, o que é bem ingrato da minha parte. Minha mãe deve tê-lo convidado. Estou feliz que ela tenha feito isso.

— Como você está? — Ele me puxa para um abraço rápido, algo que nunca fez antes, sua mão enorme me dando um tapinha nas costas. Minha primeira reação é ficar tensa — um homem mais velho que eu não conheço de verdade deveria ficar me abraçando? Mas o cheiro dele, fumaça de cigarro e sabão bem de leve, por um instante me faz pensar que meu pai ainda está vivo.

— Desculpa eu não ter aparecido — diz Dawoud, me soltando.

— Tenho outros pacientes, sabe como é.

— Claro.

Ele balança a cabeça e diz de repente:

— Sinto falta do seu pai.

Isso me surpreende, e quase pergunto se ele sequer conhecia meu pai.

— Meus outros pacientes — continua Dawoud — não gostam de conversar comigo.

Franzo a testa, pensando no meu pai, cansado e quieto em sua poltrona.

— Conversar?

— Sim. Seu pai sempre conversava comigo.

Aperto a minha blusa na barriga, onde a dor começa.

— Sério?

— Ah, sim. — E Dawoud dá um sorriso. — Eu sempre começava a falar e ele se animava, daí ficávamos conversando. Eu contava sobre meu dia, minha família em casa, minha casa de verdade, sabe.

Faço que sim com a cabeça, querendo ouvir mais. Quero ter certeza de que o homem de quem ele fala é mesmo meu pai.

— Contava sobre o meu trabalho — continua Dawoud —, lia o jornal para ele, e então ele me contava sobre seu antigo lar.

Kumasi.

Ai meu...

— A família dele, a irmã, hã, Becca?

— Rebecca, sim.

— E você!

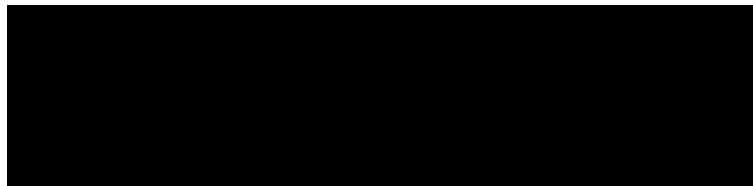
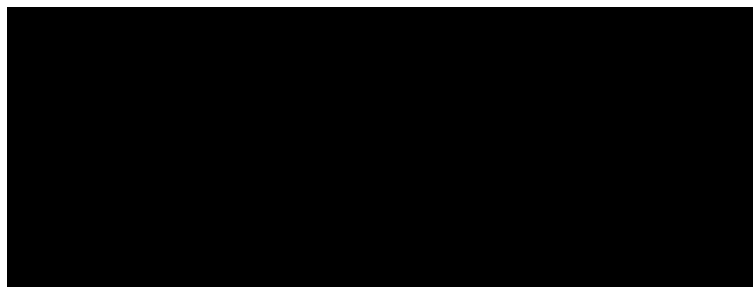
— Eu?

— *Rá!* É claro. Você, Madeleine-y! Sempre você — diz ele. — Você na escola, tirando boas notas, você vindo para casa e lendo. Não dava trabalho para ele. Criança tranquila. Uma filha muito, muito boa. Sim, ele sempre falava de você. Ah, por que está chorando? — Dawoud franze a testa, arranca um pedaço de papel-toalha e me entrega. Está franzindo a testa porque acha que sei de tudo isso, mas eu não sei. Acha que meu pai e eu sempre conversávamos, mas isso era bem raro. Dawoud acha que eu me sentava e esperava que meu pai se animasse, mas eu não fazia isso, porque ele sempre tinha sido tão quieto e aéreo antes da doença que nunca me ocorreu que esse aspecto da personalidade dele poderia ter mudado. Não pensei em conferir. Pensei que meu pai fosse como eu, que não precisávamos de ninguém. Minha mãe e James eram as pessoas extrovertidas, e nós éramos os introvertidos.

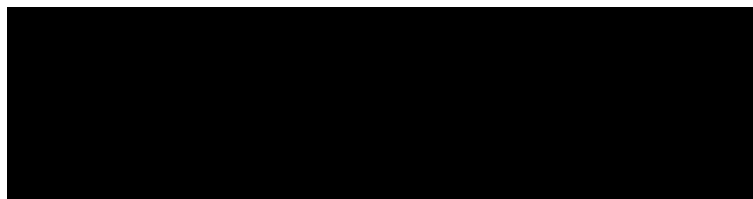
E se eu estive errada esse tempo todo?

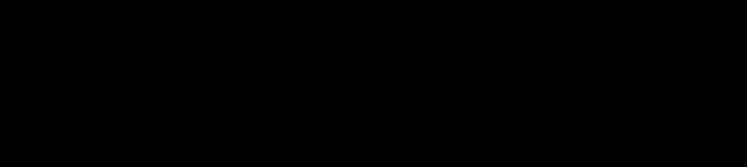
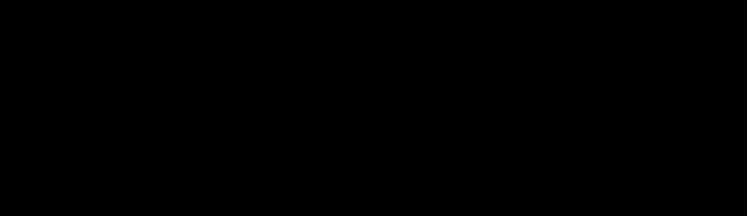
Vinte e quatro

Quando recebo uma mensagem da minha mãe no dia seguinte, fico ansiosa. Tento ler a primeira linha para saber se devo abrir ou não. Parece inofensiva. No entanto...



Enquanto encaro a mensagem dela, todos aqueles sintomas voltam: tontura, falta de ar, um aperto no peito, a claustrofobia. Porém, não é medo que sinto agora, mas raiva.



Desligo meu celular. No meu notebook, busco saber se nos qualificamos para ajuda financeira com gastos funerários.

A resposta é não.

James pede que eu vá até a casa no dia seguinte. Fico no canto da cozinha enquanto eles discutem.

— Fala “seu pai” só mais uma vez — diz ele para minha mãe.
— Ele era seu marido antes de ser nosso pai, e você é a única morando nesta casa agora, então é melhor dar algum dinheiro também.

— Como? — pergunta ela. — Não tenho nenhum dinheiro aqui! Está tudo em Gana!

— Você pode pegar um empréstimo — digo de repente.
Ela me olha.

— Maame, que banco vai me dar dinheiro? Não fico aqui metade do tempo.

— E de quem é a culpa? — pergunta James. — Você é dona de um negócio, como está sempre falida? Não devia ser responsabilidade nossa, já que enquanto você ficava relaxando em Gana, nós estávamos aqui cuidando do papai.

Passo por James e sinto novamente aquela pontada de raiva. Shu uma vez disse que os filhos homens podem ser muito mais ousados do que as filhas — ou se safar com o que fazem com muito mais facilidade. Ele não tirou a jaqueta, mas ela está

aberta. James está bem-vestido, como sempre. “Tenho que estar arrumado, Mads”, ele diria. “Vai que sou parado na rua.” Ele sempre se vestiu aspirando à vida que queria, não para a que tinha, sem se importar com o resto de nós.

— Você vai ter que ajudar também.

James me olha e franze a testa.

— Sim, é claro. Vou ajudar um pouco.

— Um pouco? — repito. — Você é quem devia pagar a maior parte, já que mal ajudou de qualquer outra forma. É o mais velho e, supostamente, o homem da casa agora. E tenho quase certeza de que ganha mais do que eu.

— Sim — diz minha mãe, apontando com a cabeça para ele. — Olha só pra você.

— Mas deixa eu adivinhar — continuo —, vou ter que usar o dinheiro que guardei porque você está sem grana de novo? Onde gastou tudo que tinha desta vez? Brasil? Rússia? Itália?

A expressão dele murcha.

— Mads.

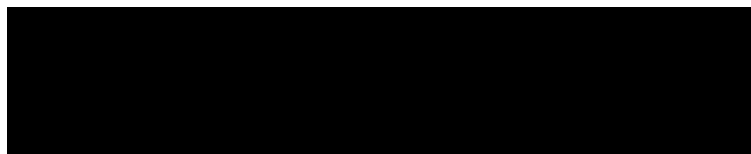
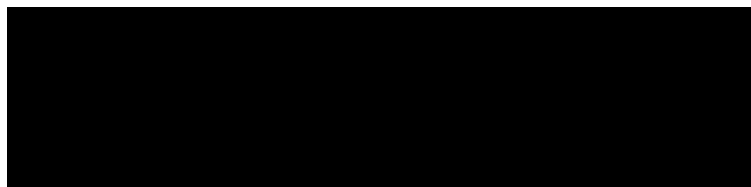
— O que foi? — pergunto. — Mads o quê?

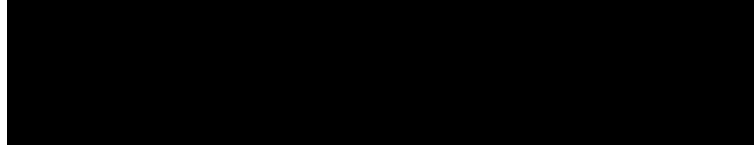
— Você sabe que fiz o melhor que pude.

Olho para a jaqueta preta brilhante e os tênis impecáveis que ele está usando.

— Não — respondo. — Não fez não. Mas é tarde demais agora, não é? Várias vezes eu precisei de vocês dois, precisei mesmo. Papai e eu precisamos. — *Você teria estranhado, né?* — Agora já era.

Saio da cozinha e vou embora, batendo a porta da frente.





Digito uma resposta, mas hesito.

Na escola, uma vez ouvi uma amiga mandando a mãe calar a boca no telefone. Eu só podia imaginar o castigo que ela receberia quando chegasse em casa, e disse isso para ela.

— Eu mando minha mãe calar a boca o tempo todo — garantiu minha amiga. — Ela nem liga.

Não consegui acreditar que alguns filhos mandavam os pais calarem a boca e sobreviviam para contar a história. Não era — e ainda não é — o modo como minha família funcionava. Mesmo aos vinte e cinco anos, eu não ousaria fazer isso. Não que eu tenha medo da minha mãe, porque sei que posso fugir dela se quiser, mas não tenho essa coragem.

Ou não tinha.

Aperto *enviar*.



Vinte e cinco

Estou almoçando no quarto quando meu celular toca, um número privado aparecendo na tela.

Estive doida para comer este ensopado e estou com muita fome, então penso em deixar tocar, mas decido atender no último instante.

— Alô?

— Alô, falo com Madeleine Wright?

Me encolho e meu coração pula uma batida. A mulher do outro lado da linha fala pausadamente e com tristeza; tem a ver com o meu pai.

— Sim, sou eu.

— Oi, querida. Estou ligando para dar os resultados da necropsia do seu pai. Seu número está como contato de referência e não conseguimos falar com seu irmão. Você pode conversar agora?

Ela me diz que meu pai morreu de nó no intestino, conhecido tecnicamente como obstrução do intestino grosso, que é uma complicação que pode ocorrer com a doença de Parkinson. Por algum motivo, a legista me diz que ele sentiu dor apenas por um momento, mas mesmo assim meu estômago dói. Ela diz que precisamos registrar a morte dele e quase pergunto se esse processo vai demorar muito. Em vez disso, termino a chamada de uma maneira mais socialmente aceitável.

Ligo para minha mãe a fim de contar sobre o laudo, mas cai na caixa postal, então tento ligar para James. Nada. Mando mensagem para os dois.

Coloco uma série de comédia para assistir, e quando James

retorna a ligação, eu a ignoro. Vou para a cama, deixando o ensopado na mesa.

 **Google** — Quando começamos a nos sentir melhor depois de perder um ente querido?

- Pode levar até cinco anos
- Não existe um período padrão quando se trata de luto; varia de pessoa para pessoa
- Em vez de melhorar, fica mais fácil
- Enquanto você se lembrar da pessoa, vai parar de sofrer?
- O luto nem sempre significa se acabar de chorar e gritar: “Por quê, Deus, por quê?”. Desde que você sinta falta da pessoa, ainda está de luto, mas isso não significa que não está melhorando. Não existem regras nesse processo.

Minha mãe liga depois de um tempo para dizer que tia Mabel enfim mudou o voo, então os planos do funeral precisam avançar.

— Você e eu precisamos ir à funerária.

— Pensei que você ia fazer o tio Freddie preencher os formulários?

— Eu tentei, querida, mas quem vai pagar é que precisa assinar. Quando você pode ir? Daqui dois dias? Não esqueça, precisamos registrar a morte dele amanhã.

Já acordo enjoada e aí acontece de novo; meu corpo entra em curto-circuito e meu cérebro vira geleia. Fico deitada no chão do quarto esperando que passe. Não sei dizer se esse ataque de pânico é mais longo ou mais curto que os outros. Enquanto tomo banho para me livrar do suor, considero a possibilidade de esta ser minha vida a partir de agora. Mesmo trinta minutos depois, continuo sentindo o aperto no peito.

A chamada para registrar a morte está marcada para as 13h30 e logo depois temos que ligar para a funerária.

Chego à casa dez minutos antes do horário. Minha mãe se ofereceu para ir comigo até a minha casa, mas ela provavelmente ficaria por mais tempo do que o necessário, e não quero ter que

apresentá-la a Jo e Cam.

Não passo pela sala de estar, vou direto para o quarto de minha mãe.

— Oi, querida. — Ela me dá um longo abraço e faz carinho nas minhas costas, algo que não faz há anos. Me sinto mais calma.

O cartório liga e já quero voltar para o meu apartamento. Não entendo essa minha aversão a estar nesta casa; talvez eu apenas odeie estar no mesmo lugar onde meu pai morreu, mas minha mãe e James não parecem ter o mesmo problema. Estou batendo meu pé no chão quando percebo meu peito *apertar* de novo. Me sinto como um balão, se enchendo de ar pouco a pouco.

A mulher no telefone não perde tempo com papo furado, vamos direto para o preenchimento do formulário. Ela pergunta o nome do meu pai, não entende quando respondemos, e então pede para a gente soletrar. Quando minha mãe soletra no telefone, as coisas demoram o dobro do tempo porque ela usa o alfabeto fonético. Tento acalmar a súbita agitação na minha cabeça ao silenciosamente soletrar. G de gengibre. E de elefante. O de opioide. R de realidade. G de... Gandalf. E de estábulo. E W de waffle...

— Ele tinha um nome do meio? — pergunta a mulher do cartório.

— Não — responde minha mãe.

— Ele era conhecido por algum outro nome?

A resposta simples também é “não”, e essa é uma pergunta muito idiota, porque isso não importa, mas claro que minha mãe quer dissertar sobre o assunto.

— Bem... não, acho que não. Quero dizer, os amigos dele o chamavam de Fiifi. Não, sem E. Se pronuncia fi-fi, com i. Sim, Fiifi, por conta do dia em que ele nasceu, mas só os amigos próximos e eu o chamávamos assim, então conta?

Por que contar a ela tudo isso? Por que arriscar confundir a secretária mais lenta do mundo?

— Tá, está bem — diz a mulher do cartório. — Um minuto.

Quanto mais ela demora, mais meu peito queima e mais

minha paciência chega ao limite. Estou imaginando as areias do tempo quando a mulher enfim volta.

— Certo, então é George Wright — diz ela. — Onde ele faleceu?

— Em casa.

— Qual o endereço?

— Número trinta e sete, Cornisham Grove.

— Um minuto. — *Tec-tec-tec.* — É Cornisham Avenue?

— Não, Grove. Grove.

— Santo Deus — digo baixinho.

— Um minuto — repete a mulher. Dois minutos e uma massagem na minha têmpora depois, ela volta a perguntar: — Ele morreu de obstrução do intestino grosso, certo?

— Sim.

— Certo.

— Você não tem o relatório do legista?

— Mãe! — grito. — Deixa ela terminar!

Minha mãe me encara, chocada.

— Só um minuto — diz a mulher.

— O quê? — Mas ela já se foi.

— Está bem, desculpe por isso. Qual era a profissão do George?

— Ele fez muita coisa — diz minha mãe. Ela me olha e eu estou com a mandíbula travada. — Segurança — adiciona rapidamente. — Só coloque isso.

— Como causa da morte?

Tec-tec-tec.

— Não, ele estava aposentado por motivos de saúde.

— Está bem, um minuto, por favor.

— Mais um?

Tec.

— Como é? — pergunta a mulher.

— Você precisa de mais um minuto? — explico. *Tec.* — Faz vinte minutos que estamos nesta ligação e você mal anotou as informações básicas. Que porra é essa? — *Tec.* — Você registra a

morte de entes queridos, precisava ser lerda justo nessa profissão, porra!

Bum!

— Maddie!

Eu não tinha percebido que estava gritando, nem que estou de pé.

— Desculpe — diz a mulher no telefone. — Entendo que é um momento difícil para...

— Ah, meus pêssames — digo a ela. — Seu pai também morreu?

— Bem, não.

— Então *como é que você sabe*, porra? — pergunto. — Não tem o direito de dizer que entende o que eu tô sentindo só pra tentar me calar. Por que você tá demorando tanto pra fazer essa merda? Problemas técnicos? Quer retornar a ligação quando estiver pronta pra fazer o seu trabalho, caralho?

— Maddie! Chega!

Me volto para minha mãe e pisco. Limpo meus olhos, mas eles não secam.

— Eu não consigo — digo para as duas. — Peça para o James te ajudar a terminar. Vai ser a primeira coisa que vocês dois fizeram pelo papai em meses. Depois que ele já morreu, bem a cara de vocês.

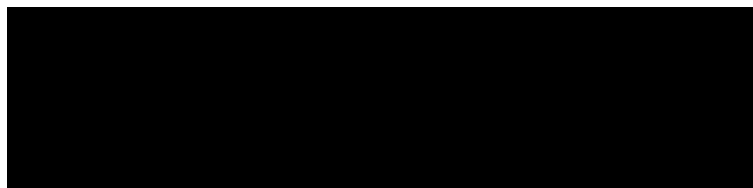
Minha mãe fica em estado de choque.

Fujo da casa. Enquanto caminho rápido, ignorando o suor na minha camisa, confiro o horário do trem; o meu sai em quatro minutos e geralmente levo sete só para chegar lá. Então começo a correr. O próximo sai em meia hora e não posso esperar todo esse tempo. Preciso do trem para sair daqui *agora*.

Corro até meus pulmões arderem e até eu sentir câimbras nas minhas pernas, mas chego a tempo, entrando no vagão mais próximo apenas um segundo antes de a porta fechar. Solto um suspiro de alívio que na verdade se tratava de um soluço reprimido.

Por sorte, não tem ninguém no apartamento quando chego.

Corro escada acima e grito no travesseiro. Depois, entro no banheiro e coloco uma toalha molhada no meu rosto; pressionou-a até que esteja pesada e sufocante. Não é fácil respirar e me pergunto se o ar reduzido vai acabar me asfixiando. Morte por toalha rosa quente na cara. Algum instinto de sobrevivência latente me faz erguer a toalha com a mão.



Vinte e seis

Logo concordamos que seis mil libras são necessárias para o funeral, pagarei três, esvaziando completamente a minha poupança. Minha mãe e James dizem que só podem dar mil libras cada um e que tio Freddie e tia Mabel juntos darão mais mil.

É difícil ver a conta zerada, não ter mais uma rede de segurança financeira, e acabo chorando por isso. Depois limpo meu rosto e continuo dobrando minhas roupas limpas porque ele é meu pai e eu tenho o dinheiro, então fiz o que foi preciso. James ligou para se desculpar, disse que sentia muito por não poder contribuir com mais e por ser minha responsabilidade de novo. Ele disse que pensou ter mais tempo para ajudar nosso pai. Corto a conversa no meio porque, na minha opinião, esse tipo de justificativa só serve para fazê-lo se sentir melhor. Enquanto ele fica com a consciência tranquila, eu tenho que escutar uma sequência de palavras vazias incapazes de mudar qualquer coisa.

Alguém bate na porta e é assim que descubro que estou sozinha em casa. Pergunto quem é e um homem diz:

— Ah, o Sam?

— Você parece em dúvida.

Ele ri.

— É o Sam. Juro.

Abro a porta e lá está um homem negro alto com um sorriso incrível.

— Desculpa por isso — diz ele. — Você deve ser a Maddie.

— Você é o Sam? O Sam da Jo?

Ele dá um sorriso torto.

— Desculpa — me apresso em dizer. — O Sam ex da Jo. Ex-namorado. Relacionamento casual.

Merda.

— Sim, sou eu. Ela não avisou que eu ia passar aqui?

A gente mal conversa na verdade.

— Ela deve ter esquecido.

Sam ergue o celular.

— Ela disse que já tá chegando. Posso entrar?

É aí que lembro que ele já esteve aqui antes. Eu o ouvi com Jo no quarto algumas semanas atrás. Eles costumavam ser amigos, mas então se tornaram amigos coloridos. Me pergunto como se chega a esse ponto — qual é a incerteza no meio?

Não, você não pode perguntar para ele.

— Claro. — Concordo com a cabeça e saio da frente. — Quer esperar no quarto dela? Não, acho que isso é uma má ideia. Todas as memórias. Das conversas que vocês tiveram, quero dizer!

Ele fica sério antes de dizer:

— Na sala tá bom.

Sam se senta no sofá e então se inclina à frente para amarrar os tênis. Ele tem as pernas tão longas quanto os braços.

— Tá bem, eu vou...

— Você trabalha na EOT, né? — diz ele de repente. — A Jo comentou.

— Ah, sim, trabalho. — Coço minha nuca, colocando o braço na frente porque estou sem sutiã.

— O que você tá achando de lá?

— É... legal. Desculpa, como você conhece a EOT? As pessoas fora do mercado editorial geralmente não sabem do que estou falando. Espera, Jo disse que você é um artista?

Ele sorri.

— Prefiro o termo ilustrador.

Não sei o que essa especificação diz a respeito dele, mas Sam continua a me encarar, então me sento do outro lado do sofá.

— Você enviou amostras do seu trabalho para lá?

— Ainda não, mas minha agente mencionou que alguém anda perguntando sobre a minha disponibilidade. Thea?

— Conheço ela! — Penso na situação do leite. — Mais ou menos, mas sei que ela só aborda pessoas em que está muito interessada.

— Bom saber.

Ficamos em silêncio e fico pensando se devo pedir licença para sair e como. Sam ainda está me encarando, e há uma leve ruga entre as sobrancelhas dele. Não acho que está franzindo a testa.

— Jo também falou que você perdeu seu pai faz pouco tempo. — Sam diz isso com a voz baixa e seu olhar mudou. Ele parece realmente sentir muito por mim, o que é estranho porque nem me conhece. — Sinto muito mesmo.

Na minha mente, pego minha curta lista de respostas aceitáveis de acordo com o Google, mas antes que eu possa escolher uma, o celular dele vibra.

— Provavelmente é a Jo. — Sam lê a mensagem, mas então revira os olhos, rindo sozinho.

— Ela está atrasada? — pergunto.

— O quê? Não, era só a minha mãe.

— Sua mãe também te manda mensagem? — Logo percebo que isso é uma coisa estranha de dizer. Todas as mães mandam mensagem para os filhos.

— Sim, minha mãe é... — Ele franze a testa e balança a cabeça. — Você não quer me ouvir falar sobre a minha mãe me mandando mensagem.

— Não, quero sim! — digo antes que possa me conter. — Minha mãe...

Essa é uma conversa estranha para ter com alguém que acabei de conhecer? Mas Sam está me ouvindo, com a cabeça inclinada e as sobrancelhas erguidas.

— Eu sempre acho engraçado as mensagens que a minha mãe me manda. De um jeito carinhoso. Às vezes. Nem sempre. — Gesticulo, para mudar de assunto. — Todas as mães fazem isso, acho.

Sam só fica me olhando.

— Minha mãe não é como as outras — diz devagar. — Eu disse a ela que ia passar aqui hoje e ela perguntou se eu tinha rezado por sabedoria. Ela não gosta muito da Jo. Eu sei! — continua ele, tentando ler a minha expressão. — Tenho quase trinta anos. — Então guarda o celular. — Minha mãe é... minha mãe.

Ouvimos uma chave na porta.

— Sam? — Jo está de volta. Está com as bochechas coradas e arrumando o cabelo. — Ah, Maddie. — Ela parece surpresa e decepcionada ao mesmo tempo.

Peço licença e ouço a porta da sala se fechar quando estou no meio da escada.

Não sei por que, mas quero muito que eles terminem.

Não é um pensamento muito altruísta, mas passa pela minha cabeça assim mesmo.

Uma hora depois, eles ainda estão na sala, então eu decido alugar uma bicicleta para ir até o rio. Me arrumar para sair do apartamento leva três vezes mais tempo do que costumava, e toda vez que me esqueço de algo ou confiro meu celular ou preciso usar o banheiro, penso em ficar. Então digo a mim mesma que só preciso passar protetor solar, fechar a porta da frente e insistir.

A rota familiar me encoraja a seguir em frente, então coloco meus fones de ouvido e ouço música. Não percebo que estou balançando a cabeça com o ritmo até que uma mulher andando de patins passa por mim e sorri por estar fazendo o mesmo. Olho para ela e dou risada. Canto partes aleatórias baixinho até estar cantando a plenos pulmões. Mantenho o foco no caminho à frente e as pessoas ou me ignoram ou sorriem quando passo por elas. Estou imersa na música e toda vez que olho para o rio, sinto um puxão súbito, um pensamento repentino sobre como seria me afogar nele.

Balanço minha cabeça com a batida, tentando alcançar as notas

agudas, chacoalho os ombros e considero a possibilidade de as pessoas me acharem estranha. Fico feliz com o fato de não me importar — no fundo, elas queriam ser tão livres quanto eu! Me pergunto se estou mesmo feliz ou só distraída por um tempo.

Ser feliz só por um tempo talvez seja meu novo normal.

Vinte e sete

Não ouço nenhum som a caminho da sala de reuniões da funerária. Quando minha mãe e eu entramos na pequena sala, uma moça confere devagar o formulário — por que sempre tão devagar?

Se não se tratasse da morte do meu pai, eu provavelmente gostaria dela — Ros. Ela é baixa, parece ter quarenta e poucos anos e seu cabelo loiro está preso em um rabo de cavalo torto. Dá para ver que fora do escritório ela ama a cor rosa. Usa óculos retangulares e pintou as unhas com francesinhas. A voz dela é gentil, mas as palavras se arrastam demais, esgotando minha paciência.

— Certo — diz Ros, e para uma palavra tão curta, ela faz cada sílaba durar uma eternidade. Eu meio que odeio ela. Ros lê um campo maior do formulário e se vira para mim. — Pode me contar um pouco sobre seu pai?

Olho para ela.

— Por quê?

— Não se preocupe, querida. É só para nós aqui da funerária o conhecermos um pouco melhor.

Quero balançar a cabeça e dizer que isso não faz o menor sentido. *É um pouco tarde para conhecê-lo agora, você não acha?*

Ros incentiva uma resposta:

— Só, você sabe, o que ele gostava de fazer; pra qual time torcia, coisas assim.

Me lembro da noite em que contei que ia me mudar; havia um jogo de futebol passando, mas não lembro quais times estavam jogando então não posso responder a essa pergunta. Meu pai não

tinha muitos hobbies porque o Parkinson não deixava e eu não tinha muito acesso à vida dele antes.

— Ele gostava de ver tv — digo devagar, embora isso possa não ser verdade. Dawoud e eu sempre ligávamos a televisão para ele porque eu não conseguia suportar a ideia de que ficasse em silêncio o dia todo. — Principalmente futebol — complemento —, as notícias e uns canais de culinária. Ele torcia... hã, desculpe, não tenho certeza de para qual time. Acho que gostava de ler? Lia os jornais, sempre comprava aos domingos.

Ros anota o que eu falei e espero que seja o suficiente porque não consigo pensar em nada e devo parecer uma filha egoísta que nunca se interessou pelo pai. Ela não sabe que ele preferia manter as coisas para si. Não sabe que meu pai era assim.

— Desculpe, minha memória não é boa.

— Tudo bem, querida — diz Ros. — Ele gostava de cozinhar? Tinha um prato favorito?

Hesito; acho que meu pai gostava da minha lasanha, mas então minha mãe diz:

— Quando ele podia, gostava de fazer sopa, sopa tradicional de pimenta.

Claro. Sopa de pimenta — como pude me esquecer disso?

— E ele realmente amava ler — continua minha mãe. — Foi bibliotecário, antes de Maddie nascer, até receber uma proposta de um emprego que pagava melhor em uma escola particular. Amava ler e Maddie puxou isso do pai.

Franzo a testa com essa revelação, relaxando o rosto apenas quando Ros olha para mim e sorri, seu batom rosa rachando no processo.

— Ah, isso é lindo, não é?

Tento sorrir e espero que tenha dado certo porque não acho que o amor pela leitura seja algo genético, se não como você explicaria James ter dito uma vez: “Não leio nem se me pagarem?”.

Mas eu não sabia que meu pai tinha sido bibliotecário. Penso nele, muito mais novo, usando óculos e um suéter grosso,

colocando livros nas prateleiras. Eu costumava passar meus finais de semana em bibliotecas, levando para casa o máximo de livros que meu cartão de empréstimo permitisse. As bibliotecárias costumavam me amar e diziam abertamente que não conheciam outra criança no bairro que lesse tanto quanto eu.

Começo a balançar minha perna e a respirar fundo enquanto minha mãe e Ros não param de falar; estão no tópico flores agora. Mas quem se importa com flores? Ros pega uma fita métrica; minha mãe perguntou o tamanho delas?

— Escolha você — digo quando ela pede minha opinião.

Minha mãe concorda com a cabeça, e então diz para Ros:

— Antes que eu me esqueça, precisamos das unhas das mãos e dos pés dele.

O quê?

Ros concorda de leve.

— Ouvi falar dessa tradição — diz ela. — Vocês são ganenses? Sim, foi o que pensei. Já fizemos isso antes.

— Sim, os irmãos dele vão espalhá-las em Gana — explica minha mãe.

— Claro — diz Ros. — Vou incluir isso.

Olho para ela; como sabe disso e eu não? Deve ouvir sobre todo tipo de tradições aqui. Penso no trabalho dela. Todos os profissionais com os quais tive que interagir desde que meu pai morreu fazem eu me perguntar: *Por que este é o seu trabalho? O que te trouxe até aqui? Com certeza você não escolheu isso, escolheu?*

— Maddie, você quer a digital do seu pai?

Pisco para Ros.

— Isso é possível? — *Ainda sobrou uma parte do meu pai.* — Por favor! Desculpe, sim, claro que eu gostaria.

Ela adiciona minha resposta ao formulário e preciso preencher outra seção com meu nome, endereço, relação com meu pai e detalhes bancários.

Esses processos burocráticos deveriam mesmo ser mais rápidos.

Bem-vinda a Funeral Care, Maddie. Você pode escolher entre dois serviços. Temos a opção rápida feita de uma maneira superficial e mesmo assim veloz, com o mínimo de papo furado e uma entrega incoerente. E temos a versão lesma cheia de empatia, em que embora a gente não te conheça e passemos por esse mesmo processo múltiplas vezes com outras pessoas literalmente todo dia, oferecemos lamentos intermitentes e momentos espontâneos de silêncio, permitindo que você continue melancólica. Essa opção é um pouco mais cara e demora três vezes mais que o necessário para mostrar a você o quanto a gente se importa. Então, qual você vai escolher?

Ros por fim se levanta a fim de ligar para o cemitério e marcar a data. Ainda estou balançando a perna e comecei a beliscar minha pele. Não vejo a hora de ir embora.

Quando ela volta, diz que o sábado, 21 de agosto, é a data mais próxima disponível.

Daqui dez dias!

— Tudo isso?

— Querida, sinto muito — diz Ros. — Entendo que a demora pode ser terrível, mas temos apenas alguns dias disponíveis.

Jamais imaginei que fosse precisar levar em conta a agenda de pessoas aleatórias. Pensei que só ficassem esperando algum morto aparecer.

— Está bem. Está bem — digo, porque só quero ir embora. Me levanto da cadeira.

— Certo — diz Ros —, agora, para terminar, precisamos fazer uma lista das roupas que ele vai usar no enterro e qualquer outra coisa que vocês gostariam de colocar no caixão.

Em um universo paralelo, viro a mesa e o café de Ros se espalha por toda a parte. Mas neste universo, volto a me sentar e a observo pegar um caderno retangular; ela se interrompe para piscar devagar e olhar de uma para a outra.

Por fim, pergunta:

— Pode ser?

Sinto o meu coração disparado e travo meu maxilar com tanta força que temo lascar um dente. Minha mãe e Ros conferem as

coisas que minha mãe trouxe. Aparentemente ela trouxe roupas demais porque não sabia do que íamos precisar.

— Vou ter que ligar para um amigo meu mais tarde e te dar um retorno — diz minha mãe. — Quero fazer isso do jeito certo. Se você fizer as coisas para os mortos da maneira errada, eles podem voltar e te assombrar.

Há um breve momento de pausa em que eu e meu corpo reviramos os olhos.

— Então me deixe conferir se estou fazendo tudo certo e amanhã eu volto... — Minha mãe me olha. — ... Sozinha.

No trem a caminho de casa, enfim posso respirar. Olho ao redor e há um homem cavoucando a narina esquerda, uma mulher com duas linhas pretas em vez de sobrancelhas e outra lendo um folheto de oração. Ao vê-lo, quero gritar “NÃO ACREDITE EM NADA QUE ISSO TE DISSER”, mas não sei exatamente por quê. Nem sei exatamente no que não acredito mais.

Vinte e oito

Não consigo dormir na noite anterior ao dia em que verei meu pai.

Quando minha mãe perguntou se eu queria vê-lo uma última vez, tentei responder duas vezes.

— Como isso é possível? Ah, você quer dizer o corpo antes de enterrar? Posso escolher? Sim, eu deveria. Quero dizer, vou, sim. Quando?

Encontro minha mãe no ponto de ônibus, meu corpo todo dói e minha garganta está arranhando por conta da náusea com a qual fico lutando. Entramos no ônibus 450, só nós duas. James vai ver o papai com tia Mabel.

Não consigo parar de bater o pé no chão, e quando minha mãe pega minha mão e a aperta com força, penso que algum dia vou precisar fazer isso de novo por ela. Quando a hora chegar, posso ter que pegar o ônibus sozinha.

Na funerária, Ros está vestida de preto.

Ela nos leva para uma salinha com luz baixa e velas no canto.

Minhas mãos começam a tremer e não sei para onde olhar. Então o vejo, e um grito desesperado escapa da minha boca antes que Ros sequer consiga fechar a porta atrás de si.

Não.

— Ah, pai.

A tampa do caixão está levantada e apoiada contra a parede.

Só no aguardo.

É isso. Ele morreu mesmo.

— Não. — Balanço a cabeça. — Não.

Minha mãe esfrega minhas costas.

— Está tudo bem, Maame.

— Não! Não está tudo bem!

Ela me puxa para seus braços e eu choro em seu suéter até não conseguir mais respirar. Me afasto e seco meus olhos com força porque preciso ver meu pai. Esta será minha última chance de fazer isso.

Viro minha cabeça e percebo que ele parece... igual, exceto seus lábios que talvez tenham ficado um pouco mais finos. Poderia estar dormindo. Encaro-o até perceber que estou esperando os olhos dele se abrirem.

Não há expressão alguma de frustração ou incerteza no rosto dele, as expressões que tinha me acostumado a ver. Sua testa está lisa, e as mãos repousam em cima da barriga. Não sente mais dor.

Ele está usando o mesmo terno cinza do casamento, uma camisa branca por baixo, e levo minha mão à boca quando vejo que também está com seu bracelete prata grosso, o que usa na foto que tenho dele, que sempre esteve em seu pulso, na saúde e na doença.

Minha mãe fala com ele em *twi*.

— Que Deus te abençoe, *Fiifi*. Vá com Ele, sim? Vá com Deus; veja seus pais de novo; eles estão te chamando e te esperando. Fique em paz e descanse. — Ela está chorando mais do que nunca. Lágrimas caem de seus olhos enquanto pontua as frases com soluços. — Você sofreu tanto — continua —, esteve preso, mas agora enfim está livre. Viu? Já olhou para si mesmo? Seus pés não estão mais inchados. Você já está livre. Vá com Deus e seja livre.

É reconfortante ouvir, não tanto as palavras, mas minha língua materna. A língua dos meus pais — eles raramente conversavam em inglês.

Eu devia mesmo aprender a falar twi.

Antes de irmos embora, olho para o rosto dele uma última vez

e digo:

— Eu te amo, pai. Muito, *tá bem?*

Sinto uma profunda paz quando entro no trem, quase como se eu jamais fosse chorar de novo. Sei que não é verdade, mas estou feliz em acreditar nisso por enquanto.

Foi ideia de Nia fazer algo depois para que eu não tivesse que ir direto para casa. Ela sabia que antes de ver meu pai, eu não ia conseguir tomar café da manhã, então sugeriu um almoço, e eu concordei desde que fôssemos a um lugar novo.

Nia escolheu um lugar na London Bridge chamado Casa de Maria. Um restaurante português ao qual ela foi anos atrás com um ex-namorado. A iluminação é baixa e as mesas e cadeiras são de madeira. Há plantas nos cantos e pôsteres nas paredes. Cada mesa tem uma garrafa de água e uma vela apagada.

Pedimos empanadas de cebola caramelizada com cogumelos, arroz verde, batatas fritas e meio galeto para compartilhar. Nia escolhe um smoothie de beterraba para beber.

— Que foi? Parece interessante — diz ela. — O de espinafre e laranja também. Quer pedir um para que a gente possa experimentar?

Peço uma coca-cola diet.

— Então, como foi? — pergunta Nia.

— Foi bom — respondo —, dadas as devidas circunstâncias. O que é o mesmo que dizer que ninguém mais morreu. Ele parecia igual, como se estivesse dormindo. Eu queria chacoalhar o braço dele, tipo “acorda, pai”.

— Ah, Maddie. — Ela coloca a mão sobre a minha.

— Não, foi realmente bom vê-lo.

A garçonete traz minha coca-cola. Há gelo no copo e eu giro os cubos com o canudo.

— Fiquei feliz por ele não ter mudado.

— Eles não passaram maquiagem nele?

— Não que eu tenha reparado.

— Fizeram isso com o meu pai.

Deixo meu canudo de lado e observo Nia alongar os braços.

— Os lábios dele estavam azuis — diz ela —, então passaram maquiagem nele para tentar esconder isso e também que os olhos tinham afundado um pouco. — Nia apoia os cotovelos na mesa. — Meu tio me fez tocar nele mesmo eu não querendo. Ficava puxando minha mão e dizendo: “Vai, você tem que tocar nele! É sua última chance!”. Até que obedeci e senti o corpo dele frio e duro como pedra. Depois disso fiquei tipo “é, obrigada por isso, tio”.

— É a primeira vez que você fala comigo sobre a morte do seu pai.

— Como eu já disse — e ela dá de ombros —, não queria falar desse assunto.

Lembro quando Nia foi para a escola e nos contou que o pai tinha sofrido um ataque cardíaco enquanto dormia. Ela estava usando um dos suéteres dele — muito maior que ela, e eu só fiquei lá, em silêncio. Quase não acreditei. Morrer dormindo soa fantasioso demais, algo que só acontece na tv com velhinhas muito bondosas. Eu não sabia o que dizer ou do que Nia poderia precisar, então esperei que ela me contasse — Nia era esse tipo de pessoa. Aberta. Sincera.

Foi a justificativa que eu dei, mas na verdade...

— Fingi que não aconteceu — confesso. — Pensei que quanto menos perguntasse, menos seria verdade, e assim você ainda seria a Nia que era antes de perder seu pai. Eu nunca tinha sofrido uma perda dessas antes, então apenas presumi que você fosse preferir não falar sobre o assunto. Pensei: “Por que ela vai querer ser lembrada disso?”, mas agora sei que não dá para esquecer. Sinto muito por não ter pegado um ônibus tarde da noite ou trazido comida para você ou te obrigado a sair.

— Está tudo bem, Mads — diz Nia. — E quer saber? Gostava do fato de as nossas conversas durante aquele tempo serem sobre coisas diferentes. Tenho uma família grande e eles estavam sempre lá em casa, só falando sobre a morte do meu pai. Eu

precisava de um descanso.

— Mas não fiz de propósito. Não sabia que estava ajudando.

— Não tem problema — diz Nia. — O fato de que ajudou é o que importa. — Ela inclina a boca para o lado. — Cada pessoa passa pelo luto de maneira diferente, sabe? — adiciona. — Perder alguém é universal, mas acho que para por aí, na verdade. O resto vai de cada um.

Se eu fosse a Nia, teria guardado um pouco de mágoa? O que teria acontecido comigo se ela não me fizesse comer, falar, caminhar e andar de bicicleta num dia ensolarado? Eu não poderia ter chegado até aqui sozinha.

Nossa comida chega e experimento o suco de beterraba de Nia.

— Gostou? — pergunta ela.

Empurro o copo de volta.

— É... refrescante. Tem um sabor de terra bem especial.

Nia dá risada.

— Tá bem, Nigel Slater. — Quando ela experimenta, move a cabeça de um lado a outro querendo dizer *mais ou menos*.

Está fazendo quase trinta graus, então, depois do almoço, caminhamos da London Bridge até o West End. Fico impressionada com o quanto a minha vida mudou desde que fui chutada do CGT. Ainda não tive notícias do RH de lá.

Perto do aterro Victoria, escolhemos um parque para nos sentar por algumas horas, sem falar de nenhum assunto específico, só jogando conversa fora. Uma mulher está sentada a um banco de distância, comendo humus de pimentão vermelho com uma colher.

Por fim, digo:

— Estou exausta. — E Nia concorda com a cabeça.

Ela pega o ônibus para casa e eu escolho o trem.

Jo está recebendo alguns amigos no jardim quando chego —

Cam entre eles; estão bebendo e rindo no sol de fim de tarde. Fico perto da escada e me apresento. Eles perguntam se quero participar, mas respondo que não educadamente e vou para o meu quarto. No entanto, como o quarto de Jo fica logo acima do jardim e ela deixa a janela e a porta abertas durante o dia, ainda consigo ouvi-los.

— Nessas horas é melhor deixá-la em paz, acho — diz uma das amigas de Jo. — Principalmente depois do lance “foi-culpa-sua”.

— É, eu meio que deixo ela em paz — diz Jo. — Não estou irritada, nem guardo mágoa nem nada.

— No geral, como é morar com ela?

— Tranquilo — responde Jo. — Ela não faz bagunça, é quieta. Mas sempre tenho que empurrar o chuveiro para cima. Quando entro no banho depois dela, o chuveiro está sempre na altura do nariz, o que é engraçado porque Maddie é pelo menos alguns centímetros mais alta que eu.

Franzo a testa porque sempre tenho que abaixar o chuveiro quando entro no banheiro depois de Jo. Nunca questionei; tem sido um reflexo desde que me mudei para cá. Mas agora percebo que é porque, diferente dela, não lavo meu cabelo todo dia.

— Isso é estranho — diz a amiga dela, meio petulante.

— É, mas tudo bem — adiciona Jo. — Não conversamos muito. Bem, a gente conversava antes, mas agora ela praticamente não fala com ninguém. Na maior parte do tempo, fica sozinha lá em cima ou sentada na sala assistindo à tv.

— Ah, isso é triste.

— Eu sei. — Alguém toca a campainha. — É a nossa pizza! Seco meus olhos.

Um pouco mais tarde, desço para cozinhar um pouco de macarrão.

Da cozinha, consigo ouvi-los ainda melhor do que no quarto.

— Então, como foi sua conversa com o garanhão do Sam? — uma delas pergunta. — Estão juntos de novo?

Na ponta dos pés, me aproximo da porta.

— Quase — responde Jo. Eu a imagino com a cabeça inclinada para trás, a boca aberta e o sol fraco em seu rosto, cercada de amigas que parecem e soam como ela. — Quando ele passou aqui, tivemos uma conversa longa, mas muito boa. Ele pediu desculpas por ter terminado as coisas tão de repente e explicou que não estava bem da cabeça na época.

— É, o amigo dele, né?

— É — confirma Jo. — Enfim, ele falou sobre como era menos complicado quando a gente era só amigo, e pensei isso também, mas... não disse isso para ele, mas agora acho que quero mais?

As garotas gritam, animadas.

— E aquele tal Conrad do trabalho?

Jo suspira e eu a imagino gesticulando, como se não fosse nada demais.

— Não era a mesma coisa, sabe?

— Se a gente for sair no seu aniversário, com certeza vou convidar o Sam — alguém diz.

— Sim! — diz Jo. — Você precisa convidar! — E sei que ela está sorrindo.

De repente, odeio que Jo esteja sorrindo porque é só isso o que ela faz. Dá risada e sorri e fala com as amigas sobre garotos que estão a fim dela. Sam está a fim dela? Claro que sim — as pessoas sempre estão a fim de Jo. Os homens devem adorar diversão, simplicidade, falta de problemas. Ou pelo menos alguém que consegue esconder bem seus problemas. A questão é que eu não sou simples; não sou divertida, a não ser que esteja mentindo ou fingindo estar bem.

Mais risadas soam do jardim. Me afasto para colocar a chaleira no fogo e penso em Sam. Sam e seu sorriso fácil. Sam e sua mãe, que parece muito com a minha. Sam e seu amigo — parece que aconteceu alguma coisa, talvez tenha brigado com um amigo próximo. Mas ele parecia bem quando estive aqui naquele dia, então talvez tenham feito as pazes? Penso sobre o que Jo disse. Sobre como, desde que voltaram de Florença, eu só fico no

quarto e na sala assistindo à tv ou sozinha lá em cima.

— Com certeza eu já fui feliz em algum momento — digo para a água fervente. — Mas como dá pra saber? Como as pessoas sabem se estão genuinamente felizes ou só estão *bem*, com momentos de alegrias interrompidos por um redemoinho de tristeza? Talvez esse tempo todo eu só tenha estado *bem*.

Fui um bebê feliz, minha mãe me disse uma vez. Eu ria tanto que soluçava. Meus anos pré-adolescência foram tranquilos, e talvez isso seja felicidade: uma ausência de tragédia. Talvez quando minha mãe começou a ficar longe por mais tempo e a responsabilidade aumentou? Definitivamente quando meu pai ficou doente todos os dias foram manchados por momentos de preocupação e culpa.

O que significa que na verdade faz um tempo que não estou bem e é assustador ter que voltar tanto no passado. Significa que estive desmoronando aos poucos desde então e posso demorar ainda mais para me reerguer.

Mais risadas escapam do jardim e me pergunto o que foi que eu perdi.

— Mas sim — diz Jo —, no domingo, Em e eu vamos naquele novo brunch em Highbury e Islington que você falou, Liv. No sábado, vou ver meu pai e de tarde a mãe da Claudia vai fazer um churrasco, então isso vai ser legal. O que me fez lembrar, não posso aparecer sem levar nada; vocês sabem como a mãe dela é. Vou ter que fazer umas comprinhas amanhã. Conhecem alguma receita boa de cheesecake?

Como meu macarrão no quarto, mas fico pensando nas palavras de Jo e me sinto sozinha de uma maneira que me esvazia por dentro.

Entro na igreja online e carrego o culto mais recente. Percebo que não fui até lá desde que meu pai morreu. Tenho certeza de que Deus entende que vou ficar ausente de tudo.

Começo a assistir ao culto, mas não consigo me concentrar,

então arrumo meu quarto ao mesmo tempo. Um hino com refrão chiclete começa a tocar e estou cantarolando enquanto organizo minha estante. O pastor dá as boas-vindas a todos na igreja, aqueles no prédio e nós que estamos assistindo de casa. Sei que é uma gravação e ninguém consegue me ver, mas fico longe do alcance da câmera do computador mesmo assim.

Me distraio ouvindo palavras e versículos, mas algo chama minha atenção pouco antes do início da oração em grupo.

O pastor diz:

— Queremos encorajar todos vocês a rezar agora, aqueles que estão aqui e aqueles assistindo de casa. Se há alguém sofrendo de luto, problemas financeiros, ansiedade, doença, problemas com emprego, família e/ou amigos, queremos rezar para e com você, agora.

Isso é a base do sermão de domingo; é um final tão garantido quanto a morte. Ouvi essas palavras tantas vezes que poderia recitá-las se quisesse, mas hoje elas parecem inéditas e feitas sob medida. Nunca fui uma daquelas pessoas entre centenas numa multidão que acreditam que quem está no palco fala diretamente com elas, mas hoje sinto que talvez as palavras dele sejam para mim.

O pastor soa tão sincero quando olha para a câmera e diz:

— Só queremos rezar por você.

Eu poderia fechar o navegador; poderia só fechar meu notebook, mas em vez disso, fico ouvindo, cativada, enquanto ele reza a Deus em nosso nome. Somos filhos Dele e não há nada que Deus não faria por nós. Somos tão amados e abençoados.

Choro, não porque concordo, mas porque não concordar dói. Porque eu queria concordar. Em vez disso, acordo todos os dias e sorrio quando preciso e falo quando preciso, mas estou sempre com dor, e tenho estado assim há muito tempo.

Uma canção acaba e outra começa. Somos encorajados a recorrer a Deus não apenas para pedir coisas materiais, mas para tudo. Penso nas minhas orações ao longo dos anos; não lembro de ter pedido um carro ou dinheiro que não merecia. O nível de

desespero variava, mas eu pedia para não me sentir mais daquela forma.

Assoo meu nariz e digo ao espaço vazio ao meu redor que só o que quero é me sentir menos triste.

Depois do culto, meu celular vibra com um lembrete: *Prazo final da Carrow Writers*. É o edital que encontrei na biblioteca.

Clico no site e, realmente, o prazo final é meia-noite. Procuro na minha pasta e, sem abrir o arquivo, seleciono a passagem de novecentas e tantas palavras que escrevi sobre deixar meu pai. Envio sem revisar. É uma inscrição péssima; não consigo nem imaginar a quantidade de erros ortográficos ou se o texto é sequer coerente, mas pelo menos tomei alguma atitude.

Fecho meu notebook, deito na cama e fico lá acordada até meia-noite.

 Google — Por que não consigo dormir?

Insônia — Guia de Ajuda

A depressão é uma das causas mais comuns da insônia, e a dificuldade para dormir pode piorar os sintomas da doença. Outras causas emocionais e psicológicas comuns incluem raiva, luto, distúrbio bipolar e trauma.

 Google — O que fazer quando não consigo dormir

7 motivos para você não estar dormindo — Mogg Health

Acabe com o estresse e se sinta mais relaxado

O que fazer se não consigo dormir — fórum

Por que você não consegue dormir? — aqui está a resposta

Como adormecer em 60 segundos

Problemas e distúrbios do sono: 10 tipos e causas

Cansado mas não consegue dormir — faça o teste e descubra por quê

Experimente nosso app — o app número 1 para o sono e a meditação

Os dez apps mais populares hoje

Baixe nosso app de namoro hoje

Já passa da meia-noite e a porta do quarto de Jo ainda está

aberta. Estouram uma rolha, rindo. O gargalo da garrafa tilintando contra um copo.

nome: Maddie Wright

idade: 25

bairro: Wandsworth, sudeste de Londres

universidade: Birkbeck University

profissão: Assistente Editorial

me identifico como:

Mulher ✓

Homem

Não listado

estou em busca de:

Mulheres

Homens ✓

Todos

bio:

O que dizer sobre mim...

Me viro e encaro o teto.

 Google — Bio de app de relacionamento exemplos mulher

Kim, 28

Harry e Sally: Feitos um para o outro é o meu filme favorito e uma vez dirigi de Londres a Brighton com um ex-namorado e uma galinha.

Delal, 32

Só quero um cara que diga “saúde” depois que eu espirrar.

Mira, 25

“Ela é legal, gosto dela” — minha melhor amiga Sarah

“Passa o fio dental regularmente e nunca precisa de reparo no dente” — Dr. Reid, meu dentista

“Não é tão doida quanto parece” — meu ex Jeremy (as últimas palavras que ele me disse antes de desaparecer do nada)

Tá, então algo curto, engraçado e inofensivo parece ser a tendência.

bio: Amo comida, leio por diversão e *não* passei uma hora tentando escrever esta bio

Essa última parte é charmosa ou triste? Imagino que vá depender de quem estiver lendo.

— Eu daria uma risadinha — digo baixinho —, mas, convenhamos, você é meio esquisita, Maddie.

A biografia não soa exatamente como eu, mas acho que isso pode não ser tão ruim.

adicionar foto de perfil

Olho minha galeria. Não gosto de tirar fotos de mim mesma; minha aparência no espelho e na câmera de alguma forma parece muito diferente, então não tenho muitas imagens para escolher. Tenho uma de dois anos atrás; estou com tranças no cabelo, mas fora isso, nada mudou. Acho que ainda tenho essa blusa em algum lugar...

adicionar outra?

Em vez disso clico em *avançar*, e de repente dou de cara com a foto de um homem, e há um sinal positivo e outro negativo abaixo da imagem dele. Bem direto ao ponto, mas com certeza ajuda a economizar tempo.

A pessoa vai saber se eu deslizar para a esquerda? Não, com certeza não.

Deslizo para a direita e para a esquerda, tentando não julgar pela aparência (mas obviamente julgando a aparência ao menos um pouco) e acalmando minha bússola moral com a crença pessoal e inabalável de que qualquer um pode ser bonito, se você parar para pensar. Lembra do Ben?

Uma mensagem de um tal de Alex aparece enquanto deslizo. Dou um grito e jogo meu celular do outro lado do quarto. De alguma forma, esqueci de levar em consideração o aspecto social dessa aventura noturna e movida à pena.

— Maddie?

Claro que Cam resolve usar o banheiro no exato momento em que meu celular atinge a parede.

— Estou bem! Era uma aranha, mas já foi embora!

Ela fecha a porta do banheiro. Espero até que desça as escadas para pegar meu celular e não faço contato visual com ele até estar de volta na cama.

alex: Oi. Você trabalha numa editora? Minha irmã está escrevendo um livro — pode publicar ela?
kkkk

maddie: Haha! Não, esse é um erro comum; ela precisa de um agente literário primeiro e infelizmente não sou editora de aquisição.

alex: Gosto de gente que sabe usar o ponto e vírgula direito. Acho que é um pré-requisito na sua profissão.

Sorrio e clico no perfil dele. Alex é branco, de cabelos e olhos castanhos e tem uma covinha no queixo. É bonito à primeira vista, como muitos homens são — não dá pra passar batido por ele.

Alex, 27

bio: Li *The Imaginary People* faz pouco tempo e fiquei chocado. Trabalho como gerente sênior de vendas em uma empresa de tecnologia, mas minha verdadeira paixão é a fotografia. Nasci no Michigan, mas fui criado em Londres. Sou bissexual, então tente não cair em estereótipos.

Bissexual? Isso significa que Alex está namorando apenas mulheres agora? E se ele quiser sair com homens de novo? É assim que funciona? Posso perguntar para ele? Provavelmente não.

maddie: Você trabalha com vendas, mas ama fotografia? Gostos bem diferentes, né?

alex: É, sei mexer com gigantescas planilhas do Excel e preciso botar isso pra jogo, mas amo fotografar. Vai soar brega, mas imortalizar memórias e ter a visão de algo mudando através de uma lente é algo muito especial.

maddie: Não acho isso nem um pouco brega.

alex: Você tem um projeto ou algo que te dá essa sensação?

maddie: Eu costumava escrever bastante... mas fiquei sem inspiração.

alex: Gosto de como você escreve. É bem natural.

maddie: Já ouvi isso antes, bem, uma vez: "É como se você estivesse aqui, Mads". O júri ainda não deliberou se isso é algo positivo.

michael: Quer ver uma foto do meu gato?

maddie: Gosto mais de cachorros, mas claro!

michael: *imagem*

maddie: Moço, por que você tá nu nessa foto?

ezra: Não se assuste, mas adoro *race play*. Não sou racista, é só o que eu curto

maddie: *está digitando...*

ezra: Oi?

darren: Um fato curioso sobre mim é que nunca namorei uma mulher negra mas sempre quis saber como era. Dar uma experimentada

Só durmo às três da manhã. Passo as primeiras horas da madrugada conversando com Alex. Até Jo vai dormir antes de mim.

Alex mora em Putney, prefere chá verde a café e adotou um labrador chamado Rufus. Fui a última a mandar mensagem e ele ainda não respondeu.

Talvez porque seja dia de semana e as pessoas normais têm que trabalhar?

Me lembro por que não estou indo trabalhar.

Saio da cama e a casa está vazia. Decidi que vou tentar ver meus e-mails hoje. Coloco um cardigã e me sento no jardim com um copo cheio d'água. Há quase duzentos e-mails na minha caixa de entrada do trabalho, o que é menos que o esperado, considerando que boa parte deles são trocas de e-mails nas quais eu não precisava estar copiada para começo de conversa. Imagino que Penny tenha avisado a todos para não me incomodar.

Pulo todos os e-mails de pêsames, abrindo-os mas sem de fato ler. Tem um para o qual passo vinte minutos escrevendo uma resposta, mas, no fim das contas, escolho deletar. Então começo a encontrar a repetição das palavras *Histórias de amor*.

Histórias de amor? O que é isso?

Em uma troca de e-mails, descubro que entraram em contato com Afra Yazden-Blake e a contrataram, com Kris sendo a editora-chefe. Geralmente não sou colocada em cópia nos e-mails das reuniões criativas, mas acho que Penny seguiu me adicionando quando o resto esqueceu de fazer isso. Leio tudo e descubro que o livro de Afra vai se chamar *Histórias de amor do Oriente Médio* e, quando publicado, será um livro de trezentas ou quatrocentas páginas sobre comidas, bebidas e sobremesas da região.

Rascunharam até uma sinopse:

Quando Afra veio do Irã para Londres há doze anos, sozinha e com muita saudade de casa, começou a cozinhar a partir das poucas anotações de sua mãe como forma de expressar o que ainda não conseguia dizer. Através das redes sociais, ela conheceu homens, mulheres e várias organizações comunitárias antes de passar a organizar o que chamou de “jantares caseiros” em seu apartamento. Esses eventos começaram com a participação de apenas três pessoas, duas vezes por mês; cada convidado trazia um prato de casa para compartilhar e eles se sentavam, comiam, bebiam e compartilhavam memórias. Logo, essas pessoas convidaram outros amigos, e a quantidade de pratos adentrando o apartamento aumentou até a mesa de jantar dela estar lotada e os convidados se sentarem no chão, na bancada da cozinha ou ao lado da pia. Afra ficava animada com esses jantares porque suas noites tinham cheiro de sua terra natal e de cidades que ela não conhecia. Os “jantares caseiros” eram desorganizados, mas ela amava essa expressão caótica de amor e amizade. Por fim, Afra começou a anotar suas receitas e coletar as dos convidados para criar uma conta no Instagram só com gastronomia do Oriente Médio.

Leio todos os e-mails na minha caixa de entrada e não há nenhuma menção ao fato de entrar em contato com Afra ter sido minha ideia. Talvez tenham dito em voz alta no escritório, mas duvido muito. Relaxo minha mandíbula. Não. Não mesmo, porra. De novo não, e muito menos agora, caralho. Aperto *responder a todos* em uma das trocas de e-mail sobre como inserir o fato de que nem todas as receitas no livro são de Afra, mas também dos convidados dos jantares.

Assunto: re: Histórias de Amor

Que tal *Histórias de amor do Oriente Médio*, por Afra Yazden-Blake e convidados? Quando encontrei Afra no Instagram, ela sempre dava o devido crédito a todas as receitas que não eram dela, então acho que vai gostar da ideia.

Atenciosamente,
Maddie

Não é a melhor ideia que já tive, uma vez que livros de receita

não costumam ter esse tipo de menção, mas eu precisava de um gancho para dizer que fui eu que encontrei Afra.

Aperto *enviar*.

 Google — Sua chefe rouba suas ideias editoriais?

Encontro um fórum de assistentes editoriais discutindo todo tipo de coisa, de diferenças salariais a qual é o tipo de conversa fiada mais apropriada no ambiente de trabalho. Ano passado, alguém perguntou: seu chefe finge que suas ideias são dele?

kieran: Não. Levo o crédito por todas as minhas ideias. Posso não ter a experiência para tocar o projeto, mas meu chefe sempre deixa todo mundo sabendo que a ideia foi minha, por menor que seja.

lia: Por aqui a mesma coisa. Nem sempre consigo levar a ideia a cabo, porque não tenho o treinamento para isso, mas alguém da equipe sempre comenta “Lia deu essa ótima sugestão/ parabéns”.

george: A questão é se a propriedade intelectual pertence à companhia para a qual você trabalha. Com certeza você foi creditado de alguma forma, mas não espere seu nome nos agradecimentos.

steph: Eles fazem isso porque querem te manter como assistente por mais tempo. É melhor pagar um salário de nível assistente do que reconhecer a posição que você realmente deveria ocupar.

Recebo um e-mail da Kris.

De: Kristina@editoraorangetree.com

Para: Maddie@editoraorangetree.com

Assunto: re: Histórias de amor

É bom ter notícias suas, Maddie, mas saiba que não há pressa para que você volte ao trabalho. Se sentir necessidade, faça apenas tarefas pequenas, mas temos bastante tempo na agenda para isso. Selecionar seus fotografos favoritos para o *Histórias de amor* pode ser uma tarefa legal — veja o e-mail abaixo.

Bjs

Nunca tenho a chance de fazer nada criativo, tipo escolher fotografos — supus que a equipe de design fosse fazer isso —, mas essa tarefa deve servir apenas para me apaziguar. Mesmo assim, clico nos links de vários portfólios e passo o resto da tarde entrando em sites de comida e de fotografos, mantendo a

sinopse do livro em mente.

O estilo dele é mais detalhista e provocante — o vermelho dos tomates, as gotas do azeite de oliva.

As fotos dela são mais variadas; uma história inteira é contada em apenas alguns cliques.

Essa é muito organizada e certinha, talvez até demais? Afra usa as palavras “expressão caótica” e não vejo isso aqui.

Ele é intenso e colorido. Seria ótimo para a seção de receitas de verão, mas para as de inverno também.

Isso é muito espalhado ou é minimalista?

Uuuuh, gosto dele. Incrível com os retratos. Sei que é uma receita de outono só pela foto... Tagine de abóbora — eu sabia. Parece um banquete da época do rei Henrique VIII.

Ela é boa em incorporar pessoas a suas fotos. Será que posso usar esse esmalte rosa pálido?

Dos oito fotografos de que mais gostei, envio três para Kris, colocando Penny em cópia. Às três da tarde, não recebo outra resposta para meu e-mail com a ideia “e convidados” e fecho meu notebook.

Jo enviou uma mensagem no grupo dizendo que tem um encontro e vai voltar só mais tarde. Imediatamente, me pergunto se ela vai sair com Sam, e então penso que Jo teria dito se fosse o caso. Eu não deveria me importar com isso, mas me importo.

Ainda está quente, então fico do lado de fora com uma garrafa de cidra e respondo a mais notificações do aplicativo de namoro. Espero que haja uma mensagem de Alex.

nate: Você já namorou um homem branco?

maddie: Sim, já

nate: Aposto que ele não é como eu

maddie: Você daria sorte se esse fosse o caso

nate: Parece que você ainda está com raiva do seu ex. Tô fora

maddie: Você nunca esteve dentro!

zack: Você parece tão inocente, mas aposto que não é. Aposto que só namora caras bonzinhos e é por isso que ainda está solteira.

maddie: Então por que você está aqui?

zack: Quem disse que estou solteiro?

maddie: Bléh

zack: kkkkk

david: Você sabe rebolar?

maddie: Você sabe dançar valsa?

Nada do Alex. Tá, vou mandar mensagem primeiro; estamos no século XXI, feminismo e tal. Dou um gole na cidra para tomar coragem antes de lembrar que essa marca não é alcoólica.

Abro nossa conversa e percebo que ele não mandou mensagem porque é minha vez de fazer isso, então pergunto como está o final de semana dele.

alex: Vou pra casa da minha mãe em Richmond no domingo; é o chá de bebê da minha irmã então a família vai toda encher a casa dela

maddie: Ah que legal. É menino ou menina? Bom uso do ponto e vírgula, aliás

alex: Usei de propósito. ;)

Viu o que eu fiz ali?

É, vai ser legal. Eu chutaria que é menina, mas a gente vai descobrir o gênero no domingo.

A família transformou a coisa toda num grande bolão. As apostas eram só por diversão no começo, os ganhadores iam ter o direito de se gabar, esse tipo de coisa, mas agora o pessoal tá levando a sério e já botei 20 libras no páreo!

Nada demais.

Você e sua família são próximos?

maddie: ...

Tomo outro gole da cidra não alcoólica.

maddie: Muito. Me mudei faz uns dois meses (bem tarde, eu sei!), mas sempre passo lá. Visito bem mais que meu irmão, com certeza. Ele é três anos mais velho e também somos muito próximos.

alex: Bom saber. Seus pais ainda estão juntos? Não é estranho que isso seja raridade hoje em dia?

maddie: Sim, eles ainda estão juntos. Casados e felizes, até onde eu saiba! Somos uma família de margarina, na verdade. Conversamos por telefone, almoçamos juntos aos domingos, meu irmão leva as roupas para lavar lá, saímos pra caminhar no parque etc. Chato, eu sei.

alex: Parece ótimo, na real. Uma vida tranquila costumava ser considerada chata e agora é incrivelmente desvalorizada. Meus pais se divorciaram faz anos e agora tem seus próprios parceiros. Eles são tranquilos, mas sou mais próximo da minha mãe. Família é tudo, né?

maddie: ...

É sim.

excitado-za: Local?

maddie: Não sou fácil assim

excitado-za: Eu só quero f*der seu c*ção com meu p**ção

maddie: Acho melhor não

alex: Quer ir tomar um café (termo guarda-chuva que também inclui chá e outras bebidas)
comigo amanhã, se estiver livre?

Um encontro? Algo fora deste aplicativo? Algo... real. Não sei por que não levei isso em consideração.

Eu não deveria estar saindo com alguém agora. Mas gosto de falar com Alex. Esqueço que estou triste. Gosto de quem escolhi ser com ele, com minha família imaginária e tudo mais.

maddie: Quero sim.

Vinte e nove

Alex é bissexual.

Agora que ele me chamou para sair, preciso pensar nisso também. O primeiro ponto é que ele é outro homem branco. Assim, sei que não devo julgar todo homem branco tendo Ben como regra, mas o que foi que Nia disse? Se quero me poupar de mais sofrimento (e o departamento que lida com coração partido teve um ano e tanto), não posso namorar o primeiro homem branco que *aparecer*. Alex leu *The Imaginary People*, um livro de não ficção sobre a tendência britânica de apagar as contribuições de pessoas não brancas na história e nos tempos modernos. Isso significa que ele é antirracista? Não é exatamente um livro que você lê por diversão. Acho que não tenho como saber sem ter mais informações.

Voltando à bissexualidade dele. O que isso realmente significa? Alex também sente atração por homens, então nós dois poderíamos ficar a fim do mesmo cara? Isso importa? Se ele fosse hétero, ainda sentiria atração por outras mulheres, então qual é a diferença?

A diferença é: já é difícil competir com mulheres, agora tenho que competir com homens também. E se ele estiver buscando qualidades masculinas, como força movida a testosterona? E se gostar de coisas específicas no sexo que não tenho como fazer direito *porque* não tenho pênis?



Entro em uma sala de bate-papo e a pergunta inicial é: devo namorar um homem bissexual ou vai dar ruim?

lucys: Desde que ele seja monogâmico e daí se ele for bi? Fala sério. Somos todos um pouco bi.

reginap: Minha opinião sincera é que ele vai se assumir gay, então você é só uma distração, querida.

jennyflen: Vá em frente! Eu namoro uma pessoa que se identifica como pansexual e está sendo ótimo. Eu costumava pensar: ele quer mesmo estar comigo ou só está esperando até encontrar o cara certo blá-blá-blá mas não queria ter desperdiçado tanto tempo. Ele é minha alma gêmea. O povo vai falar, mas siga seu coração.

tinadewer: Concordo com todo mundo aqui pq tive experiências bem variadas. Ajudou conversar com alguém bi.

Pego meu celular e ligo para Shu.

— Shu, por que você é lésbica e não bissexual?

— Oi, Maddie — diz ela. — Como você está? Estou bem, obrigada. Tá um dia lindo lá fora.

Estou no meu jardim de novo, mas Shu deve estar perto de uma rua movimentada porque ouço pedestres passando, conversas entrecortadas e buzinas de motoristas impacientes.

— Desculpa, Shu. Você tá certa — digo. — Vou do começo. Como você está, e sente falta de ficar com homens?

Ela ri.

— Você é esquisita pra caralho, mas em geral tem uma razão pra isso, então vamos direto ao ponto. Não, não sinto falta de ficar com homens, até porque eles estão por toda parte. Sou lésbica porque me atraio sexualmente mais por mulheres.

— Você sente atração por mim?

— Não.

Franzo a testa.

— Você não vai nem pensar no assunto?

— Não preciso. Você não faz meu tipo.

— Porque você não me acha bonita? Eu sabia.

— Porque você me liga pra perguntar por que as pessoas são lésbicas — devolve Shu. — De onde você tá tirando isso?

— Só tô curiosa.

— Olha, sou lésbica porque mulheres são melhores, tá? — diz

ela. — Somos incríveis, mas ninguém mais está disposto a admitir isso. Sinceramente acho que as pessoas deviam me dar dinheiro e mimos porque todos os meses sangue sai da minha *vagina* e... tá olhando o quê?

Olho ao redor do jardim.

— Shu, você está gritando com quem?

— Um cara na rua. Me encarando como se nunca tivesse ouvido as palavras *sangue* e *vagina* antes.

— Onde você tá agora?

— Fora do escritório.

— Então, no meio da Liverpool Street?

— É — responde Shu. — Enfim, a gente sangra por cinco dias todo mês e não morre. Estatisticamente, vivemos mais que os homens também. Sabe quanto sangue eu perdi desde a puberdade? Estou menstruada agora e saí pra correr hoje de manhã. *Correr*, enquanto meu útero está desfalecendo. Depois, vim trabalhar. Maddie, se um homem viesse trabalhar com sangue escorrendo pelas pernas ou saindo do pau, o chefe dele diria: “Trabalhar de casa ou direto pro hospital? Qual você prefere?”. Sou a Mulher-Maravilha, porra.

— É difícil discordar disso, Shu.

— Além disso, somos mais bonitas e mais cheirosas.

Quem Alex acha que é mais cheiroso? Ou é meio “cavalo dado não se olha os dentes” (uma frase que nunca entendi por que você deveria olhar o dente do cavalo, né?) e para ele tanto faz se forem mulheres perfumadas ou homens que sabem usar ferramentas?

Se você fosse feminista de verdade, saberia usar ferramentas também.

Ou tudo isso é estereótipo e não apenas não sou feminista, como sou machista também?

— Você já foi bi então? — pergunto. — Já teve um momento desses, um espaço de tempo, pouco antes de se tornar lésbica em tempo integral?

— Na verdade não, pra ser sincera. Ser bi só não era minha vibe, sem querer ser preconceituosa. Ame quem você quiser e

tal. Você tá fazendo alguma pesquisa? De onde tá vindo tudo isso? Mads, você é bi?

— Somos todos um pouco bi, Shu.

— Vai se foder.

— Tá, não sou bi. Mulheres são bonitas, mas acho que eu não ia querer lidar com duas vaginas sendo que só uma dá tanto trabalho, sabe?

— Não — diz Shu. — Essa conversa acabou. Tchau, Mads.

Ela desliga.

No sábado, passo duas horas me arrumando antes de aceitar que jeans (o segundo par que testei, já que o primeiro não me serve mais) e um suéter vermelho é o melhor que vai dar para fazer.

Quando chego à cafeteria estilo escandinavo que cheira a manteiga, açúcar e canela, Alex está sentado na mesa perto da janela. Ele se levanta ao me ver e sorri. Nesta manhã, por sorte, se parece com a foto de perfil. Sem propaganda enganosa. O cabelo castanho está penteado para trás e ele está usando um Converse, jeans e uma camiseta branca lisa.

— Oi, Maddie. Legal que você veio — diz Alex. Sua voz é grave e amigável, com uma cadência levemente puxada para o inglês americano.

Nós nos sentamos, e na mesa há um bule de chá, um doce dinamarquês para ele e um brownie para mim.

Aponto para o brownie.

— Como você sabia que eu não ia te dar bolo?

— Só torci pra que não fosse o caso e disse a mim mesmo que se acontecesse, eu ia comer seu brownie como prêmio de consolação. — Ele sorri de novo. Ou talvez não tenha parado de sorrir. — É muito bom enfim te conhecer. Você é linda.

— Ah, obrigada. — Tento não desviar o olhar. — Você também é... bonito.

Ele ri.

— Bonito tá valendo. Posso te pagar um café ou algo assim?
— Posso tomar um pouco desse chá.
— É chá verde — diz ele, servindo-se uma xícara. — Já tomou?

— Não, mas quero experimentar. — Enquanto Alex me serve uma xícara, digo: — Você não trouxe seu cachorro?

— Eu deveria ter trazido, mas pensei em guardar essa carta caso precise de uma desculpa pra um segundo encontro.

Sorrio para ele e provo chá verde pela primeira vez. É um pouco amargo, mas me aquece instantaneamente.

— Então, como você está? — pergunta Alex.

Minha expressão murcha e faço toda uma preparação antes de me lembrar que ele não sabe de verdade como eu me sinto.

— Muito bem — respondo. Conto sobre o *Histórias de amor* e invento um passeio de bicicleta espontâneo na noite passada. Ele pergunta o que vou fazer no resto do final de semana. Ofereço metade do meu brownie enquanto penso em algo interessante para dizer. Acabo mentindo, porque não consigo pensar em nada.

— Amanhã eu e minha amiga Em vamos tomar um brunch em Highbury — digo —, mas hoje vou só visitar meus pais, depois passar num churrasco na casa de uma outra amiga. O que me lembra de que não posso aparecer sem nada, então preciso ir no mercado comprar algumas coisas pra levar. E você?

— Bem, o chá de bebê da minha irmã é amanhã, mas hoje à noite acho que vou perturbar meus colegas de apartamento, eles vão ver um filme.

Se eu fosse sincera sobre não ter nada planejado, será que Alex iria querer um segundo encontro?

— Não vou ao cinema desde... — Ben. — Faz muito tempo.

— É a sua primeira vez usando aplicativos de namoro? — pergunta Alex.

— Ai. Tá tão na cara assim?

— Juro que não. Só ouvi dizer que cinema é uma boa opção pra sair do online e ir pro mundo real, sabe.

— É minha primeira vez — admito. — Sempre tive um pé

atrás, mas uma noite dessas eu só decidi tentar. E você?

— Estou nessa há umas duas semanas.

— Alguma história de sucesso?

— Além de você?

Reviro os olhos.

— Muito sutil. — Bebo meu chá e escondo o sorriso.

— Deixa eu pensar... — diz Alex. — Tive dois encontros antes deste. Encontrei uma garota no parque por uma hora, mas não deu muito certo. O papo não fluiu. O da semana passada foi só um almoço, mas sim, ele era legal.

Dou um pulo com o “ele”, mas tento disfarçar. *Verdade, Alex é bi. Eu já sabia disso.*

— O “ele” te assustou?

Merda, ele lê mentes? ABORTAR. ABORTAR.

— Não.

Alex ri.

— Assustou sim! Tá tudo bem. Se você nunca saiu com uma pessoa bi, pode ser meio chocante, como uma freada brusca.

É exatamente isso.

— Como é ser bi? — pergunto. — Ah. Desculpa, eu não...

— Não precisa pedir desculpas — diz ele. — Pode me perguntar, porque não tenho problemas em responder. Foi difícil no começo porque me fiz todas as perguntas possíveis: um sonho erótico prova alguma coisa? É uma fase? Com quem vou me casar? Também tive que bater de frente com várias construções normativas sobre a masculinidade, já que estou fora do “padrão”.

— Você conhece muitas pessoas bissexuais no aplicativo?

— Não, na verdade não — responde Alex. — O que é uma pena. Agora, me perguntam *muito* sobre a minha vida sexual. Recebi várias propostas de sexo a três. Alguns homens gays não me levam a sério e algumas mulheres duvidam das minhas intenções. Para os ignorantes, o apagamento bissexual é a regra e a bissexualidade é só o meio para um fim. Acham que eu na verdade sou gay e ainda estou “me descobrindo”. — *Nota mental:*

procurar apagamento bissexual no Google. — Para eles, tenho que escolher um lado, sabe; dependendo de com quem eu me casar, sou hétero ou gay. Eu costumava colocar “queer” no meu perfil, mas senti que estava voltando um pouco pro armário.

Penso nas mensagens que recebi de homens. Todas começaram mais ou menos inocentes, perguntas sobre trabalho e hobbies, mas por fim o tópico da conversa sempre acabava sendo a cor da minha pele, o formato do meu corpo e o quanto eu era boa de cama.

Ah, se eles soubessem a verdade sobre esse último ponto...

— Suponho que namoro online não esteja sendo fácil para você?

— É, tem sido... interessante — diz ele.

Nenhum de nós diz em voz alta, mas estamos pensando sobre mim agora. Namorar sendo uma mulher negra.

— Posso imaginar — digo por fim.

Ele concorda com a cabeça.

— Mesmo assim, tenho que perguntar: eu ser bi é um problema para você?

— Não. — Balanço a cabeça. — Não é não.

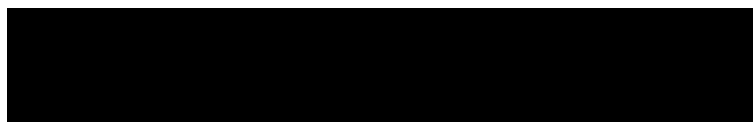
Depois de quase duas horas, vamos embora da cafeteria e paramos do lado de fora da minha estação.

Alex pergunta:

— Posso te dar um beijo?

É um beijo suave que faz meu estômago revirar no bom sentido. Nos despedimos e eu sorrio o caminho inteiro até o supermercado. Então lembro que não vou a nenhum churrasco e volto para o apartamento.

Trinta



Suspiro e me jogo de volta na cama.

Estive procrastinando a escrita desse discurso, mas agora estou ficando sem tempo.

Amo meu pai e passei a maior parte do meu tempo com ele, então esperava que tudo fosse sair de mim com facilidade, um fluxo sem esforço, mas meu caderno continua em branco. É uma coisa impossível de se pôr em palavras. Para alguns, vai parecer que não éramos próximos, mesmo no fim. Que proximidade dá para ter quando praticamente não há conversa? Se eu não sabia no que ele estava pensando e ele não entendia o que eu dizia? Pensar que Dawoud poderia achar essa tarefa mais fácil que eu dói um pouco.



Google — Como escrever um discurso fúnebre para o seu pai?

Como escrever um discurso fúnebre para o seu pai

Nunca é fácil no começo, mas é melhor anotar as ideias primeiro. Coloque o nome do seu pai no meio da página, e ao redor dele escreva memórias preciosas e situações engraçadas. Você vai ver que as palavras vão começar a fluir depois disso. Resumindo, apresente-o para o seu público. Ele era uma pessoa engraçada? Fazia piadas de tiozão? Quais eram os hobbies dele?

Balanço minha cabeça.

— Não, esse não é o meu pai — digo para o meu celular. — Piadas, situações engraçadas, hobbies? Ele era diferente. Era

complicado. — Balanço minha cabeça de novo. — É difícil de explicar.

Um discurso fúnebre para um pai escrito por uma filha

No fim das contas, um discurso fúnebre é sobre memórias. As filhas tendem a ser mais próximas do pai do que da mãe, então você tem que falar dele: os momentos que compartilharam e as coisas que ele fez que te fizeram sorrir. Por que você era a “filhinha do papai”?

As palavras “filhinha do papai” me causam asco.
O que ele fez que me fez sorrir?

Quando meu pai chegava em casa com uma barra de chocolate para mim, eu

Não, uma única barra de chocolate não é nada se você pensar que os outros pais compram carros para as filhas.

Mas as barras de chocolate significavam muito para mim. As outras pessoas é que não vão entender isso.

Meu pai era a luz da minha vida

Então por que você se mudou?

Meu pai veio de uma família de quatro irmãos

E agora só sobraram dois

Meu pai gostava de assistir à tv e

Antes de meu pai ser diagnosticado com Parkinson, ele gostava de

Ele passava a maior parte do tempo

Ele trabalhou muito tempo como bibliotecário

Esfrego o nariz.

Vou tentar de novo amanhã.

Trinta e um

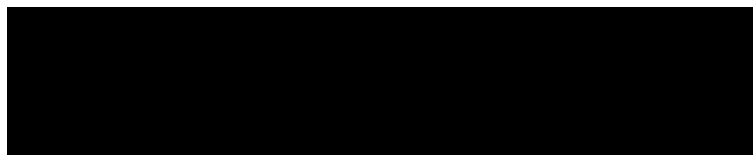
Hoje é o meu primeiro dia de volta ao escritório depois de duas semanas. Já estou ansiosa para voltar para casa à noite, e fico dizendo para mim mesma que retornar ao escritório depois que meu pai morreu é o tipo de coisa que só acontece uma vez.

Minhas mãos estão tremendo enquanto abotoo meu cardigã, e o suor frio que passei a conhecer tão bem já está alojado no meu corpo.

Quando Jo sai, tenho dez minutos de silêncio, que uso para ir ao banheiro duas vezes. Estou de pé diante da porta da frente do apartamento.

— Por favor, Deus — sussurro. — Só me deixa sobreviver ao dia de hoje.

Como sempre, não há resposta e vou ter que esperar para descobrir se Ele me ouviu ou não.



Me dou conta de que eu não ligaria para a minha mãe caso tivesse um dia ruim, porque provavelmente ia acabar me sentindo pior ou, no mínimo, como uma filha dramática e ingrata. Mas talvez eu não deva julgar tão cedo. As pessoas sempre podem te surpreender.

A viagem de trem não é longa o suficiente, e meu coração

dispara ao ver o prédio da EOT. Entro com meu crachá ao lado da Tina do departamento comercial. A gente já se esbarrou; ela diz oi e eu respondo no automático, então ela vira no corredor até seu local de trabalho.

Cheguei relativamente cedo, então não há muita gente no escritório.

Kathy diz:

— Oi, Maddie. Como você está?

Sorrio e finjo não perceber a cabeça inclinada dela. Respondo baixinho:

— Bem, obrigada.

Thea, que está sentada ao lado dela, concorda em silêncio e sorri. Interpreto isso como matar dois coelhos com uma cajadada só.

Vou até minha mesa, soltando o ar. Se for só isso, talvez...

Kris abre a porta.

— Maddie! Bem-vinda de volta! Venha aqui um segundo.

A conversa é menos dolorosa do que eu temia e, para resumir, posso ir para casa quando quiser se me sentir muito sobrecarregada.

A única coisa que não quero hoje é ser o centro das atenções e é justamente isso que acontece. Logo minhas palmas ficam marcadas de tanto que eu cravei as unhas nelas e o lado de dentro do meu lábio inferior está sangrando. Mal passou do horário de almoço e já usei o banheiro seis vezes. Também não parei para comer. Em vez disso, esqueço minha marmita na geladeira e saio para tomar um ar.

Quando volto, Penny me chama para a sala dela e repete o que Kris tinha dito no e-mail. Concordo com a cabeça e sorrio para parecer convincente.

Mal falo em voz alta pelo resto da tarde. Não quero conversa, só quero existir. Mantenho minha cabeça baixa e foco o trabalho.

No fim do dia, minha lista de tarefas está mais ou menos

assim:

Conferir as provas e a questão final do HVT
Remarcar reuniões
Mudar data de publicação do RPS e adicionar royalties
Mandar e-mail para David sobre contratos
Revisar texto para DF
Organizar cópias para resenha a serem enviadas
Rascunhar cartas para o item acima
E-mails não respondidos
Adicionar *Morto de fome* ao MDX
Digitar cartões dos brindes da pré-venda
Despesas da Penny
Encontrar a nota fiscal perdida de £5,72
Faturas x3
Planilha do Excel sobre editorial MTS e custos do projeto gráfico
Perguntas públicas
Adicionar correções ao calendário de publicação e atualizá-lo no banco de dados
Encomendar mais leite para o escritório
Enviar acordos de direitos estrangeiros para aprovação

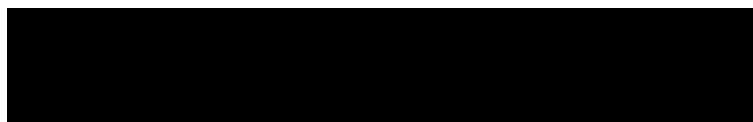
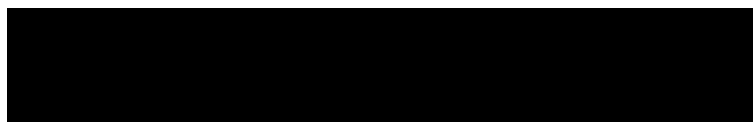
Anoto minha lista de tarefas para amanhã a fim de me manter ocupada, assim como hoje. Então ergo o olhar e percebo que estou sozinha no escritório.

Desligo meu computador, pego minha bolsa e visto minha jaqueta. Continuo sentada, em meio ao silêncio. O único barulho é o zumbido da máquina de lavar louça — não sei quem a ligou porque em geral sou eu que faço isso. Bem, talvez tenha sido eu.

E estou mesmo com fome? Eu provavelmente poderia pular o jantar.

Desligo as luzes do escritório e vou para casa.

Trinta e dois



No fim das contas, até que sou bem boa no boliche. Eu não teria escolhido isso como meu talento secreto, mas o descobri em boa hora.

— Como foi o churras? — pergunta Alex.

— Churras? — *Sim, seu compromisso falso do final de semana.* — Ah, sim, foi ótimo. — Me lembro do que ouvi Jo dizendo para Cam. “Meu pai deixou a carne no fogo mais do que deveria, mas disse que estava ao ponto. Clássico.”

— Então o churrasco era seu e não da sua amiga?

— O quê? Ah. — Olho para o placar a fim de ganhar tempo. — Não, foi na casa dela, mas nossas famílias são muito próximas. Nos conhecemos desde bebês e nossos pais são melhores amigos. Então, eles sempre compartilham a grelha. — Sorrio enquanto digo isso, com a ideia de uma família estendida grande e feliz, décadas de memórias e hambúrgueres queimados para compartilhar. — Como foi o filme?

— Foi bom. — Alex lança a bola e derruba cinco pinos. — Mas não gosto de ficar sentado por horas no escuro durante o dia. É como se meu corpo se coçasse para ficar do lado de fora e fazer algo ao ar livre.

— Tipo perder no boliche?

Ele ergue a sobrancelha.

— Não estou tão para trás assim! Fique avisada, todas as grandes viradas começam desse jeito, com um oponente metido.

— Você tem razão. Eu deveria ser mais elegante. — Fico olhando enquanto Alex se aproxima da pista, com a bola em mãos. Então grito: — Você é péssimo, Alex! — Bem quando ele está pronto para jogar.

Alex ri.

— Muito maduro! — E rola a bola direto na canaleta.

Depois da quinta rodada, nos sentamos para tomar milkshake e observamos um casal jogar. Eles parecem ter quarenta e poucos anos e ela está vencendo, mas achamos que é porque ele a está deixando ganhar.

— Então, gerente sênior de vendas, mas fotografia? — pergunto. — Conta mais.

Alex apoia o braço atrás de mim — seu sorriso parece ainda maior por conta dos incisivos pontudos.

— É, eu trabalho com vendas para pagar as contas, mas me dedicar à fotografia é o meu sonho. Eu costumava ter grandes ambições quando criança, ou talvez só parecessem grandes porque eu era muito pequeno. Como geralmente acontece, conforme fui ficando mais velho, só queria ganhar muito dinheiro; pensei que se pudesse comprar tudo o que queria quando queria, ficaria feliz. Então arranjei um emprego com um ótimo salário etc., mas não me sinto... — Sem conseguir expressar o que sentia, ele decidiu apenas gesticular. Alex toca o peito, logo acima do coração. — Não é o que faz isso aqui bater — diz. — Sou um adepto tardio da teoria de que cada um é responsável pela própria felicidade, e faz pouco tempo que me dei conta de que nosso trabalho tem um grande papel nisso. Acho que muitos de nós priorizam o dinheiro e as aparências e a satisfação instantânea. E no processo, a felicidade genuína fica

para escanteio. Faz sentido?

Concordo com a cabeça.

— Faz sim. Eu trabalhava num teatro e era muito infeliz, mas precisava de um salário todo mês. Daí fui demitida.

Ele se endireita.

— O que aconteceu?

Conto a história toda; faço pausas para que ria de Avi e revire os olhos para Katherine; conto sobre a falta de realização e a alienação.

— Chorava quase todos os dias. Pensei que estivesse deprimida.

Uau, que palavra pesada para usar em um segundo encontro. Não acho que Lisa Fiener aprovaria.

A Maddie do meu subconsciente tira a máscara de dormir do rosto e esfrega os olhos. *Ei, pelo menos você está falando a verdade para ele agora.* Ela se espreguiça exageradamente. *Viu como é bom? Conta tudo sobre o CGT. Você não contou nem para a sua mãe o que aconteceu de verdade.*

Me viro para Alex, que apenas me olha. *Por que me abri tanto?*

Para compensar as mentiras. Sim, talvez.

Para mostrar uma parte autêntica de você. Ele não foi nada além de sincero comigo; preciso lhe contar algo verdadeiro.

Isso não apaga as mentiras que você já contou, e, nossa, foram várias. Me tornei muito boa em mentir. *Sim, se tornou mesmo.* Em inventar uma Maddie alternativa, feliz e despreocupada. Uma Maddie que é fácil de amar. A Maddie que eu gostaria de ser.

Mas talvez seja melhor contar a verdade para ele agora? Será? Por que eu ia querer fazer isso quando a verdade é tão deprimente? Gosto de Alex, mas a pessoa que ele pensa que sou não existe, e não estou pronta para que a minha realidade e esta fantasia se choquem de uma maneira irreparável.

Alex coloca uma mão macia sobre a minha.

— Você ficou deprimida?

Limpo uma mancha imaginária na minha calça jeans quando sinto meu pulso acelerar.

— Não, não. Depressão é... é uma palavra tão forte, e eu não tinha um motivo, sabe? Um motivo real. Eu não estava estressada, nem com uma carga de trabalho excessiva, nem sob pressão como Katherine. *Aquilo sim* era depressão.

— Maddie — diz ele baixinho —, você estava presa em um trabalho emocionalmente desgastante, com um ambiente passivo-agressivo e cheio de microagressões, e então foi demitida sem justa causa. Isso é bem real.

A mulher jogando boliche grita de alegria por ter feito um strike.

Balanço a cabeça.

— Não sei. As pessoas passam por coisas piores todos os dias.

— Ficar se comparando não vai ajudar sua saúde mental — diz Alex. Ele se inclina à frente para que eu possa ver os pontinhos de luz em seus olhos. — As coisas pelas quais você passa e o modo que elas te afetam são tão válidas quanto as de qualquer outra pessoa. O que seus pais disseram quando você contou para eles? Parecem ser bem compreensivos.

Pisco quando lembro qual Maddie deveria ser agora.

Já está difícil dizer qual é qual?

Apoio minhas mãos abertas nas laterais do meu quadril, sentindo-as formigar de suor. Foco minhas pernas balançando para a frente e para trás.

— Não contei para eles — digo. — Não queria que se preocupassem.

— Maddie.

— Eu sei! Eu sei, mas está tudo bem. — *Para não falar que agora nem dá para contar para os dois, porque um deles está morto e, quando você contou para o outro, a resposta foi: reze mais.* — Sério — adiciono —, estou muito melhor agora.

Você está pior do que nunca.

— Desde que saiu do trabalho no teatro?

Bem, a EOT poderia ser o novo CGT — por enquanto o status continua ASC: a ser confirmado.

Olho para Alex e tento iluminar meu semblante com um

sorriso.

— Exatamente!

Tenho quase certeza absoluta de que quebrei algum código moral ao esconder uma verdade tão importante como uma morte na minha família. Mas alguém que você acabou de conhecer pode dar apenas três respostas à frase “meu pai morreu mês passado”.

Ou: “Ah, Maddie, meus pêsames/sinto muito por sua perda. Me fale sobre ele. Como aconteceu? Por quê? Como você está?” — ou seja, perguntas que não quero responder a um completo estranho.

Ou: “Faz nem três semanas? Você deveria estar *saindo*? Deveria estar indo a encontros? Quer que eu te leve para casa?” — ou seja, perguntas que vão fazer eu me sentir uma merda, uma filha terrível e uma mancha podre e irremovível no tecido da humanidade.

Ou: “Ah... nossa. Isso é pesado”. (Insira silêncio desconfortável, olhares sutis em direção à porta e dedos inquietos aqui.)

Vamos de mentiras então.

 Google — Sintomas de depressão

Infelicidade

Desesperança

Choro

Ansiedade

Exaustão com dificuldade para dormir

Pensamentos suicidas

Mudanças de apetite

A maioria das pessoas pode sentir todos os sintomas acima ao passar por um momento difícil ou uma mudança grande na vida, e esses sintomas tendem a melhorar quando a tempestade passa, em vez de serem indicativos de depressão.

Viu? Eu sabia. Não há mudança maior na vida ou momento mais difícil do que seu pai morrer assim que você se muda. Os ataques de pânico, a insônia e a perda de apetite começaram só *depois* do falecimento dele.

Mas todo o resto começou antes.

Isso é porque eu estava infeliz no trabalho — outro momento difícil.

Comentários:

dinah: É assustador o número desses sintomas que venho sentindo nos últimos tempos.

joel: Isso não foi nada útil. Todo mundo sente todas essas coisas em algum momento.

frances: Tenho que dizer que esses sintomas são todos muito vagos e a observação final é enganadora e prejudicial. Atribuir os sintomas de depressão unicamente a “momentos difíceis” pode fazer você sentir que deve esperar eles passarem em vez de buscar ajuda profissional. E se estiver passando por uma série de “momentos difíceis”? Vai esperar a tempestade passar até a morte. A depressão varia de pessoa para pessoa. Por exemplo, eu tinha mudanças muito grandes de humor, algo que não é mencionado acima e raramente é associado à depressão. Eu estava nas nuvens um dia e num tormento infernal no outro, e as coisas não melhoraram até eu buscar ajuda. Então você precisa se perguntar (e responder com sinceridade): acha que está deprimido? A resposta óbvia é sim, senão não estaria lendo esta página. Faça um favor a si mesmo e busque ajuda.

Trinta e três

Na quarta-feira, Penny me chama em sua sala. Ela me olha e sorri. Está usando a mesma sombra azul que usou no dia da minha entrevista. O cabelo loiro está ainda mais curto agora e fica espetado em cantos que ela talvez não consiga ver.

— Maddie — diz Penny. — Não sei se você sabe, mas temos uma psicóloga que vem aqui duas vezes por mês. Quero que a veja, só para ela ficar atualizada.

Franzo a testa.

— Fiz alguma coisa errada?

— De jeito nenhum — diz Penny. — Você está sendo ótima com as tarefas administrativas; só reparei que tem chegado cedo e saído tarde desde que voltou. O Allan do RH disse que te viu sair 21h30 na segunda. Você quase não fala com ninguém do escritório e, às vezes parece meio, bem, melancólica talvez seja uma palavra forte demais, mas com certeza não está sendo você mesma, o que é compreensível. Você pareceu mais alegre esta manhã, mas imagino que há dias melhores que outros.

Estou morrendo de vergonha com a ideia de ser A Garota Que Claramente Não Dá Conta. Por um instante, me coloco no lugar de Penny. Ela deve estar odiando ter essa conversa tanto quanto eu. Não deveria ter que lidar com o luto alheio. Já sei que Kris e Eliza perderam alguém próximo e nenhuma das duas falou nada sobre uma psicóloga.

— Estou bem — insisto. — Consigo fazer meu trabalho, assim como todo... — Me interrompo ao pensar em Katherine, chorando no banheiro, trabalhando quando sua saúde mental estava em risco, fingindo que estava tudo bem. Perguntei a Claire

se realmente importava se as pessoas pensassem que Katherine era fraca, desde que ela fosse atrás de ajuda. Eu não fazia ideia de que teria dificuldade para seguir meu próprio conselho.

A depressão faz isso com as pessoas.

Balanço a cabeça e não digo nada.

— Queremos te ajudar, Maddie — diz Penny. — Queremos que cresça aqui na EOT, por isso a importância da nossa psicóloga. Pensamos que seria melhor se você conversasse com uma mulher negra especialista em luto. Então, uma sexta sim, outra sexta não, às três horas da tarde na sala do RH. Você não precisa contar a ninguém o que está fazendo, e claro que está dispensada de qualquer reunião que caia nesse horário. Na verdade, a psicóloga está aqui hoje e livre pela próxima meia hora, se quiser aparecer lá e se apresentar antes do almoço. Que tal? — Penny balança a cabeça num sinal positivo e sorri até que eu faça o mesmo.

Nunca estive na sala do RH, então me perco um pouco até encontrá-la. Não consigo evitar sentir que fiz algo errado, que vou ser punida. Você faz terapia se tiver problemas sérios, se for uma ameaça a si mesma. As pessoas perdem parentes todos os dias, mas nem todas fazem terapia, então por que eu?

Não posso contar à minha mãe sobre isso. A não ser que Deus trabalhe no RH, ela vai achar inaceitável.

Bato na porta e entro em uma salinha com apenas um sofá, uma cadeira (onde uma mulher negra está sentada) e uma mesa de madeira no meio. O chão tem um tapete cinza e as paredes são cor de creme, com apenas uma pequena janela e um relógio. Está mais quente aqui que lá em cima e me pergunto se essa é a intenção.

— Olá, Madeleine? Penny mencionou que você poderia aparecer. Por favor, sente-se — diz a mulher. Seu cabelo crespo se destaca em um blackpower e os lábios são bem definidos, a boca parece um botão. Penso que passar batom deve ser fácil para ela.

— Ah, tudo bem, só vim aqui para me apresentar — digo. — Mas vejo você na sexta.

— Você está aqui agora e estou disponível, então por que não se senta? — Ela gesticula na direção do sofá; o tom é gentil, mas direto.

Largo minha bolsa e a obedeço.

— Madeleine ou Maddie? — pergunta a mulher.

— Maddie, por favor.

— Ótimo. Você pode me chamar de Angelina. — Ela cruza uma perna por cima da outra. Está usando um terninho azul-marinho com uma blusa branca por baixo e saltos altos. Quero perguntar se tem macacões de cores mais vivas. Um amarelo, talvez. — Como você está se sentindo hoje?

— Bem, obrigada. Sabe, tão bem quanto possível.

Angelina concorda com a cabeça e espera, a boca fechada enquanto sorri. Não falo mais nada.

— E como está a volta ao trabalho? Hoje é o terceiro dia?

Faço que sim.

— Está tudo bem.

Ela espera que eu diga mais e começo a beliscar minhas palmas.

— Eu só queria...

— Sim?

— Acho que você vai me julgar.

— Não é meu trabalho julgar.

— O que não quer dizer que você não vai fazer isso.

— Tudo bem pensar assim — diz Angelina, embora eu perceba que ela não nega. — O que você ia dizer? Só queria...

— Só queria que as pessoas parassem de perguntar como estou me sentindo.

— Isso é natural.

— Sim, mas eu também ficaria ofendida se elas não perguntassem. Tipo, como ousa não se importar o suficiente para perguntar? Mesmo se você pensar que eu prefiro ficar na minha, perguntar é uma convenção social.

— Pode continuar.

— Queria que todo mundo me perguntasse de uma vez só como eu estou — digo —, para que eu pudesse dar uma resposta única. Agora tudo que faço é ficar me repetindo, o que parece um desserviço ao meu pai, e às vezes a pessoa que pergunta só fica esperando e me encarando, e eu penso: elas querem que eu chore? Ou estão me julgando e se perguntando por que não estou chorando? Ou estão me dando espaço para falar e isso não é exatamente o que quero agora, mas talvez elas saibam o que é melhor e o que eu preciso? Não sei. Fiquei muito irritada porque a Melanie não veio na segunda, o que significava que eu teria que fazer tudo de novo no dia seguinte, e no seguinte com alguém novo, e assim por diante. É cansativo. Estou cansada.

— Você tem o direito de se sentir cansada.

— É só isso?

— É.

— Você não tem mais nada a dizer?

Ela descruza as pernas.

— Estava esperando por uma solução hoje, Maddie? Porque não há uma. Estou aqui se você quiser conversar.

— Mas qual a diferença de conversar com qualquer outra pessoa? Por que com você seria diferente?

— Talvez eu possa te dar algum conselho ou conforto que os outros não possam.

— Certo.

— Você parece cética. Conselhos bem-intencionados ou palavras de conforto não te ajudaram em nada até agora?

— Dá pra dizer isso — respondo. — No dia que voltei ao trabalho, minha mãe disse: “Deus está com você, Maame. Tenha um bom dia e me ligue caso se sinta sobrecarregada”. Me senti sobrecarregada, mas não liguei para ela; só não almocei e caminhei por Farringdon.

— Sua mãe te chama de Maame?

— Sim. Maame significa...

— Sei o que significa. — Angelina sorri, com um pouco de

tristeza, se eu não estiver errada. — Sou a mais velha de três irmãs e minha mãe me chamava assim.

— Você é ganense?

— Sou sim. O que significa que sei bem qual a importância dos nomes na nossa cultura. De muitas maneiras, eles nos são dados como uma previsão de futuro. Na infância, tive muitas amigas chamadas Glória, Paciência, Sabedoria, Conforto. Parece que há uma ligação entre nossos nomes e nosso suposto destino. Poderíamos pensar dessa forma sobre o nome Maame: a responsável. A mulher. A mãe. Geralmente de maneira precoce.

— Angelina fecha seu caderno. — Como você se sente em relação a esse nome, Maddie?

Me remexo no sofá. A pergunta de repente me deixou muito desconfortável.

— Por que estamos falando do meu apelido?

— Porque eu gostaria de te conhecer — responde ela, com simplicidade. — No geral, trabalho com empresas que têm iniciativas de saúde mental, e faz um tempo desde que vi alguém tão jovem com tanta tensão nos ombros.

— Você já deve ter atendido alguém pior, não é possível.

— *Pior* significaria que há algo errado com você, e não há. Os problemas de uma pessoa não são medidos pelo tamanho, mas pelo peso que tem para quem os carrega. Já percebi que você se preocupa muito com o que os outros sentem em vez de focar os *seus* sentimentos. Perguntei sobre como foi a volta ao trabalho e você só falou sobre estar reagindo ou não de uma maneira que seus colegas vão achar apropriada ou fácil de entender. Fazer os seus colegas se sentirem confortáveis o tempo todo não é seu trabalho. Isso em si já é algo pesado demais para carregar quando se está de luto. Imagino que seu instinto de colocar os outros em primeiro lugar, mesmo que tenha que abrir mão de si mesma, também tenha um papel importante na sua vida pessoal. — Ela me encara. — Mas acredito que perguntei como você se sente sobre o nome Maame.

Segundos se passam antes que eu me ouça responder:

— Eu o amava.

— E agora?

— Agora? Agora talvez eu o odeie. — Dou ao meu cérebro tempo para pensar. — Acho que odeio o que significa e o que fez comigo.

— O que ele fez com você?

— Me fez crescer — respondo. — Me fez crescer quando eu deveria ter tido mais tempo. Fez meu pai me ignorar quando eu era criança, fez minha mãe me deixar para trás e deixou que meu irmão se safasse só fazendo o mínimo. Fez com que eu me sentisse solitária e triste. Responsável e culpada. Me transformou em uma pessoa que, se eu tivesse escolha, não ia querer ser.

Depois que deixo a sala do RH, vou direto para a saída.

A última coisa que Angelina me disse foi que talvez Maddie e Maame precisem de um pouco de espaço, como se fosse fácil separar as duas. Elas são a mesma pessoa — sempre foram.

Começo a andar até perceber que fui de Farringdon até a Tottenham Court Road. Paro num semáforo pouco depois da estação de metrô e, quando me viro, vejo minha mãe pela vitraça de uma cafeteria.

O que ela está fazendo aqui? Está procurando por mim? Minha mãe raramente vem ao centro de Londres porque, como diz, “é muito barulhento e tem gente demais sem nenhum motivo”. Mas ali está ela, sentada à mesa perto da janela, e se olhasse para a esquerda, me veria. Acho que está prestes a fazer isso quando um homem de jeans e camiseta branca se senta à frente dela. Imediatamente, por instinto, sei que esse homem é Kwaku, o... namorado da minha mãe.

O semáforo fica verde, mas deixo as pessoas passarem por mim e me empurrarem até que eu saia do caminho e fique parada numa lateral. Não consigo tirar os olhos da cafeteria. Através do vidro, vejo que Kwaku está na casa dos cinquenta e poucos anos, como minha mãe. Ele tem o corpo sarado, se senta

com a postura ereta e está segurando as mãos dela, uma mulher casada.

Ela é viúva agora.

Me aproximo e me agacho atrás de uma caixa de correios, como se fosse a pior espia do mundo, e continuo encarando. Kwaku acaricia gentilmente a mão de minha mãe e a primeira coisa em que consigo pensar é como ele consegue fazer algo tão gentil tendo mãos tão grandes. A segunda coisa em que penso é que ele não se parece nem um pouco com meu pai.

Talvez esse seja o objetivo.

Minha mãe olha para as mãos entrelaçadas deles e percebo que sua cabeça está abaixada de leve, os ombros caídos. Então ele se move para se sentar ao lado dela, o braço ao redor de seus ombros, e minha mãe se torna uma miniatura de pessoa. Apoia a cabeça no ombro dele e só então, quando ela olha para cima, vejo as lágrimas escorrendo por suas bochechas.

Endireito minhas costas porque nunca vi minha mãe tão vulnerável e sendo tão bem cuidada. Kwaku limpa os olhos dela com o dedão, beija o topo de sua cabeça, o que a faz fechar os olhos. Ele a ama e, pior de tudo, ela o ama também. De repente, isso é imperdoável.

Me aproximo do vidro, sem tirar os olhos dele até que Kwaku me veja e franza a testa. Ele entende tudo de repente, até porque minha mãe se endireita e exhibe horror em sua expressão. Agora me pergunto se é tarde demais para fingir que não vi nada, porque detesto essa versão dela. Não há confiança nem segurança; ela foi pega no flagra e está sem saída. Mas é tarde demais. As pessoas sentadas nas mesas ao redor também encaram a jovem com o nariz a centímetros da vidraça.

De repente saio correndo. Corro para atravessar a rua e entrar na estação Tottenham Court Road, descendo a escada rolante e entrando no primeiro trem que chega à plataforma. Me sento num vagão quase vazio e percebo que esta não é uma viagem espontânea para sabe-se lá onde. Estou indo para Thornton Heath via Balham. Depois, vou pegar o ônibus 250 até nossa

casa.

E esperarei por minha mãe lá.

Trinta e quatro

Mas minha mãe não é a primeira pessoa a passar pela porta.

Enquanto ando de um lado para o outro na cozinha, abrindo e fechando os punhos, tentando entender as palavras e cenas que se repetem na minha cabeça, James aparece.

— O que você tá fazendo aqui?

Ele coça a cabeça.

— Mamãe disse que você viu os dois.

Ouçoo um motor de carro sendo desligado lá fora.

— Ah, bom saber que vocês conseguem se unir em um momento de crise. Vou manter isso em mente.

Minha mãe entra correndo e eu começo a bater palmas.

— Aqui está ela! James, olha! Aqui. Está. Ela. A porta-voz número um da palavra do Senhor!

James arregala os olhos.

— Mads, você está bem?

Estou tremendo e suando e olhando para a pia caso precise vomitar.

— Não. Não estou não. — Os dois tentam falar, mas só consigo ouvir minha própria voz. — Então, mãe, você escolheu adultério, hein?

— Madeleine!

— Quero dizer, considerando todas as regras do Cara Lá de Cima, adultério tá em que posição? Numa das dez primeiras? Vindo logo depois de assassinato! — Minha voz se alterna em agudos enquanto se familiariza com a fúria. — Onde você estava quando meu pai morreu?

Minha mãe não responde, e nem precisa. Estava com *ele*. O

rosto dela está pálido, os olhos, vermelhos e ela também está tremendo. Esta é a primeira vez que faço minha mãe chorar, mas minhas próprias lágrimas hoje não vão chegar nem perto das dela.

Dou um passo em sua direção.

— Você me diz como viver, como rezar e com quem eu devo sair, mas quem está dizendo essas coisas pra *você*?

— Maame, por favor...

— NÃO ME CHAME DE MAAME!

Minha mãe se assusta e inclina a cabeça para trás. Até James inclina a dele. Como eu, os dois não sabem de onde isso saiu.

— Estou tão cansada de todos nesta família agirem da forma que agem porque a *Maame* está sempre aqui para limpar os cacos, arrumar a bagunça e cuidar de vocês. Os dois é que deveriam estar cuidando de mim! Você. — Aponto para minha mãe. — Com seus “provérbios” condescendentes e “sua mãe sabe das coisas”, sua implicância, nada do que eu faço nunca sendo o *suficiente*. A *Maame* aqui sempre dá conta.

James bate palmas.

— É isso o que eu vivo dizendo! A mamãe precisa...

— James, cala a porra da sua boca.

A Maddie do meu subconsciente, como todos neste cômodo, está boquiaberta.

— O que foi? — pergunto a ele. — Por que parece tão surpreso quando o nome James é sinônimo de *inútil*! Quando foi que você me colocou em primeiro lugar? Hein, quando? Exatamente! Sou a mais nova nesta merda de família, mas ninguém aqui cuida de mim. Ninguém liga, porra! Às vezes eu penso que ficaria bem sem vocês dois, mas ao mesmo tempo fico imaginando se conseguiriam ficar bem sem mim. Agora que o papai não está mais aqui, um dia vocês vão descobrir a resposta. Um dia, a pequena, doce, confiável, trouxa, molenga e patética Maddie vai deixar vocês dois se matarem!

— Maame, é melhor...

— Eu disse pra *não* me chamar de Maame!

Ficamos todos nos encarando por um tempo.

Limpo o cuspe do meu queixo e ignoro o suor que desce pelas minhas costas. Minha garganta está seca e sinto uma dor de cabeça surgindo nas minhas têmporas. Vou até a porta e me viro para dizer:

— Meu nome é Maddie.

E esta nova Maddie está se sentindo ótima. Quero dizer, ótima *mesmo*. Ela é tranquila, audaciosa e despreocupada. Enfim, é tudo o que sempre quis ser.

Depois de sair de lá, enviei um e-mail para Kris dizendo que me senti mal depois da sessão com Angelina e fui direto para casa. Foda-se. Então voltei para o apartamento e me aconcheguei na sala de estar. Deitei no sofá e liguei a tv. Quando Jo chegou horas depois, ela parou ao me ver e disse: “Ah”. Olhei nos olhos dela com as sobrancelhas arqueadas e perguntei: “Tá tudo bem?”. Ela me deu um sorriso desconfortável, fez que sim com a cabeça e foi direto para o quarto. Pedi delivery de comida, ignorei as ligações de minha mãe e de James até a bateria do meu celular acabar e adormeci no sofá.

Sim, a nova Maddie se sentia ótima, mas é uma pena ela não ter ficado por muito tempo.

Acordo às oito da manhã, me sentindo enjoada, confusa e ansiosa.

Que desculpa vou usar para faltar no trabalho hoje?

Qual é, você é praticamente uma profissional nisso agora.

O que vou dizer quando enfim tiver que falar com a minha mãe?

Não sofra por antecipação.

Falei palavrão todas aquelas vezes mesmo?

Sim, você falou palavrão pra caralho.

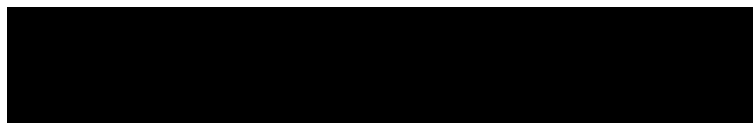
Trinta e cinco

Duas horas depois que entro no trabalho, percebo que deveria ter ficado em casa hoje também.

Estou monossilábica e a ponto de chorar o dia todo. Todo mundo me lança *aquele* olhar, aquele em que olham na minha direção, depois para outra pessoa, antes de apontarem com a cabeça para mim. Ignoro-os porque não quero que Penny me chame na sala dela. Por sorte, ela está ocupada demais com reuniões para prestar qualquer atenção em mim.

Trabalho durante meu horário de almoço e vou embora às quatro da tarde. Só quando estou já do lado de fora parece que enfim posso respirar, e o alívio me faz chorar no meio da rua. As pessoas passam por mim, me lançando olhares, mas continuando com o dia delas. Sei como é. Podem chegar atrasadas em seus compromissos se pararem para falar comigo.

Volto para dentro do prédio da EOT para usar o banheiro e limpar meu rosto.



Sinto muita falta da nova Maddie, mas não tenho tempo para lamentar a partida precoce dela. Já era hora de ser outra pessoa, hora de ser mais uma Maddie. A Maddie do Alex.

Fico tão feliz em ver Alex quando saio da estação que corro

para abraçá-lo. Ele se tornou minha rede de apoio tão rápido, minha *pausa*.

— Quer saber, Maddie? — diz Alex no meu pescoço. — Senti sua falta também.

O plano é caminhar pelo parque até o apartamento dele e assistir a um filme. Ele me pergunta sobre o meu dia e eu invento uma história com facilidade, com prazer.

Preciso pesquisar no Google se mentir assim é uma habilidade que vem com tanta naturalidade apenas para sociopatas. Minhas mentiras estão se afastando tanto da verdade que eu as perdi de vista. Estremeço ao pensar na situação atual das minhas questões familiares.

Não, isso não aconteceu nesta realidade. A Maddie do Alex simplesmente foi para casa depois do trabalho noite passada, jantou com as colegas e foi dormir.

Enquanto ele me conta sobre seu dia, a Maddie do meu subconsciente se senta, parecendo entediada. Ela cruza os braços e afasta as tranças dos olhos. *Ele acha que o papai está vivo!*

Ignoro-a quando ela adiciona: *O Ben mentiu para você. Como se sentiu quando descobriu?*

Perco o equilíbrio, tropeçando no cascalho. Alex me segura a tempo pela mão.

— Você está bem?

Concordo com a cabeça, secando minha testa antes de olhar para ele. Alex está sorrindo e usa uma mão para proteger os olhos do sol do fim de tarde enquanto a outra ainda segura a minha. E se eu contasse para ele? Só dizer e pronto. Menti sobre ir ao churrasco. O nome da minha melhor amiga é Nia, não Emma. Nossos pais não são melhores amigos. Nossos pais morreram. O dela morreu faz dez anos, o meu faz menos de um mês. Sinto muito, muito mesmo por ter mentido.

Ele jamais ia ficar se eu falasse a verdade; sinceramente, eu não o julgaria se fizesse isso, porque só uma pessoa maluca mentiria sobre algo assim. Mas perder Alex agora seria insuportável. Só me restaria o luto. Não temos nada sério; sei que

isso não vai durar, mas preciso que ele fique por perto até que os dias não pareçam tão longos, até o funeral passar e eu estar melhor, mais estável nesta minha nova realidade.

Então você tá usando o cara? Não!

Como o Ben te usou? Cala a boca!

O que acontece com o Alex e a Maddie de mentira quando você estiver “melhor”?

— Ai... Maddie?

Olho para Alex.

— O quê?

Ele ergue nossas mãos.

— Apertou com força demais — diz. — Tem certeza de que está bem?

— Desculpa! — Solto sua mão.

A Maddie do meu subconsciente parece convencida, e internamente lembro-a de que ela deveria estar do meu lado.

Estou do lado da verdade!

Olho para Alex de novo e sorrio de um jeito forçado.

— Estou bem, só um pouco desajeitada.

Mas meus pensamentos me seguem pelo parque até o apartamento dele.

O filme está no meio quando Alex me beija. Sei qual é a intenção dele e por um momento breve e indesculpável digo a mim mesma que o sexo vai compensar as minhas mentiras. Tem que compensar porque preciso dele. Preciso de uma pausa da minha vida e de toda a confusão emocional que sempre vem com ela. Consigo esse respiro quando não estou sendo eu mesma. Consigo esse respiro com Alex.

Fico sem meu cardigã e arrepios cobrem a minha pele. Está tudo bem. Gosto de Alex. Gosto muito dele. Ele é gentil e atencioso e tudo é fácil. *É por isso que você vai transar com ele. Esse é o único motivo.* Mas não consigo deixar que ele beije meu corpo. Encaro o teto da sala e penso que talvez eu não seja muito fã de

preliminares.

— Tudo bem? — pergunta Alex, posicionando-se em cima de mim.

Faço que sim com a cabeça e ele não lê minha mente. Quando o pênis dele entra em mim, é menos doloroso do que foi com Ben, mas não é confortável; me remexo em baixo porque sinto que está no lugar errado, embora isso não seja possível. Aceito a situação, mas não importa o quão próximos nossos corpos estejam, se eu fechar os olhos parece que estamos a quilômetros de distância. A incapacidade de sentir uma conexão, a dissociação sufocante e inegável primeiro da minha mente e depois do meu corpo, e então entre o meu corpo e o dele, parece pior do que a dor física aguda que senti com Ben. Pelo menos *aquilo* eu conseguia entender; era temporário e eu sentiria alívio após algumas horas. Com Alex, sinto a almofada do sofá esfregar e cutucar minhas costas. Sinto que meu corpo está sendo usado, mas não consigo entender por que já que eu havia dito para mim mesma que queria isso.

Depois, ficamos em silêncio. Eu ignoro o climão, mas ele nos segue até a cozinha. Observo Alex enquanto ele observa a chaleira. Não quero trazer à tona a falta de assunto porque estou com medo do que ele vai responder. Alex tamborila os dedos na bancada; sinto que está se preparando para dizer algo. Ele despeja água quente em uma xícara com um saquinho de chá verde no fundo e a coloca diante de mim. Então se senta à mesa de jantar.

— Você tá escondendo alguma coisa — diz baixinho.

Quero me segurar, mentir de novo. Sou tão boa nisso. Para algo universalmente condenável, é bem a minha praia; por vezes parece a única maneira de manter a paz e as coisas nos trilhos. Mas outra parte de mim está cansada — cansada de mentir e manter as mentiras em mente, cansada de ficar exausta depois de transar, como se eu tivesse passado o tempo todo fugindo da minha própria sombra.

— Não sou muito fã de sexo — digo a ele. — É doloroso e sempre foi.

— Ah.

Essa conversa pode ir por vários caminhos, e observo Alex considerar todos, mas ele não precisa me contar algo que está tão claro em seu rosto.

— Isso muda tudo, né?

— Não — diz Alex rapidamente.

Dou um sorriso triste.

— Por favor, seja sincero.

Ele apoia a cabeça nas mãos e sinto algo afiado me atingir no peito: uma rejeição crescente. De novo.

— Sinto muito, Maddie — diz Alex. — Vou parecer um babaca, mas sexo é importante para mim; preciso dessa conexão e intimidade física. Queria poder fingir que não, mas me conheço e não quero prometer a você, principalmente a você, uma coisa e no fundo desejar outra.

Olho para minha xícara de chá verde. A água está da cor do saquinho e o cheiro é um pouco medicinal, mas tranquilizante, como o de eucalipto.

— Talvez a gente possa tentar de novo? — ofereço.

Alex já se recostou na cadeira, afastando-se da mesa e de mim, mas estou desesperada. — Talvez melhore e eu só tenha que continuar tentando?

— Não posso saber que você está com dor e mesmo assim... — Ele enfim me olha. — Sinto muito.

É fácil assim se livrar de mim. Me apagar da vida dele e de qualquer espaço que eu poderia ter preenchido em seu futuro. Alex não precisa mais pensar em mim. Fui feita para o curto prazo.

Do jeito que você queria, né?

Balanço a cabeça, concordando, porque é isso o que eu mereço, e ele me imita.

Uma coisa que posso valorizar é a sinceridade dele, até porque Deus sabe que Alex não recebeu nada disso de mim.

Trinta e seis

Na sexta à tarde, Penny me lembra da minha primeira sessão oficial com Angelina. Concordo com a cabeça.

— Estou indo agora.

Penny nunca me lembra de nada porque é meu trabalho fazer isso por ela, mas sei que fez isso porque estou só o bagaço da laranja e só posso imaginar o que as pessoas lhe disseram quando fui embora do escritório ontem.

Coloco meu computador em modo descanso e vou para o andar de baixo.

Hoje, o cabelo de Angelina está liso e preso atrás das orelhas, e seus brincos de madeira quase encostam na clavícula. Os lábios dela, como as unhas, estão pintados de um laranja esfumaçado — *muito ousado*.

— Maddie, você parece... está tudo bem?

— Claro — respondo. Da última vez, a sala do RH estava quente, mas hoje estou tremendo de frio. — O funeral do meu pai é amanhã, então não tenho dormido muito. Mas estou bem. Estava querendo te perguntar, você tem um terninho amarelo?

O rosto dela permanece impassível.

— Sim.

— Eu também, mas ainda não o usei. — Olho para o relógio. Só dois minutos se passaram. — Falo muito comigo mesma. Na minha cabeça e em voz alta — digo a ela. — Isso é estranho?

— Por que você fala consigo mesma em voz alta?

Dou de ombros.

— Às vezes, minha cabeça está muito cheia e assim consigo pensar com mais clareza. Sei que não devo fazer isso em público.

— Então você costuma ficar sozinha, pelo que entendi? — pergunta Angelina. — Se fala demais consigo mesma, mas não em público, deve ficar bastante sozinha.

— Gosto da minha própria companhia.

— Sempre gostou?

— Como assim?

— Acredito que existem dois tipos dominantes de introvertidos. Aqueles que sempre gostaram da própria companhia e aqueles que passaram a preferi-la porque não tiveram muita escolha. Em qual dos dois você acha que se encaixa?

Penso em como meu quarto em casa era pequeno e em como eu costumava pensar que amava isso, porque o propósito dele era abrigar apenas uma pessoa e eu me encaixava confortavelmente ali dentro. James tinha uma vida para a qual eu não era descolada ou não tinha idade o suficiente para me encaixar, minha mãe tinha uma vida em outro continente e a do meu pai foi tirada dele aos poucos.

— Talvez no segundo — respondo.

— Você conversa muito com outras pessoas?

— Claro.

— Sobre coisas mais significativas? — explica Angelina. — Não só a conversa do dia a dia, mas assuntos pessoais. Como você está e no que está pensando, por exemplo.

— Por quê?

— Talvez você fale consigo mesma porque não vai precisar lidar com mais ninguém. Ou talvez até goste de ter conversas em que pode se abrir e ser completamente sincera, mas sinta que a única maneira de fazer isso em segurança é sozinha. Você tende a não expressar o que sente?

O olhar dela me informa que Angelina já sabe a resposta.

Nossos assuntos são privados, lembra? Você conta para uma pessoa, ela conta para outra, e de repente gente importante está fazendo todo tipo de

pergunta.

Minha boca está seca e espero não vomitar.

— Talvez — respondo. — Vou ter que pensar no assunto. — Ergo o olhar de novo e mais cinco minutos se passaram. Isso não está indo rápido o bastante. — Também sempre digo “eu te amo”. Isso é estranho?

Angelina inclina a cabeça.

— O que você quer dizer com “sempre”?

— As pessoas até podem achar que digo isso com muita frequência e que por isso começa a perder o significado, mas falo sério toda vez. No fim de uma conversa, ou quando estou me despedindo de alguém. Sempre digo.

— Para quem você diz?

— Ah, não para *todo mundo*. Amigos e família. Pessoas que amo.

— E talvez para pessoas que você quer que te amem de volta?

Não respondo.

— Elas respondem com palavras? — pergunta ela. — Na verdade, alguma vez dizem primeiro?

— Tenho certeza de que sim. Só me lembro de ser sempre uma resposta.

— E os seus pais? — pergunta Angelina. — Eles diziam com frequência?

— Nunca os ouvi dizerem isso um para o outro. É estranho?

Angelina fecha seu caderno devagar e diz gentilmente:

— Não existe isso de estranho, Maddie. Cada experiência individual é única. Eles já disseram para você?

Me remexo no assento.

— Disseram o quê? Que me amam? — Faço que sim com a cabeça. — Claro. Bem, meu pai disse duas vezes. Uma vez quando estava bêbado e outra quando estava... doente. Acho que o cérebro dele teve um lapso. Estava um pouco desinibido e confuso com a medicação que ele tomava na época, sabe? Mas sei que me amava; não dá para não amar os filhos, principalmente os que não dão trabalho.

— E sua mãe?

— Sim, ela deve ter dito. — Penso em todos os elogios que minha mãe já me fez; ela me chama de querida, de seu bebê e de bênção. É a mesma coisa que amor. — Quase sempre termino nossas ligações com um “eu te amo”.

— Então, de novo, você diz primeiro?

Começo a bater meu pé no chão porque sinto um buraco no meu estômago.

— Tenho certeza de que ela disse primeiro várias vezes, só não consigo me lembrar. Ela não é uma mãe ruim.

— Eu não disse que era.

Fecho os olhos e balanço a cabeça.

— Desculpa. Pensei que essas sessões fossem ser sobre meu pai ter falecido e o processo do luto.

— E são — diz Angelina. — Mas você não pode esperar entender um final sem voltar para o começo.

— Minha mãe me ama.

— Eu não disse que não ama — responde ela. — Estou dizendo o oposto, na verdade.

Juntando minhas mãos, sinto minha pulsação disparar.

— Acho que você sabe que sua mãe te ama — começa Angelina —, mas sua incerteza pode partir da falta de convenção, do senso comum. Como uma pessoa demonstra que nos ama tem menos a ver conosco e tudo a ver com ela. Há jeitos saudáveis e não saudáveis de expressar amor, e nem todos devem ser aceitos.

Isso é para ser sobre minha mãe, mas penso no meu pai e em como eu costumava acreditar que se alguém te ama, a pessoa precisa *dizer*, do contrário não era real, não era *oficial*, mas entendo agora que não é bem assim. Meu pai raramente dizia essas três palavras especiais, por conta de sua criação, sua geração estoica, sei lá, mas eu sempre soube, como que por instinto, que ele me amava.

— Muitos supõem que o amor seja direto — prossegue Angelina —, quando na verdade é a coisa mais complicada do mundo. Há uma maneira certa, uma maneira preferida, para

cada indivíduo amar e ser amado por alguém, mas não há uma maneira universal. Acredito que a vida se torne difícil porque precisamos compreender e então administrar o modo como as pessoas que amamos expressam e recebem amor. Não pode ser sua responsabilidade, seu fardo, remodelá-las para transformá-las em quem você gostaria que fossem. No fim das contas, deve aceitar a pessoa por quem ela é, como se comporta, como se expressa emocionalmente, e encontrar uma maneira de viver de forma saudável com ela, ou deixá-la ir embora. De qualquer forma, deve se libertar dessa responsabilidade. — Ela faz uma pausa. — Do que você não quer falar, Maddie?

— Não estou entendendo.

— Essas suas perguntas, embora perspicazes, acho que são para ganhar tempo.

— São?

— Maddie. Você está à beira do colapso.

Estou quase chorando. Meu peito está apertado e meus dedos estão tremendo.

— Só não quero pensar demais hoje.

— Por quê?

Solto o ar.

— É exaustivo, tudo é exaustivo. Falar, me mexer, sentir, pensar, viver. Uma pausa faria bem. — Vejo-a franzir a testa. — Não é o que eu... não preciso de uma pausa eterna. Eu só... estou bem.

— Está mesmo?

— Sim! Sei que todo mundo acha que estou deprimida...

— Você está sofrendo de depressão, Maddie — diz Angelina. — Isso está muito claro.

Olho do meu colo para ela, e seu rosto está inexpressível, mas suas sobrancelhas se juntam no meio. Ouço meu coração bater e quero tapar os ouvidos.

— Por quê? Por que meu pai morreu? Pensando assim, quase todo mundo devia estar deprimido. Tantas pessoas perderam alguém.

— Ficar se comparando com outras pessoas e se considerar melhor do que elas não é remédio para uma doença mental. O verdadeiro remédio é o trabalho interno, muito trabalho interno. Mas reconhecer o problema deve vir primeiro. Você está sofrendo de depressão, Maddie.

Pressiono meus lábios e lágrimas se acumulam nos cantos dos meus olhos.

— Mas estou seguindo em frente, então estou bem também.

— Não dá para estar das duas formas.

— Discordo.

— Está bem — diz Angelina calmamente. — Em prol do argumento, de que jeito você está ao mesmo tempo bem e deprimida?

— Estou bem porque ainda estou vivendo. Ainda vou ao trabalho, volto para casa e acordo na manhã seguinte. Não estou tão bem porque meu pai morreu logo que me mudei, minha mãe é uma pessoa complicada e tentar entendê-la só me deixa energia suficiente para chorar. Não sei que caralhos meu irmão está fazendo da vida dele. A pessoa que me mantinha sã neste momento terminou comigo, mas em defesa dele, eu estava mentindo na caradura, sobre tudo. Acho que minha colega de apartamento me odeia, então fico no meu quarto na maior parte do tempo. E acho que agora odeio o meu quarto, porque desisti do meu pai por ele.

— Maddie...

— Acho que meus colegas de trabalho andam roubando minhas ideias, mas sinceramente não sei dizer. Não entendo a definição de propriedade intelectual. Quero pedir a Nia e Shu para largarem tudo e cuidarem de mim de novo, mas elas têm a própria vida e talvez estejam cansadas de ser babás e... está muito quente aqui! — Me levanto, puxando meu suéter. — Desculpe, eu... eu só... Quando foi que ficou tão quente aqui?

— Maddie?

De repente não consigo ver Angelina direito, minha visão fica embaçada. Ela está derretendo?

— Ah, está acontecendo de novo — digo, puxando o colarinho da blusa. — Crise de pânico. Ansiedade. Algo assim. Não sei, mas eu...

Há uma luz me cegando.

Então é verdade o que dizem sobre seguir a luz quando morremos.

— Maddie?

— Deus, é você?

— Não, é o dr. Rusher.

— Quê?

A luz desaparece e sou erguida na cadeira. Minha visão ainda está embaçada quando alguém me entrega um copo de água.

Aparentemente eu desmaiei, induzida por uma crise de pânico. Por sorte, o médico que visita a empresa algumas vezes por mês, um médico que só pode ser consultado marcando com uma semana de antecedência, está aqui. Ele decidiu que não preciso ser levada para o pronto-socorro, mas preciso ir para casa descansar, e que devo marcar um horário com um clínico geral só por garantia. Pedir uma receita de algo para a ansiedade.

— Um bloqueador beta, talvez — diz o dr. Rusher.

Percebo Penny no canto da sala; me pergunto se ela se arrepende de ter me contratado.

— Posso trabalhar de casa.

— Não, você ouviu o médico — diz ela gentilmente. — Precisa descansar hoje. Vou te ligar de manhã para ver como você está. Kris ligou para a sua mãe e ela está a caminho.

Quase franzo a testa, desejando que Kris tivesse ligado para Nia ou Shu, mas disfarço a tempo.

— Obrigada.

Penny dispensa a minha sinceridade.

— Não seja boba.

Minha mãe estava muito quieta quando veio me buscar. Ela perguntou se eu estava bem, tocou minha cabeça, segurou meu braço enquanto deixávamos o prédio, mas não disse nada no táxi a caminho do apartamento.

Eu estava planejando ir direto para a cama, mas minha mãe me conduz pela casa até descobrir onde fica a cozinha e me senta na mesa antes de me oferecer um copo com água.

— Você não precisava ter vindo — digo quando ela está quieta há tempo demais.

— Claro que precisava — diz minha mãe, incrédula. — Sou sua mãe. — Ela parece inquieta enquanto estamos sentadas à mesa da cozinha e eu bebo minha água devagar. — Não a sua chefe Penelope, mas a outra... como ela se chama? Krissy?

— Kris.

— Sim, ela. Ela... — Minha mãe suspira. — Ela me tratou mal no telefone. Só perguntei por que você desmaiou e ela disse: “Talvez porque o pai dela tenha morrido!”. Como se eu não soubesse disso! Fez parecer que você não estava bem e eu estivesse ignorando, mas todos temos que passar pelo luto. — Ela balança a cabeça. — Enfim. Você é minha filha. Sei quando está bem e ela...

— Não estou bem.

— O quê?

— Eu disse que não estou bem! — Por sorte, meu copo está vazio quando tomba. Minha mãe simplesmente o pega e enche de novo. — Mãe, pelo amor de Deus, por que eu estaria bem? Meu pai morreu.

— Maddie, eu sei disso — diz ela —, e sei que tem sido difícil para você, mas precisa rezar para ter forças e confiar em Deus para...

— Rezar nem sempre funciona.

Minha mãe bate o copo na mesa.

— Então você não está fazendo direito!

Nós nos encaramos até ela se sentar.

— Não sei mais o que te dizer — confessa. — Não sei como te

confortar. Eu costumava te entender quando você era mais nova. Você só amava seus livros e seus amigos da escola e...

— E então você foi embora — completo baixinho. — E continuou fazendo isso.

— Estou aqui agora e isso é mais do que alguns filhos têm.

— Também é menos do que outros filhos têm.

Ela suspira.

— Maddie, só me diga o que há de errado, sim?

Encaro a mesa e fico surpresa quando digo:

— Me sinto culpada pela morte do papai.

— Maddie! Como pode ser sua culpa? Porque você se mudou? O que acha que poderia ter feito para impedir?

— Eu deveria pelo menos tê-lo visitado no aniversário dele.

— Sim, essa parte é uma pena, Maddie, e sinto muito por isso. Mas você esteve lá em todos os outros aniversários em que James e eu não estivemos. Às vezes, eu não voltava de Gana por saber que, para o seu pai, ter você lá já era o suficiente.

Ergo o olhar.

— Não é desculpa, eu sei, mas tente se lembrar — diz minha mãe baixinho — que se você se sente culpada por perder um aniversário tendo estado lá em todos os outros, para o Natal e o dia dos pais, então como seu irmão e eu devemos estar nos sentindo? — Percebo que ela está olhando para baixo e beliscando a própria palma. — Claro, seu irmão deve se sentir pior porque eu estava do outro lado do mundo e ele estava na mesma cidade, mas... mas mesmo assim.

Quando ela fica em silêncio, sei que chegou o momento.

— Mãe, sobre eu ter gritado na cozinha...

Ela gesticula.

— Não, não. — E então pressiona o dedo nos lábios.

Penso em deixar para lá; poderia fingir que aquilo nunca aconteceu, mas já bati minha cota anual de mentiras só nos últimos meses.

— Por que a gente nunca conversa sobre nada nesta família? — pergunto. — Você vive me dizendo para não contar aos outros

sobre nossos problemas, mas isso significa que não tenho ninguém com quem conversar.

— Disse isso porque você ficava contando para seus amigos na escola que eu não estava por perto — diz minha mãe. — A direção e os professores levam muito a sério esse tipo de coisa.

— O que você falou, aquela frase: *Nossos assuntos são privados, lembra?* Faz anos que não tiro isso da cabeça. E me impediu de me abrir com as pessoas.

— Você não precisa se abrir com todo mundo. Sou sua mãe. Você pode se abrir comigo.

— Tá. Vamos falar de Kwaku.

O copo dela escorrega de sua mão. Ela limpa as mãos com uma toalha, suspira e dobra o colarinho de seu suéter.

— Conheci Kwaku na universidade, em Accra — diz baixinho.

— O quê? Tanto tempo atrás?

Ela me encara.

— Não sou tão velha, e se sou, é porque vocês crianças me envelheceram. Enfim, eu o conheci e me apaixonei por ele lá.

— Se apaixonou? Então por que se casou com meu pai?

— Porque seu avô mandou.

Eu a encaro e é como se estivesse vendo outra pessoa. Em vez de enxergar minha mãe, estou diante da filha do meu avô.

— O que você sabe sobre dote? — pergunta ela. — Bem, é claro que não muito. Nunca falei com vocês sobre isso porque é uma tradição que não quero que sigam. Contei a vocês que me mudei para Londres buscando uma vida melhor e conheci seu pai através de um primo, mas não é verdade. Quando eu era bem mais jovem, fui prometida a ele em troca de dinheiro. Foi um casamento arranjado.

Cubro meus ouvidos.

— Ah, Maddie. — Ela afasta minhas mãos. — Seu pai e eu éramos apenas pessoas com problemas reais, nenhum de nós dois era perfeito. Eu o amava à minha própria maneira e fiz o melhor que pude até não aguentar mais.

É a coisa mais profunda que minha mãe já disse. Meus pais

não são especiais, são pessoas comuns, e um dos meus defeitos é que espero perfeição de pessoas comuns. Eles não são santos ou grandes sábios, são apenas gente, gente que têm filhos, e, da última vez que conferi, não é preciso um diploma para ser pai ou mãe de alguém. Gente que continua cometendo erros, tentando aprender com eles e assim por diante, até morrer.

— Você ainda ama o Kwaku?

Ela concorda com a cabeça.

— Sim. Eu o deixei em Gana quando vim para Londres me casar com seu pai, mas nos reencontramos em uma das minhas muitas visitas. Lembrei o quanto tínhamos em comum, nossa infância foi muito similar, nossos pais, muito parecidos, e ele é tão gentil. É meu melhor amigo, e na minha vida não tenho tantos amigos. Quer dizer, tenho muitos, é claro, sempre fui popular, mas ninguém me conhece tão bem quanto ele.

Penso nos dois sentados na cafeteria.

— No dia que vi vocês, por que estava chorando?

Os ombros dela afundam.

— Culpa — ela responde simplesmente. — Choro por conta disso o tempo todo. Rezo por conta disso o tempo todo. Você estava certa aquele dia, ainda que não tenha permissão para me xingar nunca mais, mas eu prego muito sendo que também estou indo contra Deus. Não quero o mesmo para você. É uma batalha diária. Eu ia me separar do seu pai, fazer as coisas da maneira certa, mas então ele ficou doente e aceitei que essa era minha punição, que minha pena seria cuidar dele enquanto estivesse aqui. Mas o negócio do seu avô em Gana era minha brecha, minha válvula de escape.

“Sei que você amava seu pai de uma maneira que eu e James não conseguimos; pensei mesmo que você estivesse bem morando lá, que quisesse ficar em casa e não que se sentisse obrigada. Então você falou da sua ansiedade e da sua falta de perspectivas, era como se estivesse deprimida, e fiquei preocupada depois daquilo. Rezei e rezei e pensei que talvez a solução fosse te tirar da casa, fazer com que vivesse sua vida.

Agora veja só. O resultado é você se culpando pela morte do seu pai.” Ela balança a cabeça, confirmando. “Sim, cometi muitos erros.”

Quando minha mãe desvia o olhar, seu pescoço se estica, formando relevos, e sua cabeça parece menor por isso. Ela sempre teve olheiras debaixo dos olhos? Eu nunca as vi tão escuras assim, e este suéter, o suéter azul-pálido de tricô, não costumava ficar bem mais justo?

— Mãe? Você está bem?

Ela me olha e funga para afastar as emoções.

— Claro que estou. — Então se levanta da mesa e abre a geladeira, colocando a cabeça lá dentro. — Vou fazer algo para você comer e então preciso ir para casa arrumar tudo para o funeral. — Franze a testa e pega uma garrafa quase vazia de vodca. — Isso é das suas colegas?

— Sim.

Ela franze os lábios.

— Não gosto muito delas.

Enquanto minha mãe se ocupa na cozinha, me lembro de algo que ela disse sobre o irmão dela. *Seu tio quer passar mais tempo no hostel. Meio tarde para ele ajudar, mas enfim.*

— Mãe?

— Sim, querida? A prateleira de baixo é sua?

— Sim. Antes de o vovô morrer, eram só vocês dois? Você e seu pai?

— Sempre fomos só nós dois — responde ela. — Você sabe que sua avó morreu quando eu era pequena e sabe que seu tio é um preguiçoso inútil. Qual frigideira é sua? Ah, estou vendo. Então, sim, erámos só seu avô e eu.

Apesar de tudo, sorrio com o fato de que minha mãe ainda precisa enxergar a semelhança entre nós. Sei que não tinha como meu avô estar bem de saúde antes de falecer, e duvido que minha mãe tenha tido ajuda de cuidadores e de um clínico geral que podia visitar no dia seguinte. E se meu tio for parecido com James, ela estava basicamente sozinha.

Tenho que aprender muito sobre essa mulher. Pelo menos desta vez não é tarde demais.

— Preciso perguntar uma coisa — diz ela de repente.

— O que foi?

Ela começa a lavar o arroz sob a água fria da torneira.

— Em casa, você disse para eu não te chamar de Maame. O que quis dizer com isso?

— Ah, eu só... não gosto do que Maame significa.

— E o que significa para você?

— Mulher, certo? — Minha mãe concorda. — Mas você me chama de mulher, de adulta, desde que eu era criança.

— Você sempre foi muito precoce para sua idade — diz ela. — O que não é uma coisa ruim. No entanto, Maame é só um termo carinhoso.

— Eu não acho...

— Seu avô me chamava de Maame desde quando eu era bebê! — Observo-a rir consigo. — Meu irmão, seu tio, dizia: “O que papai faria sem sua Maame?”. O que seu pai faria sem a dele, humm? — Ela se volta para a geladeira. — Crescemos muito rápido. Não porque fomos forçadas, mas porque somos necessárias.

— Acho que às vezes somos necessárias pelos motivos errados. Minha mãe finge não me ouvir.

— Você não tem muita coisa aqui — diz ela. — Espero que não esteja gastando todo o seu dinheiro pedindo comida. Posso fazer um ensopado com o que você tem. Vá se deitar e eu te chamo quando estiver pronto.

— Obrigada.

Ela concorda com cabeça e eu saio da cozinha.

Trinta e sete

As pessoas já estão do lado de fora da casa quando chego no dia do funeral do meu pai.

James, que me dá o abraço mais longo de sua vida, está aqui, assim como tia Mabel e o filho dela, David, tio Freddie e a esposa, Felicity, tio Kojo da cozinha e a esposa dele, e membros da igreja de minha mãe, cujos rostos consigo reconhecer um ou outro. Todos estão usando longas saias, calças ou vestidos de algodão pretos, como o meu.

Mais condolências. Mais abraços. Mais batidinhas solidárias nas costas.

Corro escada acima. Minha mãe está no quarto dela, aplicando maquiagem diante do espelho. Ela larga o pó e vem até mim.

— Você está bem, Maddie?

Faço que sim com a cabeça.

— Sua mãe ainda está aqui.

— Eu sei.

Me apoio contra a parede do quarto enquanto ela parece que vai colocar os brincos, e então muda de ideia.

— Quase me esqueci — diz.

— O quê?

— Família, principalmente cônjuges, não usam joias no dia do enterro.

Minha mãe é chamada lá para baixo e eu fico no quarto dela, tirando meus brincos. Ouço meu nome algumas vezes, mas acabo apenas fechando a porta.

Me olho no espelho. Estou usando o mínimo de maquiagem e meu cabelo está penteado para trás. Uso sapatos de balé simples

e este é meu primeiro vestido para um funeral. O tecido é preto e um pouco rígido para não amassar nos cantos, e tem fileiras de pequenas figuras geométricas como estampa. O colarinho é quadrado e a saia desce até pouco abaixo dos meus joelhos. É um pouco apertado e dificulta o movimento, mas tudo bem. *Quando vamos usá-lo de novo, né?*

Há uma foto nossa no quarto de minha mãe. Me lembro do dia em que tiramos essa foto. Catorze anos atrás, minha mãe reclamou que não tínhamos nenhuma foto de família recente, então agendou uma sessão profissional em uma loja de departamentos em Tooting. Ainda lembro a rua em que ficava, embora o bairro tenha mudado muito na última década. Foi depois da igreja, em um domingo, porque “já vamos estar vestindo nossas melhores roupas, então, melhor aproveitar, né?”.

Eu me lembro de nós duas na frente do espelho do banheiro, escovando meu cabelo. Meu pai foi à igreja, mas não para a sessão de fotos. Ele não queria participar e, aos onze anos, eu já sabia que não devia perguntar o porquê — meu pai era assim. Então nas fotos estamos apenas eu, minha mãe e James.

Eu daria tudo para voltar àquele dia. Talvez pudesse convencê-lo a se juntar a nós.

— O carro funerário chegou — diz minha mãe.

Começo a suar e posso sentir a apreensão no meu estômago.

Olho pela janela, para a rua, e lá está ele, em um caixão cercado de flores; um dos arranjos soletra PAPAI.

O ventilador do quarto faz muito barulho e penso no que aconteceria se eu simplesmente fosse embora. Se só corresse pela rua e ficasse pulando de trem em trem e de ônibus em ônibus até estar bem, bem longe.

Eu poderia ir para Brighton. Todo mundo fica feliz perto do mar.

— Maddie? Maddie!

Brighton é longe o suficiente e não vou contar a ninguém que parti.

— Maddie, cadê você? Seu pai está lá fora; venha se despedir!

Não respondo enquanto minha mãe grita pela casa até entrar com tudo no quarto. Ela me encontra chorando e arfando.

— Não consigo fazer isso, mãe. Não consigo.

— Tudo bem, está tudo bem. — O tom dela é gentil, mas ela está puxando meu braço e arrumando meu cabelo. — Venha aqui fora, venha e chore perto do caixão.

— O quê?

— Está tudo bem, é a tradição — diz. — Chorar perto do seu pai.

Eu quase dou risada. Acho que minha mãe inventa muitas tradições só para que as coisas saiam do jeito dela.

Mais pessoas chegam e se aproximam de mim para dizer que sentem muito, me dar batidinhas de condolências. Uma após a outra até eu me ver diante de uma mulher de costas eretas, um duku preto envolvendo o cabelo, sobrancelhas pintadas e lábios franzidos que estão sólidos no centro de seu rosto. Ela olha para mim com os grandes cílios.

— Baaba, sou sua tia Abena — diz em twi. — Uma das muitas primas de seu pai, e este é seu tio Osei. — Ela gesticula para o homem ao seu lado. — Nossos pêsames.

— Obrigada — digo para eles.

Tia Abena inclina a cabeça.

— Humm?

— Eu disse, obrigada.

Ela não se mexe e continua a segurar a bolsa retangular contra a barriga.

— Tente de novo — ordena.

— Como é?

— Estou falando com você em inglês, Baaba?

Sinto minhas bochechas queimarem.

— Não. Está falando em twi.

— Exatamente. Então por que você está respondendo em inglês? Não conhece sua própria língua?

Olho ao redor em busca de ajuda, de alguém para nos interromper, mas ninguém está prestando atenção.

— Sei um pouco.

— Então tente.

— Obrigada. *Medaase*.

Ela balança a cabeça, satisfeita.

— Ótimo. Como você está?

Ela quer mais?

— *Me...*

— Vá em frente — pressiona.

— Deixe-a em paz — diz o marido.

— Não — responde ela, olhando para mim. — A garota consegue. O dia do funeral do pai não é dia de ser preguiçosa, não é dia de falar inglês. Ele nasceu cercado de pessoas que falam twi e vai ser enterrado da mesma forma.

Se tia Abena não fosse tão intimidadora, eu diria que são palavras fortes vindas de uma mulher que com certeza nunca encontrei antes. Eu diria que ela não tem o direito de me dizer como agir ou falar no funeral do meu pai, mas olhando ao redor, está claro que este é um grande resumo da minha família estendida. Não importa se nos falamos todo dia ou se nunca nos conhecemos, ela é da família e isso significa que pode aparecer quando quiser e me lembrar de quem meu pai era e, por tabela, de quem eu sou.

— Vá em frente, Baaba.

Quase digo que não sei como responder, mas então me lembro da resposta de minha mãe a outra tia minutos antes.

— *Me ho ye* — digo devagar. — *Wo ho te sen?*

Minha pronúncia não é ótima e provavelmente pulei uma palavra ou outra, mas tia Abena dá um grande sorriso. *Aprovação*.

— Viu? Ela sabe — diz. — Acha que não, mas está dentro dela.

Tia Abena entra na casa e penso em como a língua que lamentei não ter aprendido me foi transmitida em algum nível. Uma língua que me parecia difícil demais e que já está internalizada. Eu provavelmente posso manter uma conversa só reproduzindo as respostas de outros. Então ouço enquanto esperamos e isso é uma boa distração. Ouço a conversa da minha

família, traduzo na minha cabeça e tento guardar algumas palavras das quais posso precisar hoje ou talvez amanhã. *Yefre wo sen?* Como você se chama/qual o seu nome?

Me din de... Meu nome é...

Mente aseε — Não entendi.

Essa vai ser útil.

Não somos muito organizados. O morto é mais ágil que os vivos, considerando que os vivos ainda estão decidindo em que carro cada um vai. Tia Abena está, como era de esperar, tomando a frente. Ela empurra minha mãe em direção a um carro, depois junta os dedos nas palmas repetidamente dizendo “*Bra ha*” para James, que ajuda tia Mabel a entrar em outro.

— Você vai nesse?

— *Nante yiye.*

— Vamos agora.

— O endereço. Qual é o endereço? — *Kyere me kwan no.*

Frases em *twi* e inglês são faladas ao vento. Saltos na calçada, motores ligando e portas de carros batendo. Por um instante fico sozinha, porque se meu pai estivesse aqui, eu me sentaria no carro com ele. Por anos, aonde quer que fôssemos, de ônibus ou de trem, ao supermercado ou ao médico, eu ia com ele, até que comecei a ter que ir apesar dele.

Tia Abena puxa meu braço gentilmente e me diz para entrar no carro prata.

O homem ao volante me parece familiar, pertencente ao grupo da igreja de minha mãe, mas não me lembro do nome dele. É um amigo da família, ou da família só que não de sangue, um dos dois, mas não importa. Nós nos afastamos da casa e seguimos pela rua.

Estamos no terceiro carro atrás da procissão. Toda vez que o rabecão vira uma esquina e eu vejo a ponta do caixão, com uma foto de meu pai, as lágrimas ressurgem.

As pessoas na rua nos observam passar. Um cachorro late. Um

velho faz o sinal da cruz. Quando o olhar deles encontra o meu, meu peito se abre e me sinto exposta. Espero me lembrar de jamais encarar uma procissão fúnebre se vir uma passando por mim.

Nunca entrei em um cemitério antes, eu costumava evitá-los porque temia que fosse atrair algum mau presságio. Parece que deu na mesma.

O sol está quente e o terreno é irregular. Meu vestido preto de algodão parece muito pesado quando vejo os coveiros baixando o caixão do meu pai no túmulo. Eles conversam entre si enquanto trabalham porque esse é seu equivalente de “só mais um dia de trabalho”.

Pessoas que não cumprimentei na casa vêm até mim, mas não enxergo nenhuma delas. Oi, tio. Como vai? *Me ho ye*. Meus pêsames. *Medaase*. Está tão crescida agora. *Aane*. Você se lembra de mim? Claro.

Então estamos todos em volta de um retângulo de terra oca. Lá dentro, no fundo, está meu pai. Tia Abena está ajustando seu turbante e meu tio Osei mata uma mosca. James está olhando para o chão, minha mãe está massageando o nariz, tia Mabel está de cabeça baixa e tio Freddie enxuga os olhos com um lenço branco. De repente, sinto falta do barulho de antes: o twi, os carros, a movimentação.

— Estamos todos aqui? — pergunta o pastor de minha mãe. Ele é um homem negro, alto e magro, que deve ter que se abaixar para evitar os galhos das árvores.

— Sim — responde minha mãe.

— Então vamos rezar. Senhor Deus, entregamos este dia em Suas mãos — diz ele. — Estamos aqui reunidos hoje para celebrar a vida do sr. George Wright...

O pastor termina nos dizendo que meu pai está em um lugar melhor e que nós, como cristãos, não precisamos chorar, mas agradecer a Deus por existir um lugar onde um dia nos

reuniremos com nossos entes queridos. Somos abençoados como pessoas de fé porque a morte não é o fim.

As homenagens são lidas: “George Wright era inteligente e estudioso... Por ser um homem fiel, mesmo quando fisicamente debilitado, estará em casa agora, com o Senhor e a família que já partiu... Ele era um homem trabalhador, e sua disciplina lhe permitiu sair de Gana e ganhar a vida em Londres...”.

Sou a única que tem dificuldade para começar. Mordo o lábio e respiro pelo nariz. Quando mesmo assim as palavras não saem, minha mãe esfrega minhas costas e sussurra:

— No seu tempo. Não há pressa alguma.

— Vou me lembrar do meu pai pelo sorriso em seu rosto sempre que eu entrava na sala. — Limpo minha garganta. — Embora ele às vezes preferisse a própria companhia, em seus últimos anos, seu amor pelos filhos só aumentou. É, e vai continuar sendo estranho ir para casa e... e não encontrar meu pai lá. A vida é diferente sem ele agora; queria poder dizer que estou em paz, mas a verdade é que é difícil e estou com dificuldade. Mas vou chegar lá. E se levar um tempo, tudo bem, porque se tem uma coisa que o sorriso do meu pai me ensinou é que nunca é tarde demais para recomeçar. Nunca é tarde demais para ser a pessoa que você quer ou que sempre esteve destinada a ser.

“Eu... às vezes penso no amor como um coração repartido em pedaços. Quando amo alguém, quebro um pedaço dele e entrego à pessoa. Não entreguei muitos porque assim cada um é importante, mas sem dúvidas meu pai tem um dos maiores pedaços que já dei. Não pode ser substituído. É dele para sempre. Deus abençoe meu pai e que ele descanse em paz.”

Não gosto do meu discurso porque não sinto que captura tudo, mas como poderia? Como posso, na frente da minha família, descrever que não estou apenas de luto pelo meu pai, mas pela vida que perdi quando ele ficou doente e pela vida que perdi agora que ele se foi?

A família de primeiro grau do meu pai espalha terra sobre seu

caixão, cantamos hinos e o pastor faz outra oração. Olho para o retângulo profundo esculpido no chão, onde, no fundo, numa caixa, o corpo do meu pai vai ficar para sempre. Tia Mabel canta uma canção funerária ganense e depois vemos a sepultura sendo preenchida. É preciso uma empilhadeira, um caminhão e um homem com uma pá para enchê-la. Apoio minha cabeça no ombro de James, minhas bochechas estão doloridas e secas. Ele me abraça como pode. Cheira a perfume caro, não a spray corporal azedo ou loção pós-barba pesada, mas a um leve e remanescente cheiro de balas de goma.

— Desculpa eu nunca ter estado lá, Mads. — Ele funga e, quando olho, está chorando. — Depois do que você falou aquele dia na cozinha, vi o que fizemos com você. Nem sei o que dizer. — James aponta com a cabeça na direção de nosso pai. — E também não há nada que eu possa fazer por ele agora. Perdi todas as minhas chances.

Eu poderia dizer algo reconfortante, mas não tenho nada a oferecer. Não consigo mais mentir. Meu pai se foi e a chance de deixá-lo também. Eu poderia dizer que está tudo bem e que não importa mais, mas isso não apaga o quanto importava na época. Decido não dizer nada.

Um dia seremos órfãos; um dia vou precisar confrontar a pergunta: quem sou eu sem meus pais? Sei que nunca mais vou morar naquela casa; o lar como eu o conheço vai deixar de existir. Minha mãe provavelmente vai vender a casa e, em alguns meses, vai voltar para Gana. James vai continuar sendo inacessível a menos que eu insista. Então sobre eu. Maddie. Madeleine Baaba Wright, vinte e cinco anos. Esses são os fatos mais definitivos sobre mim.

— Você trabalha com o que, Mads? — pergunta James.

— Hã? Sou assistente editorial.

— E é isso o que quer fazer? Da vida, quero dizer.

— Acho que sim. Por que a pergunta?

Ele dá de ombros.

— Eu não sabia. Sabia que tinha algo a ver com livros, mas não

o que exatamente.

— Ah, eu deveria ter explicado.

— Nada, eu deveria ter perguntado. — James fala baixinho, apertando meu ombro. — Nunca pensei que precisasse cuidar de você. Sinto muito por não sermos a família que você merece, Mads — diz ele de repente. — Papai se foi e nossa mãe não é muito maternal. Sei que você quer que ela seja, todo filho quer isso, mas esse não é o perfil de *todas* as mães. Quando eu estava na escola, queria que mamãe agisse como as outras, me buscando na saída, preparando o jantar, ajudando com o dever de casa, e às vezes parecia que ela ia mudar, mas nunca durava, porque não dá pra fingir ser alguém que você não é por muito tempo. Então não gaste seu tempo desejando isso, porque *você* não está fazendo nada de errado, entendeu? — James suspira. — Mamãe e eu abandonamos você muito cedo e penso bastante nisso agora. A família e nossa casa teriam desabado anos atrás se você não cuidasse do papai e pagasse as contas, e fez tudo isso de coração, porque sei que fomos mal-agraçados. Eu jamais poderia ter feito o mesmo; não sou essa pessoa, cara. Sou grato por ter você, Mads, e sinto muito, por... por muitas coisas. Por tudo. Mas papai te amava, sabe.

— Você mal estava por perto — digo. — Como pode ter certeza?

— É como você disse, ele sempre sorria para você. Quando éramos só eu e ele, papai era tranquilo, mas sempre perguntava: “A Maddie está em casa?”, e depois não dizia muita coisa. Você o fazia se sentir seguro, talvez. Não sei. Mais do que eu, pelo menos.

Ouvir James dizer essas coisas me deixa orgulhosa, traz algum conforto. Todos os anos que passei em casa não foram em vão. Fiz meu pai feliz em um mundo que provavelmente não fazia muito sentido para ele.

— Espero poder me sair melhor agora, quando você precisar de ajuda — diz James.

— Ajuda com o quê?

— Qualquer coisa — diz ele. — É só falar. — Faz mais uma pausa antes de continuar: — Mamãe falou que você está fazendo terapia e acho ótimo, Mads. Por favor, não pare de fazer. Principalmente porque é de graça. — Mais um aperto no meu ombro, e então James olha para os próprios sapatos. — Eu... eu te amo, tá?

Meus lábios começam a tremer e preciso engolir em seco para manter minha voz firme.

— Eu também te amo.

Quando a cova é preenchida, colocamos flores por cima dela. James ergue as mais pesadas e eu não vou embora até que estejam bem posicionadas na terra irregular.

Sou a última a partir e me viro para dar mais uma olhada no monte de flores sobre a terra.

— Tchau, pai — digo. — Eu te amo, *tá bem?*

Tia Mabel liga horas mais tarde, à noite, quando estou deitada sozinha na cama de minha mãe.

— O que você tem que se lembrar, Baaba, é: quem cuidou dele quando sua mãe estava em Gana e James nunca ficava em casa?

Respondo:

— Eu.

— Isso mesmo — diz ela —, e seu pai ficou grato. Pai nenhum quer depender dos filhos, mas o seu estava muito feliz de ter você. Quando eu mencionava seu nome, nem terminava a frase e ele já sorria. Isso era verdade. É um dia triste, mas nunca esqueça o que eu disse, está ouvindo?

— Obrigada.

Na sala de estar, arrasto um saco de lixo preto comigo, esvaziando pratos direto nele. Mal posso esperar para cair na cama e adormecer. O funeral foi a parte mais difícil e tenho certeza de que agora que acabou, as coisas vão melhorar.

Entro na cozinha e minha mãe está lavando a louça, as mãos mergulhadas na água com sabão. Ela se vira para me olhar.

— Olá, querida. Como você está?

— Bem — respondo. — E você?

Ela faz que sim com a cabeça.

— Também estou bem.

Estou limpando a bancada quando minha mãe diz:

— Ouvi você e James conversando no cemitério. E quero dizer de novo: sinto muito por não ter estado tão presente. — Os olhos dela parecem procurar algo na água cinzenta. Não acho que sobrou algo para lavar na pia, mas ela mantém as mãos submersas. — Talvez as coisas fossem diferentes, se eu tivesse estado aqui. Mas eu voltava para cá e via como você estava se saindo bem sem mim e era mais fácil ficar onde eu tinha um propósito, em Gana. Tenho minha própria vida lá agora, e você tem a sua aqui.

Lágrimas caem pelas bochechas dela.

— Cometi muitos erros criando vocês — confessa minha mãe, ainda sem me olhar. — Sou melhor que a maioria, mas eu deveria ter sido uma mãe melhor para você, pelo menos. Você, Maddie, é especial. Deus está em você. E tudo o que faz, faz por vontade própria. Tem um coração altruísta e às vezes James e eu, bem, não somos tão diferentes assim, é só isso.

Enquanto funga, numa tentativa desesperada de se controlar, minha mãe parece incrivelmente *vulnerável*, ainda mais do que no meu apartamento ou na cafeteria. Ela sempre foi teimosa e segura de si, mas, agora, parece cansada e muito humana. Olho em volta da cozinha e percebo que, depois de assinar os formulários na funerária, não fiz mais nada para me preparar para o dia de hoje. O enterro, os convites, a comida, a arrumação da casa, até o meu vestido... nada disso fui eu e duvido que tenha sido James.

Sinto uma onda avassaladora de amor por minha mãe imperfeita. Coloco uma mão trêmula em suas costas e mergulho a outra na pia. A minha repousa sobre a dela e nós encaramos

juntas a água suja.

— Já passou — sussurro. — Você está certa. Sua vida é em Gana e a minha é aqui. Mas só porque passou agora, não significa que acabou.

— Mas estou aqui — diz minha mãe. — Por você. Não demonstro isso muito bem e esse é um defeito meu, mas sou sua mãe sempre, e vou fazer sempre o meu melhor, tá bem?

Beijo a bochecha dela.

— Está bem.

— Antes, quando você me perguntou sobre o seu avô... Vejo agora que eu esperava que você assumisse toda a responsabilidade sozinha, sem reclamar, porque foi o que tive que fazer, mas a vida dos meus filhos era para ser mais fácil que a minha, e me esqueci disso. Sua chefe, Krissyline...

— Kris.

— Dá na mesma. No telefone, ela me contou sobre a terapia, que você vai sempre.

Eu estava mesmo me perguntando quando isso ia vir à tona.

— Sim, vou sim.

— Mas você não me contou e eu sei por quê. — Ela suspira. — No início, eu não gostava da ideia de estranhos, principalmente estranhos sem nenhuma fé, te dando conselhos. Esperava que encontrasse suas respostas em Deus, mas talvez isso a ajude a buscá-Lo, a ir até Ele para responder às grandes questões. A terapia pode ajudar com as coisas menores. Não quero que você sofra com... problemas mentais, então se essa oportunidade significar que não vai sofrer, deve aproveitá-la.

— Sério?

— Claro que vou rezar por essa psicóloga. Qual o nome dela?

— Angelina.

— Ela é negra?

Faço que sim com a cabeça e isso a tranquiliza instantaneamente.

— Isso é bom.

— Ganense também. Acho até que é cristã — adiciono. É óbvio

que não faço ideia se Angelina é cristã ou não, mas minha mãe parece satisfeita.

— Talvez ela possa te aconselhar sobre sua carreira futura — diz.

— Mãe, eu trabalho no mercado editorial.

— E daí? Você não pode manter a cabeça aberta? O mercado editorial não paga muito bem, paga? Quanto Kristine ganha?

— *Mennim*.

Minha mãe ergue as sobrancelhas e um sorriso se abre em seu rosto. Continuamos a conversar em twi e ela me corrige quando erro até que eu consiga repetir da maneira correta.

— Tente descobrir o salário da Kristine.

— Vai ser difícil.

— Aposto que Angelina ganha mais.

— Talvez.

— Maame — diz ela após um tempo.

— Sim, mãe.

— Sério, quando você acha que vai se casar?

Sorrio e a olho nos olhos.

— Vai demorar.

Quando volto ao apartamento, me sirvo um copo de água e me sento na cozinha, bebendo devagar.

Lá em cima, solto o cabelo, escovo meus dentes e tomo banho, ficando de cabeça baixa sob a cascata de água quente. Quando estou vestida, me sento no chão diante da janela. Encaro o céu com as costas recostadas contra a cama e as pernas cruzadas.

— Oi, pai.

Espero para ver se há alguma mudança no céu, e quando nada acontece, eu continuo.

— Sou eu, Maddie. Não tenho cem por cento de certeza de como o paraíso funciona, se você consegue me ver ou se é possível desligar todos que estão falando com o Céu agora só para me ouvir, mas vale a tentativa. Pensei em começar a fazer

isto, se não se importar. Não conversamos muito quando você estava aqui; sempre achei que não se importava, mas talvez você achasse que eu é que não me importava. Mesmo assim, podemos nos conhecer um pouco melhor agora; começando do começo, ou quase.

Limpo a garganta.

— Tenho vinte e cinco anos, faço vinte e seis daqui quatro meses. Sei que sua memória estava ruim no final então você não se lembrava desse tipo de coisa, mas está saudável de novo agora, é assim que o Céu funciona, não é? Quando minha mãe e eu fomos te ver na funerária, seus pés não estavam mais inchados. Você consegue andar sozinho agora, pai? Consegue correr? Deve estar se sentindo tão livre. Pode esticar seus dedos e correr em volta das nuvens.

“Não ouço você ter uma conversa de verdade há anos e sei que é porque seu cérebro não deixava. Deve estar falando demais agora. Eu gostaria de ter gravado sua voz...”

Tenho vontade de pegar um lenço de papel, mas não quero me mexer, então uso as costas da minha mão para secar o rosto.

— Talvez nem seja uma coisa física aí em cima. Talvez sua alma só não tenha peso e isso para você seja apenas uma sensação, então não está correndo ou se alongando de verdade, mas está leve. A coisa toda de ter uma alma explicaria como tanta gente cabe no Céu. Se você puder conversar com Deus sobre algumas questões e dúvidas que ando tendo, seria ótimo. Pode vir me visitar, aliás, não de uma maneira assustadora, porque me assusto fácil, mas sabe, tipo em um sonho ou uma voz na minha cabeça? Mas não de uma maneira que vai me fazer pensar que estou tendo um surto psicótico. Vou te deixar cuidando dos detalhes. Converse com outras almas aí em cima e veja qual é o método preferido de comunicação entre vivos e mortos.

“Enfim, pai... — Inspiro fundo. — Sinto muito por termos tido que nos despedir de você hoje. Sinto muito por eu ter desejado sair de casa, me mudar e descobrir quem eu era. Ainda mais

porque não serviu pra nada; não estou totalmente convencida de que estou melhor do que estava antes. Talvez isso seja um pouco duro demais. — Penso em Alex. — Aprendi algumas coisas. — Penso em Ben. — Aprendi muitas coisas. — Penso em minha mãe e James. — Na verdade, retiro o que disse; serviu pra alguma coisa. Mas sinto muito que em alguns dias a culpa desaparece e me sinto aliviada por não ter mais que me preocupar tanto com você. Eu daria tudo para te ter de volta... provavelmente não deveria ter dito nada disso. Por favor, não me odeie.

Hesito, pensando no que Angelina disse sobre o amor e todas as suas variadas formas de expressão.

— Eu te amo e você tem que saber disso, mas estou aliviada por não precisar me preocupar, por saber que você não está mais com dor, passando a vida sentado em uma poltrona e tomando remédios. Eu ia preferir que você estivesse aqui, mas não posso deixar de pensar que está muito mais feliz agora. Tem que estar. Você está mais feliz ou estou me enganando?

Fico em silêncio com os olhos fechados.

— Espero que esteja mais feliz — sussurro. Abro os olhos e limpo a bagunça pegajosa debaixo do meu nariz. — Boa noite, pai. Falo com você amanhã, *tá bem?*

Só quando me deito e o ouço dizer: “Tá bem, Maddie”, enfim sorrio.

Porque não há tremor em sua voz.

Está chovendo e não consigo enxergar em meio à escuridão, mas continuo correndo porque preciso salvá-lo. O cemitério é tão grande, maior do que me lembro, mas vejo a árvore sob a qual ele está enterrado, de copa larga sem poda, ao vento, a colina e as flores familiares. Largo a tocha que estou segurando e começo a arranhar a terra molhada com as mãos, a lama se enfiando sob minhas unhas.

— Espera, pai — grito acima da tempestade. — Estou indo!

Vou te salvar!

Relâmpagos rasgam o céu, mas continuo cavando e cavando assim mesmo até minhas mãos sangrarem e a chuva escorrer pelo meu rosto; estou completamente molhada, minhas roupas grudam em mim, o frio aperta meus pulmões. Meus braços tremem de exaustão, mas não consigo parar.

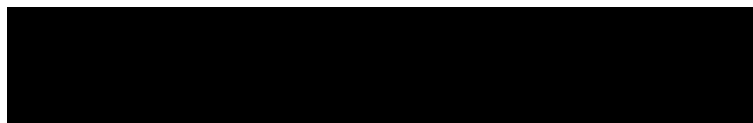
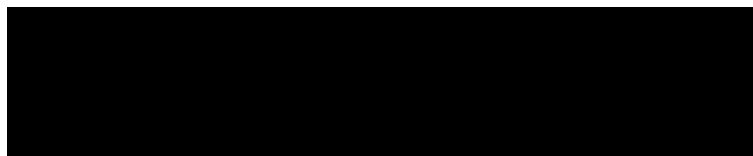
Ele precisa de mim; meu pai precisa de mim. Deve estar apavorado e sozinho. Não posso deixá-lo, não de novo. Arrasto a terra até que de repente duas pessoas agarram meus braços.

— Senhorita, você não deveria estar aqui; é meia-noite.

Luto contra elas.

— Não, vocês não entendem. Meu pai está lá embaixo. Eu tenho que salvá-lo! Por favor, me soltem!

Acordo e minhas costas estão molhadas, minha garganta está seca e meus braços estão doloridos por tentarem pegar alguma coisa durante a noite. Confiro meu celular e são 2h07. Me deito na cama, enxugo os olhos e volto a dormir.



 Google — Estágios do luto

Choque — negação — raiva — barganha — depressão — aceitação

Estágios do luto da Maddie

Choque — negação — depressão — choque de novo — raiva — será que pulei a barganha e agora é tarde demais para voltar? — depressão — aceitação — depressão

Trinta e oito

Depois de vinte minutos, Angelina diz:

— Eu gostaria de voltar às nossas sessões anteriores e discutir duas coisas em particular. Sua necessidade de terminar as conversas com “eu te amo” e seu nome Maame. De qual você quer falar primeiro?

Escolho a primeira opção, embora não saiba o que há mais para ser dito.

— Concordamos — começa Angelina — que parte da vida tem a ver com lidar com as pessoas e suas manias. Não entramos muito no assunto, mas falamos brevemente dos seus pais e de como você tem certeza de que eles te amam, embora não expressassem isso com palavras.

— Sim.

— Então, Maddie, você diria que se sente amada de verdade?

— Essa é uma maneira estranha de dizer isso.

— Mas entende o que quero dizer? — pergunta ela. — Uma das minhas primeiras observações sobre você foi sua carência. Seu desejo de ser amada está refletido em sua tendência de agradar as pessoas, mesmo às custas da sua saúde mental. Você concorda?

— É difícil não concordar.

— Mesmo que isso contribua para a sua depressão?

Apesar de eu ainda ter que compreender muita coisa sobre a minha relação com a depressão, concordo com a cabeça.

— Ótimo. Pergunto se você acha que é amada de verdade porque é fácil confundir ser tolerada com ser amada. Muitas vezes as pessoas acham que, para ser amado, o amor deve vir de

várias fontes, quando, na verdade, uma ou duas pessoas podem te amar por dez. Você tem pessoas na sua vida que te amam por muitos?

Imediatamente penso em Nia e Shu. Penso em como Nia nunca se ressentiu por eu não ser o tipo de amiga que ela tem sido para mim quando seu pai morreu. Em como ela pode ter se mudado para os Estados Unidos e voltar como se tivesse ido embora apenas por alguns dias, em vez de um ano inteiro. Como ela disse lá no começo que faria qualquer coisa por mim e provou sem palavras que falava sério.

Penso em Shu mandando a real sobre minha tristeza no meio de um dia de semana. Ela raramente tira uma folga do trabalho. Poderia ter esperado para falar comigo à noite ou no fim de semana, mas veio assim que soube. Será que veio direto do trabalho? Penso em como ela veio com Nia quando descobri sobre Ben e Sophie. O que estava fazendo antes de eu ligar? O que cada uma delas largou no meio para ir me ver? Shu não precisava falar comigo naquela sala de aula tantos anos atrás só porque me viu sozinha. E a vez que atendeu o telefone quando liguei para perguntar por que ela era lésbica, embora eu saiba que Shu nunca encosta no telefone durante o horário comercial. No entanto, eu sabia no meu subconsciente que ela veria meu nome na tela e atenderia.

— Sim — respondo baixinho. — Sim, sou amada de verdade.

— Ótimo. Você vai precisar se lembrar disso, principalmente nos momentos em que certas fontes de amor não atenderem às expectativas. — Então Angelina diz: — Maddie, no começo da sessão falamos sobre o funeral do seu pai, seus sentimentos durante e após a cerimônia; falamos sobre sua família, mais próxima e estendida. Você disse que nunca se sentiu tão próxima da sua cultura e de quem é. E, ainda mais importante, de quem quer ser daqui pra frente. Como se sente sobre o nome Maame agora?

Estou prestes a dizer que nada mudou, mas seria mentira.

— É complicado.

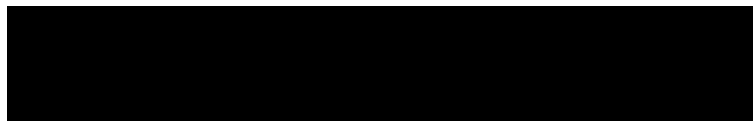
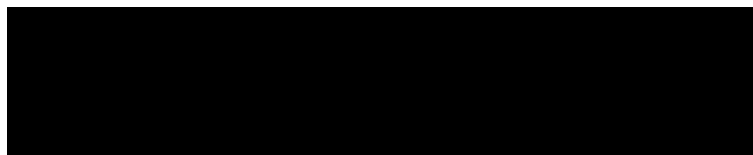
— Faça um esforço para simplificar. Diga seus pensamentos em voz alta se isso ajudar.

Respiro fundo.

— Antes eu disse que odiava, mas não acho que é verdade. Gosto do nome. Ele tem um certo peso e não vou chamar meus filhos assim se eu escolher ter algum um dia, mas é sim um apelido carinhoso. Bem, era para ser, então talvez o que eu não gostasse fosse o modo como minha família o transformou em uma desculpa. O nome Maame colocou muita pressão em mim, mas também fez meu pai se sentir seguro num momento de incerteza e confinamento. Tornou a vida da minha mãe um pouco mais fácil e, por fim, ensinou uma lição ao meu irmão. Me tornou quem eu precisava ser para poder descobrir quem quero ser. — Sorrio para Angelina. — Acho que devo muita coisa a esse nome.

O sorriso dela é tão grande que percebo suas covinhas pela primeira vez.

— Essa é uma maneira maravilhosa de pensar, Maddie.



Trinta e nove

De: info@CarrowBooks.com

Para: Mad.Wright@gmail.com

Assunto: Programa de Mentoria da Carrow Books

Prezada Maddie Wright,

Agradecemos sua inscrição para o Programa de Mentoria da Carrow Books. Sua amostra foi lida e lamento dizer que não prosseguiremos com ela. Desejamos o melhor para sua escrita no futuro.

Atenciosamente,
Carrow Books

Eu tinha me esquecido do rascunho não editado que enviei, o que torna a rejeição compreensível. Deixo meu celular de lado e paro embaixo da escada em espiral do escritório quando ouço Penny e Kris se aproximando.

— Acho que Maddie deveria estar mais envolvida com o *Histórias de amor* do que está no momento — diz Kris. — Ela nos levou a Afra e escolheu ótimos fotografos, estamos até em contato com duas das escolhas dela. Também se saiu bem nas tarefas administrativas desde que começou e, para uma assistente, está cheia de ideias. Conteí que o conceito do *Misturando sabores* e o jogo de palavras foram ideias dela, não é?

O quê?

— Você contou, e eu sei disso — diz Penny. — Estou impressionada, mas o administrativo estava um caos antes dela e não podemos nos dar ao luxo de fazer com que ela foque outra coisa agora.

— Acho que devíamos dar a ela a oportunidade de fazer as

duas coisas.

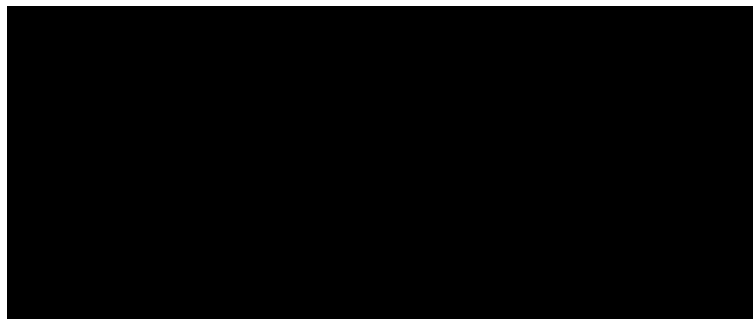
— Maddie acabou de perder o pai — rebate Penny. — Melhor não sobrecarregá-la.

A porta se fecha atrás delas, mas fico onde estou. Então não era Kris “roubando” minhas ideias, era Penny se recusando a reconhecê-las. Por que ela faria isso? Aquela pessoa aleatória da internet estava certa? É para me manter como assistente por mais tempo, em vez de pagar pela minha promoção e por alguém para me substituir? Devo confrontá-la?

Você não pode bater de frente com a sua chefe e acusá-la de roubo.

Fecho os olhos por um momento e aceito que não tenho energia para lutar contra o sistema hoje.

Meu telefone vibra de novo.



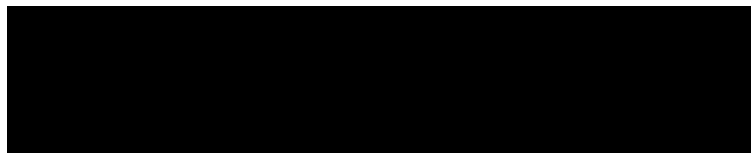
Emma foi à nossa casa algumas vezes com seu namorado, Tinka. Me lembro dela pelo cabelo loiro em um corte chanel bem curto e pelas bochechas cheias de sardas.

Estou prestes a inventar uma desculpa para sair dessa quando penso que talvez seja assim que eu e Jo acabemos fazendo as pazes depois de eu culpá-la pela morte do meu pai. Embora não planeje ficar por muito mais tempo, estou cansada de ir trabalhar, voltar para casa e ir direto para o meu quarto quando ela está na cozinha ou vendo tv. Eu pedi desculpas, mas claramente não foi o suficiente. Talvez esta ação fale mais alto que minhas palavras.

Agradando pessoas de novo?

Talvez, mas tenho que ir aos poucos.

Confiro com Cam antes de responder.



Cam e eu passamos o sábado inteiro juntas, dirigindo pela cidade no carro dela, pegando encomendas de balões, salgadinhos, comida para o churrasco, xícaras e enfeites em várias lojas. Paramos para almoçar e ambas pedimos sopa e sanduíches de queijo quente. Faço um breve resumo para ela sobre minha volta ao trabalho, o *Histórias de amor* e Ben, mas não menciono Alex. Conto que vou me mudar em breve para morar com Nia. Cam me conta tudo sobre as aulas de verão na escola e seus alunos, que são hilários, mas não estão aprendendo tão rápido quanto deveriam (ela culpa o surgimento das mídias sociais) e como tem pensado muito em alugar seu quarto e ir viajar.

No domingo, meu trabalho é arrumar as coisas com Cam enquanto Emma sai com Jo. Movemos a grande mesa dobrável até o jardim e colocamos música enquanto os amigos dela chegam. Preparamos os lanches e as bebidas na cozinha e Olivia, a primeira das amigas de Jo a chegar, começa a fazer o churrasco. Cam e eu recepcionamos os convidados até que ouvimos a aniversariante gritar na porta. Jo deve ter visto os balões dos números dois e oito que amarramos na maçaneta. Quando ela entra, gritamos “surpresa!”, jogamos confete e alguém estoura um champanhe que cai no carpete. Escolhemos ignorar a mancha escura crescente.

Mais amigos de Jo chegam e, uma hora depois, estou sentada num canto do jardim com Emma, que está terminando seu mestrado, Olivia, que trabalha em uma agência literária, Kenny, que é um agente júnior de atores, Tinka, um dançarino, Cam, Jo

e... Sam.

— Olha, sei que você amou, mas é superestimado — diz Kenny. — É sim!

Logo descubro que Kenny tem opiniões bem fortes. Ele é negro, está usando um chapéu fedora e uma camisa bem estampada. Como consegue usar as duas coisas é um mistério que suspeito ter muito a ver com sua necessidade de ser o centro das atenções.

— Isso não quer dizer que é ruim — diz ele —, mas as pessoas focaram tanto isso só para forçar os outros a pensar que é algo inovador, quando, na real? É só ok. Pronto, falei.

— Você não vale um centavo, Ken — diz Emma.

— Isso é algo que eu e aquele livro temos em comum.

Rimos e Jo joga um salgadinho nele.

— Não é um lixo — continua Kenny. — Retiro o que eu disse. Olha, eu gostei, é bom, mas não *amei*, e acho difícil acreditar que quem tem um alto padrão para literatura amou.

— Mas você não amou o *jeito* como foi escrito? — pergunto, gesticulando com entusiasmo na direção dele. Um picles cai do meu hambúrguer no processo. — É tão diferente de todos os outros best-sellers dos últimos tempos. É lindo e verdadeiro e escrito de forma tão...

Kenny sorri.

— Preguiçosa.

— O termo certo é linguagem econômica.

— Aha! E quem cunhou essa expressão, querida Madeleine? — pergunta Kenny. — Um grupo de leitores de verdade ou a equipe de marketing dela que não conseguiu pensar em outra forma de dizer “minha escritora não é muito criativa”.

Jo vaia.

— Ela detalhou tudo sem precisar de muito — rebate Olivia. — Isso é talento.

— Quem foi que disse? — pergunta Kenny. — Só estou pedindo para olharmos as “regras” da boa escrita literária mais de perto.

— A história de amor é linda — diz Tinka. — Isso você tem que admitir.

— Justo, disso eu gostei mesmo — responde Kenny.

— Espera, o quê? — diz Olivia, tirando de qualquer jeito os cachos castanhos que caem na frente do rosto. Ela é prima de Emma, mas as duas não poderiam ser mais diferentes. Emma é loira, tem um rosto angular e usa um vestido apertado cor de lavanda e botas de cano alto, enquanto Olivia apareceu com um coque alto, macacão, tênis de corrida sujos de terra e nem um pingue de maquiagem na cara. — *Disso* você gostou? Esse foi o meu problema com o livro! Adolescente nenhum sente um amor tão forte assim, me desculpem. Todos os adultos concordam, adolescentes são escrotos. A gente mal sabia em quem votar, muito menos o que era amor verdadeiro.

— Fale por você! — diz Emma. — Eu sabia que precisava votar no partido conservador.

— Você o quê?

Emma estende a mão para Tinka.

— Outro dia a gente conversa sobre isso. Liv, você só está com inveja porque nunca sentiu nada assim: um amor tão comovente e verdadeiro e...

— Exagerado? — oferece Olivia. — Meloso? A autora é sensacionalista, sem dúvidas.

— É por isso que o livro é tão popular — diz Sam e me viro para ele, tendo confundido seu silêncio com desinteresse. — Porque descreve o amor que o mundo quer, mas quase ninguém vai sentir. Um amor tão verdadeiro e maravilhosamente doloroso e que preenche tanto; ser tão ligado a uma outra pessoa; a sutileza e tranquilidade da codependência. A gente não vai admitir, mas talvez seja isso que muitos de nós queremos. Liv está certa, a autora brinca com isso, mas não é algo que diminui o valor da escrita. O amor está tão diluído agora, tão ligado à pressão social, à proximidade e à autoestima, que acho que os leitores gostaram de tê-lo concentrado num lugar. É emocionante se imaginar com essa capacidade, a capacidade de

aguentar esse peso quase insuportável de amar outra pessoa assim, e a possibilidade de alguém em algum lugar sentir exatamente o mesmo por você. É uma ideia que vicia e provoca inveja.

Todos o encaramos, até que...

— Quer se casar comigo, Sam?

Todos riem de Jo — incluindo Sam —, mas eu não. Em vez disso, fico encarando porque o que ele disse é exatamente como me senti quando li o livro, tanto que ainda preciso ler a última página. A história e o marcador estão travados na página 285.

Sam. Não sei seu nome do meio. O sobrenome costuma ser *ex da Jo*.

Olho para Jo, que o está observando com a testa levemente franzida. Ainda não sei o status do relacionamento dos dois; devem ter voltado se Sam está aqui e Jo está fazendo piadas na frente de todo mundo sobre se casar com ele. Em vez disso, Sam olha para atrás dela, para a árvore e sua copa nas quais penduramos luzinhas.

Quando nossos olhares se encontram, olho para meu hambúrguer meio comido e bebo o resto do meu champanhe.

Conforme a noite avança, as pessoas vêm e vão no nosso grupo; falamos de política, carreiras, amigos, família, comida e noitadas.

— Vou esticar as pernas — digo de repente e saio do jardim pelo portão. Muitos estão do lado de fora do apartamento e eu desço os degraus de pedra que levam à estrada principal e me sento sozinha.

Foi uma boa noite. Jo me deu um abraço rápido quando viu tudo e falou mais comigo em uma hora do que durante a semana toda, mas não estou tão satisfeita quanto pensei. Depois disso, ela mal me deu atenção pelo resto da noite.

Quanto aos amigos de Jo, parecem gostar de mim, mas sei que talvez nunca mais fale com nenhum deles. Pelo menos hoje me

conhecem pelo meu melhor lado — o lado engraçado, tagarela e inteligente. Eu tinha uma opinião formada sobre cada tópico discutido e quase sempre ia de acordo com a maioria, então me encaixei sem esforço, mas estou cansada agora. Falta uma hora para a meia-noite e me sinto exausta, preciso de um descanso de quarenta e oito horas. Estou olhando para o nada quando Sam aparece.

— O que você tá fazendo aqui fora? — pergunta ele. Sua voz, calma e comedida, me faz pensar em Nia.

— Recarregando a bateria.

Sam concorda com a cabeça e me oferece um cigarro. Olho e sorrio, me lembrando da lista que fiz no dia em que me mudei.

A nova Maddie

Bebe álcool quando oferecido

Sempre aceita ir a eventos sociais

Usa roupas novas

Cozinha outras coisas

Tem experiências diferentes (Viagens? Brunch?)

Experimenta maconha ou cigarro ao menos uma vez (mas não vicia!)

Usa maquiagem

Vai a encontros

Não é virgem

— Não, obrigada — respondo. — Eu não fumo.

— Nem eu. — Ele acende o cigarro e dá uma tragada. — É um hábito de nervosismo. Te incomoda? — Então gesticula para o degrau.

— Vá em frente.

Sam se senta ao meu lado.

— Por que você está nervoso? — pergunto.

— Tenho uma reunião importante amanhã.

— Vai dar tudo certo.

Ele se vira para mim e aquele sorriso fácil do qual me lembro

se abre como se nunca tivesse saído dali.

— Como você sabe?

— Não sei, mas é bom ouvir isso, né?

Sam concorda.

— Por sinal, você fez um ótimo trabalho com a festa; Emma estava dizendo que Cam te deu boa parte do crédito por tudo ter dado tão certo.

Franzo a testa.

— Afe, a Jo deve achar que eu sou uma trouxa. Nós... não somos muito próximas.

— Não, ela ficou emocionada — garante Sam. — Mas se vocês não são tão próximas, por que fazer tudo isso?

Dou de ombros.

— Eu precisava pedir desculpas e, além disso, gosto de agradar as pessoas. É algo no qual estou trabalhando. Mas só gosto da ideia de ver as pessoas felizes porque sei como é bom se sentir dessa maneira, se é que faz algum sentido.

Ele dá outra tragada no cigarro.

— Você geralmente se sente triste?

Eu o encaro e Sam não desvia o olhar.

— Sim — respondo. — Às vezes estou muito triste. Soa infantil, “deprimida” é o equivalente dos adultos, mas para mim “triste” é melhor.

— O que anda te deixando triste?

Fico surpresa com o interesse genuíno dele, e mais uma vez ouço aquelas palavras da minha mãe sobre manter nossos assuntos privados.

— Às vezes, nada — digo. — Foram alguns meses bem difíceis. Fui demitida de um emprego que eu odiava, depois levei um fora do meu namorado quando descobri que ele namorava outra pessoa e então, como você já sabe, meu pai morreu.

— Sim, eu lembro. Quer falar disso?

— Não.

— Quer detonar seu ex-namorado? — oferece ele. — Qual o nome do sujeito?

— Ben.

— Parece um babaca.

Dou de ombros.

— Foi meu primeiro relacionamento sério, se é que posso chamar assim. Eu não o amava, mas dói saber que estive com um homem diferente do que a outra namorada dele estava. Ela ficou com a melhor versão; ele *deu* a ela sua melhor versão. Não entendo por que sou boa, mas não boa o suficiente — digo baixinho. — Uma vez pensei que talvez devesse namorar apenas homens negros que namoram mulheres negras, porque aí talvez eu não me decepcionasse, ou ao menos não *nessa* área. Não precisaria psicologizar as ações dele em relação a mim, ou pensar três vezes sobre algo que ele disse, ou me sentir incompreendida, ou fazer muito esforço para entender, e talvez, apenas talvez, eu pudesse acabar sendo *amada* apenas por ser quem sou.

Quando olho para Sam, sua boca está levemente aberta.

— Merda — digo. — Desculpa, isso me deixou para baixo. Estou tentando ser mais sincera no geral. Hã, então, do que se trata a reunião de amanhã?

Ele dá um sorriso triste.

— Sinto muito que alguém tenha feito você se sentir assim, Maddie.

— Lição de vida, eu acho.

— É, namorar por vezes tem dessas.

Nós nos encaramos.

— Você também teve experiências ruins?

— Pode-se dizer que sim. — Penso que Sam vai parar por aí, mas então ele continua: — Uma ex minha podia falar por horas e horas sobre outras questões sociais, mas quando o assunto era discriminação racial, ela simplesmente não se importava o suficiente; quase se fechava por completo. Daí passou a dar desculpas e bancar a advogada do diabo com muita frequência. — Ele me olha. — Nunca vou entender quem faz isso, banca o advogado do diabo, como se estivéssemos falando de ketchup na pizza. Sabe, uma vez ela disse isso para a minha mãe. Disse à

minha mãe muito religiosa, nascida no Zimbábue, que estava “apenas bancando a advogada do diabo”.

Penso em como minha mãe reagiria a essa frase. A mãe que não me deixava assistir a Harry Potter porque não queria nenhuma bruxaria dentro de casa. Ela provavelmente ia perguntar quanto o diabo estava pagando por sua defesa.

— O que sua mãe disse? — pergunto.

— Ela perguntou se minha ex era uma agente da escuridão.

Seguro uma risada.

— Sinto muito que as coisas não tenham dado certo — digo a ele.

— Está tudo bem — diz Sam. — Já faz um ano. A gente discutia muito, e eu só ficava pensando “se você não entende agora, depois de *tudo*, vai entender algum dia?”. — Ele balança a cabeça. — Às vezes, relacionamentos são complicados e coisas acontecem.

— Falou e disse.

Sam ri e apaga o cigarro.

— Como está a vida na EOT?

Suspiro.

— Vou confrontar minha chefe amanhã.

Ele sorri.

— Acabou de decidir isso?

— Sim.

— Bom pra você. Que cagadas eles fizeram?

Conto tudo a Sam, desde o *Misturando sabores* até o incidente com o leite, terminando com o *Histórias de amor do Oriente Médio*.

— Você com certeza devia dizer algo.

— Fácil falar.

— Eu sei, mas tô falando sério — diz ele sem hesitar. — Acho que, quando trabalhamos em espaços muito brancos, podemos nos sentir programados para não chamar atenção; tipo, temos um pé na porta e deveríamos tentar manter essa porta fechada atrás de nós. O que significa que a gente começa a pensar que todo e qualquer problema faz parte do trabalho. Se alguém não

está te tratando bem, você precisa dizer alguma coisa. O negócio do leite pode ser difícil de explicar, entender por que isso não deveria ter acontecido requer olhar nas entrelinhas, mas usar suas ideias criativas enquanto te excluem é algo que não dá para ignorar. Mais uma vez, é fácil falar de fora, mas vale a pena a longo prazo.

Me pergunto como as coisas teriam sido no CGT se eu tivesse confrontado Katherine. Em vez disso, continuei calada, aceitei o abuso dela e fui demitida mesmo assim.

— Você não merece ouvir e aguentar merda de outras pessoas oito horas por dia, cinco dias por semana. Meu pai vive dizendo: “Não importa o que você fizer, muitas coisas vão sair do seu controle porque este mundo foi feito para te testar. Proteja sua paz da forma que puder”.

— Ei, Sam! — Kenny se inclina sobre o portão. — O carro chegou. Bora?

Sam se levanta e me lembro de como ele é alto.

— Vai entrar?

— Não, vou ficar aqui mais um pouco — digo. — Obrigada pela conversa.

— Foi um bom papo. — Ele para no portão e me chama: — Ei, Maddie?

— Sim?

— Boa sorte amanhã — diz, sorrindo de novo. — Estou torcendo por você.

Quarenta

Quando entro no escritório, provas não editadas do *Histórias de amor* estão na minha mesa com um bilhete: *Garanta que a Kris aprove isto hoje*. Deixo o bilhete de lado e leio a capa proposta:

Histórias de amor do Oriente Médio

Afra Yazden-Blake & Convidados

& *Convidados*? Eles levaram minha sugestão a sério?

Deixo as amostras ali em cima e bato na porta de Penny. Quando ela diz “pode entrar”, fecho a porta atrás de mim. Fico diante de sua mesa até que ela me olhe.

— Está tudo bem, Maddie?

— Eu gostaria de ter mais responsabilidades aqui — digo. — Perdi muito tempo no meu último emprego porque não achava que tinha algo a adicionar, mas claramente posso contribuir como assistente editorial. Não entendo por que exatamente você mudou o título *Cozinhando combinações* para *Misturando sabores*, ou por que combinou o misto quente com banana, ou mudou etc. para Afra & convidados, mas... essas ideias partiram de mim.

Penny não parece irritada, mas também não está feliz. Está com a mandíbula travada, mas pelo menos chamei a atenção dela.

— Afra está chamando atenção na internet — prossigo — e eu chamei a nossa atenção para ela. Só estou...

— Maddie — interrompe Penny —, podem ter sido suas *ideias*, mas nós contratamos você e colocamos os recursos nessas ideias. Há toda uma equipe por trás.

— Não estou dizendo isso. — Não sei o que estava pensando ao entrar aqui. Se pude ser demitida do CGT por algo que nem fiz, com certeza isto pode ser considerado justa causa para demissão.

Penso em me desculpar e sair da sala quando ela pergunta:

— Então o que você está dizendo, Maddie?

— Estou dizendo... que quero *aprender* — respondo. — Acho que eu poderia fazer mais, estou pedindo para fazer mais.

Penny de repente tira os óculos e aperta o nariz com os dedos. Sem a moldura da armação, vejo as sombras fracas debaixo de seus olhos e tenho a súbita vontade de perguntar se está tudo bem. Penso de novo em ir embora quando ela pergunta:

— O que você quer, Maddie?

— Um lugar ao sol.

Ela ergue as sobrancelhas e luta contra um sorriso no canto de sua boca.

— Desculpe — digo. — Eu assisti a *Mad Men* ontem à noite e isso soava mais impactante na minha cabeça.

Penny joga a cabeça para trás de leve e ri. Nunca a vi rir antes; me dá confiança o suficiente para continuar.

— O que eu quis dizer é que gostaria de estar mais envolvida nas reuniões criativas. Nas reuniões para as quais faço chá.

— Ainda precisamos do chá, Maddie. — Quando vou responder, ela ergue uma mão. — Eu sei. — Então suspira e sai detrás da mesa. — Sinto muito.

Solto o ar.

— Você sente?

— Sim — confirma Penny. — Sinto sim. Você está certa, tem mesmo boas ideias, ideias novas. Você é inovadora e assertiva. Quando eu era assistente editorial, não tive coragem de pedir ao meu gerente o que eu queria e merecia receber. Sempre soube que deveria ter pedido por mais. — Ela cruza os braços. — Eu te considero um trunfo, Maddie — diz. — Reconhecer isso não é uma coisa ruim, então, sim, você pode participar das reuniões criativas. — Ela volta a se sentar em sua cadeira. — Mas ainda

espero que faça suas tarefas administrativas. — Então fecha os olhos e coloca o dedo e o polegar sobre eles.

Foda-se.

— Você está bem, Penny?

Ela me olha, a boca se abrindo, e pela primeira vez não vejo sua mente trabalhando em outra coisa nos bastidores. Só dura um instante, e logo a mente dela acelera de novo. Penny se volta para o computador.

— Claro que estou, Maddie.

À tarde, Penny sai de sua sala e os editores se reúnem. A equipe sênior, junto com as equipes do comercial, do marketing e da divulgação, tem uma reunião em uma das salas de conferência com uma ilustradora (acho que o nome dela é Charlotte) na qual estão de olho há semanas. Pelo que entendi, Charlotte explodiu na internet da noite para o dia por causa de um conjunto de ilustrações que fez para o site de um restaurante e agora muitos autores de culinária querem os desenhos dela em seus livros em vez de fotografias.

— Agora, como falei — continua Penny —, descobrimos com o agente que o principal motivo pelo qual estamos sendo considerados é porque sabem que pagamos a nossos ilustradores negros o mesmo valor padrão pago a nossos ilustradores brancos. — Ela ergue as mãos. — Aparentemente, isso é exceção, e não a regra. Agora, Maddie, tendo em mente que você vai ser uma das duas únicas pessoas não brancas nesta reunião de onze participantes e que a minha intenção não é te usar como uma espécie de cota de diversidade, você quer ir? A escolha é sua.

Acho que a fala dela é um pouco contraditória, mas não tenho tempo para pensar no assunto porque metade do escritório está olhando para mim.

Penny sorri e pergunta:

— Em outras palavras, quer um lugar ao sol?

— Sim.

A sala Griffiths é a maior sala de conferências do edifício, com prateleiras de livros e grandes janelas salientes, sendo muitas vezes reservada para as reuniões mais importantes. Desamasso minha calça e puxo a blusa de onde está grudando no corpo. Pelo menos na reunião criativa eu ia conhecer todo mundo, mas e se Charlotte começar a me fazer perguntas? Pensar rápido não é o meu forte.

Entramos na sala e Penny diz:

— Charlotte, Sam, prazer em enfim conhecer vocês.

Olho ao redor e é o meu Sam. Quero dizer, o Sam da Jo!

Ele não parece tão surpreso quanto eu.

— Oi, Maddie.

— Sam? — Dou um passo na direção dele. — *Esta é a sua reunião importante?*

Penny nos observa.

— Vocês se conhecem?

— Nós nos encontramos uma ou duas vezes antes — responde Sam.

Só concordo com a cabeça.

— Bem, Maddie, já que você conhece o Sam, esta é a agente dele, Charlotte — diz Penny. — Por favor, sentem-se. Rose vai trazer o que quiserem beber.

Geralmente sou eu que faço chá e café.

— Maddie, sente-se ao meu lado, por favor.

Eu nunca me sento ao lado de Penny. Em geral os outros membros sêniores da equipe é que se sentam perto dela, muitos dos quais estão presentes hoje. Sento onde ela indica e anoto tudo que posso enquanto Rob, do marketing, e Sadie, do comercial, conduzem a reunião. Tento observar Sam discretamente e acabo rasurando sempre que nossos olhos se encontram. Ele é muito bonito, mas então penso no que Shu disse sobre meu “dedo podre para homens”. O rosto de Sam é anguloso, mas os olhos castanhos suavizam sua expressão. Talvez só eu o ache bonito? Flagro Sadie e Thea olhando para os lábios dele enquanto fala.

Talvez não.

É uma proposta impressionante, e Sam diz isso no final da reunião, junto com: “Infelizmente preciso ir agora”.

— Vai se encontrar com outra editora? — pergunta Penny.

Sam ri.

— Prometo que não e posso provar. Charlotte vai ficar e me atualizar depois.

Penny diz:

— Neste caso, Maddie vai te acompanhar até a saída.

Confirmo com a cabeça — tudo bem. Geralmente isso também é minha função.

Sam se despede de todos e quando chegamos à entrada do prédio, ele diz:

— Você não falou muito lá dentro.

— Em geral só faço a ata de reuniões assim.

Ele cruza os braços.

— Conseguiu falar com a sua chefe?

— Com a Penny, sim. Por isso que eu estava na reunião. Acho que as coisas vão mudar, mas só o tempo vai dizer.

— Bom pra você. — Sam parece estar sendo sincero.

— Você não pareceu surpreso em me ver.

— Bem, eu não tinha certeza se a gente ia se ver. Sabia que ia ter pessoas do marketing, do comercial, da divulgação e do editorial, mas supus que só Penny e Thea fossem estar presentes.

— Ele lança um olhar rápido para a porta. — Maddie, você quer jantar comigo? Que tal hambúrguer?

— Tá no topo da minha pirâmide alimentar, mas... você tá me chamando para sair? A gente pode fazer isso?

— Como assim?

— E a Jo?

— Eu ter... — Ele faz uma pausa e pensa em uma maneira melhor de definir o relacionamento deles. — Eu e ela já termos saído é um problema para você?

— Não deveria ser?

Sam sorri.

— Eu que te pergunto, Maddie.

— Certo. — Balanço a cabeça. — Eu deveria tomar essa decisão.

— Se vale de alguma coisa — diz ele, estendendo a mão por um instante como se fosse me oferecer seus pensamentos —, espero mesmo que não seja um problema. — Penso em como minhas mãos poderiam se encaixar nas dele. — Jo é ótima, você sabe...

Isso é questionável.

— Mas a gente não tinha muita coisa em comum fora... Bem.

Concordo com a cabeça, tendo apenas oitenta por cento de certeza de que ele se refere a sexo.

Sam gesticula para o caderno e a caneta que seguro contra o peito. No verso da capa, ele anota um número de telefone e me devolve os dois.

— A bola está oficialmente com você. Só pensa no assunto. Se for uma ideia muito desconfortável, uma mensagem de “não, obrigada, Sam” é uma boa resposta. — Ele sorri novamente e eu fico desconfiada, me perguntando se Sam já ouviu essas três palavras de alguma mulher antes.

— Tá bem.

— E se decidir me mandar mensagem pra gente sair — diz ele —, vai ficar chateada se eu escolher não seguir com a EOT?

— Claro que não, mas acho que deveria escolher a gente.

— Por quê? — Sam se inclina à frente e sussurra: — Pensei que estivessem roubando suas ideias.

Merda.

— Em primeiro lugar, tudo o que te contei foi estritamente confidencial e não pode ser usado contra nós. Em segundo lugar, a Thea seria sua editora e todo mundo é inocente até que se prove o contrário.

— Justo.

— E em terceiro lugar, eu poderia fazer o discurso de sempre

que todos os editores nessa disputa fizeram, sobre o quanto trabalham duro, o quanto amam você e sua arte, prometendo mundos e fundos para te transformar no próximo fulano de tal, mas acho que você percebeu que esse não era nosso foco. Nós dissemos a você o que sabemos que é possível fazer, o que é impressionante por si só, então, depois que assinar nosso contrato, vamos dar um jeito de bater essa meta. Isso é o que fazemos aqui. Fazemos mais e fazemos... melhor. — Ergo meu queixo. — Também vale a pena mencionar que posso fazer parte da sua equipe editorial e que me disseram há pouco tempo que tenho ideias muito boas. Ideias *novas*.

— Uau, vou manter isso em mente — diz ele, sorrindo. — Ideias novas, hã? Bem, eu seria um idiota se recusasse agora.

Quarenta e um

Como me sinto sobre Sam?

Boa pergunta. Sei que ele é bonito, alto, sabe o que dizer e é criativo. Também pode ser gentil e engraçado, mas percebi que é melhor ver para crer. Sei que ele e Jo tem um passado, um passado casual, mas um passado mesmo assim.

 Google — Devo namorar o ex casual da minha colega de apartamento?

A minha pergunta tem nuances demais para o Google entender, e em vez disso recebo respostas para a questão: “Posso namorar o ex da minha amiga?”. Por um instante, considero o fato de que minha primeira descrição de Jo não seria *amiga*, mas o termo mais ambíguo *colega de apartamento*.

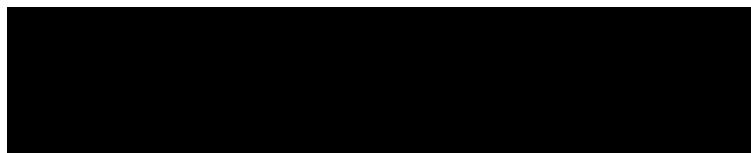
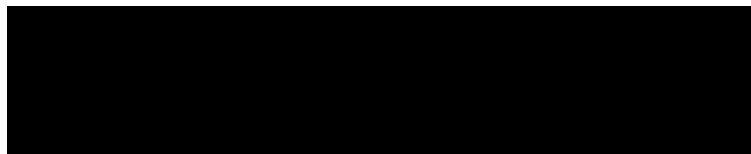
grace: De jeito nenhum

erin: Ele é alto?

olu: Depende do quão próximas vocês são. Se ela é sua melhor amiga, então não, mas se é só uma conhecida do tipo “se eu a visse na rua, ia tentar fingir que não vi” então tá tudo bem

megan: Era namoro sério ou foi tipo coisa de 2 semanas

debs: Como eles terminaram? Se ele traiu, isso significa que você não se importa com os sentimentos dela ou como o relacionamento a afetou. Se foi amigável não vejo por que não



[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

Depois do trabalho, encontro Jo sentada em uma cadeira no jardim com a cabeça para trás, tentando pegar um pouco do sol que se põe.

— Posso sentar aqui?

Ela responde, um pouco apreensiva:

— Claro.

A blusa dela é ombro a ombro e posso ver veias azuis bem finas marcando sua pele, enquanto sardas marrons preenchem as lacunas. Penso que só percebi quantas sardas ela tem já estando prestes a me mudar.

— Em primeiro lugar, vou me mudar para morar com minha amiga Nia.

Ela me observa.

— Por que não está contando isso para Cam também?

— Ela já sabe. — Jo faz uma leve careta e dá de ombros sutilmente. — Em segundo lugar, o Sam foi até a editora. Queremos publicar as próximas ilustrações dele. Ele me

convidou para jantar e vou aceitar.

Jo solta o ar pelo nariz e esfrega o olho esquerdo com a palma da mão.

— Eu sabia — diz. — Ele estava de olho em você. — Ela se vira para encarar o chão, para o lugar onde Sam estava sentado ontem. — Aqui, no jardim, no meu aniversário. Pensei que você não fizesse ideia, mas então foi “esticar as pernas” e ele foi atrás.

Ouçó as aspas.

— Foi o que aconteceu, pelo menos da minha perspectiva — conto a ela. — Não foi nada planejado.

— Tem certeza?

— Por que a gente faria isso?

Jo volta sua atenção para o sol.

— O que você faz ou deixa de fazer é problema seu, Maddie. Acho que é uma boa hora para você ir embora; ouvir vocês dois transando ia me deixar bem puta.

Essa última parte faz com que eu me incline para trás; a arrogância e a falta de emoção por trás da fala dão a entender que ela acha que sou esse tipo de pessoa. Que eu namoraria Sam só para chateá-la ou porque não tenho nada melhor para fazer.

Como estou cansada, digo:

— Desculpa.

Quando ela me encara, me lembro da Jo que conheci pela primeira vez. É estranho que ela pareça tão mais velha agora, mais tensa e um pouco cansada. Isso é culpa minha? Minha presença no apartamento e na vida dela causou esse efeito? Esqueço que não só sou afetada pelos outros, como eu os afeto também — que até eu posso afetar alguém. Achava que as pessoas me conhecessem, parassem de falar comigo e o mundo delas continuasse igual depois. De repente, estou curiosa para saber como Ben está. Como Alex está.

— Posso ser sincera?

Instantaneamente, volto minha atenção a Jo.

— Claro.

— Não vejo a gente sendo amigas quando você se mudar.

— E somos amigas agora?

O sorriso triste dela me abala.

— Não, e acho que nunca fomos. Éramos só... colegas.

Nós nos encaramos até ela se levantar e voltar para dentro de casa. Um pouco mais leve, percebo.

Me pergunto se Jo está certa. Houve um tempo em que presumi que fôssemos amigas — ou pelo menos, que ela queria ser minha amiga. Tenho o número dela salvo no meu celular. Jantamos juntas; Jo escolheu o que vesti para o meu primeiro encontro como adulta; fomos a uma balada onde ela me pediu para ficar quando falei que talvez fosse melhor eu ir embora. Mas talvez os pré-requisitos para fazer amigos, amigos *de verdade*, não sejam tão simples.

Eu olho para o assento vazio de Jo e aceito que, embora sua confissão tenha sido triste, não partiu meu coração.

Uma hora depois, atendo à ligação de minha mãe.

— Maddie, você precisa vir para casa — diz ela. — Pode vir agora?

— O que foi?

— O procurador do seu pai está aqui.

— O quê? — *Não. Não podemos estar endividados. Não tenho mais dinheiro.* — Por quê? Paguei o último imposto municipal atrasado no início deste ano! Anotei a data e o número do protocolo em algum lugar. Diga a ele que não há mais nada pendente; verifiquei tudo.

— Maddie, o procurador está aqui para ler o testamento do seu pai — diz minha mãe. — Não tem nada a ver com dívidas. Venha agora, por favor, e traga sua identidade. Pegue o primeiro trem.

O sr. Ackah, procurador do meu pai, é um homem alto com cabelo grisalho, óculos redondos e terno escuro. Nunca o vi na

vida. Ele nos dá os pêsames e se senta no sofá diante da minha mãe. James está sentado à mesa da cozinha.

Escolhi ficar perto da porta.

— Eu nem sabia que meu pai tinha advogado e um testamento por escrito.

— Não sabia? — diz o sr. Ackah.

— Não, eu... não achei que ele tivesse patrimônio.

— Ele investiu um dinheiro há uma década e tem rendido desde então.

Minha mãe se endireita.

— Você vai dividir com a gente — adiciona James rapidamente.

— Vou? Maddie vai receber um pouco, é claro. Ela gastou muito dinheiro com esta família, mas vou precisar do resto. Preciso de ajuda financeira em Gana — diz ela. — Viver e trabalhar lá não é de graça, e vocês dois conseguem se virar. — James trava o maxilar. — O que foi? — pergunta minha mãe, olhando para nós dois. — É só dinheiro; vocês não deviam ser tão apegados a coisas materiais. Mateus seis, versículo dezenove.

Caralho, isso é inacreditável.

Ela se volta ao sr. Ackah.

— Qual o valor?

Ele me olha.

— Posso confirmar que seu nome é Madeleine Wright e que você é filha de George Wright?

Minha língua parece seca.

— Sim, sou eu.

— Você trouxe algum tipo de identificação?

Entrego meu passaporte.

— Ótimo, ótimo.

— O que vai acontecer com o dinheiro, então? — pergunta minha mãe.

O sr. Ackah olha para ela por cima dos óculos redondos.

— Ele deixou tudo para Madeleine. Cinquenta mil libras.

A sala começa a girar e minha mãe e James me encaram.

— O quê? — diz minha mãe. — Tudo?

— Sim, tudo — responde o sr. Ackah. — Agora, Madeleine, por conta do valor, você não precisa pagar imposto sobre a herança. Se quiser mais ajuda acerca dos próximos passos que gostaria de tomar, entre em contato comigo a qualquer momento. Seu pai te amava muito. Lamento que ele não esteja mais conosco, mas espero que saiba que ele queria que você tivesse uma vida confortável.

Afasto a gola do suéter do meu pescoço.

— Mas não estou entendendo — digo a ele. — O dinheiro não é para ser dividido?

— Seu pai foi bastante firme sobre deixar tudo só no seu nome — diz o sr. Ackah. — Decidi não fazer perguntas e suspeito que todos aqui saibam melhor do que eu por que ele pode ter feito isso. Seu pai estava bem o suficiente de acordo com o médico, um tal de... — Ele verifica um pedaço de papel. — Emmanuel Appong, que o declarou são e com plenas capacidades para redigir este testamento. Acredito que ele tenha assinado um ano depois do diagnóstico, e sua condição ainda era estável. — O sr. Ackah tira os óculos. — Madeleine, claro que você pode fazer o que quiser, mas esse dinheiro agora é seu. Era tudo que seu pai tinha.

Fico em silêncio, mas ouço meu irmão dizer:

— O que foi, mãe?

Me viro e vejo que ela está chocada com a notícia.

Mas James está sorrindo, a mão apoiada no ombro dela.

— Você não está chateada por *não* receber o dinheiro, né? — diz ele, e seu dente de ouro reluz. — Afinal de contas, não deveria ser tão apegada a essas coisas materiais. Mateus seis, versículo dezenove.

Quarenta e dois

— Decidiu com o que vai gastar o dinheiro? — pergunta Nia.

Estou andando rápido pela Shoreditch, tentando não esbarrar em ninguém enquanto falo pelos fones de ouvido e sigo o Google Maps ao mesmo tempo.

— Pensei em talvez doar parte do dinheiro para uma instituição de luta contra o Parkinson, mas existem tantas. Preciso continuar pesquisando.

— Boa ideia, Mads — diz ela. — Como o James reagiu? Deve ter sido um golpe duro.

— Acho que ficou chateado, mas sabe que não estava por perto quando eu precisei dele.

— Ótimo, ele não tem do que reclamar — responde Nia. — Ainda vamos visitar apartamentos no sábado? Temos dois em Brixton e um em Crouch End, que é meio longe, mas parece bom.

Sorrio, lembrando que uma vez Avi sugeriu que eu me mudasse para Crouch End.

— Não é longe — digo a Nia. — Ah, estou vendo a hamburgueria e Sam está sentado perto da janela. Ele me viu; tenho que ir. A gente se vê no sábado.

— Até sábado.

— Tá — digo, engolindo um pedaço. — É o melhor hambúrguer que já comi.

— Eu avisei.

— Dá pra ser um pouco menos convencido?

Sam, usando uma calça jeans e um suéter cinza de tricô, coça a barba que está crescendo e diz:

— Essa foi a minha melhor tentativa, então não?

— Enfim, obrigada por me trazer aqui. Eu não fazia ideia de que este lugar existia.

Esta hamburgueria fica numa esquina em Shoreditch. É decorada como uma cabana, com fotos emolduradas na parede e um bar na frente. As luzes estão baixas e nossa janela dá para a rua e para uma esquina do Old Spitalfields Market.

— O prazer é meu — diz Sam. — A EOT está feliz com o meu contrato?

— Muito. Não achavam que você fosse nos escolher, a gente sabe que não ofereceu o maior valor.

— Ainda me ofereceram bastante e gostei mais da direção de arte da Thea.

— Penny acha que sua decisão tem algo a ver comigo.

— Isso seria muito antiético, vamos colocar dessa forma — diz ele, sorrindo. — Ainda tô um pouco surpreso por você ter me mandado mensagem.

— Sério?

— Você parecia preocupada com a minha história com a Jo.

— Consegui conversar com ela.

— Fiquei sabendo.

Sam fala com a ex porque eles ainda são amigos. Isso é um sinal vermelho?

Minha expressão deve estar dando na cara porque ele esclarece:

— Também falei com ela sobre mim e você; devia ter tido essa conversa de qualquer forma. Ela já tava suspeitando de alguma coisa porque, aparentemente, você parecia muito culpada.

— Foi assim que me senti.

— Por quê? — pergunta Sam.

— Não sei. É outra coisa na qual estou trabalhando.

— Você costuma se sentir culpada por coisas que não são culpa sua?

Tiro meu cotovelo da mesa enquanto ele cutuca casualmente o prato como se para fingir que a pergunta não é profunda.

— Por que está me perguntando isso?

— Só quero saber como você está — responde ele.

— Isso é por causa daquilo tudo que te falei no jardim? Olha, sei que foi estranho. Sinto muito...

— Não se desculpe — diz Sam. — Estou perguntando porque quando você disse aquilo, senti que veio do coração.

— Eu estava sendo dramática.

— Talvez não.

Franzo a testa.

— Sam, por que você se importa?

— Porque já deixei de me importar uma vez. Com alguém próximo.

— Certo. — Deixo meu hambúrguer no prato e o afasto. — É por isso que me chamou para jantar? Por pena?

Sam ergue as sobrancelhas.

— O quê? Não.

Não sei o que acontece, mas meu cérebro desliga e então minha visão está cheia de faíscas coloridas. Tenho que piscar e esfregar os olhos para me livrar delas.

— Se quer saber, Sam, não, não estou muito bem hoje — digo. — O que é muito frustrante porque pensei que fosse estar melhor agora. Eu deveria ter passado pelas seis fases do luto, deveria estar acostumada com a culpa, e alguns dias estou e me sinto bem, mas em outros sinto que estou de volta à estaca zero e só quero saber quando vou voltar ao normal de novo. — Tenho que agarrar a mesa para expirar o ar que não respirei. — Pronto, Sam. É isso.

— Maddie.

Não quero que ele me olhe, então cubro o rosto com as mãos e tento me acalmar. Comecei a chorar em algum momento. Odeio que as pessoas possam estar olhando para mim, mas o pensamento não impede que as lágrimas caiam.

Sinto um polegar começar a acariciar as costas da minha mão

antes de ouvir a cadeira dele se afastar da mesa. Quando ergo o olhar, Sam e nossa comida sumiram. Continuo sentada, tentando enxugar o rosto da melhor maneira possível, quando ele volta com sacos de papel.

— As sobras ficam ainda melhores no café da manhã. — Sam me entrega um dos sacos e segura minha outra mão. Sua mão é quente e engole a minha. — Venha comigo, Maddie.

Sáímos para o ar quente da noite e Sam me guia por uma rua em silêncio. Ainda segura minha mão, seus dedos entrelaçados nos meus. Não sei muito sobre ele, mas sinto como se pudesse fechar os olhos, me deixar levar por seu calor e ainda chegar intacta ao nosso destino, seja aonde for. Caminhamos por dez minutos antes de virar à direita e entrar em uma sorveteria. Ele me senta em uma mesa e vai até o balcão, onde há fileiras e mais fileiras de potes de sorvete. O ambiente é bem iluminado, e o nome da loja, Moophoria, está escrito em neon atrás do balcão. Quando Sam volta, coloca um potinho de sorvete à minha frente.

— Obrigada. — Como uma colherada e o açúcar faz meu olho estremecer. — Isso é muito doce.

— Eles fazem de propósito — diz Sam. — É bom para dar uma acordada.

Olho para ele, sabendo que não o culparia se já quisesse ir embora.

— Obrigada de novo. De verdade.

— De nada.

— Por que o seu é verde? — pergunto.

— É de menta.

— Eca.

— Você não gosta de sorvete de menta com chocolate? — pergunta Sam, incrédulo.

— E você gosta de chocolate com gosto de pasta de dente?

— Não é a mesma coisa. — Ele me oferece sua colher. — Aqui, prova.

Obedeço e:

— Tá, não é a mesma coisa.

— Tá vendo?

— Mas não é tão diferente também.

Sam sorri e abaixa a colher.

— Quer falar sobre o que acabou de acontecer?

Limpo a garganta e me remexo no assento.

— Não sei se tenho algo mais a dizer.

— Então vou só responder à sua pergunta. — Ele se inclina sobre a mesa. — Você está bem.

— Que pergunta?

— A de quando você vai ficar bem de novo — explica Sam. — E estou dizendo, você está bem. Isso é estar bem pra você agora, Maddie.

Penso nisso.

— Que deprimente.

Ele ri sem alegria.

— Parece estranho, mas você não tem que “superar” a morte de alguém — diz Sam —, principalmente alguém que você amava, e sua culpa pode não ser justificada, mas é natural. O problema é que você nunca mais vai ser a mesma, Maddie, não vai voltar para sua vida anterior, e meu conselho é aceitar isso. Aceitar que não é mais a mesma pessoa que era quando seu pai estava vivo, e que nunca vai voltar a ser. Aceite que sua vida está diferente por causa dessa mudança monumental e irreversível e que não há problema em sentir culpa num dia e uma felicidade sem tamanho em outro. Que de agora em diante vai ser assim — completa. — É assim que vai viver.

Ele levanta sua colher e mexe o sorvete até derreter. *É bom para dar uma acordada.*

— Você já perdeu alguém?

Sam deixa o sorvete de lado e limpa as mãos.

— Há pouco mais de um mês, um amigo meu se suicidou — diz ele, e então se torna um Sam diferente, mais assombrado. — Ele lutava sozinho contra a depressão e o vício em drogas e, um dia antes de morrer, me ligou e perguntou se eu estava livre, que queria sair. Acho que pode ter dito que *precisava* sair. — Sam

balança a cabeça. — É engraçado as coisas que a gente deixa de ouvir quando não está prestando atenção. Eu respondi que estava muito ocupado trabalhando em um projeto, o mesmo projeto que acabou de me garantir um contrato e um adiantamento que parecem manchados por isso. Talvez se eu tivesse concordado em encontrá-lo naquele dia... A gente sempre acha que vai ver a morte chegando e que vai ter mais tempo, até sermos lembrados do contrário.

Então não foi uma briga. Foi um suicídio. Deslizo meu sorvete na direção dele.

— Sinto muito, Sam.

Ele me olha.

— Obrigado.

— Então você me chamou para sair porque... temos isso em comum? Porque sabemos pelo que o outro está passando?

— Não — responde Sam. — Maddie, eu te chamei para sair porque quando conversei com você sobre minha mãe, senti que a gente tinha muito mais a dizer um para o outro. Gosto quando as pessoas são sinceras, como se fosse quase inevitável. Estou muito a fim de você. Esses são os meus motivos. Temos esse elo em comum, mas para por aí. A relação que você teve com seu pai é diferente da que tive com Connor. Não tô dizendo em intensidade ou duração, só que não dá pra comparar. Perder alguém não significa que você entende o luto de outra pessoa. — Ele suspira. — Parece que a gente só conversa sobre coisa séria quando se encontra, me desculpa.

— Não peça desculpas — digo. — Eu gosto disso. Da sinceridade. Não tenho que pensar demais.

— Sou um cara divertido, juro.

— Só caras chatos dizem isso.

— Bem — Sam sorri —, me dá uma chance de provar.

E acho que vou mesmo.

Me pergunto o que a Maddie do subconsciente acha de Sam; faz tempo que não tenho notícias dela.

Querida Maddie. Obrigada por entrar em contato. No momento, estou

fora do escritório para um período sabático porque, para ser bem sincera, preciso de um descanso daqueles. Se a questão for urgente, por favor, siga seu instinto. Ele vai conseguir te ajudar.

Atenciosamente,

Maddie do subconsciente

Na manhã seguinte, mando mensagem para Sam.



Quase imediatamente, ele manda uma selfie, a boca cheia, hambúrguer na mão, com a legenda: *Grandes mentes...*

Quarenta e três

ALGUMAS SEMANAS DEPOIS

Depois do jantar no pub de sempre, voltamos para o apartamento de Sam. Ele comprou faz pouco tempo um apartamento de um quarto em Muswell Hill, o que tornou a escolha do apartamento em Crouch End com Nia muito mais fácil.

A cozinha dele é pequena, mas arrumada, e tudo tem seu lugar. Sei que dentro do armário há uma caixa de chá verde para mim. Gosto que a janela acima da pia seja grande e dê de frente para uma macieira.

Tomamos chá e dividimos o donut gigante que compramos numa feirinha, a maior parte ficando para mim.

Enquanto Sam lava nossos pratos na pia, eu não paro quieta.

— Tem alguma coisa te incomodando, Maddie?

— Sim.

Ele sorri, mas continua a lavar a louça.

— Tá legal.

— Que tal se a gente transar? — pergunto. — Não estou muito cheia.

Sam dá risada e eu observo pequenas bolhas de sabão com bordas rosadas escaparem da pia.

— Você quer transar? — pergunta ele.

Eu não tinha pensado nisso até ontem à noite. Saímos para jantar com os amigos de Sam (talvez agora eles sejam meus amigos também?), Juliette e Aiden, e quando Aiden pegou a carteira para pagar, eu vi uma camisinha dentro dela e lembrei

que casais transam.

Quando não respondo, Sam se vira e diz:

— Isso quer dizer não.

— Faz três semanas que estamos namorando — digo. — Já tivemos dez encontros oficiais e você pagou pela maioria.

Ele franze a testa.

— E em troca a gente transa?

— Não, claro que não. Não sei por que falei isso.

— Tá legal.

— Quero transar com você — digo. — Só não quero transar.

Sam seca a mão na toalha.

— E por quê?

Meu primeiro instinto é mentir. Quando contei a Alex a verdade, paramos de sair. Quero continuar saindo com Sam e...

— Maddie, para de falar sozinha na sua cabeça e me conta a verdade.

Caramba.

— Sexo é doloroso pra mim — respondo. — Doloroso e... sem graça, talvez. Só quero aquele sexo do qual ouvi falar, mas não sei como chegar a ele.

Sam me observa.

— Já tentou se masturbar?

Desvio o olhar.

— Maddie?

— Não... Não é muito o meu lance.

— Tudo bem. Você costuma ficar molhada?

Mordo meu lábio e tento pensar.

— Talvez?

— Já ficou por cima? — pergunta ele.

— Durante o sexo? Não, geralmente eu só fico lá deitada.

Sam dá um passo à frente e estende a mão.

— Quer tentar fazer isso?

Aceito a mão dele e entrelaço seus dedos nos meus.

— Sim, quero sim.

No quarto de Sam, meu coração martela em meus ouvidos quando ele fecha a porta. É um quarto grande, com a cabeceira da cama sob uma alcova e uma mesa, forrada com as obras de arte dele, situada em frente à janela.

Seco minha testa quando Sam está de costas. Tiramos a roupa e ele vai bem devagar. Eu estremeço quando seus dedos roçam a minha pele. Ele coloca uma camisinha, e não há movimentação embaixo do edredom ou qualquer pergunta sobre eu estar tomando pílula. Sam começa a me beijar, e vou naturalmente relaxando porque nos beijamos o tempo todo, até que ele se senta na cama e me puxa com delicadeza. Tropeço em meus próprios pés e caio sobre ele, acertando-o na bochecha com o cotovelo.

— Sam, desculpa.

— Tudo bem. — Ele sorri, divertindo-se. — Maddie, tá tudo bem. Vamos tentar outra coisa.

Sam me deita de costas e coloca um travesseiro sob meu quadril. Ele separa minhas coxas colocando uma mão em cada uma; no começo, resisto, como um elástico no auge da tensão.

— Tá tudo bem?

Ergo a cabeça.

— Sim. Desculpa.

— Tudo bem. Podemos ir mais devagar.

Sam se inclina sobre mim, apoiando-se nos braços, e beija meu pescoço devagar. Seus lábios são quentes, e sinto a profundidade de cada beijo em meu pescoço quando ele usa a língua, morde e se afasta. Faz isso por todo o meu peito, e minhas unhas cravam em seus braços quando Sam chupa meus mamilos. Arqueio minhas costas em uma tentativa de aliviar a pulsação entre minhas pernas.

Meu sangue gela quando Sam fica de joelhos. Sei para onde a cabeça dele está se dirigindo, já vi isso acontecer várias vezes numa tela, e sinto o suor começar a escorrer pelas minhas costas.

Espero que o cheiro esteja bom lá embaixo, mas acho que

ninguém cheira a flores lá. Só para de pensar nisso. Escolho um ponto fixo no teto e me concentro nele, porque há algo muito sensível e vulnerável em estar nua e só... ficar deitada lá, para quem quiser ver. Por meses, ficar pelada tem sido sinônimo de ter um homem em cima de mim quase me sufocando...

Suspiro e meu primeiro instinto é puxar meus joelhos, mas Sam mantém os dois suavemente no lugar. Aperto os lençóis enquanto ele me devora com sua boca, chupa e puxa entre beijos pesados com língua. Engulo um grito quando Sam chupa mais forte onde estou latejando, e mais uma vez ele precisa manter minhas coxas separadas. Seu aperto agora é firme porque não consigo ficar quieta. A sensação dele... e essa sensação são... *incríveis*.

Quero dizer isso em voz alta, mas então Sam me dá uma lambida do jeito certo e acabo dizendo seu nome em vez daquilo. Digo sem parar porque é a única palavra inteligível que consigo articular, e Sam parece satisfeito, é um incentivo para que vá mais rápido e com mais intensidade.

Engancho minhas pernas em seus ombros e pressiono-o mais fundo, com um pânico ganancioso porque acho que seria inacreditável se ele me chupasse mais. Sam obedece sem reclamar. É uma mordida suave que me faz gozar, gritar e esquecer meu próprio nome.

Sam enfim para; estou tremendo e com muita vontade de dormir.

Fecho os olhos e me pergunto se ele vai me beijar, e se quero que faça isso; se quero saber qual é o meu gosto. Decido que talvez não e Sam não me beija.

Ele sobe em cima de mim e eu o abraço com minhas coxas porque quero fazer aquilo de novo, sentir aquele alívio mais uma vez. Como faço para que Sam sinta o que acabei de sentir?

A pele dele é macia e seu cheiro é familiar; lembra o conforto dos moletons que ele me emprestou e as noites no sofá que passamos em frente à sua tv; as bebidas que tomei enquanto ele abraçava meu ombro quando saímos com seus amigos e os

abraços que demos toda vez que nos cumprimentamos. Sam entra em mim e a dor aumenta conforme ele avança. Estou prestes a pedir para que pare quando ele entra inteiro, minha pulsação triplica e o prazer de antes volta. Preciso segurar em suas costas. Há uma pressão deliciosa em meu estômago e Sam arfa quando me movo com ele para aprofundá-la. Ele geme em meu pescoço, e seus sons desesperados me fazem amá-lo, me fazem querer abraçá-lo para sempre.

Sam se move para entrar mais uma vez e eu me estico para encontrá-lo, empurrando meus quadris para a frente e depois para baixo e de novo, e de novo, e de novo. Enterro meu rosto em seu pescoço e os rangidos do colchão ficam mais rápidos. Ele envolve a minha cintura com os braços. Eu solto um gemido e ele implora.

Quando Sam para, geme e diz: “Caralho, Maddie”, eu quase choro.

De: Eloise.Forrest@simoneballad.com

Para: Mad.Wright@gmail.com

Assunto: Manuscrito sem título

Querida Maddie,

Espero que você esteja bem.

Soube que já a informaram de que não foi selecionada para o Programa de Mentoria da Carrow Books. Espero que não tenha ficado muito decepcionada, porque eu fui a agente literária designada para avaliar sua amostra e a achei original, atraente e extremamente emotiva para uma passagem tão curta. Fiquei pensando se você a enviou ainda em forma de rascunho uma vez que parecia apressada e incompleta, mesmo para esse estilo de escrita.

Esse foi o principal motivo de você não ter sido selecionada para o programa. Porém vejo potencial no que enviou. Sua inscrição dizia que este era um “trabalho em andamento sem título”, mas Jess, sua protagonista, me intriga, assim como o relacionamento dela com o pai. Ficarei feliz se me enviar esse manuscrito quando ele estiver pronto.

Tudo de bom,

Eloise Forrester

Epílogo

Não pudemos escolher em que lugar do cemitério meu pai seria enterrado, mas ele está sob os galhos da maior árvore. Então embora eu nem sempre reconheça o caminho, sempre reconheço a árvore.

Corro quando chego perto e me ajoelho ao alcançá-lo.

— Oi, pai. — Retiro algumas ervas daninhas e limpo pedrinhas soltas; já estou acostumada com os insetos. — Sou só eu hoje. Sam mandou oi; ele queria ter vindo, mas precisa terminar umas amostras do projeto e falei que não preciso de companhia toda vez. — Está ventando um pouco, mas o sol apareceu, então pego um cobertor da bolsa e me sento na grama. — Ele é um bom partido, não é? Quero dizer que ele é uma boa pessoa. Não sei o quão familiarizado você estava com as expressões britânicas. Não sei a origem dessa aí na verdade; vou pesquisar no Google depois.

“O trabalho vai bem”, prossigo. — A Penny disse que mais quatro ou seis meses e me torno editora assistente se continuar assim. Também estou... escrevendo uma coisa sobre você. — Pego minhas noventa e sete e uma palavras impressas e o e-mail de Eloise. — Não sei por que trouxe isto comigo — digo, balançando as folhas. — Só queria te mostrar. Enfim, rascunhei os três primeiros capítulos e agora Eloise quer a coisa toda, então estou meio que... transformando nossa história em um livro. Nenhuma promessa foi feita, e talvez nada aconteça, mas seria legal, né? Imortalizar você aqui, de alguma forma. — Dou de ombros e guardo as folhas. — Provavelmente não é nada, mas vale a pena tentar, certo?

Minha mãe disse que não preciso ficar visitando o túmulo do meu pai, exceto para limpar e colocar flores.

— Se quiser falar com ele — disse ela —, olhe para cima. Você deve falar com a alma dele, não com seu corpo vazio.

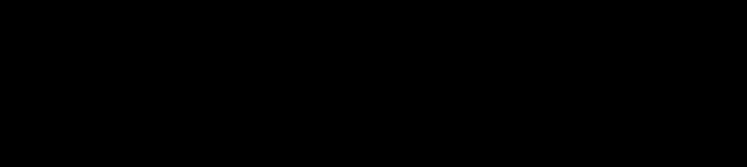
Até concordo com isso, mas quando estou aqui, gosto de me sentar e conversar com meu pai sobre muitas coisas.

— O Sam me levou a um restaurante muito bom uma noite dessas e eu comi o melhor risoto e a melhor tortinha de maçã da minha vida. Shu e Lydia passaram o fim de semana comigo e com a Nia; Nia e Shu são bem diferentes, mas elas até que se dão bem, e o fato de a Lydia ser bem tagarela ajuda a preencher qualquer silêncio. O James está em Manchester agora, mas ele me ligou hoje de manhã. Gosta de ligar mesmo se não tiver muita coisa pra dizer. O voo de volta para Gana da mamãe está chegando e marquei de ir com ela para ficar três semanas. Vou passar duas em Accra e uma em Kumasi. Vai ser bom ver onde vocês cresceram.

Minha mãe me liga assim que digo essas palavras.

— Vou ligar de volta. Ela me liga muito agora; geralmente depois da minha terapia, para perguntar sobre o que falei. Mamãe não concorda com tudo, “sempre infância, infância. Por que as mães são sempre criticadas?”. Mas não discorda de tudo, e isso já é alguma coisa. Também começou a falar comigo sobre meu avô e a infância dela. Claro, Gana foi mais desafiadora que a Inglaterra, porque ela tinha que caminhar centenas de quilômetros até a escola usando chinelos, atravessando florestas cheias de tigres selvagens e serpentes nas árvores. Ou é o que ela diz. — Reviro os olhos. — Mas ela escuta e isso é novidade. Às vezes, eu falo e falo e há silêncio na linha até que ela diga: “Continua, estou ouvindo”. Dá pra perceber quando a mamãe está mordendo a língua pra não falar nada, e às vezes ela não se aguenta, mas tudo bem. Um passo de cada vez. Ah, agora ela mandou uma mensagem.

Leio em voz alta.



Depois de um tempo, eu digo:

— Pai, preciso ir. A mãe do Sam vem almoçar e ela prefere comida caseira, então preciso de tempo para esquentar e empratar tudo que a mamãe fez ontem de maneira convincente.

— Apoio meu queixo nos joelhos e olho para a lápide do meu pai por mais um minuto antes de me levantar. — Te vejo em breve, *tá bem?*

O sol se reflete no mármore da lápide e lança um feixe de luz no meu rosto. Eu dou risada e olho para o céu azul.

— Sutil, pai — digo a ele, apertando os olhos para o sol. — Muito sutil.

Agradecimentos

Vou *tentar* manter isto curto porque se não fizer isso corro o risco de escrever páginas e páginas e você já leu um livro inteiro. Se eu não conseguir, saiba que tentei.

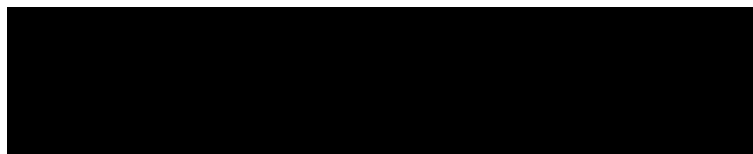
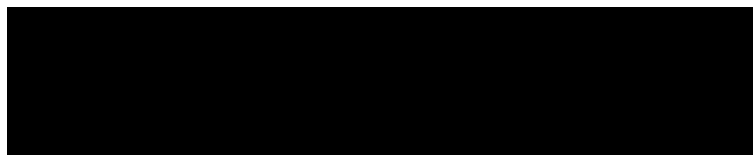
Todo autor diz a mesma coisa (talvez porque seja verdade), mas eu não poderia ter escrito este livro sem três pessoas em particular. Em primeiro lugar, temos a maravilhosa agente literária Jemima Forrester, que não deu nada além de amor, risadas e acho que algumas lágrimas para a Maddie do momento em que leu meu manuscrito em sua forma mais inicial e crua. A Sarah Cantin, minha editora nos Estados Unidos, cuja quedinha por Maddie e seu pai ressoou tão profundamente em mim que eu sabia que ela era a pessoa certa assim que desliguei o telefone. À minha editora no Reino Unido, Olivia Barber, que amou tanto *Maame* que, durante o processo de aquisição e leilão do livro, as palavras “Ela não vai desistir sem lutar” foram ditas mais de uma vez. Fico feliz que você tenha continuado na luta para consegui-lo. Não tenho certeza se os autores costumam gostar de processos longos de edição, mas, como já mencionei várias vezes (e um e-mail particularmente longo que enviei em 28 de julho me vem à mente), eu adorei. Na minha opinião, vocês três formam uma equipe incomparável e adoro que isso seja apenas o começo para nós.

E, claro, para minha agente/casamenteira nos Estados Unidos, Michelle Bower; obrigada por me apresentar à maravilhosa Sarah e por participar de livre e espontânea vontade de reuniões online num horário que imagino ser considerado madrugada para você.

Para Jo, Kimberley e todos os outros da equipe que

trabalharam em *Maame*, os que conheci pessoalmente e os que fiquei devendo, muito obrigada por terem se apaixonado pelo livro. Eu ouvi apenas uma fração de toda a mágica que estão fazendo por ele e agradeço muito, porque é uma coisa incrível ouvir Olivia me dizendo o quanto a decisão de me aceitar como autora foi unânime.

Para minha mãe, que, embora mais atenciosa e solidária do que a de Maddie, é tão cheia de frases engraçadas quanto ela. Até hoje, minha preferida continua sendo esta especial de dia dos namorados:



Eu não poderia inventar suas falas nem se tentasse. Embora eu brinque, não posso descrever o que é ou significa ter uma mãe que pensa em mim e reza por mim o tempo todo, principalmente quando lembro que você faz isso porque de fato acredita que é a melhor coisa que pode fazer. Espero jamais me esquecer disso. Obrigada por enfim aceitar meu sonho de ser escritora depois que pisei sem nem pensar duas vezes sobre seus sonhos de me ver formada em direito/medicina/veterinária. Ao meu irmão mais velho, que sem saber me salvou quando se recusou a desligar o telefone até que eu pedisse a uma amiga para vir ficar comigo, e ao meu irmão mais novo que, quando me pedem para falar sobre ele, minha primeira resposta é: “Eu só o amo demais”.

Há uma razão pela qual Nia e Shu são as favoritas indiscutíveis dos leitores. Para Ashleigh La’Rose Wright Mitchell, minha própria Nia, que *sempre* fica orgulhosa e me encoraja quando me vê focada em alguma coisa: não consigo descrever Ashleigh, é preciso conhecê-la, e é uma pena que alguns de vocês jamais terão essa oportunidade. Em um mundo de amizades por conveniência e conhecidos que vêm e vão, a melhor coisa que pode acontecer com alguém é ter uma Ashleigh ao lado. Tento não pensar muito nisso, mas se você não tivesse largado tudo e feito as malas para vir ficar comigo quando meu pai morreu, talvez eu não tivesse escrito esta história. Não digo o suficiente o quanto sou grata por ter você na minha vida, mas agora que escrevi este livro, talvez não precise fazer isso o tempo todo (embora tenha certeza de que ouvir isso seja sempre bom).

Para Camila Bloise, minha Shu, que sem dúvidas não faz ideia de que me manteve inteira quando meu pai morreu. Eu estava pensando outro dia que por mais de uma década, apesar de diferentes universidades, empregos, grupos de amizade e códigos postais, sempre voltamos a nos encontrar. Muitas vezes penso na vez que nos sentamos no Dishoom em King’s Cross, depois que você me trouxe tanto chocolate e doces dos Estados Unidos que precisou de uma mala extra, só para que eu pudesse dizer o quanto te amava e como queria ter te dado valor anos antes. Não deixei de te valorizar desde então e agora você não pode se livrar de mim. Agora, sou a amiga que envia mensagens de voz de oito minutos sobre geleia de coco no meu bubble tea em uma tarde aleatória de quarta-feira enquanto você está tentando trabalhar.

Para Chris Modafferri, porque ela é a maior incentivadora da autoestima elevada e toda autora precisa de uma Chris. Ninguém é tão efervescente como você e espero que saiba disso. A Delal Jamal, simplesmente porque ainda tenho aquele cartão que você me trouxe, escrito “o melhor ainda está por vir”, quando depois de centenas de rejeições, enfim encontrei uma agente.

Por último, mas não menos importante, para meu pai — é claro. Obrigada por tudo, mesmo quando você não podia fazer

muito. Escrever este livro me trouxe várias lembranças e sou muito grata por isso. Sou muito grata por ter tido a oportunidade de imortalizá-lo no impresso, nossas memórias silenciosas presas em papel e tinta. Nossas personalidades introvertidas significam que quase não temos fotos ou vídeos juntos, e já ouvi bastante sobre como pode ficar cada vez mais difícil se lembrar de um ente querido conforme mais tempo passa após sua morte. Sei que não tem nada a ver com o quanto a pessoa foi amada ou com o quanto ela significou para quem fica, e não me vejo esquecendo certas coisas sobre você de propósito, mas, infelizmente, a memória e a idade não andam sempre juntas. Isso, combinado a uma falta de evidências fotográficas necessárias para refrescar uma lembrança que vai se apagando... as perspectivas não eram boas para mim. Agora, sempre vou ter este livro. Portanto, a dedicatória no início diz: *Para papai*, mas secretamente, talvez em tinta invisível, também devesse dizer “para Jess”. *Maame* é para os dias em que minha memória precisa de uma ajuda extra.

Pai, não tenho certeza se você está lendo isso, pois não sei como é o sistema de entrega de livros aí em cima, mas, por precaução, espero que goste. Só não leia as partes mais apimentadas. Eu te amo, *tá bem?*

Eu disse “por último, mas não menos importante”, porém tenho algumas poucas palavras para os leitores. Obrigada por tirarem um tempo para ler *Maame* quando existe literalmente um mar de opções de outros livros. Se me permitem, se algum de vocês tem um ente querido na sua vida, escreva algo sobre ele. Tire uma foto e grave um vídeo para mantê-lo a salvo, para os dias em que sua memória precisar de um pouquinho mais de ajuda.

Então, como me saí? Longo demais?

Jess



SUKI DHANDA

JESSICA GEORGE é natural de Londres e filha de pais ganeses. Estudou literatura inglesa na Universidade de Sheffield. Depois de trabalhar em uma agência literária e em um teatro, conseguiu um emprego no departamento editorial da Bloomsbury UK. *Maame*, seu primeiro livro, estreou como best-seller do *New York Times*.

Copyright © 2023 by Jessica George

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL Maame

ILUSTRAÇÃO DE CAPA Kgabo Mametja

PREPARAÇÃO Cê Oliveira

REVISÃO Adriana Bairrada e Gabriele Fernandes

VERSÃO DIGITAL Rafael Alt

ISBN 978-85-8439-401-2

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

editoraparela.com.br

atendimentoao leitor@editoraparela.com.br

facebook.com/editoraparela

instagram.com/editoraparela

twitter.com/editoraparela